

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

Demétrio Jorge Rocha Pereira

GILBERT SIMONDON E A COMUNICAÇÃO MAQUÍNICA

Tese de Doutorado

Porto Alegre

2021

CIP - Catalogação na Publicação

Rocha Pereira, Demétrio Jorge
Gilbert Simondon e a comunicação maquina /
Demétrio Jorge Rocha Pereira. -- 2021.
178 f.
Orientador: Alexandre Rocha da Silva.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação
e Informação, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. comunicação. 2. Simondon. 3. máquina. 4. teatro.
5. semiótica. I. Rocha da Silva, Alexandre, orient.
II. Título.

Demétrio Jorge Rocha Pereira

GILBERT SIMONDON E A COMUNICAÇÃO MAQUÍNICA

Documento de tese apresentado ao Programa de Pós-Graduação Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito à obtenção de grau de doutor em Comunicação, sob orientação do Prof. Dr. Alexandre Rocha da Silva.

Aprovado em: 10/09/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alexandre Rocha da Silva (Orientador)

Prof. Dra. Nísia Martins do Rosário (presidente da banca)

Prof. Dr. Bruno Bueno Pinto Leites (UFRGS)

Prof.^a Dra. Lucrécia D'Alessio Ferrara (PUC-SP)

Prof.^a Dra. Isabel Jungk (PUC-SP)

Prof.^a Dra. Silvana de Souza Ramos (USP)



Henri Michaux,
Dessin mescalienien, 1957

AGRADECIMENTOS

Descreveu-se Foucault como uma variação atmosférica, e como não ver que cada visita de Alexandre vale um começo de primavera, o avesso exato de um deserto? Foi para mim um atrator para o risco e uma bússola a mais sutil. O pensamento de Alexandre vive, desdobra-se ainda. Esta tese enfrenta desafios como o de responder pela invenção de um hábito desde o caos. Alcança o maquinismo para uma comunicação acentrada, feita tessitura de encontros admiráveis, plano para uma amizade anônima, que se perpetua repartindo-se. Alexandre sonhou esta tese antes de mim, e a escrevi para ele.

O trabalho costura-se no Grupo de Pesquisa Semiótica e Comunicação (GPESC). Junto a Alexandre, Mario Arruda é quem me faz vislumbrar um horizonte de leitura fértil, produtivo, disposto a querer a tese por completo apenas para melhor excedê-la e superá-la. Mario mostra bem que na comunicação criadora corre um riso liso, uma vontade solta, espichada no nada que ela falseia. Em Guilherme da Luz conheço logo um maquinismo inebriante da linguagem, uma escrita cristalina em intensidade, cuja beleza me toca e me inspira profundamente. Precede e impulsiona nossa monografia uma tese notável sobre Deleuze e a comunicação por André Araujo, entre nós um motor e um brilhante. Encontrei um ambiente de pesquisa de embates nuançados desde Luiza Müller, que faz contramolas para uma comunicação resistente aos teatros da dominação. Taís Casagrande encorajou-me diversas vezes e sobretudo quando a despersonalização me lançou mais perto de falar em nome próprio. Giovana Colling lembrou-me que o paradoxo é da comunicação a intimidade sem-fundo e um centro distributivo. Luis Felipe Abreu permeia nosso pós-escrito, numa prova adicional de que as cartas derradeiras do simondonismo buscarão Derrida. João Flores da Cunha sugere em hora definitiva os comentários para uma melhor apresentação desta tese que, meio atrasada meio adiantada, escuta ainda Jacqueline Dal Bosco, Marcelo Bergamin Conter, Shico Menegat, Jamer Gutierrez de Melo.

Pude em casa cursar dias entusiasmantes com Cássio Lucas e Lennon Macedo. Cássio (des)afina-me o coração para o pragmatismo e o instinto para o jogo. Ninguém melhor me convence pelo atletismo da vida em estado de gorjeio. Em Lennon uma verdade do

tempo, uma afinidade de horizontes, a saturação da paisagem até conversarmos díspares, tom em tom. Confiei a ele o meu destino astral.

Agradeço as avaliações da banca. Bifurca-me a vida onde Lucrecia Ferrara sugere a uma semiótica crítica que considere Simondon. Trabalhei para alcançar suas observações na fase de qualificação. Quando depois nos vimos em Brasília, poucas palavras suas bastaram para um incentivo que me acompanha sempre. Bruno Leites lembro pelo sorriso aberto de levantar sem pressa as ideias que um texto quase já diz e, no entanto, ainda quase. Isabel Jungk aproximou pioneiramente Simondon e a semiótica peirceana, numa tese de importância central para a nossa. Em trabalhos de Silvana de Souza Ramos, vimos Simondon explicitar-se um filósofo que reivindica a comunicação. Queremos cultivar fronteira com tais achados em filosofia.

Nísia Martins do Rosário esteve comigo na entrada e na saída. Acolheu um projeto sem bolsa de estudos, orientou meus primeiros estágios professorais, abraçou a tese na linha de chegada. Paula Coruja mediou agilmente uma prorrogação de prazos que fez enorme diferença no acabamento do texto. Quando acionei em direto a coordenação do PPGCOM, Elisa Piedras foi um alento. A gestão sensível de uma instituição de pesquisa surpreende até mais quando o país em toda parte se abandona a um arruinamento implosivo. Obrigado às inúmeras forças que ativam a UFRGS. Obrigado à Capes por assegurar-me pelo tempo justo a profissão de pesquisar.

É bela a universidade autônoma, gratuita e plural.

É bela a pirataria que fomenta a descoberta nestes trópicos e alhures.

São belos Alê e Dani.

A pergunta por excelência para um amigo deve ser esta: de que iremos rir hoje, Gabriel?

Estive esse tempo pensando em Renata.

LISTA DE ABREVIACÕES

CI – *Communication et information: cours et conférences*¹

API – *L'amplification dans le processus d'information*

PM – *Perception et modulation*

CSP – *Curso sobre la percepción*²

ILFI – *A individuação à luz das noções de forma e de informação*³

ALG – *Alagmática*

FIP – *Forma, informação e potenciais*

NC – *Nota complementar sobre as consequências da noção de individuação*

IMIN – *Imagination et invention*⁴

MEOT – *Du mode d'existence des objets techniques*⁵

SF – *Sobre la filosofía*⁶

STE – *Sur la techno-esthétique*⁷

¹ SIMONDON, G. **Communication et information**: Cours et Conférences. Chatou: Les Éditions de La Transparence, 2010.

² SIMONDON, G. **Curso sobre la percepción**. Buenos Aires: Cactus, 2012.

³ SIMONDON, G. **A individuação à luz das noções de forma e de informação**. São Paulo: Editora 34, 2020.

⁴ SIMONDON, G. **Imaginación e invención**. Buenos Aires: Cactus, 2013.

⁵ SIMONDON, G. **Du mode d'existence des objets techniques**. Paris: Aubier, 1989.

⁶ SIMONDON, G. **Sobre la filosofía**. Buenos Aires: Cactus, 2018.

⁷ SIMONDON, G. Sur la techno-esthétique. In: **Papiers du College International de Philosophie**, n. 12, 1982.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Vida e obra de Gilbert Simondon.....	19
1.2 Contexto científico e filosófico	21
1.3 Intercessores.....	24
1.4 Amplificações e objeções.....	33
2 ELEMENTOS PARA UM MATERIALISMO DA COMUNICAÇÃO	44
2.1 As singularidades como elementos vagos	46
2.1.1 <i>Do encontro problemático</i>	46
2.1.2 <i>Mediação suspensa sobre o sem-fundo</i>	52
2.2 A informação como variação de sentido	56
2.2.1 <i>Premissas dualistas do controle informático</i>	56
2.2.2 <i>Coesão paradoxal da diferença intensiva</i>	62
2.3 Metaestabilidade e entretempos da mudança	71
2.3.1 <i>O acaso fugiria à norma tanatológica</i>	72
2.3.2 <i>A potência vaguearia ilimitada entre existentes</i>	74
2.3.3 <i>O comunicado cristalizaria instantes</i>	76
3 A COMUNICAÇÃO NA OBRA DE SIMONDON	81
3.1 1958: individuações física, vital e transindividual	82
3.1.1 <i>Implicação dos dualismos em uma comunidade teatral</i>	82
3.1.2 <i>Componentes do módulo comunicante: planos afetivo e perceptivo</i>	87
3.1.3 <i>O incorporeal se subtrai aos corpos</i>	92
3.1.4 <i>Excurso: Deleuze e o teatro pré-individual como condição da experiência</i>	95
3.2 1970-1971: ecologia, etologia e psicologia da comunicação	100
3.2.1 <i>Expressão sensível de motivos intensivos</i>	101
3.2.2 <i>Percepção territorial de mundos possíveis</i>	103
3.2.3 <i>Comunicação interna entre significações</i>	107
3.3 Para a autonomia e a conexão dos planos	111
4 O INCONSCIENTE TRANSDUTIVO E AS TRÊS MODULAÇÕES	113
4.1 Dispersão sem coleta.....	113
4.2 Síntese divergente: dispersão-compreensão.....	116
4.3 Modulação: relevos de subtração intensiva.....	120
4.4 Da saturação ao teatro despossuído.....	124
4.5 Fluxo, corte, recorte: o método da demodulação	129
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
6 PÓS-ESCRITO: DAS MARGENS DE ASSIGNIFICÂNCIA À COMUNIDADE POR VIR	137
6.1 Multidão de traços foge ao composto significante	137

6.2 Crise de contiguidade e o tempo no infinitivo	139
6.3 Henri Michaux e a comunidade por vir.....	142
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	147
ANEXOS	154
Tabela 1 – Ocorrências da sequência “communi” em ILFI.....	155
Tabela 2 – Inventário de teses e dissertações brasileiras que mencionam Simondon (1997-2018).....	168

RESUMO

A tese desdobra um conceito de comunicação ainda implícito na filosofia de Gilbert Simondon (1924-1989). Encontra-se a comunicação no mais íntimo da tese simondoniana sobre a individuação, isto é, cumprindo passagem contínua entre ordens desniveladas de realidade, como entre o pré-individual e o individuado, a matéria e a forma, o acaso e o sentido. Surpreende-se a comunicação como um teatro intervalar que a um tempo falseia o dualismo e acopla em embate os díspares. Do *Cours sur la communication*, datado de 1970-1971 e publicado apenas em 2010, extraem-se três níveis para uma comunicação maquínica: um nível ecológico, um nível etológico e um nível psicológico. Em sua materialidade pré-individual, a máquina comunicante seria vaga superpovoada de movimentos em potencial; em sua dureza fática, ela envolveria encontros entre movimentos incompatíveis; para a concretude continuada dos encontros, ela distenderia um efeito luminoso que responde pelo que Simondon chama de símbolo. Seria transdutiva a articulação de um nível a outro, pelo que chamamos de transdutivo o inconsciente comunicacional em dispersão indefinida. Para que a comunicação chegue a uma lógica, a transdução deve ainda concorrer em simultaneidade divergente com um movimento compreensivo, a modulação. Traduzem-se os três níveis comunicantes como três planos de modulação, para máquinas que em cada caso distribuam diferentes qualidades, composições, conceitos. Considerando-se um fluxo transdutivo, um corte modulador e um recorte analítico, sugere-se a demodulação como método para mapear os esquemas distributivos de uma máquina comunicante. O recorte demodulante saturaria ao menos três limiares da máquina: limiares de arritmia, de apercepção e de assignificância. Dedicase um pós-escrito a traduzir, a partir da abordagem simondoniana, experimentos criadores que, saturando margens de assignificância, traçaram planos de puros diferenciais moleculares, planos para uma comunicação por vir.

Palavras-chave: comunicação, Simondon, máquina, teatro, semiótica.

AVANT-PROPOS

La thèse déploie un concept de communication encore implicite dans la philosophie de Gilbert Simondon (1924-1989). La communication se trouve dans la partie la plus intime de la thèse de Simondon sur l'individuation, c'est-à-dire l'accomplissement d'un passage continu entre des ordres inégaux de réalité, comme entre le pré-individuel et l'individué, la matière et la forme, le hasard et le sens. La communication s'étonne comme un intervalle théâtral qui fausse à la fois le dualisme et engage des disparates. Du *Cours sur la communication*, daté de 1970-1971 et publié seulement en 2010, trois niveaux de communication machinique sont extraits: un niveau écologique, un niveau éthologique et un niveau psychologique. Dans sa matérialité pré-individuelle, la machine communicante serait un vide surpeuplé de mouvements potentiels; dans sa dureté factuelle, il impliquerait des rencontres entre des mouvements incompatibles; pour la concrétisation continue des rencontres, elle détendrait un effet lumineux qui rend compte de ce que Simondon appelle symbole. L'articulation d'un niveau à un autre serait transductive, pour ce que nous appelons transductif l'inconscient communicationnel en dispersion indéfinie. Pour que la communication atteigne une logique, la transduction doit aussi coexister en simultanéité divergente avec un mouvement compréhensif, la modulation. Les trois niveaux communicants se traduisent par trois plans de modulation, pour des machines qui distribuent à chaque fois des qualités, des compositions, des concepts. Considérant un flux transductif, une coupe modulante et une découpe analytique, la démodulation est suggérée comme méthode pour cartographier les schémas distributifs d'une machine communicante. La découpe démodulant saturerait au moins trois seuils de la machine: les seuils d'arythmie, d'aperception et d'assignificance. Il se veut un post-scriptum pour traduire, à partir de l'approche simondonienne, des expériences créatives qui, en saturant des seuils d'assignificance, traçaient des plans de pures différentielles moléculaires, des plans pour une communication à venir.

Mots-clés: communication, Simondon, machine, théâtre, sémiotique.

1 INTRODUÇÃO

Uma curiosidade difusa que nos movia era aquela que perguntava pelas condições para uma experiência continuada da diferença: queríamos saber como era possível que, contra um tempo que moía os coexistentes em pedaços, como nos pesadelos e nas devorações, insistisse um outro tempo, que perpetuava os encontros num horizonte respirável e em constante variação. Era dessa curiosidade ir nuançar-se perto da filosofia. Sem prever se uma ciência da comunicação resultaria, sentíamos que a comunicação podia dizer tanto o afrontamento dos existentes quanto o horizonte contínuo que explicava a sua concomitância: tanto a dureza quanto a duração.

A que devíamos essa sensação? Entre os encontros que nos impeliam havia aqueles que abriam frestas de tempo para que um problema se respondesse enquanto se lapidava, e íamos desde já no curso da comunicação, revolvidos na multidão de perspectivas que constelava a pesquisa em semiótica, contexto em que ouvimos falar de Gilbert Simondon (1924-1989) como de um mistério por decifrar.

Simondon então se apresentava como pensador da individuação, capaz de desatrelar a produção do ser, ou *ontogênese*, de premissas como a de uma essência simples, prévia à existência. A contribuição simondoniana estava em conceber o ser como mudança, para mais que um elogio ao movimento que deixaria ainda intacta a oposição entre ser e devir. Cada modo de existência então se individuava, assumindo concretude, enquanto respondia a alguma problemática abstrata pré-individual. A zona pré-individual do problema não era coisa nenhuma: muito ao contrário, ela dizia respeito à copresença de ao menos duas ordens de realidade incompatíveis, isto é, *ainda por comunicar*. E era distendida em relâmpago nessa distância entre diferentes que, nomeada “indivíduo-meio”, uma certa ambiência teatral vinha fazer rastro compatibilizante para o encontro continuado dos inconciliáveis.

Com que diferença Simondon então aflui no curso da comunicação? Quem sabe a comunicação, por análoga à individuação, sugerisse uma produtividade do comum, como distendesse efeitos a partir de uma tensão pré-comunicante. De fato, a tese simondoniana sobre a individuação surpreende a comunicação percorrendo o hiato do pré-individual ao indivíduo-meio, como assegurando continuidade entre a potência e o ato. Ao mesmo tempo, a comunicação rondava às margens do conceituário de Simondon: havia lugar para desdobramento, sobretudo considerando que o filósofo não cansava de querer com a cibernética um diálogo rico em pistas para uma diagnose crítica dos dispositivos

informáticos de controle, e aí vislumbramos uma comunicação que, intimamente relacionada ao surgimento de novos modos de existência, não mais se compromissava em assegurar equivalências de conteúdo ou de significado, como tampouco concorria para a transmissão unilateral de ordens.

Nessa altura o problema se voltava a redigir já que, conceito para um ser que responde a incompatibilidades no limite de si, a comunicação daria quem sabe o nome de uma imanência, de uma coesão na diferença. Como então a comunicação, em vez de consumir e anular suas margens de incompatibilidade, vira de si o atrito singular e o horizonte respirável? Indagar pelo seu sentido, arrancar à filosofia um conceito de comunicação. O problema da pesquisa se reconfigurava: como a filosofia de Simondon sugere conceber a comunicação?

Convinha para esse efeito mapear um estilo simondoniano de fazer linguagem, e parecia mesmo haver recorrências notáveis. Leitor de Lucrécio⁸, Simondon gosta de correr rente a elementos microscópicos, mas volta avisando de uma vagueza material, como de irreduzíveis hiatos de potência. Não que uma determinação de sentido então se inviabilize – é que um meio material, tanto mais sature, distendidas as fibras que o configuram, mais mostra uma concomitância de tendências que o impele em sentidos diversos. O indivíduo físico, por exemplo, abre a uma descrição composicional, desde já comunicante ou vagante, entre uma tendência para a partícula e uma tendência para a onda contínua. Paciência simondoniana para traduzir cada concretude, até a dureza se veja inseparável de um perspectivismo, de um deslizamento em signo, coesão tensiva de duas ordenações heterogêneas pelo menos.

Entre as ordenações díspares, a comunicação cumpriria um vaivém sem o qual a concretude ficaria inexplicada, sendo essa a crítica de Simondon a todo dualismo que se contenta em projetar formas inteligíveis sobre um material inerte, como impondo ordem a um corpo carente de sentido. Simondon experimenta matéria e forma ambas ao nível da *força* ou do *afeto*, mas do afeto traduzindo, a matéria, os devires moleculares, e a forma, as tendências molares, como o afeto dissesse a um tempo o impulso ao futuro e uma determinação de sentido, o fluxo vago e a escolha precisa. O singular e o universal comunicam-se por meio da afetividade:

Quando um sujeito quer exprimir seus estados internos, é a essa relação que ele recorre, por intermédio da afetividade, princípio de toda arte e de toda comunicação. Para caracterizar uma coisa exterior que não se pode mostrar, é pela afetividade que se passa da totalidade contínua do conhecimento à unidade

⁸ Ver, abaixo, a subseção “Intercessores”.

singular do objeto a ser evocado, e isso é possível porque a afetividade está presente e disponível para instituir a relação. Toda associação de ideias passa por essa relação afetiva. (ILFI, pp. 235-236)

A comunicação aí descreve o movimento com que forças exteriores se exprimem ou se evocam. Mas, uma vez que já não apelamos a uma ordem aplicada, o que dizer da maquinação subjetiva que “quer exprimir” um exprimido ausente, indemonstrável? Basta alegar uma natureza complexa enquanto se auto-contempla, se auto-organiza, se auto-expressa?

Simondon considera *pré-individual* a natureza, indagando-a como problema por comunicar. Se esperamos da natureza uma paisagem tranquila, então a comunicação não se desdobra ao natural. A comunicação a cada vez se extrai a compostos organizados que a mantêm cativa numa ordem de interioridade. É assimilada a uma ordem de interioridade, como a um “comunicado” pressuposto, que a comunicação imagina tombar sobre uma exterioridade desprovida de valor, aplicando-se sobre os materiais e anunciando-se um saber útil ao governo. Por contraste à captura organizacional das potências de comunicar, o que caracterizaria um movimento inventivo seria um transbordamento catastrófico com que a afetividade súbito “coloca problemas em vez de resolvê-los” (ILFI, p. 240), sendo também nesse sentido que uma maquinação psicossocial se vê eventualmente *mais primitiva* do que as modalidades orgânica e física da individuação. O “primitivo”, nesse sentido, menos situa uma anterioridade cronológica do que fende a barriga do tempo, donde seja primeiro o tempo de criar.

Para cada problema, Simondon insiste em anotar três grandes modalidades de resposta, como quando dissocia a individuação nas modalidades física, vital e psicossocial; ou quando traça um ciclo da imagem desde a tendência motriz até a percepção do território e desta até a simultaneidade paradoxal do símbolo; ou ainda quando descreve o organismo como nó comunicacional entre ordens primitivamente incomensuráveis, tríodo “que corresponde à trilateralidade de base das condições energéticas (motivação), operatórias (sistema de ação, efetores, coordenação hereditária) e informacionais (percepção)” (CI, p. 372, trad. nossa), arrematando que “não há somente o interior e o exterior nas condutas, senão três termos, três condições: a motivação, a percepção, a ação”⁹ (CI, p. 372, trad. nossa).

⁹ No original: “una noción de organismo conforme a esta estructura tríodo que corresponde a la trilateralidad de base de las condiciones energéticas (motivación), operatorias (sistema de acción, efectores, coordinación hereditaria) e informacionales (percepción) [...]. No hay solamente lo interior y lo exterior, en las condutas, sino tres términos, tres condiciones: la motivación, la percepción, la acción.”

A comunicação explicaria os limiares e passagens entre os termos que Simondon a cada vez punha em jogo, e era o caso de traduzir a triadidade menos aderindo aos termos do que singularizando um jeito de operar, um estilo tradutório. O método que conviria a essa tarefa lembraria a destilação, que extrai das misturas tendências embriagantes: implicaria maquinar o texto simondoniano ao ponto em que pudéssemos discernir seus motivos, seu dinamismo interno, sua rítmica própria. Em vez de aplicar-se ao objeto, um tal método dissolveria as fronteiras entre a operação traduzida e a operação tradutora. Foi somente em nosso quarto capítulo, avaliadas as alegações epistemológicas da transdução, que reunimos as condições de dizer que, enquanto se deixava modular pelo pensamento transdutivo, nosso texto em contrapartida *demodulava* aquele pensamento, donde tenhamos sugerido a demodulação como método para mapear os esquemas que configuram o sintoma comunicativo.

Experimentamos sintomas de comunicação que se encenam sem descanso, e quisemos enfatizar o sentido teatral que Simondon empresta às composições: se vale repensar a individuação, é que cada sistema partilhável remete ao drama da incompatibilidade interna, uma coisa já não sendo definível à parte dos potenciais dramáticos que nela jogam e que dela se apossam.

O relato de pesquisa se abre em quatro capítulos nos quais confiamos distinguir e articular três diferentes níveis para um maquinismo da comunicação. Considerando que as teses de Simondon estreiam em português brasileiro apenas em 2020, à introdução convinha apresentar dele uma breve biografia, o contexto científico a que respondeu, as filosofias precedentes que afluem no seu texto e algumas das mais pertinentes leituras póstumas que lhe têm sido dedicadas. Tentamos ali superar o biografismo no sentido de uma história das ideias, de sorte que Simondon se venha prefigurando desde longe. Para mais que um prelúdio desligado dos objetivos da tese, esses primeiros textos já admitem discutir um simondonismo multifacetado, povoado de tendências por desdobrar. Acreditamos que assim não separamos a assinatura do filósofo de um investimento comunicacional, isto é, das afinidades e afastamentos com que ele terá talhado uma contribuição própria.

Intitulado *Elementos para uma comunicação menor*, o capítulo 2 encaminha incursões enciclopédicas no conceituário que a comunicação vem acionar nas seções seguintes. Estudamos três dos termos mais frequentes no texto simondoniano, cada qual questionando algum aspecto concernente a um materialismo da comunicação.

As singularidades (2.1) atendem por limiares *encetantes* da individuação, dando ocasião para considerarmos todo um teatro *pré-fenômico* da comunicação. Dialogamos nessa altura com a semiótica peirceana, que permite avaliar o fenômeno macroscópico como efeito interpretante: o concreto responde a problemas cujos elementos, a seu próprio tempo, dançam indiscerníveis, em recobrimento movente. Diremos então que, se a comunicação implica singularidades por elementos, são *vagos* os elementos da comunicação.

A informação (2.2) indaga pela passagem de uma matéria não-formada até uma forma interpretante, como do caos sinalético ao sentido. Como a noção de informação com frequência se submete a imperativos de transmissão, de organização e de equilíbrio estrutural, discutimos as premissas dualistas da teoria matemática da comunicação, da cibernética e da *Gestalttheorie*. Veremos que não é quantitativa, nem negentrópica, nem harmoniosa – é *intensiva* a informação em Simondon. A informação importa pela intensidade com que se capacita a alterar uma recepção desconhecida, isto é, a afetar um interpretante qualquer. Explicando-se por variação intensiva os atratores em futuro, o *sentido* da comunicação se alisa subitamente, esquivo tanto à expectativa de transmissão unidirecional quanto à remissão do comunicado a um referente estável. Entende-se, assim, que a informação põe nas disciplinas aquelas margens indisciplinadas com que elas chegam a comunicar entre si, assumindo universalidade.

Uma subseção dedicada à metaestabilidade (2.3) estuda a condição suspensiva para que o comunicado persista em devir, em vez de rematar contornos definitivos. A comunicação não culmina no organismo homeostático, não serve ao equilíbrio no mesmo: os sistemas de equiparação e de troca descrevem uma função de morte à qual devemos contrapor, como fonte de assimetria criadora, uma irreduzível reserva de acaso. O signo simondoniano aparece aí como um quase-sistema cujo desequilíbrio não carece precipitar até descansar num ponto zero – o zero assegura não tanto um chão quanto um manancial de movimento. No que distende quase-sistemas sobre um abismo sem chão, a comunicação vai individuando cristais de tempo, vai acontecendo.

Tendo em vista nosso objetivo geral de extrair ao filósofo uma consistência propriamente comunicacional, o capítulo 3 estuda com maior foco e verticalidade a maneira como a comunicação aparece na obra de Simondon. Privilegamos dois grandes textos – a tese principal, datada de 1958, e o *Cours sur la communication*, ministrado entre 1970 e 1971 na Universidade de Paris V –, delimitação aspirante a demonstrar que, aquém de concernir à discussão sobre a tecnicidade, a comunicação se acha no elemento

mesmo do simondonismo, o que estará ainda por vir à relevo nas bibliotecas de comentário acerca do autor.

A subseção 3.1 responde ao objetivo de pensar a individuação como teatro comunicacional envolvendo pelo menos duas ordens de realidade disparatadas. Por primeiro passo metodológico, detectamos as menções à comunicação na tese sobre a individuação, trabalho que permitiu destacarem-se aqueles trechos em que a comunicação sugere uma operação conversiva entre o pré-individual e o individuado, entre o potencial e o atual. Notamos que a comunicação operava numa zona em que colapsavam os dualismos e as oposições. Indagando como Simondon decompunha blocos comunicantes, discernimos, nas posições habitualmente ocupadas por sujeito e objeto, uma face afetiva e uma face perceptiva. Realça-se o caráter profundamente artístico de uma comunicação que acopla variações qualitativas e variações direcionais, variações de tempo e de espaço. É quando mais próximo de um plano de concepção que Simondon experimenta a disparidade afetiva como gatilho de comunicação, chance de extrair aos corpos um excedente incorpóreo capaz de sobrevoos transindividual. Como excursão dessa leitura, a subseção 3.4 mostra Gilles Deleuze povoando de “sujeitos larvares” um teatro pré-individual agitado por dinamismos intensivos, onde a experiência reencontra prefigurados os dramas, onde o conceito reencontra ainda envelopadas as ideias.

Se a tripartição físico-vital-psicossocial responde ainda ao problema da individuação, o *Cours sur la communication* considera mais detidamente três níveis de complexidade da comunicação. A subseção 3.2 discute a distinção e a continuidade entre esses níveis, que preveem uma *ecologia*, uma *etologia* e uma *psicologia* da comunicação. O primeiro nível questiona a afecção sensível e desde já sugere, entre contato e reação, um intervalo “gnósico” povoado por valores rítmicos e motivos expressivos. O segundo nível indaga afrontamentos territoriais e destaca a predominância do índice e do diálogo fático, mas já colhe nas interações animais uma rica teatralidade, se o território é inseparável de máscaras para simular e dissimular. A capacidade de aprender e recitar motivos estrangeiros anuncia a passagem da etologia para a psicologia, em cujo nível a comunicação pensa a sua diferença interna e, suscitando uma pedagogia do conceito, faz horizonte entre diferentes elementos do saber.

A tese se resolve no capítulo 4, chamado *O inconsciente transdutivo e as três modulações*, que questiona a produtividade e os limites da transdução para uma teoria da comunicação. Relacionamos a transdução a propagações diversas (ondulatórias, virais,

moleculares etc.) que inquietam as ciências do século 20 com operações irreduzíveis aos métodos dedutivo, indutivo e dialético.

Mudança de “próximo em próximo”, a transdução se aproxima dos processos de associação por contiguidade, mas a distribuição espacial não se acha pressuposta, e uma singularidade transdutiva vai instituindo o espaço enquanto captura e atualiza potenciais envelopados em meios materiais. Essa dispersão sem coleta não diz tudo sobre a comunicação, se o pensamento transdutivo descreve também um espectro compreensivo, um *continuum* ainda sem qualidades ou descontinuidades: a transdução deve se esclarecer como movimento expansivo concomitante a um movimento sintético, duplo movimento que compreende o ziguezague inventivo da comunicação.

A subseção 4.3 aborda a modulação de efeitos cênicos via subtração continuada dos fluxos transdutivos. Foi considerando a modulação que pudemos traduzir a exigência de quase-conformidade para a comunicação consequente entre um sinal incidente e uma forma receptora. Esse condicionamento prévio ecoava o desdém de Simondon pelo “esteticismo”, crítica que rechaça soluções complacentes e fechadas em si mesmas, mas que não deixa de assumir o lugar de um regime reativo diante de uma comunicabilidade virtualmente excessiva, inassimilável. Veremos que intensidades excedentes povoam e saturam as margens afásicas do modulador, prefigurando o ato inventivo que suscitará uma alteração de regime. Destacamos em 4.4 a centralidade da transdução para a construção do conceito do *ritornelo* por Deleuze e Guattari, que sobrevoa processos de captação de forças que fogem ao orgânico e instauram territórios expressivos cada vez menos codificados. Tensionando a crítica ao esteticismo, sugerimos que o ato artístico mostra a necessidade de um teatro despossuído, para uma resposta digna perante a divergência inconciliável.

Se a captação de forças pelo corte modulador encaminha uma síntese compreensiva, a “ida” até a atuação cênica descreve a possibilidade de uma “vinda” para um *recorte* desta vez analítico, que Simondon chama eventualmente de demodulação. A subseção 4.5 estuda como a alagmática simondoniana sugere recortar cristais sincréticos em estrutura e operação, num método dir-se-ia diagramático, se toca a mapear os esquematismos que pilotam uma máquina de peças díspares. Embora Simondon não proponha uma analítica dos regimes de enunciação, quisemos aproximar o maquinismo ao verbo no infinitivo, que sugere um tempo para a variação contínua de uma operação, a exemplo da operação de *traçar*. Retomando os três níveis elencados no *Cours sur la communication*, propomos que a demodulação libera movimentos que a máquina

envelopa em zonas de arritmia, de apercepção e de assignificância. Como o plano simondoniano se individua por defasagem, traduzimos essas três zonas problemáticas como margens de *afasia*.

Em que sentido a saturação transdutiva prefigura a individuação de um povo? Intitulado *Das margens de assignificância à comunidade por vir*, um pós-escrito acompanha experimentos na fronteira entre o comunicado e o incommunicável, pareando o simondonismo a alguns dos experimentos teóricos e poéticos que tensionaram as semióticas significantes ao longo do século 20. A subseção 6.1 aborda brevemente a demodulação da língua por Louis Hjelmslev, cuja álgebra exaustiva libera uma multidão de figuras assignificantes, e pelo concretismo brasileiro, que é pela anarquia das associações icônicas. Em diálogo com a tradução comunicacional que Roman Jakobson descobre para os distúrbios de afasia, indagamos a relação da transdução com os eixos metafórico e metonímico, e a subseção 6.2 chega à hipótese de uma contiguidade catastrófica, de um limiar que associa dissociando. Para uma pesquisa das margens de assignificância até a zona da operação infinitiva, a subseção 6.3 aprecia os trabalhos de Henri Michaux, máquina de traçar que, captando devires das plantas e sinais do oriente, faz plano para amplificar tribos de pequenos monstros assignificantes.

1.1 Vida e obra de Gilbert Simondon

Enquanto vive Simondon folha-se em fragmentos, começos. Escreve vazando compostos formados, fazendo mesmo pensar o que quer dizer uma vida, uma obra, um. Encontrando-se denotada uma coisa, gostará mais do artigo indefinido do que do resultado estático. Passa lacunas sem escrever nem publicar, já que estuda com grande interesse uma porção de máquinas não-verbais, a obra escrita constituindo para Simondon não a única nem a mais privilegiada deixa do pensamento:

A espiritualidade não é somente aquilo que permanece, mas também aquilo que brilha no instante entre duas espessuras indefinidas de obscuridade e se oculta para sempre; o gesto desesperado, desconhecido, do escravo revoltado é espiritualidade como o livro de Horácio. A cultura dá muito peso à espiritualidade escrita, falada, exprimida, registrada. (ILFI, p. 374)

Entra os dias cuidando de afinações energéticas de naturezas as mais diversas. Quando vai ao texto, suas teses buscam menos o livro do que a conferência, o curso, a aula, a carta. Não publica em vida uma admirável hipótese tecnoestética, onde se entrevê um erotismo dos acoplamentos maquínicos, pois a redação, jamais enviada, endereçava em direto a Jacques Derrida.

Para aclamação crescente e continuada, defende e publica em 1958 a sua tese complementar, chegando os demais trabalhos ora particionados, ora póstumos. A tese principal de doutoramento sai inicialmente em metades separadas 25 anos uma da outra. É a primeira delas, *L'individu et sa genèse physico-biologique*, editada em 1964, que impressiona e influencia Gilles Deleuze: em séries disparatadas, cristais de espaçotempo e modulações intensivas, essa outra filosofia volta com frequência a equipar-se de Simondon, aí experimentado como intercessor para lógicas do sentido e da sensação.

Simondon confia horas ao subterrâneo, gostando de abrir passagens entre distintos saberes e disciplinas. Oferece aulas estimadas e concorridas, mas seu endereço profissional faz a filosofia visitante e, em seguida, conteúdo eletivo: uma vez na Universidade de Poitiers, outra vez na Sorbonne, ele vai pelas alas da psicologia, então cindida entre um behaviorismo utilitário e uma clínica dos sintomas verbais.¹⁰ Colhe aí lições numerosas, levantando problemas que articulam desde o empirismo dos fisiólogos

¹⁰ “A dimensão filosófica de seu trabalho se torna uma desvantagem quando a psicologia se emancipa fechando-se em paradigmas estreitos. Em 1968, a obrigatoriedade das disciplinas de psicologia é eliminada para os estudantes de filosofia, desertificando o terreno onde ele recrutava seus discípulos. Seus colegas experimentalistas adotam uma postura behaviorista, o que acentua o conflito com outros tipos acadêmicos – clínicos, psicanalistas etc. – e os torna hostis à concepção enciclopédica que Simondon defendia.” (BONTEMS, 2017, p. 39)

até a tríade de Lacan. Sem aderir nem refutar, faz linha enciclopédica entre perspectivas que não parecem conciliáveis, já esse o percurso de uma vontade comunicante.

Escassos ainda os documentos que nos chegam sobre a vida de Simondon, a imaginação facilmente entretém a hipótese de que o seu *signature move* – ziguezague contínuo entre natureza e cultura – prolonga lembranças de um cenário pastoril cortado por metalúrgicas e minas de carvão. Relatos biográficos costumam recorrer a um breve texto redigido por sua filha Nathalie¹¹, ao qual se junta em 2013 o filme *Simondon du désert*, realizado por François Lagarde e Pascal Chabot.¹² Dessas fontes sabemos que Simondon nasce em 2 de outubro de 1924, na cidade de Saint-Étienne, para abrir infância sensível à vida animal e atenta à maquinaria agrícola, o tino para a pesquisa estimulado pela forte amizade com o tio Antoine. Trabalhador nas minas e sem instrução formal, foi por temperamento metódico que Antoine capacitou-se a ler palavras e máquinas, compondo ele a audiência crítica das primeiras impressões filosóficas do sobrinho, que trazia da escola notícias de um discurso sobre o método e argumentos pelo valor heurístico da lógica.

A tempo do liceu, o ensino médio francês, Simondon inclina-se para a filosofia contra as aspirações do pai, que o enxergava politécnico. Em 1945, ingressa no ensino superior em Paris, onde tem aulas com Maurice Merleau-Ponty, Jean Hyppolite e Jean Wahl. Orientado por Martial Guérault, escreve dissertação sobre a unidade do tempo na filosofia pré-socrática. Passa ao estudo da física, especializa-se em mineralogia e psicofisiologia. Não fez 30 anos, leciona ao liceu a filosofia, o grego, o latim e a literatura. Adquire licença em psicologia para ser admitido professor na Universidade de Poitiers, onde fica de 1955 a 1963. Despontam aí suas duas grandes teses, ambas defendidas em 1958.

Orientada por Hyppolite, a tese principal intitula-se *L'individuation à la lumière de las notions de forme et d'information* (ILFI) e sustenta-se em banca composta por Raymond Aron, Paul Ricœur, Paul Fraise e Georges Canguilhem, orientador, este último, da tese complementar de Simondon, chamada *Du mode d'existence des objets techniques* (MEOT). Publicada de pronto, a tese complementar chama a atenção de Jean Baudrillard e de Herbert Marcuse, e Simondon ganha reputação de pensador da técnica, ficando eclipsada a tese sobre a individuação.

¹¹ Disponível em: <http://gilbert.simondon.fr/content/biographie>.

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J07XTXrpw3o>.

Em 1962, destaca-se como organizador do Colóquio de Royaumont em torno do conceito de informação, ocasião em que introduz artigo de Norbert Wiener acerca da relação homem-máquina. Preenche a década elaborando cursos que consolidam pesquisas de fôlego sobre faculdades como a imaginação e a percepção. Concebe nesse período um diagrama para o desdobramento divergente das ciências segundo um jogo tensivo de três tendências: uma tendência antiga ao saber, governada pela contemplação aristocrática; uma tendência clássica ao agir, governada pela eficiência burguesa; e uma tendência moderna ao poder, com que o pensamento vira expressão de forças e as moléculas produtivas descobrem-se motoras do mundo.¹³

Mantém-se discrição quanto aos problemas de saúde que interrompem a carreira de Simondon. Sua filha Nathalie menciona graves dificuldades que o acometem a meados dos 1970, enquanto o filósofo ainda ministra cursos e participa de eventos. Simondon oferece um último curso em 1977, e as aulas seguem até 1983. No filme *Simondon du désert*, Anne Fagot-Largeault relata ter encontrado o amigo adoecido ainda em 1971.

Uma semana após a morte de Simondon, em 7 de fevereiro de 1989, publica-se a segunda parte de sua tese, intitulada *L'individuation psychique et collective*. A edição integral da tese chega na França apenas em 2005, volume que mais consultamos antes da primeira tradução brasileira, disponibilizada em 2020. Contando da publicação integral da tese no começo do século, começam-se a publicar coleções de textos e os diversos cursos, dentre os quais aquele sobre a comunicação, elaborado entre 1970 e 1971 e reunido em livro no ano de 2010.

1.2 Contexto científico e filosófico

François Dosse (1993) lembra do contexto intelectual francês dos anos 1950 por ares carregados da ontologia de Heidegger, soprando do existencialismo de Sartre para a fenomenologia pós-husserliana de Merleau-Ponty. Dosse (1993, p. 23) apresenta Sartre como “figura tutelar dos intelectuais do pós-guerra”, capaz de trazer a filosofia à rua, embora um refúgio tardio no stalinismo dê ocasião para o historiador acusar um erro de

¹³ A terceira parte de MEOT prolifera tríades enquanto uma primitiva unidade mágica rompe em figurações atuais e fundo cósmico. Os textos preparatórios para MEOT já anunciavam essa lógica triádica, a técnica então sugerindo um universal neutro capaz de relacionar o universal positivo do saber científico e o universal negativo da ação ética: “Esta relación no es dialéctica: la ciencia y la moral no se borran frente a la técnica y no son negadas o reemplazadas ni siquiera superadas por ella: la ciencia y la moral no deben negarse o siquiera enfrentarse para ser reemplazadas por una síntesis que sería la técnica; pues la relación que es la técnica es contemporánea de los términos entre los que se establece; es la triadidad la que es primera” (SF, p. 411).

apolitismo. A visada em retrospecto vê o legado existencialista persistir não apenas na figura de Sartre, como também nos vetores de liberação abertos e perpetuados em Simone de Beauvoir e Frantz Fanon. Quando comenta o existencialismo, Simondon detecta não o apolitismo mas, bem ao contrário, os sintomas da guerra. Lembra, a propósito, que a intuição continuísta de Henri Bergson¹⁴ havia perdido inteligibilidade para uma juventude saída da prisão e dos campos. Aborda o existencialismo como uma “filosofia de urgência”:

Para aqueles que tinham vinte anos em 1944, a filosofia existencial aparece como o único pensamento que não é um jogo, uma convenção, e que responde diretamente à expectativa de uma geração que sofreu e que teve o sentimento de ter sido enganada por mitologias variadas. (SF, 137)

Simondon ingressa na faculdade no último ano de uma guerra que havia inaugurado técnicas para cifrar e transmitir comandos. Enquanto defende suas teses, as ruas de Paris ainda esperam o maio de 1968 para dali a uma década. Da janela entre o término da Segunda Guerra e a crise petrolífera de 1973, Hobsbawm (1995) diz “era de ouro”, alegando a onda longa da história e a esperança marxista na emancipação pela indústria:

o terceiro quartel do século assinalou o fim dos sete ou oito milênios de história humana iniciados com a revolução da agricultura na Idade da Pedra, quando mais não fosse porque ele encerrou a longa era em que a maioria esmagadora da raça humana vivia plantando alimentos e pastoreando rebanhos. (HOBSBAWN, 1995, p. 18)

Em meio a um século que o historiador chama de catastrófico, uma fresta dourada reabastece as governanças globais com promessas de entendimento mútuo e progresso conjunto, dias em que Marshall McLuhan terá vislumbrado uma aldeia global, e irrompe zona franca na floresta amazônica, e maquina-se uma economia mundial integrada, transnacional, feita de ágeis fiações informáticas e movida a petróleo árabe e uma força de trabalho majoritariamente jovem, tropical e feminina.

Cara ao existencialismo, a negatividade dissipa na França enquanto os conflitos armados ali esfriam, estourando então sobre a Indochina e a Argélia. O movimento pela independência argelina, aprofundado em maio de 1958, e o colapso do sistema parlamentarista da Quarta República resultam na ascensão de Charles de Gaulle a uma recém-criada presidência, e a França transita para um período que em toda parte observará

¹⁴ Barthélémy (2005) sabe ler em Simondon um continuador de Bergson, embora as menções diretas com frequência critiquem o pensador da duração por promover o contínuo *em detrimento* do descontínuo, o que Simondon reputa sintomático da paz em solo francês entre os 1870 e a Primeira Guerra.

processos de descolonização. A fenomenologia ganha impulso numa Europa que retoma confiança sem negligenciar crises e descontinuidades, e Merleau-Ponty (2005, p. 139) assegura o acoplamento reversível sujeito-mundo numa carnalidade intercorporal, elementar, que “faz os órgãos de meu corpo entrarem em comunicação, fundando a transitividade de um corpo a outro”.

Ne década de 1950 Lévi-Strauss terá retornado de aldeias brasileiras para consolidar a semiologia saussureana como um modelo de inteligibilidade universalizável em ciências humanas. Numa de suas notas de estilo enciclopédico, Simondon aprecia Lévi-Strauss por inventor de uma *sociológica*, e a sua própria *alagmática* desejará completar o saber estrutural com intervalos conversivos entre uma estrutura a outra: “a ciência das operações só pode ser atingida se a ciência das estruturas sente, do interior, os limites de seu próprio domínio” (ILFI, p. 562).

Enquanto o estruturalismo desenha o contexto intelectual da França dos 1960, Simondon prefere avizinhar os saberes a partir da cibernética, teoria comunicacional em que vê a chance de traduzir uma estrutura em termos de “dinamismo finalizado”. Na tardia e jamais enviada carta a Derrida, recorre a uma porção de persistências “tecnostéticas”: a arquitetura de uma ponte, o motor de um automóvel, o acoplamento vibratório entre musicista e instrumento. Experimenta um contexto profundamente tecnológico. Com a invenção do transistor em 1947, o silício passava a hospedar uma lógica miniaturizada em três terminais, daí surgindo os primeiros rádios portáteis, calculadoras de bolso, computadores domésticos. Estuda em minúcia as condições de transmissão dos sinais televisivos, que chegam nas residências junto a máquinas de lavar, discos de vinil, fitas cassete, e dedica grande atenção a tríodos como o transistor, cujo esquema para modular sinais elétricos lhe vale de diagrama para a modulação de fluxos os mais diversos.

No início dos 1950, a química já sintetiza o estrogênio e a progesterona, e na pílula anticoncepcional avança um regime farmacopornográfico que não captura a libido sem abrir caminho para a construção técnica da sexualidade (PRECIADO, 2018). Prêmio Nobel em 1965, a bioquímica em Jacques Monod recupera o existencialismo enquanto mobiliza a cibernética em nível molecular para descrever jogos informáticos entre acaso e necessidade, entre a capacidade de escolha e os ciclos de *feedback*. A década de 1970 encontra Edgar Morin desenvolvendo uma ampla epistemologia transdisciplinar que, baseada na teoria dos sistemas, falseia a causalidade linear em proveito de um pensamento capaz de associar o heterogêneo numa comunidade complexa. Do final dessa década em diante, a física e a química não cansam de anunciar, com Ilya Prigogine e Isabelle

Stengers (1984, p. 8, trad. nossa), uma mutação epistemológica que aciona crucialmente a comunicação, tanto mais por conceito adequado a um descentramento: “Hoje o interesse está se deslocando da substância para a relação, para a comunicação, para o tempo”.¹⁵

Embora respondam com impressionante agilidade a problemas que inquietam as ciências da natureza até o fim do século e ainda agora, as teses de Simondon, faltasse uma apreciação direta dos agenciamentos discursivos, não acham assento no banquete estruturalista. Para além de contar Lévi-Strauss entre os criadores do seu tempo, Simondon discute brevemente Jacques Lacan no curso *Imaginação e invenção*, onde argumenta que o símbolo, embora completo na tríade, está latente já nas relações diádicas. Faz alusões velozes, tendendo a uma exposição eletrizante, mas de grande sobriedade e circunspeção.

1.3 Intercessores

Em cursos e textos preparatórios, Simondon empreende um mapeamento diacrônico exaustivo para que cada problema escave premissas as mais soterradas, momentos críticos, fases de expansão e de recolhimento. Conviria perguntar, a propósito, pelos movimentos obscuros que não param de prefigurar, de delirar Simondon. Consultamos sobretudo a coleção de textos *Sur la philosophie*, publicada em 2016, para uma multiplicação de encontros à medida em que Simondon vai traçando um plano para o desdobramento contínuo da filosofia.

Terá vislumbrado na saturação de movimentos uma arena fértil para descerrar o horizonte tendencial do enciclopedismo: atribui o “milagre grego” ao ziguezague cosmopolita e transcultural que afluía nas cidades jônicas, “onde se encontravam navegantes, mercadores, arquitetos que expandiam sua atividade através do mundo mediterrâneo até os confins dos países bárbaros e os imprecisos limites do Oriente distante”¹⁶ (CP, p. 22, trad. nossa). Saturação para um mapa de encontros singulares, que serão companhias de migração e também os perigos que Simondon gostou para si.

¹⁵ No original: “Today interest is shifting from substance to relation, to communication, to time.”

¹⁶ No original: “Esta elección no es espontánea, ni ingenua, ni primitiva; se volvió posible por la situación ‘transcultural’ de las ciudades jónicas donde se encontraban navegantes, mercaderes, arquitectos que expandían su actividad a través del mundo mediterráneo, hasta los confines de los países bárbaros y hasta los imprecisos límites de un Oriente lejano. Esta universalidad operatoria no puede contentarse con traducir las estructuras cognitivas de una ciudad particular a las de otra ciudad; por encima de todos estos lenguajes privados que son las culturas locales, los navegantes instalan un sistema dotado de la potencia de lo universal, coextensivo, como fuente de representación, con su acción ecuménica, indefiniblemente extensible, que impulsa siempre más lejos la exploración de las regiones desconocidas, que encuentra pueblos nuevos”.

Achou-se entre os “fluidos”, apelido com que Platão troçava das cosmologias jônicas, que examinavam a diferenciação dos corpos a partir de elementos considerados primordiais (terra, água, ar, fogo), atitude não tão refém da mitologia quanto pregar a imutabilidade das ideias: Simondon descreve os sábios de Mileto como fisiólogos, experimentadores, técnicos. Anota com nítida afeição as lições de Anaximandro (610 a.C. – 546 a.C.), uma delas sugerindo ter a vida emergido no mar, onde enormes peixes guardavam hóspede, em suas bocas, o embrião da forma humana. “Princípio” é concepção assinada por Anaximandro, que parou de começar pelos elementos individuados e abriu-se ao ilimitado (*ápeiron*), um dos nomes ancestrais do “pré-individual” simondoniano.

Simondon acompanha as invenções que não opõem matéria e espírito e que pensam o humano como um ser entre os seres. Destaca uma tradição que passa pelos epicuristas e atomistas para culminar em Lucrécio (94 a.C. – 50 a.C.) como numa via expressa entre as sabedorias antigas e o impulso vital de Bergson. Lucrécio “possui o sentido da terra” (SF, p. 345), vinculado a uma concepção matriarcal do mundo que, recontada nos textos greco-latinos por Hesíodo, remonta ao mito de Gaia:

Ela é força da natureza antes que divindade pessoal, e nasce em segundo lugar, imediatamente depois de Caos. O aspecto matriarcal se volta a encontrar particularmente nisto: é sem a ajuda de nenhum elemento macho que ela engendra o Céu, as Montanhas e Ponto (o elemento marinho). [...] Da mesma maneira, Lucrécio não supõe que o homem foi fabricado por um Deus, senão engendrado diretamente pela terra, graças a um ventre unido ao solo mediante raízes, donde brotou o homem. O homem é então filho da terra.¹⁷ (SF, p. 347, trad. nossa)

Os átomos de Lucrécio já não são partículas indivisíveis, mas *semina rerum*, sementes das coisas, moléculas. Desde aí o elemento partilha-se, desdobra-se. Ocorre que os naturalistas ainda desdenham da ação: hipertrofiando a percepção e precavendo-se contra a alma agitada e intranquila, a filosofia arrisca contentar-se com a sabedoria contemplativa.

Aristóteles (368 a.C. – 348 a.C.) vai noutra andamento enquanto classifica os seres e aconselha a conquista do oriente. Esse filósofo constitui intercessor central, provendo dois dos termos do teatro da individuação – matéria e forma, potência e ato – entre os quais Simondon vem perpassar um ziguezague comunicacional. Estaremos em embate

¹⁷ No original: “*Ella es fuerza de la naturaleza antes que divinidad personal, y nace en segundo lugar, inmediatamente después de Caos. El aspecto matriarcal se vuelve a encontrar particularmente en esto: es sin la ayuda de ningún elemento macho que ella engendra el Cielo, las Montañas y Ponto (el elemento marino). [...] De la misma manera, Lucrecio no supone que el hombre fue fabricado por un Dios, sino engendrado directamente por la tierra, gracias a un vientre unido al suelo mediante raíces, y de donde brotó el hombre. El hombre es entonces hijo de la tierra.*”

com as classificações, o método indutivo, as hierarquias: Aristóteles sim coleciona e examina sementes, mas mantém a virtualidade imanente ao ser particular individuado. Ora, o indivíduo individuado tem por modelo o homem adulto, habitante da cidade, ele quem conduz a terra até a função, e a potência está em Aristóteles para dar-se a tal molde. É no embate com o dualismo hilemórfico que se desenha a tese simondoniana para um plano de comunicação repleto de singularidades vagas, e não de formas feitas: produção incessante de novas formas, uma terra comunicatriz para conturbar o hilemorfismo.

A teologia medieval aprecia que Aristóteles repleto de seres o universo, mas os sábios cristãos breve deparam com um novo problema: o ser se diz de Deus tanto quanto de outros seres? Será Deus tal como tudo o mais também é? Um teólogo que prefira guardar a hierarquia entre os seres e de Deus sobre todos deverá postular um ser de sentido “equívoco”, um ser distinto para cada ser, um sentido distinto para cada indivíduo. Duns Scotus (1266-1308) fica célebre pela resposta mais sutil: num ser de sentido unívoco, criaturas e criação se dizem numa voz como num só vento, que tudo arrasta. O palácio aristotélico tomba desde dentro quando os indivíduos viram *hecceidades*, e Simondon lembra Duns Scotus ao distribuir no espaço não indivíduos feitos, mas efeitos teatrais.¹⁸

Ao mesmo tempo que aliado à fluidez dos naturalistas, Simondon mantém frequente diálogo com uma distribuição universal de autômatos e engrenagens mecânicas, pois lê o *cogito* de Descartes (1596-1650) como a autoevidenciação de um maquinismo: a dúvida cartesiana seria não tanto um silogismo quanto um ato conversivo, uma operação que simula estrutura e uma estrutura que opera.¹⁹ Dir-se-ia que Simondon pensa o *cogito* como *speech act*, o que interessará a um recorte pragmatista de suas contribuições para a linguagem. Por agora, basta ver que Simondon atribui a Descartes uma inflexão das ciências no sentido das atuações, dos maquinismos. Mas, se o *cogito* interessa por explicitar uma coerência circulatória, a tal ponto o jogo cartesiano anula a diferença entre o atualizado (o eu que duvida) e o atualizante (a operação passante do duvidar) que “o símbolo próximo do eu encontra-se atrelado e assimilado ao eu. Assim procedendo, de próximo em próximo, Descartes atrela todo o conteúdo simbólico ao eu atual” (ILFI, p.

¹⁸ “Ora, não se pode dizer que o progresso dos conhecimentos se restringiu a reconhecer como fundada uma teoria antiga apenas verificando as hipóteses que ela permite formular: a atividade científica verdadeiramente constituiu o concreto a partir do abstrato, pois o concreto que verifica as hipóteses é um concreto de uma espécie particular: não é o de um *fato*, mas o de um *efeito* que não existiria fora do universo de pensamento e de ação criado por esse mesmo desenvolvimento da ciência.” (ILFI, p. 551)

¹⁹ “El *cogito* cartesiano se comprende mejor a partir de la conversión de San Agustín que como un caso de silogismo. La renuncia a cualquier crédito otorgado a los sentidos y a las opiniones antiguamente recibidas prepara una conversión, en Descartes como en San Agustín; pero Descartes tomó del acto de conversión solo la fase preparatoria” (SF, p. 233).

429). Não somente homogeneíza a *res cogitans*: Descartes também substancializa a *res extensa*, excluindo o vazio para distribuir turbilhões num espaço contínuo isótropo, sem margem para a copresença tensiva que caracteriza a comunicação.

Descartes parte de um método compromissado com o dualismo religioso. Mas, assim como o aristotelismo esbarra na univocidade como em sua heresia interna, o dualismo religioso de Descartes encobre a imanência radical: Spinoza (1632-1677) inventará um cartesianismo “inteiramente coerente” (SF, p. 361), concebendo o humano como um conjunto de modos, em vez de realidade substancial. Inflexão dos saberes no sentido da *produção*, Spinoza permite que teoria e prática coincidam, triunfando a liberdade sobre as funções com que Aristóteles identificava e hierarquizava os seres. Quando diz “gênese”, Simondon aciona uma etimologia que remonta não mais a “origem/começo” do que a “criação/produção”; dizendo “natureza”, vai com os jônicos, mas também com a *natura naturans*.

Significativos sejam os aportes que Simondon recebe de Leibniz e de Hume²⁰, um atalho até Kant esclarece muito especialmente como a comunicação desequilibra edifícios dualistas para além do hilemorfismo. É que a comunicação sugere uma zona problemática jamais intuída pela cisão sensível-inteligível, que conduz a uma epistemologia ora empirista (que isola realidades diacrônicas e abandona o pensamento ao nominalismo), ora realista (que isola realidades sincrônicas e abandona a experiência à constatação de semelhanças estruturais):

Kant procurou sintetizar essas duas concepções da comunicação entre as regiões do saber; resultou em um relativismo epistemológico; a sensibilidade é interpretada de maneira empirista; a razão, de maneira inatista; entre essas duas ordens está a atividade do esquematismo, cuja descrição permaneceu obscura em Kant, porque esse nível é precisamente o da comunicação do sujeito consigo mesmo, onde se efetua o progresso do saber. Kant reconheceu e localizou o problema da comunicação interna, da descoberta e da invenção; mas esse problema não foi, até hoje, realmente elucidado.²¹ (CI, p. 132, trad. nossa)

²⁰ Laterce (2009, p. 86) desenvolve o “vínculo subentendido” entre Hume e Simondon para afirmar um humanismo técnico não-antropocêntrico que substitui a sujeição pela simbiose: “As duas influências se combinam: de Hume virá a colocação da relação em um papel de protagonista na composição dos seres e, de Kant, a noção de transcendental que, sem a centralidade subjetiva, ganha incrível semelhança com a força criativa que Simondon percebe na natureza e que nomeia de pré-individual.”

²¹ No original: “Kant s’est appliqué à faire la synthèse de ces deux conceptions de la communication entre les régions du savoir; il a abouti à un relativisme épistémologique; la sensibilité est interprétée de manière empiriste; la raison, de manière innéiste; entre ces deux ordres s’exerce l’activité du schématisme, dont la description est restée obscure chez Kant parce que ce niveau est précisément celui de la communication du sujet avec lui-même où s’effectue le progrès du savoir. Kant a reconnu et situé le problème de la communication interne, de la découverte et de l’invention; mais ce problème n’a pas véritablement, jusqu’à ce jour, été élucidé.”

A comunicação vagaria, pois, numa região esquemática entre o sensível e o inteligível, entre a experiência e a forma transcendental, distância elusiva que asseguraria, para mais, o progresso do saber: enquanto comunico, altero minhas próprias premissas, modifico as formas apriorísticas do transcendental kantiano. Reserva-se obscura a comunicação interna, imanência de uma comunicação que diverge de si.

Para uma inflexão dos saberes no sentido da potência, Simondon refere Marx (1818-1883), para quem o pensamento exprime embates de forças. Simondon chega a chamar de “dialética triádica” a sua própria teoria da relação²², embora acautele-se contra a dialética que alimenta relação hostil entre ser e devir, entre o diferido e a diferença, o comunicado e a comunicação. A dialética nutrida de um centro de negatividade ainda receberia da escolástica as suas premissas éticas:

este pensamento escolástico, frente ao fracasso que sente ao querer classificar o pensamento transdutivo, e constatando que esse pensamento não é idêntico à norma do bem que ela se fixou e pela qual se define ao classificar-se em um dos grupos que gere seu dualismo, repele o pensamento transdutivo na classe daquilo que, não estando com ele, está então contra ele. Para as diferentes escolásticas, o pensamento transdutivo foi sempre heresia. E a heresia é expulsada mais que a oposição, pois o pensamento escolástico, que pretende ser o bem, aceita que o mal exista, e inclusive tem necessidade da realidade substancial do mal para estar seguro de representar o bem[.]²³ (SF, pp. 432-433, trad. nossa)

O conflito de opostos desenha um campo de forças já individuado, polarizado, sendo mais embaixo que um teatro pré-individual comunica hiatos, distâncias, incompatibilidades. Os opostos precisam de uma zona produtiva em que, ainda indiscerníveis, comuniquem-se. O pensamento oposicional fica referido à esfera geral da ação, e seu fracasso em conceber uma ética não-dualista só é menor do que a desconfiança com que aborda a criação artística. Uma continuidade mágica, atreve-se Simondon a dizer, perpetua-se no ato artístico como numa ecologia de singularidades sensíveis.

²² Em curso de propedêutica, que Simondon ministra na Universidade de Poitiers entre 1962 e 1963, serão numerosas as tríades: entre o saber positivo e o dever negativo, a linha neutra da técnica; entre a sabedoria ancestral e a automação eficiente, a potência anônima do proletariado etc. Esse curioso projeto é apresentado em *Ciencias de la naturaleza y ciencias del hombre* (SF, pp. 209-307).

²³ No original: “*este pensamiento escolástico, frente al fracaso que siente al querer clasificar al pensamiento transductivo, y constatando que este pensamiento no es idéntico a la norma del bien que ella se fijó y por la cual se define al clasificarse en uno de los dos grupos que gestiona su dualismo, repele el pensamiento transductivo en la clase de aquello que, no estando con él, está entonces en su contra. Para las diferentes escolásticas, el pensamiento transductivo fue siempre herejía. Y la herejía es expulsada más que la oposición, pues el pensamiento escolástico, que pretende ser el bien, acepta que el mal exista, e incluso tiene necesidad de la realidad sustancial del mal para estar seguro de representar el bien[.]*”

Concreta seria a comunicação desde encontros tensivos que não conhecem oposição, desde uma ecologia estética que

incorpora as forças, as qualidades, os caracteres de fundo que as técnicas deixam de lado; em lugar de subjetivá-las como faz o pensamento religioso ao universalizá-las, em lugar de objetivá-las fechando-as na ferramenta ou no instrumento, como faz o pensamento técnico, que opera sobre estruturas figurais dissociadas, o pensamento estético, permanecendo no intervalo entre a subjetivação religiosa e a objetificação técnica, se dá a concretizar as qualidades de fundo ao meio de estruturas técnicas[.]²⁴ (MEOT, p. 182, trad. nossa)

A comunicação estética opera intensivamente, lançando mão de forças impessoais de abertura. Mais concreta e arriscada é a comunicação desde um plano estético que falseia a propriedade: “todo gesto mediador é estético, mesmo e talvez essencialmente fora da obra de arte”²⁵ (MEOT, p. 195, trad. nossa).

Ao primeiro tempo em que diverge de si, o pensamento transdutivo distribui uma ecologia estética, e de Nietzsche (1844-1900) Simondon recebe uma filosofia que prefere a evasão artística a todo gregarismo organizado. Nietzsche toca ao oriente da vila a amigar-se em festa com os animais, a montanha, o sol.

Nada compreendemos do transindividual se esquecemos que o coletivo responde a um encontro que desadapta um composto organizado, que abre a um pensamento do fora, a uma afetividade comunicante. Assim como sensível e inteligível comunicam por meio de forças e qualidades materiais, uma ordem perceptiva e uma ordem prática entram em contínuo desde que um espectro emocional resolva a crise afetiva que resiste ao automatismo, que coloca em xeque uma regra de ação.

A crise da ação guarda pistas para apreciarmos o paradoxo de que a invenção do coletivo comece na experiência da solidão, etapa de um pensamento em vias de individualizar-se. É que, extraído a um composto, o afeto dispara para longe e sai vagante, desvinculado. Simondon quis distinguir um vínculo [*rappor*t] de uma relação [*relation*].²⁶

²⁴ No original: “*ce monde incorpore les forces, les qualités, les caractères de fond que les techniques laissent de côté; au lieu de les subjectiver comme le fait la pensée religieuse en les universalisant, au lieu de les objectiver en les enfermant dans l’outil ou l’instrument, comme le fait la pensée technique, opérant sur les structures figurales dissociées, la pensée esthétique, restant dans l’intervalle entre la subjectivation religieuse et l’objectivation technique, se borne à concrétiser des qualités de fond au moyen de structures techniques*”.

²⁵ No original: “*tout geste médiateur est esthétique, même et peut-être essentiellement en dehors de l’œuvre d’art.*”

²⁶ Quis a tradução brasileira verter *rappor*t para “nexo”. Se não acompanhamos essa solução, é porque “nexo” com frequência aparece para explicar a teoria alagmática, em que a realidade ontológica da *relation* se contrapõe, precisamente, a *rappor*t. Seguimos as edições argentinas no recurso a “vínculo”, e Simondon

Achando-se vinculado a objetos, pode ser que um sujeito experimente na deriva afetiva um difícil espetáculo, e é possível que Simondon tenha diagnosticado a angústia como reação neguentrópica: a deriva afetiva tal como referida a um centro significante. Mas o afeto desvinculado se comunica a um plano de concepções, onde tem a chance de coexistir sem referências. Mesmo a angústia tem aí a chance de comunicar. Se Simondon fala numa prova de solidão, quem a atravessa já não é um sujeito adulto, mas o afeto extraído a um composto, uma vagueza anônima que “brilha no instante entre duas espessuras indefinidas de obscuridade e se oculta para sempre” (ILFI, p. 374).

O que se poderia dizer, no entanto, de um gesto que se ocultasse para sempre, sem deixar rastro da diferença que fez? O gesto livre é pertinente pois *perpetua uma linha de fuga*, viabilizando uma “sinergia entre a normatividade constituinte e a normatividade constituída” (SF, p. 418). O ato instituinte permanece irreduzível à finalidade instituída, e Simondon se distancia do pragmatismo utilitarista – sem deixar sinais de haver considerado, porém, o *pragmaticismo* de Charles S. Peirce (1839-1914), cuja lógica triádica jamais se vê utilitarista, antecipando mesmo a inclusão de uma estética primeira por entre os duelos e a regra de ação, feito uma vagueza criadora que se reparte incessantemente em determinação objetiva e efeito mental. A difusão de Peirce na França deve muito às publicações de Gérard Deledalle a meados dos 1950 e sobretudo a partir dos 1970, quando os traços de Simondon começam a desbotar. Se leu o *pragmaticismo* de Peirce não sabemos, mas é certo que acompanhou de perto a biossemiótica, e seus cursos mobilizam proficuamente trabalhos como aqueles de Jakob von Uexküll e de Thomas Sebeok.

Sua principal aliança filosófica de início de século é decerto Henri Bergson (1859-1941), leitor do pragmatismo de William James. Embora dispense o desinteresse contemplativo do filósofo da duração, Simondon vai perto de Bergson para insistir que o contínuo se diz de encontros que envolvem crises, interrupções, atrasos, recuperações de processos interrompidos. Entende que o bergsonismo subordina o dualismo dicotômico à simultaneidade de vias divergentes, expressiva de uma mesma tendência. Compreende a copresença à luz da substância de Spinoza, “que se expressa numa infinidade de atributos infinitos; mas [em Bergson] a substância devém vida e evolução criadora, já que os

deixa pistas para que vejamos em *rapport* uma “associação”. Entendemos que o decisivo, nessa distinção, é a passagem de um pensamento que deve sua viabilidade ao possível para um pensamento que afirma a realidade dos potenciais.

atributos, em vez de serem paralelos, são *divergentes*”²⁷ (CI, p. 330, trad. nossa, grifo no original). Mais ainda, substitui-se a tendência do ser de perseverar em si pela tendência da vida de ir o mais longe possível: *a vida diverge a partir do comum, em vez de ascender até uma forma única*. Simondon lê em Bergson não um paralelismo entre inteligência e instinto, mas três fórmulas com que a vida se reparte sem cessar: via vegetal, via instintiva, via inteligente. Uma leitura atenta às aproximações e distanciamentos entre essas duas filosofias deve saciar-se de surpreender implícito o bergsonismo na maneira como Simondon esquematiza problemas e, muito claramente, na própria inclinação a pensar em termos de problemas e soluções.

Para os propósitos de nossa tese, importaria indagar pela comunicação entre virtual e atual. Leitor da teoria da forma da Gestalt, Simondon mobiliza com proveito o acoplamento figura-fundo, com o qual explica a maneira como a afasia pré-individual *defasa* de si. A tese complementar, em especial, sustenta que toda uma porção de duelos (particular-universal, objeto-sujeito, empirismo-realismo, prática-teoria) comunicam feito o par gestaltiano figura-fundo. Ocorre que os opostos divergem a partir de uma zona problemática que não devemos confundir nem com a aparição figural, nem com o fundo universalizante. Os experimentos criadores que assumem a zona pré-individual – em arte, em técnica, em filosofia – descrevem zigzagues comunicantes que a cada vez extraem do incompatível uma nova combinatória, uma nova persistência.

Vimos mapeando as intercessões filosóficas que afluem em Simondon, mas é certo que as páginas desse filósofo se ocupam bem antes da pesquisa científica. Simondon trilha um caminho estreito entre as alternativas que o teriam levado seja a diluir a diferença entre filosofia e ciência, seja a subordiná-las entre si. Conhece a filosofia pela pesquisa da *physis*, a amizade com os elementos e a intimidade junto à terra, seguro de que as antigas sabedorias se alegrariam de dispor da noção moderna de metaestabilidade, que já não precisa escolher entre o caos insondável ou uma harmonia imóvel inevitativa. Simondon é leitor de Gaston Bachelard (1884-1962), epistemólogo que afirma o realismo das relações, e escava em Bruno de Solages (1895-1983) um analogismo que, bem antes de reconhecer semelhanças, cria dinamismos compossíveis.²⁸ Em sua tese principal, o

²⁷ No original: “*para comprender bien La evolución creadora, tal vez hay que pensar primero en la unidad de la sustancia unica de Spinoza, que se expresa en una infinidad de atributos infinitos; pero la sustancia deviene vida y evolución creadora, ya que los atributos, en lugar de ser paralelos, son divergentes*”.

²⁸ Andrea Bardin (2015) repara que essa concepção de analogia deriva da “transcrição livre”, por De Solages, de uma série de seminários realizada em 1943, onde encontra-se o professor Cazals de Fabel sugerindo que a relação analógica é produtora de similitude.

nome mais frequentemente referenciado é o de Louis de Broglie (1892-1987), que sugere em mecânica quântica a superação do dilema entre uma descrição ora ondulatória, ora corpuscular da individualidade física. Acopla-se a partícula descontínua a uma onda contínua, do que Simondon conclui que

não há limite entre o indivíduo e sua atividade de relação; a relação é contemporânea do ser; ela faz parte do ser energeticamente e espacialmente. A relação existe, ao mesmo tempo que o ser, sob forma de campo, e o potencial que ela define é verdadeiro, não formal. [...] Responder-se-á que não se pode definir o potencial fora de um sistema; isso é verdade, mas precisamente pode ser que seja preciso postular que o indivíduo é um ser que só pode existir como indivíduo em relação com um real não individuado. (ILFI, p. 207)

Na geração que precede logo a sua, tem professores em Jean Hyppolite (1907-1968), Georges Canguilhem (1904-1995) e Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), a cuja memória dedica ILFI.

É com esse complexo de encontros que Simondon recebe a cibernética de Norbert Wiener (1894-1964), entusiasmado que a teoria da comunicação anuncie transversalidade entre os saberes, mas alertando para uma insuficiência crítica. A informação negentrópica faria de Wiener um guardião dos dinamismos finalizados:

Se poderia chamar de filosofia autocrática das técnicas aquela que toma o conjunto técnico como um lugar em que se utilizam as máquinas para obter poder. A máquina é somente um meio, a finalidade é a conquista da natureza, a domesticação das forças naturais por meio de uma primeira escravização.[.] (MEOT, p. 144)

Compromissada com a missão de controlar, a ciência da comunicação aceita o juízo sociológico de que o poder provém do governante: “Norbert Wiener parece admitir um postulado de valores que não é necessário, a saber, que uma boa regulação homeostática é um fim último das sociedades, e o ideal que deve animar todo ato de governo”²⁹ (MEOT, p. 151, trad. nossa). A cibernética reeditaria, pois, a ambição platônica ao bom governo. Contra uma filosofia que aspira a governar o outro³⁰, Simondon pensa a técnica não de maneira isolada, mas em face a outros modos de ser: “Sozinha, a tecnicidade tende a se tornar dominadora e a dar resposta a todos os

²⁹ No original: “Norbert Wiener paraît admettre un postulat de valeurs qui n’est pas nécessaire, à savoir qu’une bonne régulation homéostatique est un fin dernière des sociétés, et l’idéal qui doit animer tout acte de gouvernement.”

³⁰ No original: “Car il est difficile de faire que les philosophes soient rois ou les rois philosophes. Il arrive souvent que les philosophes devenus rois ne soient plus philosophes.”

problemas, como ela faz nos nossos dias através do sistema da cibernética”³¹ (MEOT, p. 152, trad. nossa).

Por outro lado, a cibernética prenuncia uma cultura inventiva, capaz de um plano de continuidade. A cada tempo os seus problemas e soluções: se o século 19 solapa a razoabilidade da exploração do trabalho, a cibernética permite “tratar a teleologia como um mecanismo cognoscível e não definitivamente misterioso” (MEOT, p. 103). É bem enquanto aprende a programar que a cibernética desmistifica o “prestígio incondicional da ideia de finalidade” (MEOT, p. 104).

Será radicalmente antiteleológica a zona problemática desde a qual Simondon comunica natureza e cultura. Para ver quanto a comunicação concerne ao pensamento, podemos recuperar a descrição do conceito de transindividual por Raymond Ruyer (1902-1987), no âmbito dos desenvolvimentos da cibernética. Em um livro clássico intitulado *Néo-finalisme*, Ruyer (1952) contrapõe, às cadeias causais “de próximo em próximo”, a consciência vaga de um “sobrevoo a si”, uma “equipotencialidade” que persistiria sem começo nem fim, no puro *self-enjoyment* de um tempo de “ucronia”. É dessa obra que Deleuze e Guattari (1992), no seu trabalho último sobre a filosofia, tiram a fórmula do conceito: “superfície absoluta de sobrevoo”, transversal a-energética, adimensional e sem velocidade-limite nem referência a um ponto de vista exterior. Dali também a tese de uma comunicação que não simplesmente justapõe ou mistura termos, mas que sobrepõe diferenças numa zona de indiscernibilidade. Com Ruyer, a cibernética já entende que a neguentropia não alcança uma superfície de sentido. Essa superfície conceptiva, que Simondon pesca em Ruyer sem mencioná-lo, traduziremos como um plano comunicante, plano esse para os efeitos, para as hecceidades em comunicação.

1.4 Amplificações e objeções

O *Centre International des Études Simondoniennes* (CIDES) diz que o pensamento de Simondon, sem leitura que o acompanhe, atravessa um deserto entre 1960 e 1989. Influencia lateralmente Marcuse e Baudrillard, e autores como Edgar Morin e Bruno Latour assimilam aspectos que se mesclam a outras correntes afluentes nas teses da complexidade e das redes. Em 1989, a contribuição simondoniana se acha difundida de maneira consistente e continuada, no entanto, na obra de Gilles Deleuze.

³¹ No original: “Prise seule, la technicité tend à devenir dominatrice et à donner une réponse à tous les problèmes, comme elle le fait de nos jours à travers le système de la cybernétique.”

Deleuze tira de Simondon soluções singulares para conceber a diferença e fazer conceito com a descoberta científica. A partir de 1964, ano da publicação parcial da tese sobre a individuação, Simondon passa a operar explícita e implicitamente nas montagens de Deleuze com séries disparatadas, singularidades pré-individuais, sistemas sinal-signo, cristais de tempo, modulações intensivas, afetividade material, acoplamentos maquínicos e *phylums* técnicos. Anne Sauvagnargues (2010) estuda em detalhe os contrastes de um a outro:

O dispositivo simondoniano permite a Deleuze elaborar completamente sua teoria da criação: o pensamento surge sob a coerção de um signo, e surge como a resolução de um problema, isto é, materialmente, como descarga de energia potencial no seio de um sistema metaestável, em que o desequilíbrio se resolve produzindo a nova individuação.³² (SAUVAGNARGUES, 2010, p. 246, trad. nossa)

Das distâncias, é decisivo destacar que, em sua resenha amplamente elogiosa a *L'individu et sa genèse physico-biologique*, Deleuze (2005a, p. 58) abre um breve parêntese para questionar “se, em sua ética, Simondon não restaura a forma de um Eu [Moi] que ele, entretanto, havia conjurado em sua teoria da disparidade ou do indivíduo concebido como ser defasado e polifasado”.

Na ontogênese simondoniana concorrem as fórmulas de um ser mais-que-uno e de uma potência quase-uma, que exprimem a concomitância de um tensionamento que suspende o atual e uma distensão que concretiza o potencial. Exercitando, porém, as consequências éticas da tese sobre a individuação, Simondon entende que a assimetria movente deve integrar-se com pertinência ao coletivo, o que talvez ajude a explicar a súbita clínica da angústia que irrompe entre os capítulos daquela tese. É relativamente a um sujeito subjetivado que potenciais desindividuantes rondam como insuportável excedente fantasmático: o sujeito aí experimenta o *ápeiron* que o convida a uma coerência ainda insuspeita, mas as potências conturbam e adoecem enquanto se almeje integração.

Trabalharemos uma perspectiva crítica no capítulo 4, que encontra na saturação de movimentos não-integrados uma comunidade de prefigurações. Dir-se-ia que afirmar a suficiência do *n-I* é também fugir ao compromisso com a integração, e Deleuze não cessa de preferir o “planômeno” ao “ecúmeno”. Os *Mil Platôs* sugerem um enciclopedismo menor, e apenas em últimos escritos encontramos Deleuze e Guattari

³² No original: “Le dispositif simondien permet a Deleuze d'elaborer completement sa theorie de la creation: la pensee surgit sous la contrainte d'un signe, et surgit comme la resolution d'un probleme, c'est-a-dire materiellement, comme decharge de l'energie potentielle au sein d'un systeme metastable, dont le desequilibre se resout en produisant la nouvelle individuation.”

(1992) sistematizando de maneira explícita os hiatos e aproximações entre um plano de imanência filosófico, um plano de composição artístico e um plano de referência científico.

Alguma quantidade de reparos a Simondon abordam a tendência ecumênica, e já a primeira monografia dedicada ao filósofo, datada de 1993, previne contra um “sentido que infla à medida que o pensamento em expansão perde de vista seus limites, sua própria singularidade, e que o real por inteiro parece se fazer racional”³³ (HOTTOIS, 1993, p. 133, trad. nossa). Gilbert Hottois (1993, p. 48, trad. nossa) desconfia de um incentivo ao simbólico: “o mundo e o tempo são intrinsecamente simbólicos, e mesmo simbólicos entre eles: o ser-devir é simbolização”.³⁴

É também em vista desse receio que importa alcançar os elementos *singulares* e os componentes *heterogêneos* de um plano comunicante que tem no símbolo um desdobramento, um meio teatral em que os diferentes podem coexistir e durar enquanto diferentes. Tanto a individuação não é unidirecional quanto o nexo simbólico é problemático: a individuação tem no encontro de forças um motor irreduzível, com que Simondon efetivamente opõe a comunicação aos dinamismos finalizados, destino do autômato mítico que

pode apenas adaptar-se de uma maneira convergente a um conjunto de condições, reduzindo mais e mais a distância existente entre sua ação e o escopo predeterminado; mas ele não realiza nenhuma verdadeira transdução, sendo a transdução o alargamento de um domínio inicialmente bastante restrito. (ILFI, p. 234)

Se é que Simondon prediz o sentido do aperfeiçoamento técnico, não é denunciando a tendência para o automatismo, senão observando alargarem-se as margens de indeterminação das máquinas, que concorreriam para a continuidade tecnogeográfica entre variações materiais e variações mentais. Ainda antes das leituras comumente listadas como pioneiras, Adriano Duarte Rodrigues (1990) apresentava detalhadamente, no *Estratégias da Comunicação*, o processo de concretização descrito por Simondon e ali conduzido até a tese de uma tendência histórica para a logotécnica (diagrama fusional das ordens do discurso e da técnica). Quem conta entre os mais difundidos continuadores de Simondon, porém, é Bernard Stiegler (1998), que multiplica as pistas para uma abordagem da linguagem que nos avizinha da noção derridiana de escritura; ao mesmo

³³ No original: “*Un sens qui enfle à mesure que la pensée en expansion perd de vue ses limites, sa propre singularité, et que le réel tout entier semble se faire rationnel.*”

³⁴ No original: “*le monde et le temps sont intrinsèquement symboliques, et même symboliques entre eux: 'être-devenir est symbolisation.*”

tempo, Stiegler aborda a técnica como uma condição transcendental, o impensado de um pensamento ensombrecido pelo mito de Prometeu e Epimeteu, que condena o espírito europeu a uma falta que o suplemento técnico vem suprir. Sobretudo nos trabalhos seguintes à trilogia *A técnica e o tempo*, Stiegler (2006, 2013) passa a alertar contra a automatização, a perda de singularidade e a proletarização crescentes, diagnósticos que atrelam a desindividuação à decadência espiritual. Há aí um conjunto de questões próprias às teses de Stiegler, como um platonismo que esse autor vai mesmo reivindicar, e convém escutá-lo quando escreve não ter encontrado em Simondon um pensamento político.³⁵ Queremos dizer que uma política derivada de Simondon leva a outras respostas, pelo que o problema se coloca também de outro modo: considere-se o que Yuk Hui (2016) vem chamando de cosmotécnica, conectando o simondonismo ao taoísmo, e este a uma filosofia da natureza que remonta ao romantismo alemão. A questão geopolítica – a questão mesma do simbólico – ali se formula bem diversamente, com outros fascínios e outras armadilhas.

Deve-se lembrar do papel central de Simondon em *A Natureza do Espaço*, que o geógrafo brasileiro Milton Santos publica em 1996. Referenciando não apenas MEOT, como também os trabalhos então recentes de Hottois e Stiegler, Milton Santos (2006, p. 29) já se vê em operação de resgate: “os geógrafos nem sequer se aperceberam da importância dos achados de Simondon. Resultado: perdeu a geografia, atrasando-se a sua própria evolução; e perdeu a filosofia das técnicas, pela ausência de um enfoque geográfico paralelo”. Santos chega a sugerir à leitura de Simondon que ultrapasse a comunicação entre divergentes em proveito do hibridismo. Embora não tomemos essa via, entendemos que ela observa uma leitura precisa da comunicação transdutiva, que perpetua a tensão entre divergentes, em vez de apaziguá-la.

A leitura brasileira de Simondon começa por ensinar com Milton Santos a configuração técnica do espaço, contribuição cujos desdobramentos em semiótica e comunicação amplificam-se nos trabalhos de Lucrecia Ferrara e do Grupo de Pesquisa Espaço-Visualidade/Comunicação-Cultura (ESPACC). Lucrecia viabiliza uma epistemologia que, antes inferencial-transdutiva do que tradutora, surpreende a comunicação configurando a tessitura concreta do espaço. À comunicação concerne o

³⁵ Recente artigo de Diego Viana (2019, p. 538) responde a essa acusação, que pressupõe um desejo em falta, enquanto “o papel da afetivo-emotividade em Simondon é semelhante ao do desejo criador em filosofias que buscam inspiração em Spinoza, opondo-se à tradição do desejo como falta”. Esse ponto é também lembrado, embora menos detidamente, por Muriel Combes (2017).

passar do pré-individual ao plano fenomênico, entremeio conversivo que institui mundos e que se dá a conhecer pelo pensamento diagramático:

Essa atuação inventiva e produtiva da tecnicidade sobre o meio e os homens transforma o conceito de espaço. [...]. Sem banalizações, introduz-se a comunicação e a linguagem no território de uma conversação geográfico-ambiental enquanto recupera-se a célebre dimensão comunicativa do ambiente criado e acionado pelos meios técnicos e informacionais, já vislumbrada por McLuhan. (FERRARA, 2016, p. 95)

Transdutiva a comunicação se desembaraça do referente estável, que a fazia dispositivo de identificação e fiadora do já assemelhado, e capacita-se a inventar semelhanças, “inferência que, na linguagem, produziria imagens à maneira de um caleidoscópio cognitivo” (FERRARA, 2018, p. 11). Frutífera afinidade entre Simondon e a semiótica de Peirce caminha ao nível tecnoestético dos esquematismos inventivos, ali onde a comunicação devém “mais uma tendência lógica do que uma fenomenologia” (FERRARA, 2018, p. 25). A comunicação nessa perspectiva chama para si, mais que a índole interdisciplinar, a criatividade indisciplinar do que se dá a conhecer.

Um outro encadeamento de leituras desembarca na Argentina como num país que acolhe calorosamente a obra de Simondon. A atenção ali se volta para uma micropolítica da individuação coletiva, questão nuançada na França por Muriel Combes em *Simondon, individu et collectivité: pour une philosophie du transindividuel*. Publicada em 1999, a tese de Combes (2017), mais que estreitar interfaces com o operaísmo neo-marxista e o pós-estruturalismo, responde aos comentadores de primeira hora para alertar que, enquanto Gilbert Hottois hipertrofia a tendência simbolizante, Bernard Stiegler faz a técnica preceder e determinar a máquina social, substituindo uma teoria das saturações inventivas por uma mitologia da falta. Combes chama “intimidade do comum” a zona produtiva das comunicações transindividuais, ideia que repercute no operaísmo e abastece os movimentos sociais latino-americanos via Paolo Virno, com quem Combes trabalha em 2001 na edição italiana de *L'individuation psychique et collective*.

Em diálogo polêmico com Combes, Isabelle Stengers (2004, p. 59, trad. nossa) pauta a necessidade de resistir a um “vínculo imediato com a verdade”³⁶ que emanaria do texto de Simondon. Com efeito, é possível que a leitura não passe sem se indispor, quando menos nas horas especulativas em que depara com uma arquitetura abstrata tecendo continuidade entre movimentos os mais incongruentes. Mas seria inadequado tratar por

³⁶ No original: “Il y a dans la ‘redécouverte de Simondon’ une forme de piété qui m’agace d’autant plus qu’elle me semble réitérer ce qu’il y a de plus oppressant dans le texte de Simondon: une sorte de rapport immédiat à la vérité.”

opressiva logo a exposição detalhada de pressupostos que, de um jeito ou de outro, concorrem para a montagem de uma máquina consistente, sobretudo quando esse exercício responde expressamente a forças que lhe chegam de épocas e regiões as mais estranhas e remotas. É certo que um gesto criador não está imune de decair numa aplicação anestesiada, e a propósito Stengers refere textos que abusam do conceituário simondoniano. Mas é apenas possível que a sugestão de Stengers, que consiste em substituir a transdução pelo agenciamento, antes reforce do que previna o decaimento do conceito no jargão anestesiado.³⁷ Uma concepção responde a um problema, e é mesmo a consistência problemática da concepção que a diferencia de uma forma que se impõe à matéria.

É chamando atenção para um maquinismo implícito, signo pelo qual matéria e memória comunicam, que Pascal Chabot publica em 2003 *La philosophie de Simondon*:

A linguagem se inscreve nas memórias do germânio. Circula nas fibras óticas. Pode também operar: acopladas a um motor, as máquinas de informação têm efeitos mecânicos e energéticos. Matéria e memória, que Bergson separou, se juntam por intermédio do signo.³⁸ (CHABOT, 2003, p. 65, trad. nossa)

Chabot faz ressalvas à sugestão simondoniana de uma alienação pré-econômica e argumenta com Marx pelo condicionamento econômico da inovação técnica: um lançamento do satélite não fornece expressão inocente do pensamento inventivo, se envolve acordos entre petrolíferas, lobby, trabalho assalariado, tensão militar. Fica evidente que Simondon não mirou nem a representação nem a economia como focos explícitos de crítica: desmonta a representação lateralmente, contestando a estabilidade das formas, e reporta a alienação à sujeição do processo individuante a uma finalidade extrínseca, a alienação econômica sendo uma entre outras modulações da potência de agir.

Não vemos vantagem em acompanhar leituras que imaginam Simondon ingênuo para a política. Se tanto, sua concepção de alienação conversa com aquela sensibilidade

³⁷ Vale lembrar que, quando opõe um acontecimento singular/universal às relações particular/geral, Deleuze está em companhia de Nietzsche e Péguy, mas também de Simondon. Se Deleuze faz consistente uma diferença que precede de direito a mediação e a representação, Simondon corre meios vizinhos para mostrar que, instância paradoxal pela qual os díspares comunicam, a singularidade precede de direito a forma individuada. Os artigos de Michalet e Alloa (2013) e Voss (2018) levantam algumas das diferenças entre Simondon e Deleuze, embora pareçam desconsiderar, lá e cá, os aportes simondonianos ora à noção de intensidade, ora à relação singular-universal. Estaríamos inclinados a indagar as diferenças entre esses dois filósofos ao nível do estilo, curiosidade aliás deleuzeana, mais que simondoniana.

³⁸ No original: “*Le langage s’inscrit dans le mémoires de germanium. Il circule dans les fibres optiques. Il peut aussi opérer: couplées, à un moteur, les machines à information ont des effets mécaniques et énergétiques. la matière et la mémoire, que Bergson a séparées, se rejoignent par l’intermédiaire du signe.*”

política com que Pierre Clastres (2003) traduz o poder coercitivo à luz de um regime comunicacional que assegura a transmissão de ordens e distribui funções de comando e obediência. Tenha-se em mente que Clastres escreve em resposta a um profundo incômodo com a sugestão de que, por ingênuas, as sociedades primitivas viveriam *em falta* de política. Esse antropólogo descobre que as condições do nexos credor-endividado são antes comunicacionais que econômicas:

nada poderia estimular a sociedade primitiva a desejar produzir mais, isto é, a alienar o seu tempo num trabalho sem finalidade, enquanto esse tempo é disponível para a ociosidade, o jogo, a guerra ou a festa. Quais as condições em que se podem transformar essa relação entre o homem primitivo e a atividade de produção? Sob que condições essa atividade se atribui uma finalidade diferente da satisfação das necessidades energéticas? Temos aí levantada a questão da origem do trabalho como trabalho alienado. [...] Antes de ser econômica, a alienação é política, o poder antecede o trabalho, o econômico é uma derivação do político. (CLASTRES, 2003, pp. 210-211, grifos nossos)

A primeira edição integral da tese sobre a individuação sai na França apenas em 2005, ano em que Jean-Hughes Barthélémy publica *Penser l'individuation: Simondon et la philosophie de la nature*, consolidando-se desde aí como o mais profícuo estudioso de Simondon. Em seu primeiro livro, Barthélémy destaca a transgressão de dualismos como o de sujeito/objeto e recupera as correntes intelectuais que desaguam no pensador da individuação. Examina em detalhe as desconfianças que marcam a recepção de Simondon por Isabelle Stengers, com quem abre extenso debate, continuado em seu segundo livro. Propõe um humanismo *difícil* e um enciclopedismo *genético*, tema de seu livro de 2008, *Simondon ou l'encyclopédisme génétique*. Para a nossa tese, constitui gancho relevante que a comunicação não se veja entre os 50 verbetes que Barthélémy (2013) seleciona para um glossário introdutório ao pensamento simondoniano.

Jorge William Montoya Santamaria lança em 2006 o primeiro livro em espanhol sobre Simondon. A entrega pedagógica do professor colombiano avulta de largada, com o enfrentamento da polêmica validação da analogia como procedimento científico:

em nossos dias a analogia está desacreditada; o que nela se vê é uma má eleição quanto à argumentação ou uma debilidade no pensamento, e às vezes as duas coisas ao mesmo tempo. As metáforas estão permitidas, sempre e quando expressem um estilo ou sejam evocadas simplesmente à maneira de exemplos ilustrativos.³⁹ (SANTAMARIA, 2006, p. 27, trad. nossa)

³⁹ No original: “*en nuestros días la analogía está desacreditada: lo que en ella se ve es una mala elección en cuanto a la argumentación o una debilidad en el pensamiento, y a veces las dos al mismo tiempo. Las metáforas están permitidas, siempre e cuando expresen un estilo o sean evocadas simplemente a la manera de ejemplos ilustrativos*”.

Santamaria não se furta a retomar os alertas de Michel Foucault contra o raciocínio por semelhança, lembrando que a analogia pode servir como procedimento de identificação, anulando as diferenças sob a pressuposição de um conteúdo que as faz intercambiáveis. Mas tal procedimento confia numa imagem estrutural do ser, enquanto Simondon indaga os seres pelo que fazem. A analogia que convém comunica operações, correndo entre estruturas para alterá-las: não é que o sofista e o pescador sejam semelhantes, é que o esquema de *pescar* neles se individua, diferente a cada vez. Não por vínculos de isomorfismo, a analogia procede, segundo Santamaria, criando nexos isodinâmicos.

Os primeiros volumes argentinos de MEOT e ILFI publicam-se em 2007 e 2009, e a recepção latino-americana desperta notavelmente para questões de estilo, o que começa por Santamaria e se amplia com Pablo Rodríguez, que descobre no ponto-vírgula um signo do pensamento em transdução. Rodríguez trabalha nas traduções argentinas e desenvolve as interfaces de Simondon com a comunicação, a informação e os problemas do controle e da biopolítica, tal como expostos em Deleuze e em Foucault. É Rodríguez (2016a) quem narra a chegada da bibliografia simondoniana a um continente que, no início dos 2000, afluía ao cabo de um ciclo neoliberal: a resistência alteromundista às políticas de George W. Bush então conhecia as teses de *Império*, e o interesse pela ideia de multidão levaria de Toni Negri (2003) a Paolo Virno (2005), que pensa a multidão em termos de individuação. A América Latina vai lendo Simondon para afirmar a multidão como potência-motora do mundo.

Jean-Yves Chateau (2010) apresenta-nos a alguns dos principais cursos de Simondon, entre eles aquele sobre a comunicação, que leva prefácio seu. Em 2008, o filósofo publica *Le Vocabulaire de Simondon*. No mesmo ano, a tese de Ludovic Duhem desenvolve a tecnoestética em direção ao design e à filosofia da arte. A pesquisa pelas implicações políticas das teses simondonianas ganha uma importante contribuição em 2010 com *Epistemologia e politica in Gilbert Simondon: individuazione, tecnica e sistemi sociali*, livro de Andrea Bardin (2015), que difunde o pensamento de Simondon na Itália e na Inglaterra, onde leciona. O italiano Giovanni Carrozzini publica em 2011 *Gilbert Simondon filosofo della "mentalité technique"*. Nesse mesmo ano, Baptiste Morizot defende uma tese afirmando o acaso como motor do processo de individuação; intitulada *Hasard et individuation: Penser la rencontre comme invention à la lumière de l'oeuvre de Gilbert Simondon*, a tese de Morizot é de grande interesse para a comunicação, no que desenvolve uma teoria dos encontros individuanes.

A Unicamp recebe em 2012 o colóquio *Informação, tecnicidade, individuação: a urgência do pensamento de Gilbert Simondon*, em que figuram Laymert Garcia dos Santos, Eduardo Viveiros de Castro, Peter Pál Pelbart. Em 2013, realiza-se na Normandia o colóquio *Gilbert Simondon et L'invention du Futur*, organizado por Barthélémy e Vincent Bontems, engenheiro que havia defendido em 2004 uma tese apresentando afinidades entre Simondon e a epistemologia de Gaston Bachelard. O evento rende uma publicação homônima em que contribuem 29 pesquisadores. Buenos Aires sedia o primeiro *Colóquio Internacional Gilbert Simondon* em abril de 2013 e hospeda uma segunda edição em 2015. O evento segue em 2017 para o Rio de Janeiro, promovido pela Escola de Comunicação da UFRJ, e para São Paulo em 2018, organizado pelo Departamento de Filosofia da USP.⁴⁰ Os encontros fortalecem uma articulação binacional de pesquisadores argentinos e brasileiros, do que resulta um dossiê publicado em 2017 pela revista *Eco-Pós*⁴¹, do PPG em Comunicação e Cultura da UFRJ.

Consulte-se a tabela 2, em anexo, para um vislumbre da reverberação de Simondon no Brasil. Listamos ali as dissertações e teses brasileiras que mencionam o filósofo, segundo busca realizada no portal da Capes ao dia 19 de setembro de 2020. Desde 1997, data do documento mais antigo, somavam-se 69 trabalhos⁴², ou três por ano, com picos de 14 defesas em 2013 e 2017.

Vemos a comunicação solicitar Simondon para responder a problemas de mediação tecnológica e actância de objetos. O Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP lista três trabalhos, envolvendo orientações de Lucrécia D'Alessio Ferrara, Helena Katz e Lucia Santaella, que orienta na área do Design a primeira tese brasileira a articular a filosofia de Simondon à semiótica de Charles S. Peirce. Na tese de Isabel Jungk (2017) sobre ontologias planas, a ação sígnica aparece antes transdutora que tradutora, alinhando-se Simondon ao caráter de desenvolvimento e crescimento que Peirce atribui aos processos semióticos; daí o signo se defina como uma unidade transdutora através da qual “novas formas são trazidas à concretude” (JUNGK,

⁴⁰ Vídeos disponíveis em: <https://filosofia.fflch.usp.br/node/2152>.

⁴¹ Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/issue/view/783.

⁴² Compare-se com o também pensador da técnica Vilém Flusser (374 resultados), o seu mentor Merleau-Ponty (1.055) e os filósofos Charles S. Peirce (841) e Gilles Deleuze (2.543). No recurso a Simondon predominam problemas de educação e aprendizagem, filosofia, psicologia e artes. Pode-se remontar as frequências à oferta de orientação, casos de Virginia Kastrup (UFRJ) em Psicologia e do sociólogo Laymert Garcia dos Santos (Unicamp), que orienta em sua área dois dos trabalhos listados. Liliana da Escóssia Melo, após defender tese em Psicologia em 2004 articulando a individuação transindividual e a microssociologia de Gabriel Tarde, orientou dois trabalhos na Universidade Federal de Sergipe que solicitam o enciclopedista. Na UFRGS, ressalta-se como orientadora de três trabalhos Tania Mara Galli Fonseca, do PPG de Psicologia Social e Institucional.

2017, p. 221). No Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS, uma leitura tecnopoética em Angela Longo (2017), orientada por Nísia Martins do Rosário, relaciona a concretização simondoniana e o que Deleuze e Guattari chamaram de máquina abstrata.

Entre as produções oriundas da filosofia, chama atenção a dissertação de Lucas Sanches Vilalta, que, sob orientação de Silvana de Souza Ramos (USP), percorre praticamente toda a obra disponível de Simondon para discutir suas implicações éticas. Esse amplo esforço de revisão habilita Vilalta (2017, p. 46) a detectar a persistência da triadidade no modo como Simondon desmonta e expõe processos estruturantes. A dissertação aporta contribuições diretas à comunicação, conferindo ênfase inusual ao caráter instituinte da comunicação no pensamento de Simondon: “a realidade do ser é uma comunicação entre relações de relações” (VILALTA, 2017, p. 9). Seria comunicacional a ética simondoniana: compatibilização dos incompatíveis, a comunicação

não é para o filósofo algo que ocorre posteriormente ao devir do ser, ou seja, posterior à ontogênese; a comunicação é correlata à realidade metaestável inicial do ser, ela é a condição do devir [...]. A comunicação é, assim, anterior à informação, à individuação e ao devir. [...] Podemos dizer que a individuação é a comunicação em operação. (VILALTA, 2017, pp. 60-61)

Simondon ainda suscita uma bonita concepção de comunicação na tese que Vinicius Portella Castro apresenta no domínio das letras para transbordar a centralidade das mídias e alcançar uma *poiesis* elementar:

Quando digo redes de comunicação, não quero apenas dizer no sentido mais imediato de redes técnicas, como o rádio ou a Internet, mas também no sentido da comunicabilidade geral da matéria (à maneira como a água se comunica em lençóis freáticos e emerge na forma de seres vivos complexos, ou como a faca comunica a sua voragem material em João Cabral). (PORTELLA CASTRO, 2019, p. 14)

A pesquisa em educação, finalmente, está em bom lugar para experimentar o paradoxo de que uma comunicação maquínica a um só tempo individue e *desindividue*. Crescendo desde zonas não-humanas de afasia, zonas de choques que interrompem a associação de imagens e que modificam os sistemas de sentido, a comunicação não passa sem desindividuar(-se), como demonstra Gustavo de Almeida Barros (2015) a partir da pedagogia infantil, território de desindividuações singularizantes⁴³, segundo uma

⁴³ A educação, sob esse viés, supõe inventar-se um corpo outro: “não teria o corpo simultaneamente múltiplos processos de *singularizações*? [...] [E] um processo de *singularização* não é antes de mais nada uma *desindividuação*?” (BARROS, p. 2015, p. 9).

dissertação que interessa também por seu extenso fichamento de textos sobre Simondon e a educação.

2 ELEMENTOS PARA UM MATERIALISMO DA COMUNICAÇÃO

Propomos um percurso de leitura que comece considerando alguns dos conceitos mais caros ao pensamento de Simondon, de modo que a comunicação venha pelas margens até que, na sua própria hora, constele com pertinência as suas peças. A sua firmeza própria a comunicação prepara, portanto, com o que se encontra fora dela, mas um fora que fosse um seu avesso incluso.

Selecionamos três termos que indagam diferentes aspectos da condição material da comunicação.

As singularidades são os menores elementos comunicantes e afirmam a realidade do encontro. Suas personagens impassíveis são as pedras e os rios, por real a vagueza divergente do singular, em que vão contemporâneos o fluxo e o corte, a interrupção de um processo e o começo de outro. Essa entrada dialoga com a semiótica peirceana para abordar o fenômeno macroscópico como resposta interpretante ao problema singular, em cujo nível não se distinguem objetos ou sujeitos. Não é que falte algo ao singular – é que ele experimenta uma copresença caótica de ordens incompatíveis que se recobrem sem se resolver, pendendo uma mediação que estabilize um acoplamento reversível, tal como aquele entre uma ordem objetiva e uma ordem subjetiva. Em Simondon, é mesmo a singularidade que assegura a mediação entre séries incompatíveis.

A informação indaga pelo acontecimento que terá conduzido de um não-formado até a forma, como do caos sinalético até o sentido. Essa entrada quis estudar as premissas dualistas que estruturam a teoria matemática da comunicação e a cibernética, que pensam a informação de maneira ligeiramente diversa: de uma à outra, a informação passa de um imperativo transmissivo para um imperativo de (auto-)organização, e lá como cá a comunicação fica vinculada às palavras de ordem e hostil às suas fronteiras entrópicas, onde correm os seus devires. Põe-se o problema da informação à luz da passagem entre o acaso e a regra, para que uma diferença informativa, capaz de afetar e alterar o funcionamento de uma recepção qualquer, encontre a sua versão intensiva, esquiva à lógica transmissiva e ao balizamento disciplinar.

A metaestabilidade mais claramente nos faz afirmar uma potência do acaso contra os sistemas de equivalência e troca, em que reconhecemos uma função de morte. A coesão tensiva do signo simondoniano traduz-se num quase-sistema cujo desequilíbrio não carece precipitar até um ponto de equilíbrio, e em movimento de distensão a comunicação antes deixaria efeitos cristalinos. A metaestabilidade sugere um entretempo de acronia

que, percorrido pela distensão individuante, assume o direito de ter passado e deixa um cristal de tempo capaz de comunicar-se ao porvir – é nesse sentido ao menos duplo que se entenderá o que Simondon chama de símbolo.

2.1 As singularidades como elementos vagos

Ora, nesse catar feijão entra um risco:
 o de que entre os grãos pesados entre
 um grão qualquer, pedra ou indigesto,
 um grão imastigável, de quebrar dente.
 Certo não, quando ao catar palavras:
 a pedra dá à frase seu grão mais vivo:
 obstrui a leitura fluvante, flutual,
 açula a atenção, isca-a com o risco.

João Cabral de Melo Neto

Este subcapítulo aborda os elementos da filosofia de Gilbert Simondon, responsiva a encontros epistemológicos da primeira metade do século 20. Cabe chamar “limiars” esses elementos motores em que Simondon colhe problemas por responder. Os limiars problemáticos não são de todo particulares, e concernem mudanças em atmosfera, variações de ressonância ecológica; mas tampouco são gerais, se contatos os mais localizados revolvem já uma espera desequilibrada, uma vaga indefinida de tempo. Os limiars são singulares, e comunicam problemas tão íntimos quanto pré-pessoais. No seu ser singular, os limiars parecem paradoxais, pois sugerem a contemporaneidade corte-fluxo, a mistura indiscernível das formas e a fissura irreduzível entre elas. Um limite problemático não obsta sem antes dar testemunho de potenciais reais, não contraria sem antes sugerir a “existência, entre forma e matéria, de uma zona de dimensão média e intermediária – aquela das singularidades que são o encetante do indivíduo na operação de individuação” (ILFI, p. 73). Simondon quis positivar a distância como descontinuidade-motriz: encaminhava-se um plano de continuidade crítica, capaz de afirmar uma natureza internamente incompatível.

2.1.1 Do encontro problemático

Simondon traduz as descontinuidades como “singularidades”, termo com que o experimento científico responde a abeiramentos inobserváveis ao caos e às bifurcações catastróficas. As singularidades noticiam a interrupção de um funcionamento harmônico. A relatividade de Einstein, por exemplo, colapsa em pontos singulares onde os corpos fazem linha com o infinito, de tanto se adensarem no espaçotempo. Os pontos singulares animam, em física, hipóteses acerca da origem do universo e da condição de certos objetos celestes paradoxais.

Essa fecundidade hipotética segue da definição matemática de um limite: de um conjunto ou objeto, a singularidade diz o ponto extraordinariamente insubordinado. Na projeção quincuncial de Peirce, por exemplo, as singularidades ficam nas pontas de cada quadrante, ali onde as linhas mudam bruscamente de direção e saem desdobrando um mosaico de n mundos em multiplicação fractal. Simondon extrairá dessa fissura fértil uma teoria da relação:

A noção de descontinuidade deve devir essencial à representação dos fenômenos para que uma teoria da relação seja possível: ela deve se aplicar não apenas às massas, mas também às cargas, às posições de estabilidade que partículas podem ocupar, às quantidades de energia absorvidas ou cedidas numa mudança de estrutura. (ILFI, p. 139)

A singularidade aparece aí como semente de forma, como germe para uma indefinida capacidade de crescimento. A primeira tradução brasileira da tese principal de Simondon escreve “encetante” (ILFI, p. 47), reforçando a imagem de um gatilho que provoca o começo de um processo. A interrupção do fluxo marca o começo da forma: assim uma pedra, enquanto estanca o fluxo de areia, enceta a formação da duna.

Cisco iscando um rio, a singularidade evocou João Cabral, poeta de fluíres impassíveis, que são fluíres de minério, de morte e de vida. Morte-vida, interromper-incitar, sentidos incongruentes se superpõem no instante singular, instante da contemporaneidade entre o corte descontínuo e o fluxo contínuo. Se a comunicação tem por elemento a singularidade, no seu elemento a comunicação vagueia, assumindo uma pluralidade indefinida de posições e gradações. É nesse sentido que o elemento é germe, potencial. Virtualmente plural, o elemento singular se diz da suspensão concreta de um fluxo, do questionamento de um fluxo por um encontro: “Nesse sentido, a individuação de uma forma alotrópica parte de uma singularidade de natureza histórica” (ILFI, p. 106).

Adotando os termos de praxe da teoria da comunicação, valeria nomear “receptor” aquele meio capaz de hospedar e propagar singularidades. A semiótica de Peirce deixa chamar esses meios de “interpretantes”. Um meio interpretante é aquilo em que há código, repetição periódica. Uma singularidade vem engasgar a harmonia do acorde interpretante, incitando decifração enquanto jamais corresponde, reitera ou confirma o código. Diremos então que é insubordinável a singularidade.

Que a comunicação tenha limiares paradoxais por elementos prevê antes a sua insubordinação do que qualquer falta de objetividade. Expressar a sua passagem insubordinável é a condição de uma comunicação que não cessa de margear algo de não-comunicável. É que a singularidade provoca respostas enquanto persiste problemática.

Para Edmund Husserl (1965, p. 116), o acontecimento singular escapa à tradução inteligível e a toda experiência consciente: “Para a fenomenologia, o singular é eternamente o *ápeiron*”. Mas o fenomenólogo não abandona de todo a questão. Atraído pelo problema do nascimento da geometria, Husserl (1989) toca rumo ao singular, para ver em que condições “objetividades ideais” podem transmitir-se de uma geração humana a outra. Cogita dizer que a língua é que concebe e estabiliza o objeto ideal, mas isso apenas desloca o problema, que passa a tratar do nascimento da linguagem. Pensando em termos de origem histórica, Husserl então imagina uma época pré-geométrica de corpos deformáveis, quando antigas gerações teriam preparado as condições afetivas para a reprodução intersubjetiva das formas. A forma geométrica, em sua objetividade ideal, advém da deformação material, do entrecchoque de corpos⁴⁴, e eis que um círculo, antes de rematado em sua perfeição lógica, teve de esperar que a mão arredondasse materiais no sentido de uma qualidade redonda: primeiro o arredondar, depois uma rotundidade encarnada, e então o círculo ideal intersubjetivo. Vilém Flusser divulga essa lição husserliana:

Pego por exemplo uma pedra pontuda e a utilizo como faca. Essa faca é uma memória. Nessa pedra guardo a informação cortar ou abrir. Quem, depois de mim, pegar essa pedra na mão pode acessar a informação a partir da pedra. A informação está publicada, intersubjetivada e, ao mesmo tempo, guardada na pedra. (FLUSSER, 2015, p. 54-55)

A pedra hospeda um infinitivo contínuo que avizinha a geometria ao irracional: a tentativa de *enquadrar* a área de um círculo, por exemplo, leva a fracionamentos que não cessam de falsear a expectativa de uma conclusão estável, ao que a geometria responde declarando transcendente uma série numérica *pi*, decorrente da renovação perpetuada do enquadrar em sua materialidade de gesto contínuo, topológico; o infinitivo persiste irracional por conta de sua incomensurabilidade, e é dito transcendente enquanto resposta vaga, evasiva à sua própria unidade.

Deleuze (2005b, p. 370) diz que, na busca pela origem da geometria, Husserl fica perto de experimentar a fluidez e a anexatidão de uma “matéria portadora de singularidades e de traços de expressão”. Acrescenta Deleuze que, ao suspeitar de uma essencial vagueza das formas, Husserl pressente uma “materialidade vagabunda” a ser afirmada a pleno por Simondon.

⁴⁴ O jovem Jacques Derrida (1989) dedica a esse texto de Husserl uma dissertação discorrendo sobre o paradoxo de que a escritura seja, para a idealidade fenomenológica, tanto condição de gênese quanto risco de desaparecimento.

Se uma materialidade vagabunda não assume tão cedo a forma do objeto, é que um objeto aparece já em resposta à vagabundagem posta, que é problemática. Simondon trata o objeto por resíduo excepcional de um longo encadeamento de associações resolutivas, valendo dizer que um objeto se individua como um problema se responde: percebo o objeto como passível de ser manipulado ou ignorado, e é sob esse hábito desde já subjetivado que me asseguro da possibilidade de desviar do objeto. Resulto sujeito, nesse sentido, em contrapartida a um estado de coisas que não mais questiona as premissas do meu agir no mundo.

Do limiar que questiona a ação, ao contrário, já não desvio sem ter sido compelido a desviar, isto é, sem ter sido desviado. O próprio encontro é que então desvia, cresce e multiplica, germe de pensamento em terra sem regente. Mais elusivo e mais insistente que um objeto individuado, um problema não se abandona ultrapassado, decorrido, sem retornar numa impassibilidade cristalina:

No meio do caminho tinha uma pedra
 tinha uma pedra no meio do caminho
 tinha uma pedra
 no meio do caminho tinha uma pedra.
 Nunca me esquecerei desse acontecimento
 Na vida de minhas retinas tão fatigadas.
 Nunca me esquecerei que no meio do caminho
 tinha uma pedra
 tinha uma pedra no meio do caminho
 no meio do caminho tinha uma pedra.
 (DRUMMOND DE ANDRADE, 2013, p. 237)

O poeta não ultrapassa a pedra, que volta de novo no meio, uma pedra tal que, já tendo sido, ainda volta. Cortando o caminho e voltando a cortar, a pedra comunica uma singularidade problemática: um risco na lembrança, e a lembrança em risco. O irreversível desse encontro surpreendente mora, precisamente, no seu retorno incessante.

É que, em vez de se reportar o acontecimento a uma origem cronológica absoluta, a comunicação indaga o instante, na medida mesma em que o instante indaga um tempo vagabundo, sem começo nem fim: “Cada pensamento, cada descoberta conceitual, cada surgimento afetivo é uma retomada da individuação primeira” (ILFI, p. 392). Paolo Virno (2005, p. 107, trad. nossa) explicita as consequências políticas dessa ideia dizendo que o ato inaugural “permanece sempre em primeiro plano”, de sorte que “a pré-história penetra em cada momento histórico singular”.⁴⁵

⁴⁵ No original: “*El acto inaugural no se hunde en un ‘otro momento’ ya archivado, sino que permanece siempre en primer plano, concomitante a todas las articulaciones concretas de la praxis social y de la política. La prehistoria penetra en cada momento histórico singular.*”

Haveria algum projeto expressivo especialmente apto a comunicar o tempo vago do acontecimento? Simondon entende que o enciclopedismo assume exemplarmente a tarefa de viabilizar uma comunicação insubordinável: quando menos em projeto, a enciclopédia possibilita que diferentes “elementos do saber” comuniquem sem subordinação, num tecido de efetivos encontros epistemológicos, um cristal em crescimento indefinido que vale por cada uma de suas entradas singulares. Não precisamos ficar por aí, como a enciclopédia determinasse a destinação coletiva da comunicação. Veja-se o simondonismo abastecendo a tradução deleuzeana do cinema de Federico Fellini como cinema produtor de imagens diretas do tempo:

Não há unidade de Roma, só a do espetáculo que reúne todas as suas entradas. O espetáculo se torna universal, e não para de crescer, precisamente porque não tem outro objeto além das entradas no espetáculo, que, nesse sentido, são outros tantos germes. Amengual definiu muito bem essa originalidade do espetáculo em Fellini, sem distinção de quem olha e de quem é olhado, sem espectadores, sem saída, sem bastidores nem palco: menos um teatro que uma espécie de gigantesco Luna-Park, no qual o movimento, que se tornou movimento do mundo, nos faz passar de uma vitrina a outra, de uma entrada a outra, atravessando os compartimentos. [...] o cristal de Fellini não comporta rachadura alguma pela qual se poderia ou deveria sair para alcançar a vida; mas tampouco tem a perfeição de um cristal prévio e talhado, que reteria a vida para congelá-la. (DELEUZE, 2018, p. 134)

Na leitura de Laymert Garcia dos Santos (2012), o coletivo simondoniano dá bem antes um coletivo de xamãs do que de enciclopedistas. Enciclopédia, parque de diversões, transmutação xamânica: não é que a comunicação se eleva a uma máquina de todas as máquinas – é que, ao contrário, ela alastra em horizonte uma caos-coerência; e não é que a comunicação ande em falta de objeto – é que, tendo por objeto uma dispersão de limiares críticos, ela anda com o passo suspenso, em desequilíbrio, alcançando o tempo da invenção:

A que situação corresponde a invenção? A um problema, quer dizer, à interrupção de uma execução operatória contínua em seu projeto por um obstáculo, por uma descontinuidade que cumpre o papel de uma barreira. [...] hiato e incompatibilidade são os dois modos problemáticos fundamentais.⁴⁶ (IMIN, p. 157)

Pedra cortando o caminho, descontinuidade cumprindo o papel de barreira: devemos concluir que a singularidade “contradiz” uma ação que andava em harmonia?

⁴⁶ No original: “A que situación corresponde la invención? A un problema, es decir a la interrupción de una ejecución operatoria continua en su proyecto por un obstaculo, por una discontinuidad que juega el rol de una barrera. [...] hiato e incompatibilidad son los dos modos problemáticos fundamentales”.

Deve a comunicação afirmar o encontro pela negação do movimento, pelo impedimento de um ímpeto de ida?

Experimentamos o problema não tanto como negação quanto suspendendo a resposta numa pluralidade de perspectivas incongruentes entre si. Desde o ponto de vista do espaço da ação, o problema pode mesmo apresentar alternativas que se entrecruzam, mas nosso desafio está em descobrir no problema uma saturação de potenciais para uma ação nova, como para uma interpretação nova. Um problema não corta a corrente interpretativa sem abri-la a um tempo de espera crítica, tempo nem de sucessão, nem de sincronia. Não mais o dilema hesitante entre ordens possíveis (*double bind*), o tempo singular é aquele de um intervalo que guarda as condições para um sentido qualquer:

O espaço hodológico já é o espaço da solução, o espaço significativo que integra os diversos pontos de vista possíveis numa unidade sistemática, resultado de uma amplificação. Antes do espaço hodológico há esse acasalamento das perspectivas que não permite apreender o obstáculo determinado, porque não há dimensões relativamente às quais o conjunto único se ordenaria. A *fluctuatio animi* [“flutuação da alma”] que precede a ação resolvida não é hesitação entre vários objetos ou até mesmo entre várias vias, mas recobrimento movente de conjuntos incompatíveis, quase semelhantes, e todavia díspares. (ILFI, p. 313)

A *fluctuatio animi* remete a Spinoza, que diagnostica a paixão sintomática da copresença de afetos contrários⁴⁷, antecipando em três séculos a teoria do *double bind*. Marilena Chaui (2011) acautela que a *fluctuatio animi* guarda a mais terrível das paixões, e sabemos que a teoria do duplo vínculo explica a patogênese do sofrimento esquizofrênico. Ora, Simondon alega que esse terrível momento dilemático, tanto mais por suprimir as condições do agir, desce a uma zona que não conhece contrariedade, saturada de um “recobrimento movente” de perspectivas incompatíveis. Ainda outra vez, a zona do problemático se caracteriza não pela negação, mas por suspender o campo dual que condicionava o tempo ao tempo da ação e a ação à reatividade do negativo. A ação então se extrai a uma sobreposição caótica pré-pessoal, em vias ainda de se dividir outra vez. Em contraste com a abordagem fenomenológica, o tempo do nascimento das formas não mais se traduz na trama intersubjetiva, exigindo conceber um plano em si mesmo anexato, não-métrico, afásico.⁴⁸

⁴⁷ Cf. proposição 17 da parte III da *Ética* (SPINOZA, 2007, p. 185).

⁴⁸ Consultamos Anne Sauvagnargues (2010) e a tese de doutorado de Alex Jardim (2007) para Simondon como o intercessor de Deleuze na elaboração de um campo transcendental povoado já não pelo sujeito, e sim por hecceidades.

2.1.2 Mediação suspensa sobre o sem-fundo

François Dosse (2013) diz que a historiografia tende a arrazoar o acontecimento singular na causalidade linear e a dispensar descontinuidades em proveito de uma longa duração a rigor imóvel. Muitas vezes essa tendência planificadora rendeu metáforas bonitas do acontecimento: “Para quem contempla a ordem geral e a sequência inteira dos fatos, nenhum acidente particular parece digno de estudo. Eles são, no oceano das coisas humanas, flutuações de ondas que desaparecem uma sob a outra”⁴⁹ (BOURDEAU, 1888, p. 122). Ocorre que o passado segue em primeiro plano no instante comunicante: se vale desdobrar a comunicação num *plano*, é bem porque a coesão singular indaga todos os nomes da História, no sentido nietzscheano de uma irrupção extemporânea em que as tendências se misturam, se embatem e se dissociam. A ordem geral do mar se diz de uma concomitância vaga de incontáveis ordens, desde que o mar “resiste em sua alteridade”, para lembrar o que Lúcia Santaella (1995, p. 44) diz sobre o objeto da semiótica. Aquilo que interessa comunicar – e tão somente o que, com efeito, comunica – é aquilo que, relativamente a uma ordem dada, resiste em alteridade insubordinada, não-integrável.

Na semiótica peirceana, a interrupção de uma ordem geral por uma singularidade problemática definirá o âmbito de uma “secundidade” que opõe, ao processo mental, a reação fática de uma realidade brutalmente existente: “Estamos continuamente colidindo com o fato duro. Esperávamos uma coisa ou passivamente tomávamo-la por admissível e tínhamos sua imagem em nossas mentes, mas a experiência força essa ideia ao chão e nos compele a pensar muito diferentemente” (CP, 1.324). A experiência compele o pensamento a mudar de rota, rompe com o automatismo da ação e com o eixo sucessivo do tempo. Sob o aspecto de sua brutalidade fática, o objeto-pensamento se acha *in futuro*, isto é, virtual. Um objeto só “insiste” (IBRI, 1992, p. 35) para a razão mediadora que o prolonga no tempo, o objeto assumindo a duração naquela resposta interpretante que o problema terá incitado. Sujeito e objeto aparecem correlacionados ao termo virtual desse processo geossemiótico que podemos chamar de comunicação.

Quando estuda objetos técnicos, Simondon concebe um processo tecnogeográfico de *concretização* que enfrenta sucessivas crises de desadaptação a caminho de traçar um

⁴⁹ No original: “Pour qui contemple l'ordre général et la suite entière des faits, aucun accident particulier ne paraît digne d'étude. Ce sont, sur l'océan des choses humaines, des fluctuations de vagues qui s'effacent l'une l'autre.”

continuum entre variações ecológicas e variações mentais.⁵⁰ Mas essa condição configurada é uma condição de objetividade para além da tematização pela técnica. Se uma comunicação idealista erraria ao supor que os sujeitos antecedem o encontro, um empirismo não-comunicacional erraria ao supor objetos anteriores ao ato de conhecer: “Acreditar que o sujeito apreende de uma vez formas totalmente constituídas é acreditar que a percepção é um puro conhecimento e que as formas estão inteiramente contidas no real” (ILFI, p. 364). Um objeto é a abstração figural de uma hecceidade ecológica, resultado de concretização, “sistema de forças” (ILFI, p. 346):

O objeto é uma realidade excepcional; de maneira corrente, não é o objeto que é percebido, mas o mundo, polarizado de maneira tal que a situação tenha um sentido. O objeto propriamente dito só aparece numa situação artificial e, de certo modo, excepcional. (ILFI, p. 361)

Simultaneamente e em contraface, “a percepção não é a apreensão de uma forma, mas a solução de um conflito, a descoberta de uma compatibilidade, a *invenção* de uma forma” (ILFI, p. 349, grifo no original). Sem que o polo sujeito configure o mundo objetivo, tudo se decide naquela fresta de indiscernibilidade em que a comunicação institui um acoplamento “geralmente recíproco” (CI, p. 69). Mas, em vez de conduzir as partes até um acordo, a comunicação zigzagueia entre as partes e as arrasta em bloco “comum”. O zigzague entre os comunicantes requer um excedente: uma fresta de indiscernibilidade relaciona Zaratustra e o equilibrista moribundo que a plateia abandonara a uma morte tão solitária quanto percorrer um fio esticado sobre o abismo; lampejada nesse instante fraterno, a revelação do destino do super-homem não pertence a Zaratustra e tampouco ao equilibrista: “o sujeito transcendental não opera uma escolha; ele mesmo é escolha, concretização de uma escolha fundadora de ser” (ILFI, p. 393). A

⁵⁰ “Não se trata, com efeito, de um progresso compreendido como marcha até um sentido fixado de antemão, nem de uma humanização da natureza; esse processo poderia muito bem aparecer como uma naturalização do homem; entre homem e natureza se cria, com efeito, um meio tecnogeográfico que não devém possível senão pela inteligência do homem; o autocondicionamento de um esquema pelo resultado de seu funcionamento necessita o emprego de uma função inventiva de antecipação que não se encontra na natureza nem nos objetos técnicos já constituídos; é uma obra de vida fazer um salto por sob a realidade dada e sua sistemática atual no sentido de novas formas que só se mantêm enquanto existem em conjunto como sistema constituído” (MEOT, p. 56, trad. nossa). No original: “*Il ne s’agit pas en effet d’un progrès conçu comme marche dans un sens fixé à l’avance, ni d’une humanisation de la nature; ce processus pourrait aussi bien apparaître comme une naturalisation de l’homme; entre homme et nature se crée en effet un milieu techno-géographique qui ne devient possible que par l’intelligence de l’homme: l’auto-conditionnement d’un schème par le résultat de son fonctionnement nécessite l’emploi d’une fonction inventive d’anticipation qui ne se trouve ni dans la nature ni dans les objets techniques déjà constitués; c’est une œuvre de vie de faire ainsi un saut par-dessus la réalité donnée et sa systématique actuelle vers de nouvelles formes qui ne se maintiennent que parce qu’elles existent toutes ensemble comme un système constitué*”.

comunicação inventiva concerne, pois, às estruturas tanto do objeto quanto do sujeito – mais que uma forma, ela inventa uma configuração perceptiva, um mundo.

Embora Simondon costume aproximar pensamento crítico e reflexividade, a polarização reflexiva responde a uma fissura problemática aberta a uma multidão de movimentos incongruentes. É sem supor termo original que a comunicação multiplica espelhos e falseia a estabilidade das formas, varrendo consigo a hierarquia platônica entre original e cópia, dando-se antes como disparate do que como reflexão. A separação entre sujeito e objeto deixa de constituir premissa para virar resíduo de uma máquina comunicante que, em seu ponto mais uterino, é estranheza emergente:

A verdadeira filosofia primeira não é a do sujeito, nem a do objeto, não a de Deus ou de uma Natureza buscados segundo um princípio de transcendência ou de imanência, mas a de um real anterior à individuação, de um real que não pode ser buscado no objeto objetivado nem no sujeito subjetivado, mas no limite entre o indivíduo e o que resta fora dele, segundo uma mediação suspensa entre transcendência e imanência. (ILFI, p. 401)

Tem-se aí uma definição do que seja a comunicação para Simondon: mediação suspensa entre pelo menos duas hipóteses incompatíveis, como entre o empirismo e o idealismo. A comunicação envolverá três termos pelo menos: duas séries díspares e uma singularidade intervalar, entredois, em derramamento multidimensional. Finalmente, estaremos em tempo de antecipar o caráter sógnico dessa “mediação suspensa”. Com efeito, é diante da insuficiência de “critérios estáticos” que Simondon recorre ao signo para explicar como uma resposta coesa se extrai à vagueza ruidosa que mistura os seres:

Os critérios estáticos, como os dos limites materiais e mesmo do corpo de cada indivíduo, não são suficientes. Casos como a associação, o parasitismo, a gestação, não podem ser estudados mediante os critérios espaciais ou puramente somáticos, no sentido habitual do termo, quer dizer, anátomo-fisiológico. Segundo a distinção entre sinais e significação, diremos que há indivíduo quando houver processo de individuação real, ou seja, quando significações aparecem; *o indivíduo é aquilo pelo qual e no qual significações aparecem*, enquanto entre os indivíduos só existem sinais. O indivíduo é o ser que aparece quando há significação; reciprocamente, só há significação quando um ser individuado aparece ou se prolonga no ser, individualizando-se[.] (ILFI, pp. 390-391, grifos no original)

Esse é um ponto importante, em que as comunicações simbióticas exigem ao enciclopedismo simondoniano que acuse os limites do fisiologismo científico, isto é, que denuncie o conhecimento que pauta o corpo como organismo separado, idealmente abstraído da trama sógnica que permitiria singularizá-lo. Estaremos diante de um pensamento que afirma uma zona de indiscernibilidade entre as formas enquanto aspira a uma precisão mais sutil do que a métrica, já que toma cada bloco de realidade como

inseparável de uma assinatura espaçotemporal. A diferença será uma diferença no curso do tempo.

2.2 A informação como variação de sentido

A comunicação permitiria desmontar as descrições substancialistas e hilemórficas do indivíduo. Simondon estará especialmente em embate com o hilemorfismo, que apela à noção de forma para distinguir os seres entre si. Uma tal assimilação da diferença à forma, em vez de pertencer à ciência antiga, organizaria o conceito de informação nascente no século 20, quando menos em sua difusão cibernética, que funda a ciência da comunicação como uma ciência do controle. A desmontagem do conceito de informação deve contribuir para uma clínica das modulações inconscientes que passaram a reger a vida em sociedade de um século para cá, e a contribuição simondoniana reside notavelmente no desfazimento da oposição entre matéria e forma, matriz de uma porção de dualismos que, segundo ele, não dão conta de pensar uma informação significativa, capaz de afetar e modificar o funcionamento de uma recepção qualquer. A sua hipótese de uma informação intensiva, irreduzível ao balizamento disciplinar, abre vias para uma imanência das invenções de forma. Sentimos que a força e a profundidade da tese intensiva se revelam no confronto com as informáticas probabilística, de Claude Shannon, e neguentrópica, de Norbert Wiener, dois modelos interpretativos cujas implicações micropolíticas passamos a estudar.

2.2.1 Premissas dualistas do controle informático

Basta haver o acima e o abaixo, o longe e o perto, o ontem e o agora para que se configure uma situação formada. Mas a informação, aludindo ao movimento de um não-formado até a forma, alude à atividade que terá configurado aquela situação. A informação não se absorve pois à forma, sugerindo uma tomada de forma, como uma confusão indistinta ganhasse distinção, como o *nonsense* se ordenasse. O que as teorias fundantes da comunicação dizem dessa passagem entre o não-formado e a forma?

A engenharia transmissiva experimenta na comunicação um sentido afetivo e uma aptidão de alterar condutas, e a comunicação assim se candidata a decifrar os funcionamentos da máquina, do diálogo e da consciência: “A palavra comunicação será aqui utilizada em um sentido bastante amplo para incluir todos os procedimentos pelos quais uma mente pode afetar outra” (WEAVER, 1964, p. 3, trad. nossa). O problema comunicacional se explica pelo afeto, mas o afeto se submete a uma seta de A para B. Weaver não considera ser outro quem nos afeta: amarra-se à premissa de uma agência una consigo mesma e posta sobre o outro. A teoria da comunicação fica, desde então, votada ao polo emissor de sinais, aspirante a não mais do que “reproduzir em um ponto

[receptor], seja exatamente ou aproximadamente, uma mensagem selecionada em outro ponto [emissor]” (SHANNON, 1948, p. 379).

O que primeiro caracteriza o emissor é a prerrogativa de selecionar, e o engenheiro encena o processo formativo como ato de escolha. Para pensar a escolha, ele dispõe não apenas de um conjunto de peças combináveis; reconhecendo por simbólicas tais peças, o engenheiro também dispõe de regularidades composicionais que ele traduz em cálculo probabilístico. A régua estatística, se afere tendências majoritárias, pode também medir o quão inesperado é cada arranjo de peças, e eis que a versão matemática da informação nasce elogiando a liberdade de composição: “informativo” será escolher as combinações infrequentes entre as disponíveis. Conhecidas as peças do alfabeto e calculadas as dominâncias que regulam a composição frasal num idioma, a frase informativa será aquela que mesclar as letras de maneira insólita.

Mas a liberdade composicional (a informação) só ficou mensurável depois de circunscrita a escolha a um conjunto de alternativas discretas que revela, desde já, uma escolha feita. Essa primeira escolha ficava acima e atrás da missão transmissiva, cuja tarefa de copiar um selecionado original incide não apenas sobre o canal e o receptor, mas também sobre o próprio emissor. É que interferências não param de comunicar variações estranhas ao selecionado, e em toda parte irrompem escolhas diferentes. Para complicar, tais variações extracódigo parecem mais informativas quanto mais imprevisíveis, já que o critério estatístico não vê motivo para dividir o misto sinalético em porção informativa *versus* porção ruidosa. Perigando igualar um máximo de informação a um máximo de ruído, o engenheiro, votado sempre a conservar o já escolhido, impõe à comunicação um limiar mínimo de redundância. É esse limiar mínimo que equipa essa teoria com uma mensuração irônica da liberdade de compor. Antes de atender a um problema matemático, a sujeição da comunicação à redundância implica um regramento utilitarista. A oposição informação/ruído pode intervir apenas enquanto prolongamento das oposições entre o útil e o espúrio, o bom e o mau, o desejável e o indesejável:

É possível, portanto, que a palavra informação tenha boas ou más conotações. Incerteza que surge em virtude da liberdade de escolha da parte do emissor é incerteza desejável. Incerteza que surge devido a erros ou influência de ruído é incerteza indesejável. Fica assim evidente onde está a trapaça de afirmar que o sinal recebido tem mais informação. Algo dessa informação é espúrio e indesejável e foi introduzido pelo ruído. Para obtermos informação útil no sinal recebido devemos subtrair essa porção espúria. (WEAVER, 1964, p. 19, trad. nossa)

O juízo emissor aspira à forma, e a dívida eterna do material comunicante não é outra senão a de arder, a de deformar o próprio juízo, que então dissolve como sinal em embate aberto com outros sinais.⁵¹ A informação vence o ruído ali onde um mínimo de obrigação seletiva constranja a liberdade composicional do emissor, liberdade que se confunde, pois, com o que ela deve. Degradante na sua bruteza material, a comunicação quer aí multiplicar símiles de um comunicado que deve conservar a própria forma, e veremos um platonismo transmissivo selecionar a informação pelo quanto participa daquela forma recuada acima e atrás do jogo sinalético.⁵²

Não basta dizer que a teoria matemática da comunicação faz concessão mínima à redundância, se ela identifica o desejável ao dever reprodutivo. É verdade que Shannon apenas fixa condições para uma cópia fiel, suspendendo toda alegação sobre o encontro dos sinais com uma resposta interpretante, mas é o que basta para absorver a informação a uma tese que, expurgando variações no meio do caminho (interferências no canal), deixa inexplicada a sua capacidade de provocar mudança no ponto de chegada (alteração do destinatário ou, se quisermos, do futuro). De costas para as transformações e digitalizada no *bit*, a informação não diz como faz sentido, e foi preciso que um dualismo utilitarista repartisse a boa escolha e o ruído ocioso, pois a informação crescia em linha com a liberdade, como um espetáculo de sombras que, mesmo encavernado, trouxesse reminiscências de uma exterioridade criadora.

A informação quantitativa de Shannon convive de maneira antinômica com a informação cibernética, mais firmemente ancorada nas leis da termodinâmica, cuja generalização faria crer que os sistemas físicos tendem à dissipação entrópica. O que a noção de entropia ensina é que um sistema artificialmente fechado tende a uma abertura infinita. Vimos que Shannon começa identificando informação e entropia, pois a composição informativa era a composição incerta, e pendia um utilitarismo que separasse o *nonsense* e o sentido, a informação indesejável e a informação desejável. Norbert Wiener (1965), no entanto, instala o *telos* utilitarista no coração da nova ciência da comunicação, anunciada como ciência do controle, e a informação acaba *contradizendo* a seta entrópica: “Em controle e comunicação estamos sempre lutando contra a tendência natural de degradar o organizado e destruir o significativo [*meaningful*]” (WIENER,

⁵¹ “Quando informei o couro com o sapato, transformei o couro, mas também deformei a ideia do sapato.” (FLUSSER, 2015, p. 83)

⁵² Notou-se que o ideal transmissivo de elisão do “canal” reencontra a situação da retórica aristotélica, cujo estudo se divide entre quem fala (emissor), o discurso pronunciado (mensagem) e o ouvinte (receptor). Parece-nos antes platônica, porém, a repartição entre mensagem escolhida e cópia material degradada.

1989, p. 17, trad. nossa). Deve a conversa neguentrópica jogar “contra as forças da confusão” (WIENER, 1989, p. 92, trad. nossa). Diante de um universo de caos moral, a comunicação se oferece como instrumento de governo: “a nossa maior obrigação é a de estabelecer enclaves arbitrários de ordem e sistema” (WIENER, 1964, p. 324, trad. nossa).

Etimologicamente, a cibernética porta um elogio à pilotagem náutica. Sócrates usa a palavra no *Alcibiades* (PLATÃO, 1975) para recomendar o governo de si, ou o bom manejo do próprio barco, como requisito para quem quer governar a cidade, isto é, a vida do outro. O navegante se imperializa quando os romanos traduzem *kybernetikos* (κυβερνητικός) por *gubernator*, e a difusão da forma latina desemboca nas autoridades dos nossos dias: o teórico da comunicação como controle entra, assim, em uma série que oscila do capitão do navio ao governador do estado. A informação neguentrópica se absorve à palavra de ordem, ditando lei a uma natureza que, largada à própria sorte, dissiparia no caos, como à deriva no mar aberto. Daí que o maquinismo cibernético, em vez de descentrar o homem, tenha com frequência alimentado a tese de que a capacidade informativa pertence à consciência humana, feito bandeira civilizatória hasteada contra os ventos de uma natureza em migração perpétua.

Quando lança o método da complexidade, Edgar Morin (1977) dedica considerável porção do argumento a reprochar Wiener por dissimular o “ser sociológico” de uma informação que veste a lei da física apenas para melhor entregar-se ao imperialismo. Mas, se Morin (1977, p. 289) professa a necessidade de uma extrafísica, parece fora de questão uma extrabiologia da informação: “que nós saibamos e no nosso planeta, não existe informação extrabiológica. [...] o conceito de informação tem um carácter antropomórfico que me parece não-eliminável”.⁵³ A informação se emancipa à física para entrar em articulação transdisciplinar, mas não fica imune de recentrar-se na forma homeostática, e a cibernética não cansará de observar um pendor organicista. Se de um lado promete um maquinismo universal, a máquina informática tende a traduzir-se, de outro lado, à luz do organismo: “A informação é um conceito que conseguiu estabelecer uma ligação orgânica entre o universo físico, o universo biológico e o

⁵³ Já a neguentropia de Vilém Flusser (2015, p. 45), fundada na intencionalidade e na redução eidética de Edmund Husserl, define “teoria da comunicação humana” uma comunicologia que observa a capacidade intersubjetiva de abstração informante contra a natureza, isto é, contra a morte. A comunicologia pós-histórica recusa a divisão dentro-fora em favor de uma “proxêmica” que reconhece o problemático pelo que está “mais próximo de mim”.

universo antropossociológico” (MORIN, 1977, p. 289). A informação descreve agora um movimento circular de incorporação da desordem exterior.

Uma cibernética ecológica em Gregory Bateson (1972) enfrenta as implicações lógicas de tal processo e desenvolve com especial clareza a sinonímia entre informação, redundância e sentido. Um composto é redundante, segundo Bateson, quando basta observar uma parte sua, já se consegue prever a forma da parte oculta: pode-se inferir seguramente, por exemplo, que sob uma planta observada se estendem raízes por ora invisíveis. Seria restringindo possibilidades interpretativas que a informação asseguraria a pertença das partes ao todo, arrazoando as comunicações e facultando a previsão: “A essência e *raison d'être* da comunicação é a criação de redundância, sentido, padrão, previsibilidade, informação e/ou a redução do aleatório por ‘restrição’” (BATESON, 1972, p. 110, trad. nossa).

Bateson investiga proficuamente o enquadramento do aleatório pela informação, sendo de especial interesse a sua teoria do duplo vínculo (*double bind*), que dramatiza o movimento inverso de *desenquadramento*, com que a informação abre a um teatro do indecível, a um entretempo de espera. O transtorno esquizofrênico envolveria uma não-resposta ou, mais exatamente, uma suspensão da resposta mediante a simultaneidade de regras decisórias opostas e mutuamente excludentes. Na cena patogênica, as interpretações concorrentes se entrecruzam, produzindo no intérprete a expectativa de ser punido escolha o que escolher (BATESON et. al., 1956). A interpretação esbarra numa incompatibilidade e engasga de si, pondo em crise os dispositivos de redundância que conjuravam o acaso, como os princípios lógicos da identidade e do terceiro excluído.

Para esmiuçar o funcionamento desse distúrbio comunicacional, Bateson recorre à teoria dos tipos lógicos de Russell e Whitehead (1910), que ensina a evitar o paradoxo do círculo vicioso: deve uma classe prevalecer hierarquicamente sobre os itens nela contidos, vetando-se que o possuído de uma classe venha a possuí-la. Bateson nota que as interações humanas não param de burlar esse veto lógico, empregando em simultâneo diversos modos de comunicação com regras interpretativas conflitantes. Se resolvemos a concorrência das ordens e elevamo-nos ao sentido “correto” de uma mensagem, foi levando em conta o que Bateson chama de contexto metacomunicacional. A questão “interpretativa” concerne diretamente às condições da prática, que não passa sem supor uma contextura por resolver. Ocorre que a intérprete esquizofrênica, quando não paralisa sem reação, parece reagir de modo a suspender a boa vontade contextual que previnha o comunicado contra um enlouquecimento latente:

Em uma ala sob o comando de um médico dedicado e “benevolente”, uma placa na porta do médico dizia “Consultório do Doutor. Favor bater”. O doutor foi levado à distração e finalmente à capitulação pelo paciente obediente, que batia cuidadosamente toda vez que passava pela porta. (BATESON et. al., 1956, p. 16, trad. nossa)

Henri Bergson (1983) diz que rimos quando um corpo se revela rígido demais para adequar-se à plasticidade exigida por uma situação. Mas, se é cômico o relato de Bateson, não parece que o riso tenha por objeto uma falta interpretativa do paciente, que dramatiza o sentido do enunciado com perfeição obstinada. Não será antes uma finalidade implícita⁵⁴ que, muito rígida para suportar a intérprete literal, tropeça na redundância como nas próprias pernas?

A exigência transmissiva nada teria a reprochar na interpretação do paciente, que encena o imperativo ao pé da letra. O esquizofrênico obediente frustraria o riso que se amparasse em erros de transmissão por interferência do ruído, a exemplo do que ocorre na brincadeira do telefone sem fio. Nessa brincadeira, lança-se uma palavra secreta como semente informacional que propaga de corpo em corpo a receber modificações imprevistas, embora cada corpo devesse fornecer um canal obediente à passagem do sinal. O riso aí confia na defasagem entre sinal de entrada e efeito de saída, como entre as faces idealizada e realizada do processo comunicacional. E, como o juízo emissor culpabilizava a variação material do selecionado, o seu riso desce das alturas para ironizar a cópia anômala ou defeituosa. Mas é noutro sentido que soltamos o riso quando o paciente do hospício desequilibra a contextura que regrava um comunicado. Dois risos discrepantes frequentariam a fronteira com o ruído: ora a ironia culpando a existência por deficitária perante um consenso perdido, ora uma paciência que, de tanto e tão fielmente dramatizar um comunicado, toca o limite singular em que o sentido se extravai.

Entre a informação de Shannon e a informação de Bateson, o problema sinalético muda de estatuto. O engenheiro reparte o sinal em informação e ruído, sendo boa a incerteza que copia uma escolha antevista no código interpretante, enquanto a incerteza ilegítima⁵⁵ dá testemunho de comunicações exteriores ao código e decorrentes da abertura não-ideal do material deformável. A cibernética opõe mais a fundo informação e ruído, mas o ruído vai aos poucos infiltrando a forma, feito um paradoxo que a tensionasse desde

⁵⁴ A redundância como finalidade vai ao encontro dos achados de Oswald Ducrot (1984), cuja semântica argumentativa demonstra que o pressuposto de um enunciado é situacional e consiste em instituir um intérprete que não questione, isto é, que não resista à situação.

⁵⁵ Já a teoria dos tipos lógicos rechaça os paradoxais círculos viciosos como “totalidades ilegítimas” (RUSSELL; WHITEHEAD, 1910, p. 40).

dentro. Quando a cibernética emparelha informação e redundância, já insiste à porta da redundância um ziguezague ilógico, patogênico, crítico – comunicação antes errante que redundante, antes bastarda que legítima.

2.2.2 Coesão paradoxal da diferença intensiva

O emissor de mensagens, recuando um juízo formal para acima de um circuito de cópias mais ou menos degradadas, recalca o caminho com que ascende do não-formado à forma, isto é, apaga o andamento informativo enquanto tal. A cibernética chega rente ao não-formado para traduzir esse andamento como processo de auto-organização, mas a comunicação, assimilada ao controle neguentrópico, fica abreviada à moda hilemórfica, e o dualismo entre desordem (matéria amorfa) e ordem (forma redundante), incapaz de explicar o encontro de opostos, prepara uma comunicação hostil às suas fronteiras entrópicas, temerosa de seus devires.⁵⁶ Para apanhar o andamento informativo, a informação de Shannon teria de substituir o transmitir pelo transcodificar. A cibernética trilha esse caminho, mas esbarra na oposição entre matéria bruta e inteligência, sem dar pela zona em que a comunicação vagueia entre o caos e o sentido.

Não é forçoso começar pela oposição entre matéria e forma, se podemos dizer *tensão*, diferença de potencial. A informação pode sugerir uma materialidade não-formada em desdobramento de potenciais, em vias de descoberta e aprendizado. Quem sabe possa o juízo emissor sair de cena enquanto o receptor nomeia não ainda uma pessoa, mas um plano coletivo futuro, um horizonte germinal para o autoposicionamento de singularidades: “A informação não é uma coisa, mas a operação de uma coisa que chega em um sistema e produz uma transformação. A informação não pode se definir fora desse ato de incidência transformadora e da operação de recepção”⁵⁷ (CI, p. 159, trad. nossa).

Se não precisa compromissar-se de saída com oposições, a comunicação tampouco precisa escolher entre começar pelo objeto *ou* pelo sujeito, entre ir daqui para lá *ou* de lá para cá. A tensão comunicacional concerne bem antes a distância entre os

⁵⁶ Simondon traduz a oposição entre entropia e neguentropia em termos de “determinismo divergente” e “determinismo convergente”. Jean-Hughes Barthelemy (2005, p. 121, trad. nossa, grifo no original) insiste que interessante “não é o caráter neguentrópico da informação, ao menos no sentido em que a neguentropia definiria uma probabilidade decrescente, uma vez que o caráter probabilístico, como veremos, é precisamente o que, aos olhos de Simondon, mutila a noção de informação e oculta sua *essencial equivocidade*”.

⁵⁷ No original: “*l’information n’est pas une chose, mais l’opération d’une chose arrivant dans un système et y produisant une transformation. L’information ne peut se définir en dehors de cet acte d’incidence transformatrice et de l’opération de réception.*”

incompatíveis. Em que sentido a comunicação entre incompatíveis pede uma coerência esquivada a toda absorção numa ordem geral?

Incidência de um germe singular, a informação teima em evocar invasões pelo estrangeiro ou pelo parasita, personagem esse da visita que come-ao-lado, à beira de uma mesa que não é a sua.⁵⁸ Descrevendo a formação viscosa de um tijolo, Simondon repara que a mão trabalhadora deve remover da argila saliências e ciscos, “singularidades parasitas” (ILFI, p. 48) em vias de se espichar macroscopicamente. É que as singularidades dispersam feitura sementes sobre um campo metaestável, ali disparando germinações formais:

estando o germe presente, ele possui o valor de um princípio: sua estrutura e sua orientação submetem essa energia do estado metaestável; o germe cristalino, aportando apenas uma energia bem fraca, é todavia capaz de conduzir a estruturação de uma massa de matéria milhares de vezes superior à sua. (ILFI, p. 116)

A terra vai pejada de motivos microscópicos que o dualismo hilemórfico excluiria menos por imperícia do que por servir a um modelo de trabalho cujas ordens de fabricação se querem impor sobre uma matéria passiva e indeterminada. O teatro aristotélico não encena o trabalhador, muito menos os devires da argila, senão uma personagem que se posta fora da olaria para aferir que a argila entra bruta e os tijolos saem idênticos. Esse espectador considera a individuação em abstrato pois teoriza desde uma posição dominante na cidade grega: a operação hilemórfica refletiria “essencialmente a operação comandada pelo homem livre e executada pelo escravo” (ILFI, p. 58). O cidadão livre, proprietário da mesa onde janta, logra possuir alma e forma ativa, enquanto ao escravo se vincula a docilidade da matéria por ser pilotada: é desde já um corpo apassivado, abstratamente disponível, que remove da terra as singularidades indesejáveis para entregar uma pasta homogênea ao molde-padrão. Antes comunicacional do que técnica, a alienação começa, segundo Simondon, nessa sujeição das forças materiais a uma finalidade extrínseca: mesmo a apropriação dos meios produtivos contará não por cena originária, mas já por efeito de um regime comunicacional hierarquizado e voltado para o comando, como para a emissão teleguiada de mísseis e mensagens (redundância militar-industrial) e para o confinamento hospitalar do paradoxo (redundância psiquiátrica).

⁵⁸ A noção simondoniana de informação talvez deixe vislumbrar o parasitismo como uma transversal oscilante entre os polos extremos da simbiose, desde o mutualismo cooperativo até a competição agressiva em meio escasso. Simondon descreve o acoplamento comunicacional, em todo caso, como “geralmente recíproco” (CI, p. 69), e sua tese principal examina em detalhe a distinção entre parasitismo e simbiose como formas de associação assimétrica e simétrica.

Não basta, pois, identificar a informação à forma do comunicado: tão logo começamos a indagar pelo sentido da comunicação entre incompatíveis, sementes de forma passam a sugerir variações estrangeiras ou parasitárias, como a informação implicasse um disforme na forma, uma janela de malformação que tomasse algo ao acaso para traduzi-lo numa nova coerência:

A informação está a meio caminho entre o puro acaso e a absoluta regularidade. Pode-se dizer que a forma, concebida como regularidade absoluta, tanto espacial quanto temporal, não é uma informação, mas uma condição de informação; ela é o que acolhe a informação, o *a priori* que recebe a informação. A forma é uma função de seletividade. Mas a informação não é a forma, nem um conjunto de formas, mas a variabilidade das formas, o aporte de uma variação relativamente a uma forma. Ela é a imprevisibilidade de uma variação de forma, não a pura imprevisibilidade de qualquer variação. Estaríamos então inclinados a distinguir três termos: o puro acaso, a forma e a informação.⁵⁹ (MEOT, p. 137)

A informação aparece aí como um incidente que altera as regras de escolha, como um encontro que, por intenso, mexe nas próprias condições que permitem um encontro. A informação não apenas suscita o aprendizado, como afeta as formas que condicionam o aprender. Já não cabe dizer que a informação rumo do não-formado à forma, se ela faz repensar a própria forma como forma em variação, tradutora de um desequilíbrio perpetuado entre ordens incompatíveis. A informação não mais designa a expressão orgânica de um meio, sugerindo uma fissura crítica que provoca o mundo a mudar de configuração:

não se deve chamar “informação” aquilo que emerge da expressão natural de um código, mas exclusivamente o que produz a interrupção na continuidade de processos comunicacionais, uma crise no funcionamento autorregulatório dos sistemas, e que pode disparar, enfim, uma reconfiguração estrutural do sistema.⁶⁰ (BARDIN, 2015, p. 27)

A necessidade de conceber uma informação intensiva estava em que as descrições quantitativas e qualitativas não davam conta dessa fissura produtiva a que alude Andrea Bardin. Vimos acima que, associada a uma imagem probabilística da informação, a redundância assegurava a autoidentidade do emissor ao expurgar, por má informação,

⁵⁹ No original: “*l’information n’est pas de la forme, ni un ensemble de formes, elle est la variabilité des formes, l’apport d’une variation par rapport à une forme. Elle est l’imprévisibilité d’une variation de forme, non la pure imprévisibilité de toute variation. Nous serions donc amenés à distinguer trois termes: le hasard pur, la forme, et l’information.*”

⁶⁰ No original: “*one should not properly call ‘information’ what emerges from the natural expression of a code, but exclusively what produces the interruption in the continuity of communication processes, a crisis in the selfregulatory functioning of systems, and can trigger, after all, the structural reconfiguration of the system.*”

tudo quanto fosse exterior a um conjunto de possibilidades prefixadas. Mas, para a informação que estudamos, interessa mesmo a má informação, em sua combinatória de todo imprevista. Será o caso de afirmarmos uma qualidade da informação?

Para uma tese qualitativa da informação, Simondon consulta as pesquisas da Gestalt, escola de psicologia que conclui pela maior “pregnância” da forma simétrica, o que vai de encontro à escala quantitativa da teoria transmissiva, que mais valoriza a resolutividade dos suportes materiais de inscrição sinalética. É que, à luz de uma lei qualitativa de equilíbrio formal, o traço irregular aparece como supérfluo ou parasitário; mas, do ponto de vista quantitativo, é o equilíbrio formal que demanda pouca resolução, como a perfeita harmonia arquitetônica guardasse menos interesse do que o pó:

a transmissão da imagem de um punhado de areia, ou de uma superfície irregular de rocha granítica, demanda a mesma quantidade de sinais que a transmissão da imagem de um regimento bem alinhado ou das colunas do Partenon. [...] Poder-se-ia mesmo dizer que a quantidade de sinais parece aumentar, enquanto as qualidades da forma se perdem; é tecnicamente mais fácil transmitir a imagem de um quadrado ou de um círculo que a de um punhado de areia. (ILFI, p. 359)

O problema da informação incita respostas insuficientes enquanto se entrega seja ao equilíbrio estrutural, seja à alta resolução. O que incomoda Simondon nessas duas abordagens é o desprezo pelo irregular. Será preciso lembrar que uma imagem muitas vezes nos intriga enquanto vaga, enquanto misteriosa. Incidente que altera as regras da comunicação, a informação deve sugerir um desequilíbrio no sentido.

Simondon formula o problema da informação de modo a conceber a natureza da diferença significativa, portadora de sentido. As respostas pela nitidez máxima e pelo equilíbrio estável não davam conta: era preciso que uma disparidade soprasse vida no conceito de informação. E, para que houvesse disparidade, uma só ordem não bastava: pedia que a informação relacionasse ao menos duas ordens incompatíveis. O sentido afinal recusa a imagem da flecha unidirecional: é num vaivém entre ordens que a informação afeta e modifica o funcionamento de um receptor qualquer, um plano por vir, um futuro por traçar. Se a informação diz respeito ao futuro, é como uma disparidade de forças exigindo um horizonte que a afirme enquanto tal:

uma informação não é jamais relativa a uma realidade única e homogênea, mas a duas ordens em estado de *disparação*; [...] ela é a *significação que surgirá quando a operação de individuação descobrir a dimensão segundo a qual dois reais díspares podem devir sistema*; a informação é, portanto, um disparo de individuação, uma *exigência de individuação*, ela não é jamais coisa dada; não

há unidade e identidade de informação, pois a informação não é um *termo*; ela supõe tensão de um sistema de ser[.]⁶¹ (ILFI, pp. 26-27, grifos no original)

Simondon não cansa de reportar a coerência do problema científico à concorrência de séries hipotéticas incompatíveis, como uma série indutiva e uma série dedutiva, um movimento de integração e um movimento de diferenciação. O acoplamento das séries hipotéticas a um mesmo signo tensivo se viabilizaria pelo movimento em ziguezague que esse filósofo nomeia transdução. Vaivém conversivo que a cada vez põe as séries em continuidade crítica, a transdução impulsiona o signo informativo, em cujo centro encontramos não o sujeito, tampouco o objeto, mas a sua condensação numa singularidade vaga. Basta avizinhar-se dessa zona paradoxal, e a língua, ávida de explicar a sua própria estruturalidade, repleta-se de anáforas e declinações de acento:

uma pluralidade de díades coordenadas conjuntamente, isto é, já uma *rede*, um esquema, algo de uno e de múltiplo ao mesmo tempo, que contém uma correlação entre os termos diferentes, uma rica correlação entre os termos diferentes e distintos. Uno e múltiplo, ligação significativa do uno e do múltiplo, essa seria a estrutura da forma. Sendo assim, poder-se-ia dizer que a boa forma é a que está *próxima do paradoxo, próxima da contradição*, apesar de não ser contraditória em termos lógicos; e assim se definiria a tensão da forma: *o fato de se aproximar do paradoxo sem devir um paradoxo, da contradição sem devir uma contradição*. (FIP, p. 593, grifos no original)

Não mais se identifica à palavra de ordem: a informação alude ao sentido tensivo que passa à margem das formas avizinhando-as entre si, como cada instante lançasse, por ser recolhido ao futuro, um carnaval molecular de formas em revolução. É enquanto informativo que o sentido não culmina numa forma de todas as formas, se de cada forma ele falseia, precisamente, o fechar-se num conjunto totalizado. Da coesão sígnica, Simondon por vezes diz “quase-sistema”, como uma vagueza a fizesse *quase-una*. Mas a vagueza concerne à reserva pré-individual que leva Simondon a definir o ser como *mais-que-um*. No instante informativo, a forma vira ao mesmo tempo mais (do que foi) e menos (do que será), revolvimento simultâneo de um já-ido e um ainda-vindo.

Russel e Whitehead (1910) dizem que paradoxal é que o item de uma lista inclua a própria lista em sua definição, tal um círculo vicioso, quando rompe a distinção hierárquica entre possuidor e possuído. Parece que a informação comunica, com

⁶¹ No original: “*une information n'est jamais relative à une réalité unique et homogène, mais à deux ordres em état de disparation: l'information, que ce soit au niveau de l'unité tropistique ou au niveau du transindividuel, n'est jamais déposée dans une forme pouvant être donnée; elle est la tension entre deux réels disparates, elle est la signification qui surgira lorsqu'une opération d'individuation découvrira la dimension selon laquelle deux réels disparates peuvent devenir système; l'information est donc une amorce d'individuation, une exigence d'individuation, elle n'est jamais chose donnée; il n'y a pas d'unité et d'identité de l'information, car l'information n'est pas un terme; elle suppose tension d'un système d'être*”.

Simondon, um paradoxo que desfaz a oposição entre conteúdo desordenado e expressão ordenada, entre matéria informe e forma equilibrada, que daí em diante se embatem como forças menores e forças maiores, dispersões moleculares e modulações molares.

Como essa quebra de hierarquia convive com o nivelamento da individuação nas modalidades física, vital e transindividual? Veremos que o nivelamento modal se explica por regimes de defasagem relativamente a um centro afásico pré-individual. Saltamos de um nível a outro por dobraduras topológicas e variações de velocidade. É num movimento de minoração extrema que Simondon deseja partir da individuação física a descobrir, como numa fresta infinitesimal, singularidades sem direção privilegiada nem lembrança. Com a individuação do organismo, que incita a imagem de circulação redundante que a cibernética faz da comunicação, abre-se um meio de interioridade que aprende a selecionar materiais segundo *regimes* de informação ou de expressão. Enquanto a individuação biológica se faz por introversão seletiva, um plano transindividual supõe uma extroversão criadora, segundo um impulso ao futuro com que o comunicado amplifica singularidades afetivas. Entre o caos e uma coerência por vir, indaga-se a capacidade da comunicação de sobrevoar limiares e distâncias.

Um qualquer recorte nesse andamento deve recortar uma hecceidade, uma topologia rica em formas implícitas: uma árvore exprime singularidades as mais variadas, desde os antigos ventos que a vieram rascunhando microscopicamente. Para que tenhamos uma hecceidade, não basta que o proprietário entregue o princípio de individuação a diferentes massas de matéria-prima que ele administra e que distinguiriam cada item colecionado sob uma mesma ordem arquetípica; mas tampouco basta que o artesão alegue o esforço manual de trabalhar a matéria, esforço que reconheceria em cada gesto o signo do instante, informação de assinatura sempre única, a cada vez suportada por uma matéria bruta sem história.⁶² Simondon quer chamar atenção para diferentes níveis de hecceidade natural, o que permite desatrear a vinculação da forma a uma determinada ordem de grandeza, como faria crer uma “elaboração técnica que resume arbitrariamente, sob forma de qualidades da matéria, as formas que a constituem como ser já estruturado antes de qualquer elaboração” (ILFI, p. 66).

⁶² De acordo com esse último ponto de vista, “tal tijolo é diferente daquele outro, não somente em função da matéria que se toma para fazê-lo [...], mas também e sobretudo em função do caráter único do desenrolar da operação de moldagem: os gestos do obreiro nunca são exatamente os mesmos; o esquema talvez seja um único esquema, do início até o fim do trabalho, mas cada moldagem é governada por um conjunto de acontecimentos psíquicos, perceptivos e somáticos, particulares[.]” (ILFI, p. 69)

Faltaria ver que toda uma exterioridade de motivos anônimos tem imprimido formas implícitas à matéria, feixes de singularidades que “são informação na operação de tomada de forma: aqui, são elas que modulam o gesto e dirigem parcialmente a ferramenta, impelida globalmente pelo homem” (ILFI, p. 62). Em nível elementar, é bem como se a heciedade definisse a sutileza de um material, quer dizer, a sua capacidade de modular diferentes operações de estreitamento e dilatação, de obstrução e liberação de gestos: “não se pode fazer um objeto em madeira cujos detalhes seriam de uma ordem de grandeza inferior à das células ou dos conjuntos celulares diferenciados, enquanto existem” (ILFI, p. 63). A saída simondoniana será a de conferir valor de ser a uma superfície comunicante da qual

não se pode distinguir o extrínseco do intrínseco; o que é verdadeira e essencialmente o indivíduo é a relação ativa, a troca entre o extrínseco e o intrínseco[...] [...] a interioridade do indivíduo não existiria sem a operação relacional permanente, que é individuação permanente. O indivíduo é realidade de uma relação constituinte, e não interioridade de um termo constituído. (ILFI, p. 77)

A coesão intensiva é aquela de um desdobramento assimétrico a partir de uma singularidade, e a resposta de Simondon ao dualismo consiste em dilatar a entrezona intensiva onde a forma e matéria avizinham-se indiscerníveis e anunciam uma heterogeneidade operacional. Pablo Rodríguez (2012, p. 131, trad. nossa) entende que Simondon, construindo “um novo ponto de vista sobre a materialidade”, “antecipa as dispersões que estão agora em curso de se produzir nas disciplinas pós-cibernéticas e pós-sistêmicas” (RODRÍGUEZ, 2016, p. 220, trad. nossa). Interessaria perguntar como a informação apresentada por Simondon em 1958 convive com definições ulteriores desse conceito que, durante o século 20, não cessa de rumorejar entre as ciências, sugerindo que a matéria inorgânica porta germes de pensamento.

Com efeito, a fronteira entre condições materiais e forma inteligível é que mobilizava os primeiros engenheiros da informação: em artigo escrito para a AT&T no início dos anos 1920, Harry Nyquist (1924) estipula como otimizar a transmissão telegráfica de “inteligência”; colega de Nyquist e intercessor da teoria que Shannon publica em 1948, Ralph Hartley nomeia “informação” essa inteligência materialmente embarcada. Em seus pressupostos, a informação admite-se ainda por conhecimento humano aplicado sobre os meios materiais. Coube a uma segunda onda da cibernética, detectada por Maruyama (1963) nos anos 1960, considerar inerente ao caos a aptidão

criativa, e desde então os desvios e paradoxos, em vez de suscitarem a desordem, passam a hospedar normatividades inusitadas, limiares de uma coerência por descrever.

Para uma concepção atual da informação, consultamos Robert Logan, que positiva a incerteza e acompanha a remissão mcluhaniana do sentido ao meio. O curioso de atrelar a informação aos limites de cada meio material é que não sabemos de antemão o que pode um meio material. Logan (2012, p. 78, trad. nossa) define o meio por limites contextuais, desde que o contexto se veja percorrido por uma energia livre que lhe abra ao infinito as possibilidades informativas: “em um sistema biótico, a incerteza permanece infinita pois o número de possibilidades do que pode evoluir é infinitamente não-enumerável”. Mas, uma vez que o contexto respeite balizamentos disciplinares, uma informação linguística já volta a designar uma forma, dispensando a energia livre que caracterizava a sua versão biótica: “Esse modelo vale para linguagens em que a gramática é o princípio organizador e os componentes são palavras individuais ou a semântica” (LOGAN, 2012, p. 89, trad. nossa). Se a exigência transmissiva aplica a escolha informativa sobre o meio inerte, a exigência disciplinar se inclina a obter informação do meio, e o ruído indesejável passa a ser aportado pelo próprio ato de observar enquanto ato implicado.

Conviria superar a contraposição entre a exigência transmissiva, que quisera fechar o comunicado ao meio ruidoso, e uma epistemologia preocupada em fechar o meio informativo ao observador a quem a verdade sempre escapa, deixando rastro de energia livre. É que um recorte voltado a objetos elide a realidade comunicacional que convém a uma ciência microfísica: “da crítica ondulatória decorre que o corpúsculo não tem mais realidade que a composição que o faz aparecer” (BACHELARD, 1978, p. 133). A informação em intensidade desmente as cercas disciplinares e sensibiliza o domínio dos objetos, entranhando em cada qual algo de parasitário ou de estrangeiro. Donde a prática científica não encontre a informação sem revirar suas fronteiras e descobrir-se composta ou comunicante, como onde a biologia tenha se assumido uma técnica social implicada no plano da vida, uma biopolítica.

Não que a informação recomende um hibridismo que, contra expectativas de pureza formal, defenderia a irredutibilidade da mistura. É de partida que afirmamos a mistura, restando ainda avaliar em que consiste esta ou aquela mistura. Simondon viabiliza avaliar a mistura como tensão comunicacional: ordens incompatíveis revezarão por meio de uma incidência parasita, visitante, estrangeira. A forma assume a diacronia e o espaço respondendo a uma tensão que nela devém tendência e que, antes do ato informativo, aguardava como um instante de desequilíbrio:

o indivíduo é a autoconstituição de uma topologia do ser, que resolve uma incompatibilidade anterior pelo aparecimento de uma nova sistemática; o que era tensão e incompatibilidade devém estrutura funcionante [...]; a instabilidade se comuta em metaestabilidade organizada, perpetuada, estabilizada em seu poder de mudança; assim, o indivíduo é uma axiomática espaçotemporal do ser [...]; a tensão devém tendência; o que era apenas segundo o instante, antes da individuação, devém ordem no contínuo sucessivo[.] (ILFI, p. 391, grifos no original)

Informativa seria a intensidade enquanto suscita uma entrada-em-contínuo, uma comunicação entre díspares. A comunicação vai do instante suspenso à tendência funcionante mediante uma singularidade informativa: a comunicação vai ao sentido passando pelo problema da copresença caótica de movimentos. Simondon por isso diz que a informação é acontecimento puro: “a informação, a singularidade do *‘hic et nunc’* da operação, acontecimento puro na dimensão do indivíduo que está aparecendo” (ILFI, p. 59, grifos no original).

2.3 Metaestabilidade e entretempos da mudança

Antonin Artaud (1965, p. 9, trad. nossa) envia poemas a Jacques Rivière solicitando uma publicação que o admitiria entre os seres pensantes: “Para mim, trata-se não menos do que saber se tenho ou não o direito de continuar pensando, em verso ou prosa”. Insiste que o editor repare: antes de definirem-se, as formas precisam vencer um turbilhão indócil que não cansa de varrer o pensamento, e para concatenar ideias será imenso o custo e longo o tempo, se uma turva inquietação raro deixa a língua descansar um cristal firme.⁶³ Rivière contesta: embora perfeitamente impubescíveis os poemas, vem lúcida a escrita epistolar que pretende relatar um pensamento doente e inviável. Justo o que Artaud não tolera, porém, é uma prosa que faça a consciência escorregadia, imune a toda erosão e alheia ao “massacre subterrâneo” que a sustenta.

Dali a uma década, Artaud viaja à terra dos Tarahumaras e inspeciona rochas mexicanas lanhadas com signos de nascimento e de caos, lembranças de corpos massacrados para um pensamento que não flui sem deformações. Quanto de vontade, pergunta-se Artaud, até que o mínimo movimento tome corpo, até que o corpo viva e respire? Detestará o espírito que almeja uma troca de consciências e amará Van Gogh de campos em labareda, de contornos turbilhonares e de despenteamentos cósmicos, lembranças perenes de “um tempo em que não havia alma, nem consciência, nem pensamento, apenas elementos crus alternativamente encadeados e desencadeados” (ARTAUD, 1965, p. 158, trad. nossa).

O que teria a comunicação com um tempo avesso à troca, anterior a todo sistema de equivalências, subtraído ao organismo? E como esse tempo catastrófico se pensaria, admitida a longa espera que impõe à poesia, como fosse um tempo de iminência, um quase-tempo de afasia? Artaud não desdenha do vazio interelementar, padecendo de um pensamento crivado de interrupções, e tampouco cede suas forças ao nada, à vontade de aniquilar a potência. A zeroidade do corpo sem órgãos não anuncia o corpo sem sentido ou a mera desordem, e o poeta se lança no caos por saturação de sentido, já sugerindo que o problema da criação concerne ao embate de elementos num entretempo de inconsciência, desprovido de direções privilegiadas. Mas, outra vez, como dizer qualquer coisa de um tempo que trava a língua? Como não paralisar a pesquisa no ponto em que a língua se apronta a concluir que apenas traduz o intraduzível?

⁶³ Lembramos da afasia que Saussure (2006, p. 130) intuía ao som e ao pensamento “antes” de acoplados pelo acontecimento linguístico: “nebulosa onde nada está necessariamente delimitado”.

Chamamos de singularidades vagas os elementos comunicantes, mas pouco dissemos dessa vagueza que, de uma vez, enriquece e trava a língua. Simondon confere o maior interesse à materialidade elementar da comunicação, que nele se preenche de suspense, sem confundir-se à estabilidade aparente da matéria formada. A natureza, na acepção que encontra aí, nomeia a realidade do potencial, que não se diz de uma coisa só, senão do intervalo tensivo entre ao menos dois níveis de realidade. Do tempo do potencial caberia dizer “entretempos”, assim como, do seu meio tensivo, dir-se-ia “entremeios”.⁶⁴

Para pensar um desequilíbrio que margeia as formas, que por entre elas sulca margens de acaso, Simondon recorre à noção de *metaestabilidade*. Esta breve subseção começa, então, por contrapor o acaso aos sistemas de equivalência e de troca, em que se pode reconhecer um elogio à média bem como uma função de morte, uma tanatologia. Um devir-inorgânico, que leva ao tempo vulcânico de que nos fala Artaud, não se confundiria com essa linha de morte, comportando perigos enquanto implique um aumento de potência que o corpo organizado pode ou não suportar. A encaminhar-se uma tese sobre a comunicação, quisemos sugerir que a vagueza metaestável subtrai às comunicações de fato uma comunicabilidade de direito paradoxalmente intervalar e sem limite, donde as condições do comunicar se perpetuem em jogo indecível:

no ser anterior a qualquer devir, é a potência do devir resolutivo que está contida, pela incompatibilidade que ele poderá compatibilizar, mas não a linha de existência desse devir, que não está dada de antemão e não pode estar pré-formada, pois a problemática é sem fases. (ILFI, p. 483)

Indagamos, finalmente, o que seria do movimento de distensão de potenciais: contra a previsão termodinâmica de uma descarga até um “ponto zero” estável, relacionamos a distensão a uma comunicação individuante que não cessa de recortar a vagueza metaestável para multiplicar cristais de tempo, efetivamente assumindo o tempo em sua concretude de tempo passante.

2.3.1 *O acaso fugiria à norma tanatológica*

Definida e investigada em termodinâmica, a metaestabilidade diz respeito aos níveis energéticos de um sistema: acima de um limiar mínimo de energia, o sistema experimenta desequilíbrio interno, pendendo um incidente que o precipite a recair num

⁶⁴ Assim construindo tríades por procedimento *entredual*, Simondon fala de um *subconsciente* transindividual que asseguraria comunicação entre o inconsciente e a consciência, como entre o virtual e o atual. Como nossa pesquisa não verticaliza essa tríade em particular, de resto pouco desdobrada no texto simondoniano, optamos por chamar de inconscientes os alastramentos transdutivos, a serem modulados por esquemas estéticos, etológicos, simbólicos que poderíamos chamar de subconscientes.

estado atrator de menor energia, ou “ponto zero”. É metaestável o sistema formado pelo equilibrista, a corda esticada sobre o abismo e a plateia de cidadãos que aguarda a queda do equilibrista numa estabilidade mortífera ao rés do chão.

Assumidas como princípios gerais, as leis das trocas de calor, enquanto leis de *troca*, universalizam uma função tanatológica segundo a qual as diferenças dispersam rumo ao equilíbrio homogêneo. Uma tal expectativa de perfeita mediocridade decorre de que a noção de sistema forneça a imagem do conjunto fechado para uma observação que discrimine e emita juízo sobre as partes de um todo, como sobre os casos de uma lei. Custe conceber um todo aberto em toda parte, as dispersões termodinâmicas fomentam a tese de que o universo termina numa estabilidade mortífera suposta de saída, assim que a observação científica, universalizando a lei da troca, promete-se à expectativa de uma totalidade fechada.

Em falta de outra explicação, a diversidade da vida fica assinada pelo demônio, segundo a hipótese, lançada por Maxwell no último terço do século 19, de um mediador microscópico que, aninhado nos interstícios da matéria, falsearia a função de troca homogeneizante, reinstaurando uma discriminação seletiva entre o veloz e o lento, o quente e o frio. Para que o sentido do tempo escape de uma precipitação ao medíocre, admitem-se intervalos demoníacos de metaestabilidade, entretempos de um desequilíbrio esquivo aos princípios de equivalência e aos sistemas de troca. A cibernética acompanhará a hipótese de que a escolha criadora, capaz de afirmar e multiplicar o diverso, mora nas frestas invisíveis do tempo:

pode haver um intervalo de tempo apreciável até que o demônio seja descondicionado, e esse período pode prolongar-se a ponto de chamarmos de metaestável a fase ativa do demônio. Não há razão para supor que demônios metaestáveis não existam de fato.⁶⁵ (WIENER, 1985, p. 58, trad. nossa)

Mas o que se passa no intervalo metaestável para que a precipitação ao estável seja adiada, senão desmentida de todo? Como se sabe, a queda do equilibrista dispara movimentos em toda parte, quando menos propagada na voz de Zaratustra, que tira do terrível acontecimento o anúncio de um novo tempo, de um meio-dia luminoso radicalmente afirmador de novas e mais nobres potências da vida. Em Nietzsche não será

⁶⁵ No original: “Nevertheless, there may be a quite appreciable interval of time before the demon is deconditioned, and this time may be so prolonged that we may speak of the active phase of the demon as metastable. There is no reason to suppose that metastable demons do not in fact exist”.

uma suspensão metaestável que entreabre a fresta do futuro, fresta criadora para o tempo da transvaloração?

O demônio de Maxwell mostra a metaestabilidade solicitando uma tradução fabulatória que alerta para pressupostos subjetivos inerentes ao problema termodinâmico: a física e a química da segunda metade do século 20 não repensam a termodinâmica sem que Ilya Prigogine e Isabelle Stengers reabilitem a tese bergsonista da evolução criadora. O interesse dessa retomada, para os propósitos de uma teoria da comunicação, está no enfrentamento do intervalo metaestável como de uma contingência por ser afirmada enquanto tal. Se o tempo não estaciona na mediocridade, se o tempo difere de si, é bem porque comporta um lance de dados, um jogo de acaso: “Apenas quando um sistema apresenta comportamento suficientemente aleatório pode a diferença entre passado e futuro, e, portanto, a irreversibilidade, entrar em sua descrição”^{66, 67} (PRIGOGINE; STENGERS, 1984, p. 16, trad. nossa).

Por que porém uma fresta, um interstício ou entretempo? Em que sentido o lançar de dados supõe uma distância? Em que sentido a passagem do tempo envolve um equilibrar-se sobre o abismo? E como se explicaria uma comunicação em permanente ida e vinda sobre essa fissura sem-fundo que Simondon nomeava pré-individual?

2.3.2 A potência vaguearia ilimitada entre existentes

Simondon investiga incansavelmente o problema da descontinuidade, chegando mesmo a formular uma definição de problema enquanto a definição de uma descontinuidade-motriz, de um encontro que exige e enceta uma resposta inventiva. Os problemas que mais lhe tocavam eram aqueles relativos à descontinuidade entre os saberes, como entre as ciências da natureza e as humanidades, entre um saber da diacronia e um saber da sincronia. Por solução, Simondon toma à física a noção de potencial, que estaria capaz de traçar relâmpago comunicante entre pistas díspares para um universo contínuo de pensamento. Na conferência *Forme, information et potentiels*, proferida em 1960 na Sociedade Francesa de Filosofia, Simondon defende o potencial em lugar da

⁶⁶ No original: “Only when a system behaves in a sufficiently random way may the difference between past and future, and therefore irreversibility, enter into its description.”

⁶⁷ A física e química aí recuperam ressonância não somente com a duração de Bergson, como também com o *clinamen* de Lucrecio, a espacialidade aristotélica (isto é, pré-euclidiana) e uma concepção de acaso que, ainda no final do século 19, Peirce contrapunha ao vetor homogeneizante da termodinâmica. Para essas articulações, cf. Prigogine e Stengers, 1984, pp. 301-310. Para as articulações entre Simondon e Prigogine, consultamos o excelente artigo de Atamer (2011).

noção bergsonista de virtual⁶⁸, que teria a desvantagem de sugerir um “menos-que-existente” ou a “simples possibilidade” (FIP, p. 600). Simondon insiste que o potencial não se opõe a real e nem mesmo a existente, dizendo-se de uma supersaturação intensiva do ser. Pensa a existência, desde já, como afrontamento de coexistentes: “a realidade da energia potencial não é a de um objeto ou a de uma substância que consiste em si mesma, ‘não tendo necessidade de nenhuma outra coisa para existir’; ela tem necessidade, com efeito, de um sistema, isto é, pelo menos de outro termo” (ILFI, p. 87).

É nele mesmo que o potencial requer alguma outra coisa, pois trabalha a *distância* entre pelo menos dois meios ainda por comunicar. É nesse intervalo que relampeja a comunicação a trabalhar diferenças doravante ressoantes entre si e mutuamente avessas, estranhas uma com a outra. A comunidade futura supõe, distando ao menos duas forças em embate coexistencial, uma fissura em que a potência de comunicar ronde vaga, em espera crítica às margens da ação e em vias de individuar-se, incorporar-se, atualizar-se. Que seja real a potência intervalar, sua realidade não é aquela de uma configuração realizada, mas a de um revolvimento tenso que dissolve os limites formais, revolvimento que Simondon entende merecer o nome de natureza:

Pode-se nomear natureza esta carga de indeterminado; não se deve concebê-la como pura virtualidade (o que seria uma noção abstrata que compete, em certa medida, ao esquema hilemórfico), mas como verdadeira realidade carregada de potenciais atualmente existentes como potenciais, isto é, como energia de um sistema metaestável. A noção de virtualidade deve ser substituída pela de *metaestabilidade* de um sistema. (ILFI, p. 467, grifo no original)

O sistema metaestável persiste longe da estabilidade, sem por isso aniquilar-se na instabilidade inconsistente, na simples autodestruição. Um tal sistema desautoriza uma oposição sumária entre estável e instável, organismo e desordem. A aleatoriedade catastrófica da natureza apontará não para uma falta de ordem, mas para uma superabundância de ordenações dessemelhantes concorrendo numa vagueza ilimitada. O pré-individual simondoniano assume em si o *ἄπειρον* (*ápeiron*, sem-limite) com que Anaximandro (610 a.C.–546 a.C.) intuía uma pura indeterminação donde a vida divergiria sem cessar:

Poder-se-ia nomear *natureza* esta realidade pré-individual que o indivíduo porta consigo, procurando reencontrar na palavra natureza a significação que os filósofos pré-socráticos lhe conferiam: os Fisiólogos jônicos encontravam

⁶⁸ Deleuze encontra o pré-individual como um campo virtual-ideal, o que não passa sem torções sutis que se evidenciam em *Diferença e Repetição* e entre as quais destacamos um aporte matemático infrequente em Simondon. Para esse problema, consultamos o artigo de Judith Michalet & Emmanuel Alloa (2013), que estudam as consequências de ter Simondon pescado a noção de singularidade junto à física, enquanto Deleuze a busca na matemática.

nela a origem de todas as espécies do ser, anterior à individuação; a natureza é *realidade do possível*, sob as espécies desse ἄπειρον do qual Anaximandro faz sair toda forma individuada. (ILFI, p. 455, grifos no original)

Os fisiólogos jônicos aspiram à amizade com os elementos, entre os quais elege, por vezes, a matéria-prima cosmológica, a exemplo da água em Tales, do ar em Anaxímenes, do fogo em Heráclito. O interesse da cosmologia de Anaximandro estaria em não mais privilegiar um elemento previamente qualificado, distinto. Princípio e colapso de toda distinção, o *ápeiron* é que se diferencia dando vez a polarizações qualitativas como aquelas entre o seco e o molhado, o frio e o quente, espectros intensivos orientados que, segundo Simondon, caracterizam o indivíduo-meio como teatro seletor e efector de movimentos.

Que nova necessidade justifica cunhar a noção de pré-individual, se por sinônimo já se entretém um conceito antigo?⁶⁹ Essa nova necessidade remeteria, precisamente, a um problema *comunicacional*. O pré-individual permite traduzir o *ápeiron* como simultaneidade de forças, de séries, de ordenações, encaminhando a concepção de uma natureza afásica, em si mesma não-coincidente, acaso criador abrigando a potência de comunicar:

Havia, entre os Antigos, equivalentes intuitivos e normativos da noção de metaestabilidade; mas, como a metaestabilidade geralmente supõe a presença simultânea de duas ordens de grandeza e a ausência de comunicação interativa entre elas, esse conceito deve muito ao desenvolvimento das ciências. (ILFI, p. 18)

A superação do dualismo opositivo entre desordem e ordem, instabilidade e estabilidade, surgiria como exigência própria a uma ciência da comunicação vislumbrada pela termodinâmica a fins do século 19 e anunciada pela cibernética a meados do século 20. Na janela microfísica do demônio neguentrópico é que moraria, segundo Simondon, a potência de comunicar.

2.3.3 *O comunicado cristalizaria instantes*

Mas o que seria da tensão que efetivamente descarregasse precipitando até um “ponto zero” de energia? Seria mesmo a morte térmica, a equivalência geral, o desinteresse?

⁶⁹ Para um desenvolvimento da diferença entre o *ápeiron* e o pré-individual, consultamos artigo de Sarah Margairaz (2003).

Vimos que a comunicação institui continuidade topológica e arrazoa a sucessão temporal. A comunicação percorre uma acronia tensiva para produzir um nexa concreto e assumir dimensionalidade: “o pré-individual é a fonte da dimensionalidade cronológica e topológica” (ILFI, p. 217). É como o afrontamento elementar expelisse um efeito luminoso, deixando por resíduo um bloco de afeto, uma assinatura estrutural. Assim uma comunicação precípita, instantânea, deixa por rastro o indivíduo físico, cristal de espaçotempo:

Se o aparecimento do indivíduo faz desaparecer esse estado metaestável, diminuindo as tensões do sistema no qual ele aparece, o indivíduo devém inteiramente estrutura espacial imóvel e não evolutiva: é o indivíduo físico. Em contrapartida, se esse aparecimento do indivíduo não destrói o potencial de metaestabilidade do sistema, então o indivíduo está vivo[...] [...] Um cristal é como a estrutura fixa deixada por um indivíduo que teria vivido um só instante, o de sua formação[...] (ILFI, p. 352)

Essa citação carrega um conjunto importante de consequências, entre as quais a ideia de que a comunicação não se furta a assumir o tempo de modo a efetivamente concretizar um infinitivo impessoal composto: *ter vivido*.

Entre os compostos, o composto físico apenas tipifica a estrutura imóvel enquanto responde por uma comunicação que conquistou o direito de *ter passado*. O cristalino dará indício das mais ávidas respostas à vagueza pré-individual: “A individuação física é aqui considerada como uma individuação que queima etapas, que não permanece suficientemente em suspenso na sua origem” (ILFI, p. 475). A individuação comporta modalidades que diferem, pois, pela velocidade de resposta ao problema posto pelo encontro com o ilimitado: uma modalidade vital teria alguma paciência analítica para perpetuar regimes de seleção de materiais, enquanto uma modalidade psíquica prolongaria o intervalo crítico a uma comunidade contínua, a um plano cósmico. E, noção inseparável do incidente com que o já-respondido se abre numa pluralidade de movimentos, a metaestabilidade permite distender ao ilimitado o intervalo instantâneo no qual “um acontecimento está totalmente pronto para se produzir, no qual uma estrutura está totalmente pronta para surgir” (FIP, p. 604). Um meio converte-se noutra aí quando uma diferença, não sendo ainda, passa a prontificar-se:

o tempo assim concebido é movimento do ser, modificação real, realidade que se modifica e é modificada, sendo ao mesmo tempo o que ela deixa e o que ela toma, real enquanto relacional no meio de dois estados; ser da passagem, realidade passante, realidade enquanto passa, tal é a realidade transdutiva. (ILFI, p. 431)

O concreto se individua mediante intervalos em que o tempo abre a uma comunicabilidade de direito e se assume como realidade passante. Aspirante a um ideal estético, a obra de arte com frequência entrega uma coesão tensiva, uma catástrofe interna, “um poder de propagação indefinido que lhe confere uma imortalidade virtual” (ILFI, p. 420). Seria próprio ao ato artístico saturar uma realidade local até tornar sensível uma acronia, um fenômeno esquecido no passado e, ao mesmo tempo, à espera no porvir:

o criador é sensível ao virtual, a aquilo que exige, desde o fundo dos tempos e na humildade estreitamente situada de um lugar, a rédea do porvir e a amplitude do mundo como lugar de manifestação; o criador salva os fenômenos porque é sensível àquilo que, em cada fenômeno, é uma exigência de manifestação amplificadora[.]⁷⁰ (IMIN, p. 204)

A partilha que Simondon nomeia *simbólica* cria uma trama contínua, um senso de passagem entre qualidades e tempos incompatíveis. O símbolo restitui uma conversão transdutiva entre o potencial e os rastros qualitativos da memória, “entre o campo do porvir e os pontos em rede do passado” (ILFI, p. 431). Condensação plurivalente, o símbolo prepara um terreno de universalidade para que se cruzem orientações díspares, para que espectros qualitativos do tipo “imagem-lembrança” se desprendam do sucessivo e alcancem o simultâneo. Numa tal estrutura ternária, as diferenças de intensidade assumem o desejo e adquirem o direito de repetir⁷¹,

ou bem de existir uma segunda vez, renascendo em um universo significativo em que cada realidade local comunica com o universal e em que cada instante, em lugar de ser sepultado no passado, é origem de um eco que se multiplica e se matiza diversificando-se.⁷² (IMIN, p. 205)

As intensidades não desvanecem no símbolo: transmutam-se nele em tendência perenemente incorporável, em virtualidade de ação.⁷³ Implicando tensão entre tempos, o

⁷⁰ No original: “*el creador es sensible a lo virtual, a aquello que exige, desde el fondo de los tiempos y en la humildad estrechamente situada de un lugar, la rienda del porvenir y la amplitud del mundo como lugar de manifestación; el creador salva los fenómenos porque es sensible a aquello que, en cada fenómeno, es una exigencia de manifestación amplificante*”.

⁷¹ Deleuze (1999, p. 120) mostra nestes termos que, para o bergsonismo, a ideia possibilita que a ação se lembre e, uma vez lembrando, mude: “A idéia geral é o que põe a lembrança na ação, o que organiza as lembranças com os atos, o que transforma a lembrança em percepção; mais exatamente, ela é o que torna as imagens oriundas do próprio passado cada vez mais ‘capazes de se inserir no esquema motor’ [...]. A novidade, o algo de novo, é justamente que o particular esteja no universal.”

⁷² No original: “*o más bien de existir una segunda vez renaciendo en un universo significativo en el que cada realidade local comunica con lo universal y en el que cada instante, en lugar de ser sepultado en el pasado, es el origen de un eco que se multiplica y se matiza diversificándose*.”

⁷³ O símbolo arquivaria germes de ação: “a arma-símbolo não é tomada pelo sujeito nem brandida pelo outro contra ele; ela é a tensão entre essas duas imagens, como uma arma vista de perfil que contém de maneira potencial o gesto que a voltaria ao outro ou contra o sujeito” (IMIN, p. 154). No original: “*el arma-simbolo no es tomada por el sujeto ni blandida por otro contra el; ella es la tension entre estas dos*

universo simbólico procede transmutando-se no encontro, donde o símbolo não varie sem a cada vez representar um ganho de nuance, um crescimento das tendências de comunicar, uma modificação de suas próprias premissas seletivas. A comunicação no símbolo perpetua tendências⁷⁴ e, em vez de conciliar os diferentes numa síntese superior, faz retornar o diverso, assumindo uma coesão ela mesma problemática.

Ainda que fiquem mais implícitas do que explícitas as contribuições de Simondon para os problemas de enunciação, sua filosofia tem grande pertinência para uma apreciação da invenção em linguagem. A crítica ao dualismo hilemórfico nos parece inseparável de uma crítica às palavras de ordem e aos sistemas de troca. A contribuição simondoniana diverge também das definições da comunicação simbólica seja pela circularidade do mito, seja pela superestrutura, visto que o símbolo “não se esgota numa promoção do orgânico nem numa expressão do técnico; a cultura reflexiva é sensível ao aspecto problemático da existência; [...] é no encontro do obstáculo que a necessidade da cultura se manifesta” (NC, p. 510). Avalia-se o símbolo como efetiva condensação amplificadora, “prolongamento das realidades que representa, e não um simples signo arbitrário, que está artificialmente ligado às coisas que ele deve representar” (NC, p. 509). Por certo que a comunicação simbólica não representa por semelhança, não guarda conformidade com as variações qualitativas que implica. O símbolo condensa determinações seletivas, exigindo uma definição maquínica. Não se trata apenas de uma conjunção arbitrária – o símbolo possui a coesão de um construto virtual, de um atrator arquitetônico que integra uma efetiva criação de valores:

A noção de adaptação permanece insuficiente para dar conta da realidade do indivíduo; trata-se, de fato, de uma autocriação por saltos bruscos que reformam a estrutura do indivíduo. O indivíduo não encontra em seu meio apenas elementos de exterioridade aos quais deve adaptar-se como uma máquina automática; ele encontra também uma informação valorizada que questiona a orientação de seus próprios mecanismos teleológicos; ele a integra por transmutação de si mesmo, o que o define como ser dinamicamente ilimitado. [...] A problemática individual só pode se resolver por construções, aumento de informação segundo um determinismo divergente, e não por um cálculo. (NC, p. 530)

imagenes, como un arma vista de perfil que contiene de manera potencial el gesto que la volcara hacia otro o contra el sujeto”.

⁷⁴ “[O devir] é uma resolução de tensões primeiras e uma conservação dessas tensões sob forma de estrutura; em um certo sentido, poder-se-ia dizer que o único princípio pelo qual se pode guiar é *aquele da conservação do ser através do devir*” (ILFI, p. 17, grifos no original). E ainda: “a transdução caracteriza-se pelo fato do resultado dessa operação ser um tecido concreto que compreende todos os termos iniciais; o sistema resultante é feito concretamente e compreende todo o concreto; a ordem transdutiva conserva todo o concreto e caracteriza-se pela *conservação da informação*[.] (ILFI, p. 32, grifos no original)

Perguntávamos em que a comunicação solicitava um tempo avesso à troca e subtraído às funções orgânicas. Na espera que impunha à criação poética, o entretempo metaestável comunicaria um passado absoluto a um dinamismo iminente, o que parece adequado à magia que Artaud reivindicava para o teatro. Incomodava-nos pensar que a vagueza nos privaria de sentido e nos vetaria a comunicação, mas veremos que a comunicação vive desses hiatos problemáticos.

Com três noções quisemos preparar caminho para a comunicação. As singularidades traduzem os potenciais da comunicação como limiares encetantes de forma; a informação designa a face efetivamente incidente de uma singularidade, enquanto ela suscita, entre o acaso e a regularidade, a transformação de um meio receptor; a metaestabilidade discute como a singularidade se integra entre tendências concorrentes em um quase-sistema, explicando que as formas resultantes da comunicação, em vez de descarregarem potenciais até um fundamento estável, persistam em devir.

3 A COMUNICAÇÃO NA OBRA DE SIMONDON

A comunicação não figura entre os 50 verbetes que Jean-Hughes Barthélémy (2013) seleciona para um glossário introdutório ao pensamento de Simondon. Não terá sido um lapso. Ainda que expressamente provocado pelas teses da cibernética, o texto simondoniano trata a comunicação de maneira dispersa, e são as noções de individuação, forma e informação que chegam ao título de sua tese principal, enquanto a tese complementar sugere uma demodulação da concretude técnica.

Este capítulo investiga o lugar da comunicação no pensamento de Simondon, com foco em sua tese principal de doutoramento, datada de 1958, e no seu curso sobre a comunicação, ministrado entre 1970 e 1971. A leitura desses dois textos ocupa as subseções 3.1 e 3.2.

A subseção 3.1 deve mostrar que a individuação solicita comunicação entre ordens díspares. As etapas para o cumprimento desse objetivo incluem: detectar as menções à comunicação na tese principal de Simondon; problematizar a descrição do indivíduo como síntese de opostos; potencializar a crítica simondoniana ao hilemorfismo como uma crítica aos dualismos; nivelar as oposições em um plano de copresença de forças; discutir a implicação das forças numa terceiridade teatral; pensar o teatro simbólico como resposta ao afrontamento de forças; abordar as diferenças de velocidade entre respostas fisiológicas e psicossociais; decompor a comunicação sujeito-objeto em face afetiva e face perceptiva; positivar a problemática afetiva como disparadora da resposta transindividual; e reportar a comunicação transindividual a um excedente incorpóreo extraído aos corpos.

A subseção 3.2 distingue três níveis de complexidade da comunicação, e com mais nuance se achega a traçar um plano de consistência do conceito. O curso de Simondon sugere cindir a comunicação nas fases ecológica, etológica e psicológica. O primeiro nível questiona a afecção sensível, desde já apontando para um intervalo *gnósico* ou *motivacional* que, implicado entre afecção e reação, leva a confiar numa rítmica inerente à comunicação primeira. O segundo nível observa afrontamentos territoriais e destaca a predominância do índice e do diálogo fático, mas já percebe um processo desterritorializante nos jogos indiciais de simulação e dissimulação. A transição entre etologia e psicologia se decidiria pela capacidade de aprender e recitar o *motif* estrangeiro, até que um nível psíquico da comunicação se defina como aquele de sua diferença interna, de sua consistência propriamente semiótica.

3.1 1958: individuações física, vital e transindividual

Percorrer a tese principal de Simondon filtrando a sequência “communi” levou-nos a computar 90 ocorrências abarcando desde o infinitivo *communiquer* até formas compostas como *intercommunication*.⁷⁵ Variam as acepções para ceder a usos tematizados – sinonímia com publicização, comentário às telecomunicações etc. –, mas passamos sempre raso ao coração da filosofia de Simondon, onde a comunicação reponta numa consistência peculiar, como deixa entrever a frase que abre o capítulo de conclusão daquela tese:

Conceber a individuação como *operação*, e como operação de comunicação, portanto como operação primeira, é aceitar um certo número de postulados ontológicos; é também descobrir o fundamento de uma normatividade, pois o indivíduo não é a única realidade, o único modelo do ser, mas somente uma fase. Entretanto, ele é mais que uma parte de um todo, uma vez que ele é germe de uma totalidade. (ILFI, p. 471, grifo no original)

A comunicação assume alcance ontológico ao pensar a realidade individuada como acontecimento em devir, teatro de efeitos que respondem a uma tensão pré-individual.

É mesmo esse caráter tensivo da individuação que sugere um bloco comunicante, já que a tensão se diz de uma dissimetria entre pelo menos dois níveis de realidade. Se a comunicação então toca o centro do ser, desde logo o centro se marginaliza, se distende escapando à própria identidade, a seu princípio e a seu fim. Os centros deixam de fornecer pontos de referência, o referente se descentra: a comunicação não está dentro nem fora, descerrada no intervalo em que interior e exterior alteram-se reciprocamente. Não apenas os indivíduos são compostos: os compostos assumem a coesão do encontro e portam uma diferença propriamente comunicacional. Mas corremos depressa – desenredemos os problemas que a individuação põe em jogo.

3.1.1 Implicação dos dualismos em uma comunidade teatral

Simondon descreve a comunicação como uma operação inventiva que os dualismos encobrem em benefício seja de uma individualidade substancial, seja de uma estrita e universal organização hierárquica. Esse último procedimento, que o filósofo surpreende implícito em teoria da informação, caracterizaria o hilemorfismo aristotélico.

Aristóteles pensa o indivíduo como composto de forma e matéria, mas não explica as condições do encontro desse par de atributos. Quando passa a indagar o individuado

⁷⁵ A tabela 1, em anexo, indica as páginas e seções de cada ocorrência e, para reexame e contextualização, também copia na íntegra as frases que invocam diretamente a comunicação.

pelo processo de individuação, invertendo o hábito de conhecer a individuação pelo individuado, Simondon está, com efeito, apresentando a comunicação a Aristóteles: “Uma situação hilemórfica é uma situação na qual só há forma e matéria, logo, dois níveis de realidade sem comunicação. A instituição dessa comunicação entre níveis – com transformações energéticas – é o encetante da individuação” (ILFI, p. 110). E ainda: “Aquilo que falta ao esquema hilemórfico é a indicação da condição de comunicação e de equilíbrio metaestável, isto é, da condição de ressonância interna num meio determinado, que pode ser designada pelo termo físico sistema” (ILFI, p. 78).

É generalizando uma representação insuficiente da atividade técnica que o hilemorfismo recai num pernicioso dualismo ontológico. Mais que essa insuficiência no representar a técnica, o ataque de Simondon ao hilemorfismo atinge *a insuficiência da técnica como paradigma* para pensar a individuação. A sua tese complementar responde, com efeito, à idolatria tecnocrática, que distribui o fetiche e o medo, esquecendo que a técnica é uma fase de desdobramento da cultura, e não a sua condição. Em que prejuízos incorre mesmo o hilemorfismo quando elide a comunicação?

Veremos o hilemorfismo abastecer implicitamente as teses transmissivas da comunicação. O comunicado então se assimila ao comando, à ordem de fabricação. Em seus ecos políticos, uma tal teoria assentirá com a domesticação da terra: no conhecimento apresentado como estritamente técnico, vai embalado um modelo de sociedade, uma linguagem dualista que consente em repartir forças tal que um agente determine um padecente dócil e carente de sentido próprio.

Um primeiro momento da crítica ao hilemorfismo lembra que a ordem de fabricação modela a terra bruta por intermédio da força de trabalho. Um segundo momento requer, porém, experimentar a perspectiva dos materiais, a ver que, enquanto vira tijolo, uma população molecular em cada ponto é um centro de forças cuja atuação reverbera ao longo da argila: “a matéria é matéria porque abriga uma propriedade positiva que lhe permite ser modelada” (ILFI, p. 44). A agência individuante habita a terra úmida em dispersão coloidal, assim as coesões do tijolo, da nuvem, do mel e do sangue.

Simondon concebe a matéria pela aptidão de amplificar potenciais em todas as direções indefinidamente. Para que um tijolo se individue, a dispersão esbarra nas paredes de um molde como em condições topológicas de atualização. Pode-se chamar “forma” esse condicionamento estrutural do alastramento molecular, desde que a forma então se inscreva no horizonte mesmo das forças materiais: “há operação comum e num mesmo

nível de existência entre matéria e forma; esse nível comum de existência é o da *força*” (ILFI, p. 45, grifo no original).

Não saímos do impasse dual fazendo apelo à forma dada, e será preciso implicá-la num plano comum, o plano mesmo das forças. Desde então, a forma exprime operações no seio da matéria, dando sintoma da comunicação entre ordens antes incompatíveis, entre dimensões antes incomensuráveis:

Esse centro consistente do ser é o da comunicação entre ordens de grandeza – molar e molecular, interelementar e intraelementar; a partir desse centro, uma individuação rápida e iterativa dá uma realidade física; uma individuação lentificada, progressivamente organizada, dá o vivente. (ILFI, p. 482)

A comunicação já não conduz as diferenças até a identidade – ela confere uma coesão própria à diferença, ela dá a persistir a diferença. A comunicação zigzagueia entre componentes com os quais não se confunde, mas que resultam de seu vaivém, desde já explicativo da coesão dos conceitos: “Um conceito não é nem *a priori* nem *a posteriori*, mas *a presenti*, pois é uma comunicação informativa e interativa entre o que é maior e o que é menor que o indivíduo” (ILFI, p. 26). Menor que o indivíduo seriam os seus componentes, elementos ou partes; maior que o indivíduo, o quase-sistema que nele se exprime e se atualiza. Assim instituinte, a comunicação entra a concretizar corpos e conceitos, e não parece pedir um fundamento prévio que a sustente.

Maior o desafio de pensar a comunicação se, jamais inspecionada à parte, ela decerto vagueia entre os motivos dominantes da tese de Simondon. Desponta em nota de rodapé, na introdução, para esclarecer outra ideia: “a metaestabilidade geralmente supõe a presença simultânea de duas ordens de grandeza e a ausência de comunicação interativa entre elas” (ILFI, p. 18).

Simondon inicialmente esclarece a suspensão metaestável pela *ausência* de comunicação *interativa* entre ordens concorrentes e incompatíveis, pelo que partimos de uma copresença paradoxal ou “problemática”. Não é que falte ordem ao caos; é que o caos se faz de um recobrimento movente de ordens. As sabedorias antigas opunham o estável ao estável, a harmonia cósmica ao caos originário; ainda não dispunham, segundo Simondon, de um conceito que abrisse uma via intermediária, caso do conceito de metaestabilidade, que sugere uma suspensão acontecimental entre diferentes níveis de realidade. Uma comunicação mediadora então recortará o caos a distribuir o micro e o macro, o dentro e o fora, o molecular e o cósmico: “Nem a forma nem a matéria são suficientes. O verdadeiro princípio de individuação é mediação” (ILFI, p. 20).

A comunicação é mediadora enquanto intromete a afetividade como um plano comum desde o qual as díades possam adquirir sentido. Para o que Simondon chama de indivíduo, não basta aparecer em primeiro, sequer em segundo lugar – indivíduo é mais aquele algo de terceiro⁷⁶ em que as díades vêm encenar: “o indivíduo é, ao contrário, teatro e agente de uma relação; só acessoriamente ele pode ser termo, pois é essencialmente teatro ou agente de uma comunicação interativa” (ILFI, p. 78).

A individuação resulta em modos de agir, os indivíduos assim se esclarecendo como efeitos teatrais, hecceidades. É bem por isso que o indivíduo não carece adaptar-se a um meio exterior que lhe preexista – a relação de comunicação vai mais longe que a adaptação e afirma contemporaneidade entre indivíduo e meio. Quando fala de uma realidade pré-individual, Simondon não refere a paisagem que contextualiza as figurações aparentes: os sistemas figura-fundo é que emergem como desdobramento de uma diferença sem-fundo.

O pré-individual, por outro lado, só se diz desse desdobramento teatral, donde Simondon insista na atualidade dos potenciais. Se nada tem com a matéria sobre a qual o hilemorfismo impunha ordem, é que o pré-individual não supõe uma inércia carente de ordenação, trazendo notícia de uma miríade de ordenações moventes recobrando-se sem solução, numa simultaneidade sem simetria. O pré-individual não dá a ideia de um nada ou de qualquer coisa, e seu suspense vai repleto de limiares acontecimentais que são as singularidades por cujo intermédio as perspectivas concorrentes poderão comunicar, ressoar umas nas outras e defasar-se de si.

Enquanto percorrido por singularidades, esse plano de encontros porta uma diferença de natureza: “a mediação não é da mesma natureza que os termos: ela é tensão, potencial” (ILFI, p. 365). Duas ordens concorrem enquanto inscritas em uma terceira realidade, delicadamente *ressoante*, capaz de variar por inteiro ao menor encontro. Nessa terceira realidade, os indivíduos designam efeitos atmosféricos e uma atmosfera de efeitos – o resultado e a arena, o ato e sua condição:

O que é primeiro é esse sistema de ressonância interna, singular, da relação alagmática entre duas ordens de grandeza. [...] O indivíduo é realidade de uma relação constituinte, e não interioridade de um termo constituído. [...] O indivíduo se individua e é individuado antes de qualquer distinção possível do extrínseco e do intrínseco. A terceira realidade, que nomeamos meio, ou sistema energético constituinte, não deve ser concebida como um novo termo que se adicionaria à forma e à matéria: é a atividade mesma da relação, a

⁷⁶ Em seu belíssimo livro sobre Bergson, Gilles Deleuze (1999, p. 70) escreve: “Por que não contentar-se com dois fluxos, minha duração e o voo do pássaro, por exemplo? É que dois fluxos jamais poderiam ser ditos coexistentes ou simultâneos se não estivessem contidos em um mesmo e terceiro fluxo”.

realidade da relação entre duas ordens que se comunicam através de uma singularidade. (ILFI, p. 77)

Enquanto a assimetria de ordens preenche uma condição energética da individuação, as singularidades preenchem uma condição acontecimental que historiciza a comunicação. Se encontramos matéria-forma em assimetria escalar, o que entender desse hífen incluído que as implica numa história comum da força?

Simondon evita representar a comunicação como uma síntese ou um agrupamento arbitrário imposto pelo espírito; prefere uma coerência de desdobramento, de resolução, de repartição, vocabulário que entra em sua definição do símbolo, hecceidade em que um encontro de forças deveio exprimível: “Ele [o indivíduo] é somente o símbolo complementar de um outro real, o meio associado” (ILFI, p. 79). As cenas dualistas da comunicação dissimulavam essa concorrência de intensidades na solução simbólica; na pesquisa das soluções (mistos individuados), um empirismo puramente indutivo escamotearia sua implicação não tanto subjetiva quanto comunicacional, simbólica:

qualquer andamento regressivo que vise remontar, a partir das realidades individuadas, à individuação, descobrirá num certo ponto uma realidade outra, uma realidade suplementar, que pode ser diversamente interpretada segundo as pressuposições do sistema de pensamento no qual se efetua a busca[.] (ILFI, p. 80)

Se o símbolo não interpretamos como síntese ou agrupamento arbitrário, o que caracteriza a diferença suplementar com que ele pareceria sobrevoar uma poeira de encontros fortuitos?

Do embate de forças, a comunicação compatibilizante extrai um sentido aproximável às noções de funcionamento e de finalidade: “A verdadeira ecceidade é uma ecceidade funcional, e a finalidade acha sua origem nesse embasamento de ecceidade que ela traduz em funcionamento orientado, em mediação amplificante entre ordens de grandeza primitivamente sem comunicação” (ILFI, p. 83). Nesse ponto vale avançar sem pressa, se a crítica de Simondon às teleologias e ao utilitarismo prepara também uma crise das finalidades com importantes ressonâncias políticas. Esparsos e breves os comentários explícitos à política, é amante aos materiais que Simondon transgride as subordinações das forças menores a uma ordem finalizada; então embrenha a linguagem em sutilezas microscópicas: festeja a sensação na argila, a vontade na madeira, o devir na válvula; observa minúsculas sociedades de variações arranjando ressonância, primitiva comunicação que já permitiria condensar diferença adentro e amplificar diferença afora.

A comunicação em sua infância primeira se esclareceria por um andamento corporal-mental chamado transdução.

Anunciando uma “pré-lógica”, a transdução quer afirmar uma comunicação que, em vez de anular a diferença das séries comunicantes, saiba prolongá-la enquanto tal, sem perda ou degradação. A grande tese de 1958 batiza toda solução individuada uma unidade transdutiva, e fica para trabalhos futuros nuançar a transdução como motor primeiro de uma interface complexa envolvendo também a modulação e a invenção. Na tese, porém, é sempre o pensamento transdutivo que habilita a copresença dos díspares em um signo atmosférico, de coesão tensiva: “A individuação torna as tensões compatíveis, mas não as relaxa” (ILFI, p. 305). Um tal procedimento se diz pré-lógico pois ultrapassa os princípios da identidade e do terceiro excluído, avizinhandos meio estruturante e meio estruturado em relação de crescimento analógico, repetição periódica, motivo musical.

Evidencia-se a possibilidade de gradar a individuação em níveis de comunicação interativa ou de ressonância: relativamente a virar cristal, iteração rítmica toda extrovertida em superfície, difere um virar vegetal, que envolve singularidades em regimes expressivos, perpetuando comunicação entre o exterior e um meio subterrâneo. O ser vivo é já um mediador, “núcleo de comunicação interativa entre uma ordem de realidade superior à sua dimensão e uma ordem inferior a esta, que ele organiza” (ILFI, p. 21). Forças do sol e forças da terra ressoam na floresta que as exprime.

3.1.2 Componentes do módulo comunicante: planos afetivo e perceptivo

Quando começamos a divisar interiores e exteriores, arriscamos esquecer que os efeitos da comunicação, em vez de pertencerem a um dos lados do limite, vivem na borda de si, ali onde viram outros a cada vez: “As verdadeiras propriedades do indivíduo estão no nível de sua gênese e, por essa mesma razão, no nível de sua relação com os outros seres” (ILFI, p. 122). Não advém por acidente de uma substância – indivíduo é mais aquilo em que um misto caótico de forças a cada vez se divide em menor e maior, interior e exterior, passado e porvir.

Dizemos “a cada vez” para indicar que os dados da comunicação rodam em jogo distributivo, resistindo a explicações por determinismo causal desde um começo absoluto. É que a comunicação só resolve o caos pré-individual prolongando aquelas tensões e pontos críticos, “condição quântica de produção de um efeito” (ILFI, p. 156), donde as soluções permaneçam embrionárias ou, para dizer com Simondon, *neotênicas*.

A neotenia diagnóstica, em biologia, um organismo atrasado em seu desenvolvimento, com sinais de uma juventude prolongada. Simondon generaliza a neotenia para entrever um devir involutivo, uma margem desindividuante em cada individuação. Novas formas se desenvolvem tanto mais a comunicação amplifique suas margens indistintas, seus limiares que aguardavam prolongamento. A tese principal de Simondon não descreve, pois, uma sucessão causal da formação mineral à formação orgânica e desta até os processos mentais. Os saltos de nível ocorrem não após ou sobre a forma passada, mas enquanto aquele passado ainda se forma. A vida aprende a espera, suspende a individuação elementar e já não se encerra no aqui-agora, dispondo de um tempo de escolha no intervalo em que o passado retorna. O vivo, diz Simondon, é um cristal que não parou de nascer; seguindo essa hipótese, o animal se individua na suspensão dos devires vegetais.

Quando estuda a individuação vital, Simondon trata especialmente das membranas seletivas que conduzem as forças materiais até um equilíbrio homeostático. Mas, do cristal mineral ao cristal vivente, a transdução já se vê dupla-face, “indireta” no zigzaguear entre uma diferenciação extrovertida e uma integração introvertida. Antecipa-se um ganho de nuance na divisão fora-dentro: uma face defronte fluxos sensíveis apreende diferenciais de direção, problematiza movimentos, extrai perceptos; outra face defronte fluxos afetivos apreende diferenciais de devir, problematiza destinos, extrai emoções.

Tomada em seus extremos, a comunicação agora tensiona o objetivo e o subjetivo, repartição que não prescinde de andamento criativo, pois o recobrimento de ordens não prediz a solução que delas extrai um acoplamento sensível-afetivo: “um ser sistematizado, tendo uma essência como uma série tem sua razão, não poderia se desenvolver. O ser não está inteiramente contido em seu princípio, ou melhor, em seus princípios” (ILFI, p. 308). A percepção individuada será, então, um simulacro resolvendo a copresença de universos perceptivos incoerentes entre si. A realidade de um objeto, que Simondon admite por “excepcional”, estabiliza-se contanto resolvida uma pluralidade de pontos de vista inicialmente impossíveis. Onde um enfeixamento de relações diferenciais tenha extraído um percepto de um emaranhado de forças, não foi simplesmente por adicionar uma coisa após a outra, mas por ultrapassagem de limiares intensivos.⁷⁷ O pensamento

⁷⁷ “[A] percepção de um odor é frequentemente confusa e não encontra elementos solidamente estruturados; no entanto, uma percepção que incorpora um dado olfativo pode ter grande intensidade” (ILFI, pp. 364-365).

transdutivo volta a sugerir uma terceira natureza, desta vez como algo estranho à associação por contiguidade, outra vez fazendo intervir, por atratores, certos limiares críticos de produção de efeitos.

Percebo uma certa repartição de luzes, sombras, calores, timbres. Um esquema perceptivo supõe já uma repartição qualitativa que começa a esclarecer o que Simondon entende por signo: “há indivíduo quando houver processo de individuação real, ou seja, quando significações aparecem; *o indivíduo é aquilo pelo qual e no qual significações aparecem*” (ILFI, p. 391, grifos no original). Simondon concebe o signo como um horizonte suplementar que resolve problemas de disparidade sinalética, valendo assim dizer que, na visão binocular, a dimensão de profundidade “significa” a disparidade dos pontos de vista. Mesmo a ação se viabiliza no andamento sgnico com que, passo a passo, ela orienta o espaço. E, tal como dois registros imagéticos resolvem suas diferenças no horizonte, o signo encaminharia não uma redução da diferença, mas uma atmosfera de relâmpagos em que as diferenças comuniquem, persistam, propaguem.

Quando diz que a significação precede a linguagem verbal, em vez de pertencê-la, Simondon atenta para um conjunto de soluções qualitativas que se comunicam de maneira implícita: “a realidade que se nomeia comunicação das consciências poderia, com maior justeza, ser nomeada comunicação das subconsciências” (ILFI, p. 369). E, mais adiante: “As consciências não bastariam para assegurar uma comunicação; é preciso uma comunicação das condições das consciências para que a comunicação das consciências exista” (ILFI, p. 395). Essas condições, é o que temos visto, devolvem-se a uma indistinção pré-individual:

Se o conhecimento reencontra as linhas que permitem interpretar o mundo segundo as leis estáveis, não é porque existe[m] no sujeito formas *a priori* da sensibilidade, cuja coerência com os dados brutos, vindos do mundo pela sensação, seria inexplicável; é porque o ser como sujeito e o ser como objeto provêm da mesma realidade primitiva[.] (ILFI, p. 392)

O que pede o destacamento de uma individuação psíquica, se o nível vital assiste já à composição de um mundo orientado?

Não menos do que deduzir o pensamento de uma substância interior⁷⁸, seria insuficiente absorvê-lo a uma concatenação perceptiva. Não é sem variações emocionais que chego a perceber o mundo, e não é como impureza que a emoção adere ao percebido,

⁷⁸ “[A] realidade psíquica não está fechada em si mesma. A problemática psíquica não pode se resolver de maneira intraindividual” (ILFI, p. 242).

mas como um fator estruturante. Assim como a ação orientada porta um conjunto de soluções perceptivas, um percepto implica afetos que o movam e que propaguem nele:

A afetividade realiza um tipo de relação que, em termos de ação, seria conflito e, em termos de conhecimento, seria incompatibilidade; essa relação só pode existir no nível da afetividade, porque sua bipolaridade lhe permite fazer a unidade do heterogêneo; a qualidade é transdutiva por natureza, pois todo espectro qualitativo liga e distingue termos que não são nem idênticos nem estranhos uns aos outros; a identidade do sujeito é precisamente de tipo transdutivo, em particular através da primeira de todas as transdutividades, a do tempo, que pode, tanto quanto se queira, ser fragmentada em instantes ou apreendida como uma continuidade. (ILFI, p. 237)

Voltaremos ao problema da heterogeneidade temporal, que já se vê estreitamente relacionado às séries afetivas. Por agora, importa notar que Simondon faz grande caso da continuidade entre emoções e práticas, a ponto de alertar que sua exclusão recíproca malogra na alternativa entre uma ciência indiferente e uma fé autoindulgente⁷⁹, “destroços de uma espiritualidade que fracassou” (ILFI, p. 379):

[A] emoção não é apenas mudança interna, amálgama do ser individuado e modificação de estruturas; ela é também um certo elã através de um universo que tem um sentido; ela é o sentido da ação. Inversamente, na emoção, mesmo interior ao sujeito, há uma ação implícita; a emoção estrutura topologicamente o ser; a emoção se prolonga no mundo sob forma de ação, assim como a ação se prolonga no sujeito sob forma de emoção [...]; é a mesma realidade que apreendemos abstratamente em seus dois termos extremos, acreditando que eles bastam a si mesmos. (ILFI, p. 378)

Se motivações afetivas tecem os refrões sobre os quais um cristal vem a perceber e agir, o que compele esse cristal a pensar, senão um encontro que rompe a regra afetiva que estabilizava o seu funcionamento?

Uma vez tenha dilatado as individuações das partículas e dos organismos, Simondon sente que o problema afetivo anuncia uma individuação psíquica. Habita-se outra vez um desnível tão mais decisivo quanto indefinido: “Esse estado de metaestabilidade é comparável a um estado de conflito no qual o instante de maior incerteza é precisamente o instante mais decisivo” (ILFI, p. 347). É em seu desregramento que as qualidades afetivas têm a chance de afirmar sua heterogeneidade, de modo que o pensamento distinga não apenas as faces interior e exterior de uma membrana seletiva; no universo doravante chamado transindividual, comunicam-se o afetivo e perceptivo, é dizer: um bloco sígnico (de)compõe-se em afetos e perceptos.

⁷⁹ Note-se que “emoção sem ação” descreve, na tese sobre a individuação, tanto a fé quanto o sentimento de angústia, marcadamente cristão.

O que Simondon chama significação é um acontecimento de arte, uma tecnoestética. Embora não figure na tese sobre a individuação, despontando em redação tardia dedicada a Jacques Derrida, a noção de tecnoestética intui a coesão diagramática que a sensação desenvolve enquanto significa. A amizade aos esquemas técnicos diz respeito não a uma geometria aplicada, mas à hecceidade mesma de uma cor, de um som, de uma emoção, cada *um* traçando-se por sintoma de tensão coletiva: “Não há diferença entre descobrir uma significação e existir coletivamente com o ser relativamente ao qual a significação é descoberta, pois a significação não é do ser, mas está entre os seres, ou melhor, através dos seres: ela é transindividual” (ILFI, p. 456).

Espectros suplementares comunicam-se no transindividual, e em bonitas páginas Simondon observa uma porção de personagens que enfrentaram a solidão no percurso ao coletivo, aberto pelo encontro que nos desadapta comprometendo as condições do perceber e do agir, que pareciam assegurar a unidade do mundo consigo mesmo. Não se trata de atrelar a capacidade de pensar a uma falta. O desnível que explica a comunicação transindividual é aquele de um excedente extraído aos corpos:

é essa carga que é o princípio do transindividual; ela comunica diretamente com as outras realidades pré-individuais contidas nos outros indivíduos, como as malhas de uma rede comunicam umas com as outras, cada uma se ultrapassando na malha seguinte. Participando de uma realidade ativa, na qual ele é apenas uma malha, o ser individuado age no coletivo: a ação é essa troca em rede entre os indivíduos de um coletivo, troca que cria a ressonância interna do sistema assim formado. (ILFI, p. 328)

Simondon diz “individuação” enquanto partículas, corpos e paisagens resolvem a disparidade sensível entre o maior e o menor, entre o fora e o dentro. Agora que a disparidade afetiva foge aos corpos enquanto traça um plano transindividual, Simondon prefere dizer “individualização”, passando a definir o signo pela tensão entre esses dois movimentos: “a significação é dada pela coerência de duas ordens de realidade, a da individuação e a da individualização” (ILFI, pp. 396-397).

Enquanto uma tendência individuante assiste à propagação topológica de singularidades pré-individuais, uma tendência individualizante seleciona espectros transindividuais ao composto individuado. Dir-se-ia que um movimento caminha dos potenciais até os corpos, enquanto o outro remonta dos corpos aos potenciais.

Ficará mais claro que, extraindo aos corpos individuados uma sobreimpressão incorpórea, ao espaço uma diferença adimensional, a individualização também permite extrair à história uma diferença intemporal: “a transdutividade no nível psicológico se exprime pela relação entre a ordem transdutiva do simultâneo e a ordem transdutiva do

sucessivo. Sem essa relação, a realidade psicológica não seria distinta da realidade física” (ILFI, p. 412).

3.1.3 *O incorporal se subtrai aos corpos*

O corpo cumpria mediação entre o interior e o exterior, estando vivo aquele que condensava um passado tombado de volta sobre o presente: “todo o conteúdo do espaço interior está topologicamente em contato com o conteúdo do espaço exterior sobre os limites do vivente; não há, com efeito, distância em topologia” (ILFI, p. 340). Ainda em nível fisiológico, Simondon vê a necessidade de parear um espaço não-euclidiano a um tempo a-métrico, de modo que se espelhem, nas frestas do instante, as desmesuras de um dentro-anterior e de um fora-posterior. Essa “dimensionalidade” decerto pedia alguma palavra capaz de

pensar a morfogênese, interpretar a significação das formas e compreender essa primeira relação do vivente ao universo e aos outros viventes [...]; antes mesmo das estruturas sensório-motoras, devem existir estruturas cronológicas e topológicas, que são o universo dos tropismos, das tendências e dos instintos[.] (ILFI, p. 342)

A expectativa por uma designação adequada à desmesura talvez se batesse com os limites de uma cronologia que tende a englobar o tempo, ainda que Simondon a desobrigue de mensurar:

Assim como, em topologia, as distâncias não existem, em cronologia não há quantidade de tempo. Isso de modo algum significa que o tempo da individuação vital seja contínuo, como afirma Bergson; a continuidade é um dos esquemas cronológicos possíveis, mas não é o único; esquemas de descontinuidade, de contiguidade, de envolvimento, podem ser definidos tanto em cronologia quanto em topologia. (ILFI, p. 341)

O estudo da individuação vital vai encaminhando algo não-englobável⁸⁰ até culminar na hipótese de que excederá toda tentativa de axiomatização, restando à filosofia a coerência de postar-se às margens do conhecimento. Simondon não destrincha essa menção ao conhecimento, alusiva, inferimos, às balizas epistêmicas que o pensamento transdutivo ultrapassa, em proveito de uma atividade que corra à borda de si, na iminência de virar outra coisa. Seja como for, Simondon diz que a borda reparte o caos, face interior condensando o que foi, face exterior defrontando o que vem.

⁸⁰ Embora certamente a par da distinção entre *cronos*, *kairós* e *aión*, Simondon não recorre a essa tripartição temporal, voltando ao *ápeiron* de Anaximandro para uma concepção do ilimitado.

Mas, enquanto cinde os mistos em contrações físicas e orgânicas, a comunicação não consente em colar o tempo ao espaço? Será preciso espraçar a comunicação até que, no extremo da contiguidade espacial, a *individualização* avance outra repartição possível, permitindo destacar uma realidade terceira entre dois blocos espaçotemporais. Sobreimpressão superficial, é sem espaço próprio que o pensamento cresce, “no limite da realidade física e da realidade biológica” (ILFI, p. 415).

Um percurso da comunicação que acompanhasse a tese de Simondon começaria relacionando o menor e o maior, dispersões moleculares e um limite de expansão molar, conteúdo estruturante e expressão estruturada.

Um segundo momento observaria haver uma topologia mediadora repartindo o interior e o exterior: uma membrana seletiva, uma pele vital multiplicando regimes expressivos. Mas essa segunda divisão ainda encobriria, dando-a por resolvida, uma fissura mais profunda entre intensidades afetivas e esquema perceptivo.

Em vez de abrir caminho para uma subjetividade possuidora de si⁸¹, a autonomização das qualidades afetivas repropõe o problema do indivíduo como aquele de um intemporal resultante do encontro histórico de forças materiais.

Os espectros afetivos só se desprendem aos corpos, portanto, enquanto também indagam por um tempo que se descolaria ao espaço. O transindividual é a hipótese de uma eternidade fugaz, comunicação incorporal entre os corpos, “intemporal alocado entre duas realidades temporais” (ILFI, p. 430).

Se questões fisiológicas mantinham o pensamento e o tempo recalcados sob a eficácia do corpo em deslocamento, chega a vez de concluir que o estudo simondoniano da individuação vital dizia respeito não à vida, mas aos condicionamentos da vida. Quando extrai às subordinações fisiológicas uma inaudita potência vital, a individualização psíquica também habilita reler os níveis precedentes como expressando tensões transindividuais que se incorporaram, que se temporalizaram ao passar: “realidade que se modifica e é modificada, sendo ao mesmo tempo o que ela deixa e o que ela toma, real enquanto relacional no meio de dois estados; ser da passagem, realidade passante, realidade enquanto passa, tal é a realidade transdutiva” (ILFI, p. 431).

Com efeito, a comunicação já diferia em velocidade, e pendia uma paciente lentificação até que o filósofo a apanhasse em seu instante mais veloz. Querendo nesse instante evitar a oposição entre uma mente eterna a uma matéria decaída em

⁸¹ “[P]orque seu domínio é de relação, e não de possessão, ele [o pensamento] só pode ser constituído por aquilo que ele constitui” (ILFI, pp. 415-416).

instantaneidade inerte, o filósofo aceita o vocabulário “bissubstancialista” apenas para sugerir que o instante fugaz é do pensamento entre duas séries materiais em desnível comunicante: “o corpo puro é a alma infinitamente passada ou infinitamente distanciada no porvir” (ILFI, p. 430).

Dupla tendência faz a coesão comunicacional do tempo, a um só tempo a comemoração expressiva do passado e a imaginação que antecipa o porvir. É nesse sentido que o signo, enquanto unidade transdutiva, cumpre a função dupla do teatro e da atriz:

a consciência é mediação entre dois devires corporais, movimento ascendente para o presente, movimento descendente a partir do presente. Poder-se-ia dizer que esse movimento de devir, procedendo etapa por etapa, é transdutivo. O verdadeiro esquema de transdução real é o tempo. (ILFI, p. 431)

A individuação à luz das noções de forma e de informação honra o título ao fazer protagonista a informação, que ali se inscreve cerca de quatro vezes para cada menção à comunicação. Mas, se a comunicação aí vagueia, vai rente a singularidades criadoras a desdobrar peças tensivas, os seus diferentes níveis de complexidade diferindo em velocidade. O destacamento de uma complexidade temporal não chega de inopino, e parece mesmo que a individuação assistia, entre as tendências da comunicação, ao alastramento de uma expressão comemorante, enquanto o segundo movimento, que extrai do exposto uma imagem virtual, responde bem ao que Simondon quis chamar de individualização. Para a concorrência de imagem e memória em uma máquina simbólica, encontraremos a contribuição mais explícita de Simondon em um curso datado de 1965. Mas já convivem em 1958 as duas direções, o crescimento de uma retomando a outra: “Cada pensamento, cada descoberta conceitual, cada surgimento afetivo é uma retomada da individuação primeira” (ILFI, p. 392).

Estaremos diante de uma teoria modal das comunicações maquínicas? Embora não apresentemos aqui um aprofundamento na tese complementar de Simondon, importa considerar que aquele texto se define menos por temática do que pelo desenvolvimento modal da existência técnica, movimento ao qual parece corresponder uma *demodulação* do objeto. O desenredamento modal reparte a realidade técnica em três níveis (elementos, indivíduos, conjuntos) articulados em processo de *concretização*. Um tal processo não bastaria a si mesmo: face a outras modalidades do pensamento, a tecnicidade se inclui entre as fases de uma comunicação profundamente estética em incessante amplificação divergente.

As duas teses defendidas em 1958 são desconstrucionistas à sua própria maneira. ILFI e MEOT enfrentam a tradição filosófica correndo rastro ágil a buscar ferramentas em pesquisas das mais variadas especialidades, tomando impulso à ciência no mesmo passo em que transbordam o limite do observável. Esse rastro que desfaz o dado é a linha aberta da comunicação, linha ainda obscurecida, frequentemente recoberta por máscaras, pairando em frestas de texto até que, entre 1970 e 1971, Simondon dedique-lhe todo um curso.

Insistiremos ainda, no entanto, em afastar a individuação da procura pelo que simplesmente *é*. A contribuição de Simondon envolve falsear a simplicidade do ser, envolve remeter o ser a um teatro de diferenças microscópicas, em que se esboça um esquema transmutante. Gilles Deleuze extrai dessa tese importantes consequências, entre elas uma definição da Ideia como *distinta e obscura*, se subjacente ao conceito a Ideia se move mergulhada, recolhida ao pré-individual.

3.1.4 Excurso: Deleuze e o teatro pré-individual como condição da experiência

Quando peço que uma essência guarde *o quê* da coisa, deixo quem sabe escapar como, quando, sob que valores a essência difere da sua encarnação sensível. Silenciada essa casuística do ser, e persistindo na coisa uma distância inexplicada entre essência e aparência, não tarda até que a distância represente uma essencial contradição, e eis que a essência já compreende essencialmente a sua própria negação, o não-ser sem o qual ela não se dividiria, sem o qual ela jamais tomaria distância de si. Nem mesmo a dialética platônica confia vida longa a esse procedimento depreciador. E, se Deleuze vem aí acusar um falso problema, sua correção incide não tanto no perguntar pela essência quanto no supor a essência simples de um ser que *é*. Valerá então considerar bem a coisa em Ideia, tanto mais pela chance de “determinar algo mais importante concernente à Ideia” (DELEUZE, 2005a, p. 131).

O problema prepara as condições para que o conceito forneça da coisa uma representação adequada, isto é, para que a diferença da coisa devesse de direito concebível, e Deleuze não demora em dizer que uma coisa se distingue duplamente, uma vez pelas *qualidades* que possui, outra vez pela *extensão*, interior e exterior (“área de caça”), que a coisa ocupa e determina. Os dois aspectos solicitando-se reciprocamente, uma síntese de complementares configura portanto a coisa, se toda qualidade requer a extensão que a irradia, se todo específico requer a organização que o faz partilhável, assimilável: “Não há qualidade sem uma extensão que a subtende e na qual ela se difunde;

não há espécie sem partes ou pontos orgânicos” (DELEUZE, 2005a, p. 134). É mediante um duplo movimento de qualificação-organização que qualquer coisa se distingue e se habilita à representação num conceito correlativamente apto a dividir-se, a partilhar-se logicamente.

Se vale ainda perguntar por uma essência inaparente, é que ela exige remontar ao *agente* daquele duplo movimento que distingue a coisa, passando a avisar de uma agitação espaçotemporal *sob* a qualificação-organização, de um revolvimento movente *sob* as qualidades encarnadas, individuadas. Uma tal agitação pré-individual ou pré-particular é que concerniria à Ideia, à coisa em Ideia. Ora, essa agitação requer o seu próprio espaço produtivo, mas já não será *extensa* a zona pré-individual, que se abre a uma fissura, a um abismo adimensional *intensivo*:

Ainda que a experiência nos coloque sempre na presença de intensidades já desenvolvidas em extensos, já recobertas por qualidades, devemos conceber, precisamente como condição da experiência, intensidades puras envolvidas numa profundidade, num *spatium* intensivo que preexiste a toda qualidade assim como a todo extenso. (DELEUZE, 2005a, p. 135)

Já se pressente que Deleuze não fomentará uma imagem simples da essência: a coisa em Ideia mergulha num meio de individuação que distribui intensidades puras, como puros potenciais de diferir. Deleuze insiste neste ponto: não apenas a individuação guarda uma diferença de natureza relativamente à qualificação específica, à organização de compostos, à fenomenalidade sgnica; a individuação preenche, para mais, uma *condição ideal prévia*, “suposta por todas as qualidades e espécies, por todos os extensos e partes que vêm preencher ou desenvolver o sistema” (DELEUZE, 2015a, p. 135). Em que consiste, então, esse teatro inaparente da individuação, teatro profundo de intensidades *envelopadas*, de sentidos *insensíveis*?

Deleuze aqui acompanha em grande medida a tese simondoniana: a qualidade se desenvolve feito relâmpago, acontecimento sintomático da comunicação entre intensidades desiguais, desniveladas. Vimos que, em Simondon, os limiares acontecimentais que *encetam* a comunicação entre os níveis díspares nomeiam-se singularidades ou germes de forma, e o teatro pré-individual, quando considera as mais primeiras determinações de sentido, invocará noções como “tendência motriz”, “motivação”, “*preferendum*”. Deleuze, diversamente, faz que a comunicação entre diferenças seja encetada por um diferenciador invisível e insensível nomeado *precursor sombrio*. Cumpriria ao precursor sombrio o papel terceiro de correr por entre duas séries

dísparos, de modo a *ativar o campo intensivo e determinar a atualização ou a dramatização da Ideia*.

Considerados os aspectos distintivos de uma coisa em geral, resta ainda levantar os principais caracteres de uma Ideia. Em primeiro lugar, uma Ideia deve relacionar elementos “destituídos de forma sensível e de função, elementos que só existem por sua determinação recíproca” (DELEUZE, 2005a, p. 139). Como o teatro da individuação trabalhe aquém do exemplo empírico para alcançar os caracteres de um sistema em geral, o filósofo pergunta acaso os fonemas, as partículas físicas, os genes biológicos satisfazem a definição do elemento diferencial. Poucos anos depois, muito a propósito, encontra-se Deleuze (2005b, pp. 199-220) distinguindo o fonema por capturar fenômenos moleculares em unidades estatísticas, cabendo apreciar Louis Hjelmslev pela descoberta, em linguística, de elementos livres *subjacentes* ao sistema significante/significado. Seja como for, a tarefa da pesquisa, em cada frente, seria a de avançar até a obtenção de tais diferenciais, que existirão apenas como reciprocamente determinados.

Num segundo e concomitante sentido, a certos valores desses elementos corresponderiam distribuições de *acontecimentos ideais* ou *singularidades*, de tal sorte que “um ponto notável engendra uma série prolongável sobre todos os pontos ordinários até a vizinhança de uma outra singularidade” (DELEUZE, 2005a, p. 139). À determinação *recíproca* dos elementos diferenciais corresponde a determinação *completa* da distribuição de singularidades, devendo-se percorrer a multiplicidade virtual da Ideia nesses dois sentidos concomitantes. O teatro da individuação definirá, finalmente, uma dramática *duracional* para os elementos diferenciais e uma dramática *espacial* para a distribuição de singularidades.

Agora bem, como é que o processo de dramatização conecta o aspecto duplo do teatro que exprime a Ideia ao aspecto duplo da experiência que distingue a coisa? O que se passa entre o virtual e o atual? De acordo com Deleuze, as qualidades e espécies encarnam a comunicação entre diferenças intensivas, persistindo justo o tempo que dure aquela comunicação, enquanto os extensos partilháveis encarnam a distribuição topológica de singularidades. De cada coisa, diferem em natureza essas duas faces, uma atualizada, a outra mergulhada no pré-individual, e somente ao custo de tomar o virtual pelo possível se concederá que o existente atual imita ou se assemelha à Ideia que ele encarna. Deleuze insiste em afastar toda relação de semelhança entre a Ideia e os efeitos, os construtos, as formas que a desenvolvem. É da Ideia guardar-se obscura: certamente

que ela se desenvolve, se esclarece, mas nesse partilhar-se ela muda de natureza, atualiza-se criativamente.

Estando em hora de considerar a relação da Ideia com a criação, com os construtos que se engancham nela, será da filosofia privilegiar o conceito. E dir-se-ia que intervém, entre a Ideia e o conceito, uma diferença topológica: enquanto o conceito precisa ainda ser talhado como uma superfície absoluta de sobrevoo (DELEUZE; GUATTARI, 1992), a Ideia opera como que recolhida ao pré-individual, obscurecida em profundidade, *subjacente* ao conceito. Mesmo obscura, a Ideia será plenamente determinada ou distinta, donde o seu poder de configurar a experiência e operar sob o conceito. Deleuze percebe essa distância bem nuançada no kantismo, em que o conceito corresponde a *esquemas* que determinam puros dinamismos espaçotemporais, verdadeiros dramas abstratos que subjazem aos conceitos sem serem, absolutamente, de natureza conceitual.

É interessante notar que a fórmula da “superfície absoluta de sobrevoo” aparece em Raymond Ruyer (1952) para descrever o transindividual, achando-se nesse filósofo da cibernética, portanto, uma ponte direta entre o conceito deleuze-guattariano e a individuação psicossocial simondoniana. Ocupado em renovar um enciclopedismo transversal às ciências, Simondon raramente povoa o pré-individual com figuras mais distintas do que aquelas do potencial, do germe, do *preferendum* elementar. É somente em nível psicossocial que Simondon faz aparecer, como viabilizando um plano de pensamento, certas personagens como o herói, o mártir, o amigo, o profeta. Mesmo aí, porém, não se evidencia em que medida tais personagens retomam e amplificam motivos afetivos perfeitamente *prefigurados* em nível molecular. O pré-individual simondoniano chacoalha numa caótica indeterminação, numa afasia sem limite, e quem sabe a Ideia além de obscura se torne indistinta, perdendo-se numa tormenta de movimentos incongruentes entre si.

Donde a decisiva pergunta deleuzeana pelo *agente* que prefigura a distinção: *quem* estará capaz de suportar o turbilhão, de sofrer aqueles movimentos intensivos que a personagem do transindividual virá heroicamente retomar e amplificar? Será o caso de invocar extraordinárias *pacientes* pré-distintas, esboços sem qualidade, estranhas figuras adormecidas que Deleuze nomeia *sujeitos larvares*:

Composto, qualificado, um adulto pereceria aí. Há movimentos que somente o embrião pode suportar, e aí está a verdade da embriologia: aqui o sujeito só pode ser larvar. O próprio pesadelo talvez seja um desses movimentos que nem o homem acordado e *nem mesmo o sonhador* podem suportar, mas somente o adormecido sem sonho, o adormecido em sono profundo. (DELEUZE, 2005a, p. 136, grifos no original)

Deleuze vai notavelmente longe na apreciação das condições determinantes de um teatro da individuação. Nesse percurso, permitirá liberar uma multidão de *figuras* adormecidas em Ideia. É preciso ver com que força essas figuras resistirão, uma e outra vez, a toda redução ao metafórico ou ao simbólico. Com grande curiosidade Deleuze acompanha Bartleby, personagem sem heroísmo possível, fórmula de uma preferência paciente, petrificação de um sujeito que *não tem nada de particular*: “Bartleby é o homem sem referências, sem posses, sem propriedades, sem qualidades, sem particularidades: é liso demais para que nele se possa pendurar uma particularidade qualquer. Sem passado nem futuro, é instantâneo” (DELEUZE, 2011, p. 98). Ocorreria a esse tipo angelical, bem como a um tipo demoníaco, pertencer a uma *natureza primeira*, da qual só teremos notícia por meio de um terceiro tipo, advogado ou profeta, guardião das leis de uma natureza segunda, mas apto a adivinhar uma inocência original e caridoso para compreender, para salvar órfãos irresponsáveis: “São antes Testemunhas, recitantes, interpretantes” (DELEUZE, 2011, p. 107). O terceiro tipo, profeta do transindividual: ele recebe e anuncia a chegada iminente de um outro povo, a absoluta urgência de um novo teatro, de um novo conceito que compreenda o que vem e já lá está – a esse terceiro tipo não pertence o enciclopedista, que traça um horizonte de equipotência entre os diferentes, que distingue em Ideia os *saberes* como elementos diferenciais, que se dá a compatibilizar, a salvar do esquecimento um instante de divergência luminosa?

A Deleuze não escapa a importância produtiva desse terceiro termo, mas por necessidade ele distingue uma natureza segunda, guardiã da lei, de uma natureza primeira, ela própria povoada de sujeitos larvares como paciências terceiras, dormentes sob o embate de intensidades desniveladas. Se já não supomos uma simplicidade primeira, se em individuação cada coisa colhe o seu drama ao Ilimitado, pende ainda que o pré-individual à meia-noite engendre esse teatro menor, perfeitamente distinto, preenchido por almas sem-partes. Uma tal comunidade de almas órfãs definiria uma esperança, mas diria também a condição ideal da experiência e o sentido mesmo do pragmatismo norte-americano. Seria assim que, com Deleuze, o pré-individual passa da indistinção para a distinção, da “desordem” para uma multiplicidade virtual de Ideias, noite de velocidades infinitas em que migra um povo nômade, feito de germes pré-qualitativos em embate sem concordância.

Simondon já avaliava que abandonar o pré-individual ao ruído não explicaria a intensidade, a informação, a variação contínua. A individuação alcança germes pré-

qualitativos, figuras atléticas ou desejanter, desprovidas de toda temática, com os rostos derretidos de viver em esboço. Simondon, que já estava próximo da música de Xenakis, se aproxima então dos quadros de Bacon e do teatro da crueldade de Artaud.

3.2 1970-1971: ecologia, etologia e psicologia da comunicação

O *Cours sur la communication*, ministrado entre 1970 e 1971, parece confirmar a grande tese de 1958 quando sustenta, de primeira hora, a reciprocidade entre comunicar e individuar. Jean-Yves Chateau (2010, p. 17) apresenta a edição francesa do curso para dizer que Simondon trata a comunicação como “real princípio de individuação”. Implica dizer, nesta altura de nosso estudo, que a comunicação não se furta a envolver um germe sígnico, feito relâmpago que atravessasse uma distância.

A metaestabilidade volta a se afirmar como permitindo ler a incerteza como potência de mudar, e já não como função degradante, atrelada ao aumento de entropia em sistemas fechados. É curioso que Simondon abra o curso comparando duas casas, uma abandonada ao esquecimento e uma *metaestável*, envolvida numa circunvizinhança. De uma casa a outra, ele transita de uma ruína em crescente homogeneização para uma casa que é protegida e que protege, que é ameaçada e que ameaça. A linguagem vai do estável ao metaestável como de um espaço inerte, cada vez mais absorvido ao substantivo simples, para um teatro do tempo e a iminência de operações verbais.

Se a comunicação individua ao produzir sentido, a individuação comunica ao assumir caráter atmosférico. Simondon evoca relâmpagos traçados no estalar de diversas séries de ionização, chamando atenção para uma meteorologia pré-vital que comunica vastas distâncias de tempo, sensível a “acontecimentos atmosféricos que se produzem em certos espaços muito localizados, como um desfiladeiro entre duas cadeias montanhosas”⁸² (CI, p. 33).

Sem decalcar a tripartição que organizava a tese de 1958, o curso distribui três níveis de complexidade da comunicação. Desmontasse antes as particularidades física, biológica e psicossocial, Simondon deixa entrever agora uma comunicação vibratória entre motivos intensivos (nível ecológico), uma comunicação indicial entre territórios ou mundos (nível etológico) e uma comunicação “interna” entre saberes ou concepções

⁸² No original: “*Les spécialistes de la météorologie américaine ont découvert que le temps qu'il fera sur des milliers de kilomètres carrés est 'commandé' par les événements atmosphériques qui se produisent dans certains espaces très localisés, comme un défilé entre deux chaînes de montagnes, ce qui permet en principe d'intervenir techniquement, comme on intervient sur la marche des cyclones.*”

(nível psicológico). Migrante do ruído ao sentido, a comunicação começa indagando a casa, mas é que *oikos* já começa inseparável de *meteor*, se uma casa se diz das suas vizinhanças, dos desfiladeiros distantes que ressoam nela.

3.2.1 *Expressão sensível de motivos intensivos*

A comunicação começa seu percurso no encontro contingente, ressoante em desfiladeiros microscópicos. Simondon fala do acaso criador como do encontro entre séries díspares, referindo Antoine-Augustin Cournot (1801-1877) por inventor de tal solução em matemática. O curso então prolonga Cournot para dizer que a comunicação supõe “uma pluralidade (ao menos uma dualidade) de sistemas quase fechados”⁸³ (CI, p. 59, trad. nossa).

Se um sistema já não opta entre o aberto ou o fechado, é que, a rigor, Simondon não fala de sistemas, mas de *quase*-sistemas em si mesmos heteróclitos, metaestáveis ou problemáticos. A comunicação provoca a sistematização e, ao mesmo tempo, não deixa consumir sistema algum. A comunicação diz *qua-si*, sugerindo a proximidade simulacral de um *como-se*, que acoplará dois sistemas pela distância que os separa, mas também cada sistema pelas distâncias que ele envolve em si:

A comunicação é o fato de que incidências de baixo valor energético podem estabelecer um acoplamento com amplificação de efeitos entre as diferentes ordens de grandeza de um mesmo sistema em estado de equilíbrio metaestável ou entre diferentes sistemas metaestáveis.⁸⁴ (CI, p. 60, trad. nossa)

Nem em sua hora mais simples a comunicação fica redutível à transmissão de informação. Para que a informação comunique, pende que ela suscite um problema, o que já supõe *uma crise entre contato e resposta*, uma dissociação entre o que chega o que sai. Uma ecologia primeira da comunicação já observa essa distância obscura entre sensação e reação, entre receber e responder.

A distância se preencheria de acoplamentos mais das vezes recíprocos, de vaivéns multilaterais. Simondon colhe exemplos na biologia molecular, que descreve como vírus e proteínas cumprem passagem do acaso à regra, da colisão de cadeias sequenciais à sua tradução amplificante numa estrutura terciária. A pronta-reatividade deste primeiro nível não condena a comunicação à falta de sentido. Imiscuído no contato microscópico, o

⁸³ No original: “Pour que la communication existe, il faut une pluralité (au moins une dualité) de systèmes presque fermés (systèmes à entrée et éventuellement à sortie, à effecteur ou émetteur).”

⁸⁴ No original: “La communication est ce fait que des incidences de faible valeur énergétique peuvent établir un couplage avec amplification des effets entre les différents ordres de grandeur d'un même système en état d'équilibre métastable ou entre différents systèmes métastables.”

intervalo transdutivo revelará *preferendums*, motivos vibratórios sugerindo uma mediação *gnósica* que confere às respostas um aspecto aleatório, criador.

Com a hipótese gnósica, Simondon se aproxima de um perspectivismo que tingirá o incidente informativo com uma tendência motriz capaz de polarizar os encontros entre salutar e danoso, entre o que amplifica e o que destrói: “entre sua ‘entrada’ e sua ‘saída’ (receptores e efetores) intervém uma camada intermediária, uma terceira realidade do tipo da gnose, da motivação, da atitude ou da tendência, talvez simplesmente da energia potencial”⁸⁵ (CI, p. 77, trad. nossa).

Desde a energia potencial a comunicação alcança, aquém mesmo da biologia, os embates elementares que prefiguram o relâmpago e que já inspiravam nos pré-socráticos a intuição de uma natureza comunicante. A manhã transdutiva da comunicação se povoará de curtos-circuitos táteis: “Esse ziguezague entre a recepção por contato e a reação é a forma mais simples da comunicação”⁸⁶ (CI, p. 75, trad. nossa). Aos esbarrões e sem memória perceptiva, sem exploração nem evitação prévia, a comunicação aí *padece* feito lisura sensível ao contato, mas investida já de um selecionar, de um preferir certas zonas de intensidade (tal espectro de luz, tal faixa de temperatura etc.).

Moléculas negociam seus ângulos de valência e decidem o que passa e o que não passa, o que absorver e o que defletir. *Motifs* moleculares vão rascunhando meios vibratórios e desprendendo expressões bióticas. Dir-se-ia que vamos nos adaptando ao meio e atendendo a necessidades vitais. Mesmo aí, porém, a gnose, como centro de indeterminação, introduz uma chance de “erro”. É que um *preferendum* se esquematiza com diferenciais intensivos: azuis e amarelos atraem a mariposa faminta; em fase de reprodução, ela busca não tanto os seus pares quanto graus de cinza, atraída por manchas as mais escuras, que prefere mesmo sobre o castanho, comparativamente mais claro, das outras mariposas.

Nem de primeira hora a comunicação se reduz, pois, ao reconhecimento. Devemos reservar à comunicação um intervalo, uma zona para que as perspectivas se determinem de maneira recíproca. Essa zona distribui pontos singulares como gatilhos, disparadores

⁸⁵ No original: “La communication minimum est donc un processus circulaire comportant l'action de deux réalités l'une sur l'autre; ces réalités peuvent n'être qu'incomplètement individualisées; mais, entre leur “entrée” et leur “sortie” (récepteurs et effecteurs) intervient une couche intermédiaire, une tierce réalité du type de la gnose, de la motivation, de l'attitude ou de la tendance, parfois seulement de l'énergie potentielle.”

⁸⁶ No original: “Ce zig-zag entre la réception par contact et la réaction est la forme la plus simple de la communication.”

de processos imprevistos. A mera reação adaptativa, mantendo inalterada a distribuição qualitativa de um teatro sinalético, não fornece ainda um caso de comunicação:

Remexer um monte de areia não é entrar em comunicação com ele, se a areia é perfeitamente homogênea e não esconde nenhuma singularidade; mas a comunicação começa se o encontro com uma pedra, antes invisível, modifica o gesto ou provoca um deslizamento, ou ainda se sai dali um animal escondido.⁸⁷ (CI, p. 77, trad. nossa)

A ecologia da comunicação observa, pois, pequenas atrizes tateantes em trabalho de distribuição de um espaço qualitativo. A comunicação aparece relampejante, atualização instantânea de um *preferendum*. É assim ávida a conversa entre duas “abstrações objetivas” como a roda e a estrada: a zona comunicativa é aquela pela qual a estrada recebe das rodas um resumo das microvariações do veículo, enquanto as rodas recebem da estrada um resumo das microvariações do terreno.

Não haverá vantagem em rebater critérios disciplinares sobre a tripartição proposta neste curso, se já vemos que Simondon mapeia uma primeiridade físico-química não mais do que uma primeiridade técnica, e ainda outra musical, ressaltando-se o caráter iniciático da percussão, da variação rítmica: o ritual de tambores troa ruidosamente, próximo a uma ecologia de vibrações que parecem se recobrir aditivamente, mas é aí mesmo que o tambor arrasta consigo as diferentes culturas, os diferentes saberes. Remetendo à violência do relâmpago, a comunicação ao nível da sensação esquematiza atratores rítmicos, pulsivos. Capaz de sintetizar sons em sequência, a sensibilidade acústica já estaria mais complexa do que a reação epidérmica à luz – mas mesmo uma microfísica das cores, mesmo uma fotocinese das florestas explicar-se-iam pela distinção e amplificação de certos *motivos*, de certas zonas de repetição ondulatória.

3.2.2 Percepção territorial de mundos possíveis

Um segundo nível de complexidade da comunicação, dito etológico, dilata em escala o intervalo entre encontro e resposta, revelando-se uma modulação social da percepção. A comunicação daqui em diante observa tensões intra- e interterritoriais, relacionadas à concorrência de regimes perceptivos.

Enquanto a ecologia acoplava uma perspectiva a um teatro qualitativo, prevalecendo exemplos oriundos da microbiologia e da botânica, a etologia da

⁸⁷ No original: “*Remuer un tas de sable, ce n'est pas entrer en communication avec lui, si le sable est parfaitement homogène et ne recèle aucune singularité; mais la communication s'amorce si la rencontre d'une pierre, primitivement invisible, modifie le geste ou cause un éboulement, ou bien encore s'il sort un animal caché.*”

comunicação observará perspectivas em diálogo, e o levantamento de casos transita para o estudo dos animais. O plano vital aí descortina ricos teatros sinaléticos para a marcação de território, o cortejo, a normalização dos jovens, as predações, as hierarquias intraespecíficas, as simbioses e os parasitismos. Do fundo ruidoso se extraem territórios expressivos: são gritos, chamados, urgências, danças, anúncios. Pendia um ganho de distância até que a comunicação compreendesse um campo de possibilidades, passando das preferências ecológicas para as composições etológicas. Resfriados nesse nível os embates moleculares, a atriz comunicante descobre paisagem, respira, começa a perceber: pode agora evitar obstáculos e discernir gatilhos singulares contra o ruído de fundo.

Os esforços por traduzir diálogos intraespecíficos com frequência relatam exortações redundantes que, mesmo rematadas num aceno cortês, respondem em boa medida ao que Roman Jakobson (2011) chamou de comunicação fática:

- Estou aqui, onde estás?
- Estou aqui.
- Vou dormir, boa noite.

Esse diálogo, que Simondon encontra transcrito pelo etólogo Konrad Lorenz (1927-1989), repartiria, entre duas gansas que não se enxergam, os papéis de filha e de mãe, ou os papéis de protegida e de protetora. Simondon presta especial atenção aos diferenciais sonoros que tais papéis devem encarnar: – *Wiwiwiwiwi*. / – *Gangangang*. / – *Wirrrrr*. Tanto mais por encenar certos ritos, a exemplo do rito de proteção, a etologia já vislumbra que um mesmo ser *comuta entre diversos seres*, que serão os diferentes papéis, os diferentes mundos nele coexistentes. Um tal ganho de distância suscitará uma inteligência indicial:

a tinta derramada pelo cefalópode perseguido, a urina projetada por certas espécies, as pedras que os primatas sabem lançar contra os seres que os assustam, e muito geralmente os produtos de dejetos devolvidos ao meio pelo metabolismo de cada espécie ampliam o círculo do espaço ocupado, sem que se trate de informação transmitida como sinais, e mesmo se outras espécies empregam essas modificações do meio [*milieu*] como instrumento [*moyen*] de detecção. O que importa é que o desenvolvimento vai do contato direto e biótico à comunicação a média e longa distância, que se faz geralmente por intermédio de um agente abiótico do meio.⁸⁸ (CI, p. 45, trad. nossa)

⁸⁸ No original: “*l’encre répandue par le Céphalopode poursuivi, l’urine projetée par certaines espèces, les pierres que les Primates savent jeter contre les vivres qui les effraient, et très généralement les produits de déchet renvoyés dans le milieu par le métabolisme de chacune des espèces élargissent le cercle de l’espace occupé, sans qu’il s’agisse par d’autres espèces transmises comme des signaux, et même si ces modifications du milieu sont employées par d’autres espèces comme moyen de détection. Ce qui importe, c’est ce que le développement va du contact direct et biotique à la communication à moyenne et longue distance, qui se fait généralement par l’intermédiaire d’un agent abiotique du milieu*”.

As etologias inaugurariam, com a percepção, a capacidade de diálogo mediado por índices. Assumidas como *agentes abióticos*, as variações qualitativas do meio viram marcadores e conversores de território, o que já supõe, para dizermos com Deleuze e Guattari (1997), uma desterritorialização dos materiais: a comunicação passou a espalhar e recolher cartazes de outros mundos, de outras preferências.

Munida de inteligência indicial, o *preferendum* não somente responde ao encontro inesperado: pode também precipitar e evitar embates. Apto a contemplar atrações e ameaças em paisagem, um regime perceptivo prepara a ação concentrada, com início, meio e desfecho. O hiato entre perceber e atuar deixa lugar para o experimento artístico: um predador simula a ação futura em rotinas de treino, e uma presa dissimula, veste disfarces por semelhança, assim os pequenos insetos que divulgam manchas e cores de bichos maiores e mais temidos. É já nesse nível etológico que a comunicação finge e blefa, não porque se oriente para a ilusão e o engano, mas por experimentar o jogo vital como um jogo sinalético, teatral.

Se já aprendeu a síntese do simultâneo, se já planejou e simulou sequências de ação, o que ainda separa a comunicação do seu plano conceutivo?

Simondon aprecia os mapas por admitirem leituras pluri-sequenciais, o que favoreceria a descoberta. Um drama feito de séries unidirecionais, por comparação, simularia a recepção dócil da informação transmitida, preparando um modelo de inteligibilidade *causal*. Tudo se passa, então, como as etologias padecessem de um condicionamento narratológico, aludindo o filósofo a “uma sequência etológica que impõe uma direção ao comportamento”⁸⁹ (CI, p. 114, trad. nossa).

À diferença territorializada no índice corresponderia uma comunicação diligentemente fática. As limitações seriam aqui análogas às que distanciavam a individuação vital da individualização transindividual: a ordem de interioridade perceptiva vai até onde a sua estrutura é posta em xeque, até onde a sua fórmula precisaria variar. Não é sob essa condição que comunicação se reduz à transmissão de ordens, à conservação do comunicado, às técnicas da redundância?

Simondon propõe neste curso situar a linguagem humana num diagrama das comunicações, mas seu pensamento, além de traçar classificações por gêneros e espécies,

⁸⁹ No original: “*En allant plus loin dans la même voie (comme dans le langage humain), on dépasse le cadre d'une séquence éthologique imposant une direction au comportement: il n'y a pas de comportement déjà en cours*”.

não prejudica a natureza do fenômeno inventivo. Ecologia e etologia não serão suportes para a edificação do humano falante. Tanto as respostas qualitativas e indiciais envelopam intervalos criativos quanto a língua dará um novo alcance para a organização de xenofobias reativas que pretendem excluir a diferença, vingar-se contra ela:

nas espécies sociais, a comunicação permite reconhecer o estrangeiro, excluir o desviante, colocá-lo em quarentena; a linguagem humana possui, ela mesma, esse caráter duplo: suscitar a ação, os encontros, sincronizar as condutas organizadas e, em contrapartida, servir de critério para reconhecer, excluir ou afastar o estrangeiro.⁹⁰ (CI, pp. 65-66, trad. nossa)

Enquanto contemplam a convivência de diferentes domínios de diferenciação expressiva, as etologias da comunicação também distribuem papéis sociais que normatizam o comportamento. Será mesmo possível alçar esse nível da comunicação a um modelo linguístico, e então se imaginará uma máquina de funcionamento invariante:

certamente existem leis de expressão coerente em cada língua; mas se essas leis se aplicassem à totalidade do enunciável, o discurso não poderia aportar qualquer informação; é na medida em que possua certo número de graus de liberdade que a linguagem pode ser veículo de uma originalidade.⁹¹ (CI, p. 134, trad. nossa)

Do ponto de vista de uma lei geral, a originalidade fica para trás, restando à enunciação fornecer cópias do que foi. Semelhante platonismo levava os comparatistas do século 19 a maldizerem a comunicação: ela contaminava o sânscrito, ela condenava a língua sagrada a uma decadência irreversível. A comunicação não passa sem um trabalho transdutivo, transcodificante. Para um monismo transdutivo, comunicativo, a mônada já é em si mesma alteromonádica, e tanto mais flagrantemente quando dilata territórios de diferenciação.

Apresentamos até aqui dois níveis de comunicação. Num primeiro momento, o encontro de intensidades díspares se resolvia em motivos sensíveis, em *preferendums* qualitativos. A resposta seria instantânea, em qualquer caso veloz demais para acionar a percepção. Longe de conformar-se às particularidades desta ou daquela ciência, o plano ecológico exigiria uma compreensão rítmica, pulsiva, que aproxima da música os seus interpretantes.

⁹⁰ No original: “*dans les espèces sociales, la communication permet de reconnaître l'étranger, d'exclure le déviant, de le mettre en quarantaine; le langage humain lui-même possède ce double caractère: susciter l'action, les rencontres, synchroniser les conduites organisées, et d'autre part servir de critère pour reconnaître, exclure, ou maintenir à distance l'étranger.*”

⁹¹ No original: “*il existe certes dans chacune des langues des lois de l'expression cohérente; mais si ces lois s'appliquaient à la totalité de ce qui est énonçable, le discours ne pourrait apporter aucune information; c'est dans la mesure où il possède un certain nombre de degrés de liberté que le langage peut être le véhicule d'une originalité.*”

Num segundo momento etológico, a convivência de regimes perceptivos desenvolve funções territorializantes. A percepção a distância permite contemplar uma paisagem de possibilidades, mas a acentuação da seletividade e a linearidade das condutas leva ao preenchimento de papéis estereotipados, e a comunicação tende à redundância do diálogo fático. Ao mesmo tempo, jogos indiciais experimentam simulações e dissimulações, a dispersão material aí erguendo cantorias, danças e casas. Em comunicações mediadas por agentes abióticos, traços qualitativos passam a fornecer conversores de um meio a outro, o que supõe um processo de desadaptação ou de desterritorialização: para afugentar o invasor, o arremesso desadapta tanto a pata dianteira, que vira mão, quanto a pedra, que vira arma. Em processo de desadaptação a comunicação desenvolveria um terceiro e mais complexo plano, aquele de sua diferença interna.

3.2.3 Comunicação interna entre significações

Certos pássaros enriquecem seu fraseado com a música vinda de fora. O canto territorial reserva aí uma disponibilidade para incorporar, do estrangeiro, os motivos sonoros, os intervalos de silêncio, o tempo de espera antes de responder. Com tanta sutileza multiplica variedades dialetais, a modulação da voz em intensidade e em frequência permite a distinção individual dos chamados, e Simondon trata ainda de pássaros quando refere escolas de canto e duetos antifonais que sugerem grande disponibilidade para aprender pela escuta.

A discussão sobre a comunicação a nível psíquico começa considerando essa complexidade dos motivos atratores, mas trata ainda de etologia enquanto os sinais permanecem atrelados à função indicial. Seria o caso do traço rítmico que, preconizando o desenho figurativo e a escritura, se sobreimprime ao objeto para designar-lhe a função de ferramenta, de arma, de máscara. Um salto de nível requer um excedente informacional relativamente aos índices etológicos, caso em que os traços se subtraem à designação. Não que os traços percam materialidade – são as próprias qualidades materiais que já não se contentam em prolongar o corpo: “A comunicação visual conquista sua independência quando a marca se libera do objeto portador e quando o objeto já não está destinado (como

o cetro, a mão de glória) a prolongar ou intensificar uma atitude, ou uma mímica (a máscara)”⁹² (CI, p. 126, trad. nossa).

Embora estude separadamente casos de acústica e de visão, cada um dos três níveis do curso de Simondon recorta transversalmente as diferentes pistas de sentido. O trecho que acabamos de citar considera a liberação de elementos visuais, mas o sinal sonoro observaria processo análogo: “essa independência relativamente à sequência unidirecional do comportamento se traduz pela independência dos elementos do discurso uns relativamente aos outros” (CI, p. 134, trad. nossa). A independência dos elementos remete à possibilidade de subtrair as tendências sgnicas ao curso da ação: “não há comportamento já em curso; a comunicação pode se situar antes ou depois do comportamento, ou mesmo não ser relativa a um tipo definido de comportamento”⁹³ (CI, p. 134, trad. nossa).

Ainda assim, o hiato entre a simultaneidade visual e a sequencialidade acústica contribuiria para a elaboração de hipóteses contrárias acerca da comunicação em nível psíquico: o realismo platônico confiaria na contemplação visual para defender a preexistência de uma comunidade analógica entre cópias sensíveis e modelos ideais, legitimando a síntese de opiniões contrárias numa estrutura superior; já o empirismo confiaria que o elemento sensível aporta seu próprio princípio de inteligibilidade, quando menos pela continuidade melódica com que sujeito e experiência dialogam. Sistematizada pela filosofia de Kant, essa divisão encobriria a zona problemática da comunicação psíquica, que Simondon costuma chamar comunicação interna, ou comunicação entre comunicações, pois tudo se passa aí como a comunicação afinal considerasse o processo cósmico pelo qual ela diverge de si.

Simondon emprega vários nomes para os potenciais comunicantes a nível psíquico: significações, invenções, elementos do saber. O problema da copresença de saberes é aquele que ocupa mais explicitamente esse filósofo, apreciador não apenas da enciclopédia, como também das obras de alquimia e de ocultismo, saturadas de uma iconografia rica em ressonância interna (*Mutus Liber, Atalanta Fugiens*). A comunicação

⁹² No original: “*La communication visuelle conquiert son indépendance quand la marque s'affranchit de l'objet porteur et quand l'objet n'est plus destiné (comme le sceptre, la main de gloire) à prolonger ou intensifier une attitude, ou une mimique (le masque)*”.

⁹³ No original: “*il n'y a pas de comportement déjà en cours; la communication peut se situer avant ou après le comportement, ou même ne pas être relative à un type défini de comportement; cette indépendance par rapport à la séquence unidirectionnelle du comportement se traduit par l'indépendance des éléments du discours les uns par rapport aux autres*”.

simbólica vai sugerir a contemporaneidade entre ler e inventar, e o trabalho próprio a essa comunicação pensante será o de traduzir o intraduzível:

a invenção resta como o que faz aparecer uma necessidade *post facto* possibilitando uma comunicação entre sistemas de comunicação primitivamente intraduzíveis; a invenção tem um sentido de autoconstituição de normas; ela não é *uma* comunicação, mas uma comunicação entre comunicações[.]⁹⁴ (CI, p. 129, trad. nossa)

Quando a individuação alcançava esse nível inventivo, Simondon experimentava um recobrimento de movimentos que, subtraído ao corpo organizado, provocava a *individualização* transindividual. Considerando agora a comunicação, Simondon pensa esse reservatório de potência pela disponibilidade para a aprendizagem (“mais-valia informacional”) e por esboçar uma simetria de direito, um horizonte cósmico entre os comunicantes (comunicação entre significações). A invenção desenvolveria uma máquina em que cada peça se diz de sua relação com todas as demais, a comunicação cumprindo um vaivém incessante para traçar uma malha, um mosaico, um jogo de peças plurivalentes:

o funcionamento de todas as outras partes é a condição de existência daquela que se examina e se isola epistemologicamente. [...] A mais alta comunicação é aquela que se traduz pelo fluxo incessante entre os domínios do sistema organizado pela resolução; essa comunicação traduz o ato principal de organização; ela existe tanto numa fé religiosa quanto numa válvula eletrônica; esses caos originais coerentes apresentam sempre o duplo aspecto de contradição interna e unidade funcional; eles não são descritíveis nem sob forma de encadeamento causal, nem sob forma de teleologia unilinear; eles têm facetas, eles são multipolares.⁹⁵ (CI, pp. 86-87, trad. nossa)

Simondon aprecia o enciclopedismo como esse programa de um labirinto sempre provisório, aberto em todos os pontos e rascunhado novamente de entrada em entrada, cada entrada valendo pelo movimento com que modifica as outras. Decisivamente, o enciclopedismo nasceria num atrevimento coletivo contra a autoridade, para viabilizar universalmente o autodidatismo. Gesto enciclopédico por excelência seria o de dispensar

⁹⁴ No original: “*l'invention reste ce qui fait apparaître une nécessité post facto en rendant possible une communication entre des systèmes de communication primitivement intraduisibles; l'invention a un sens d'auto-constitution de normes; elle n'est pas une communication, mais une communication entre des communications*”.

⁹⁵ No original: “*le fonctionnement de toutes les autres parties est la condition d'existence de celle que l'on examine et isole épistémologiquement. [...] La plus haute communication est celle qui se traduit par le flux incessant entre les domaines du système organisé par la résolution; cette communication traduit l'acte principal d'organisation; elle existe aussi bien dans une foi religieuse que dans un tube électronique; ces chaos originels cohérents présentent toujours le double aspect de la contradiction interne et de l'unité fonctionnelle; ils ne sont descriptibles ni sous forme d'enchaînement causal, ni sous forme de téléologie unilinéaire: ils ont des facettes, ils sont multipolaires.*”

vínculos de subordinação em proveito da simetria entre os saberes; a comunicação inventiva fugiria à pessoalidade do inventor e da autoria, resquícios de uma comunicação etológica:

Em tal situação, o autor e o inventor desaparecem; o conhecimento “magistral” pertence em parte à comunicação do segundo tipo: é o pensamento de tal filósofo, a teoria de tal cientista, que é proposta a outros filósofos e cientistas; mesmo que se proponha uma doutrina a toda a humanidade, ela se encaixa em uma comunicação do segundo tipo, pois sua origem, sua fonte, não tem o mesmo estatuto que os termos que recebem a mensagem, mesmo se eles respondem e criticam, depois reemitindo-a por sua conta, como nas discussões que se seguem a uma conferência[.]⁹⁶ (CI, p.79, grifos no original, trad. nossa)

Na distância que foi tomando relativamente à transmissão de informação, a comunicação termina avessa a toda simplicidade monológica: o percurso da comunicação não é o de uma seta, mas o de uma circulação, de um ziguezague entre partes que ela avizinha e modifica. Um tal ziguezague não seria exatamente intersubjetivo, pois os comunicantes se determinam reciprocamente como “elementos do saber”:

O professor também pode, em certos casos em que sua especialidade não é um obstáculo, tender para o trabalho enciclopédico: nesse caso, dentro do próprio saber que ele trabalha para propagar, caminha um enciclopedismo; o diálogo não é mais instituído entre um homem e adolescentes, mas, no saber do homem tanto quanto no dos adolescentes (menos completos, mas com o mesmo estatuto), entre um elemento do saber e outros elementos do saber: trata-se de uma sociedade de elementos do saber sem assimetria de termos. [...] O maior problema pedagógico consiste em encontrar uma maneira de instituir (no interior do corpo do saber) a comunicação de terceira ordem[.]⁹⁷ (CI, p. 79, trad. nossa)

Escrevendo logo após as insurreições estudantis do maio de 1968, Simondon elabora a pedagogia como um problema comunicacional por resolver, um horizonte por traçar. A questão pedagógica seria a de teatralizar o afrontamento de perspectivas feito um coletivo em cada ponto produtor de diferença epistêmica. Se é certo que não se

⁹⁶ No original: “*Dans ce cas, l'auteur et l'inventeur s'effacent; le savoir 'magistral' appartient en partie à la communication de seconde espèce: c'est la pensée de tel philosophe, la théorie de tel homme de science, qui est proposée aux autres philosophes et aux autres hommes de science; quand bien même une doctrine serait proposée à l'humanité entière, elle s'insère dans une communication de seconde espèce parce que son origine, sa source, n'a pas même statut que les termes qui reçoivent le message, même s'ils répondent et critiquent, puis réémettent à leur tour, comme dans les discussions qui suivent une conférence*”.

⁹⁷ No original: “*Le professeur peut aussi, en certains cas où sa spécialité n'est pas un obstacle, tendre vers l'œuvre encyclopédique: en ce cas, à l'intérieur de son propre savoir qu'il travaille à propager, chemine un encyclopedisme ; le dialogue n'est plus institué entre un homme et des adolescents, mais, dans le savoir de l'homme comme dans celui des adolescents (moins complet mais ayant même statut), entre un élément du savoir et d'autres éléments du savoir: il s'agit d'une société d'éléments du savoir sans asymétrie des termes. [...] Le problème pédagogique majeur consiste à trouver une manière d'instituer (à l'intérieur du corps du savoir) la communication du troisième ordre*”.

demora examinando a fuga à função indicial, esse curso do início dos anos 1970 sugere que a comunicação passa da etologia à psicologia como do apelo fático e denotativo a uma semiótica atenta à comunicação entre diferenciais epistêmicos.

3.3 Para a autonomia e a conexão dos planos

Devemos determinar em que sentido os diferentes níveis de desdobramento da comunicação se apresentam de direito distintos, irreduzíveis uns aos outros. Em primeiro lugar, cabe considerar a comunicação por seus efeitos, e a tese de 1958 deixa ver que, desde uma afasia pré-individual, um ser singular comunica-se e *defasa de si* para individuar-se. Como esse movimento não supõe degradação, o pré-individual estará compreendido em seus resultados, de modo que, perante o fenômeno comunicativo individuado, perguntaremos pela tensão teatral que o atravessa, pelos papéis que ele distribui, pela natureza dos elementos, das ondas díspares que ele acopla.

Embora fale em teatros, com mais frequência Simondon entende como *sistêmico* ou *quase-sistêmico* o módulo comunicante, distribuído em distintas *fases* ou *níveis* segundo uma escala ascendente de compreensão de potenciais. Nas últimas páginas do curso de 1970-71, no entanto, os quase-sistemas comunicantes preenchem diferentes *planos*, e então lemos que um organismo “está limitado por sua coerência, por seu plano de composição que o permite viver” (CI, p. 114, trad. nossa) e que, suscitando em si sistemas de significação como feixes de originalidades reunidas, o pensamento “se esforça em comunicar seu plano de concepção para propagá-los” (CI, p. 114, trad. nossa). Embora não se nomeie correlativamente o nível ecológico, não seria despropositado chamá-lo de plano de seleção ou plano de preferência.

Pensamos que essa articulação em planos potencializa um perspectivismo em que os níveis coexistem sem subordinação, o que envolve reconhecer que cada plano se povoa dos elementos diferenciais que lhe concernem, donde a diversidade de soluções, de inventos suscitados em cada nível. Pudemos discernir três planos:

Um terceiro *plano conceutivo* ou *cosmológico* cujos elementos envolveriam saberes, coletivos, significações. Simondon estima que o enciclopedismo – ou, em qualquer caso, uma pedagogia por vir – deve responder adequadamente aos problemas enfrentados nesse nível de complexidade, em que a comunicação considera o problema de sua diferença interna e atualiza o seu conceito.

Um segundo *plano etológico* cujos elementos desenvolviam índices territoriais em casas, cantos, danças. Esse nível pareceu especialmente ambivalente, pois tanto

descobria um meio interno quase-fechado, com suas designações de papéis e suas funções de conservação, quanto se abria em paisagem à compossibilidade, a jogos de simulação, a conversões de um mundo a outro. Pode-se dizer em todo caso que esse nível, propriamente paisagístico, guarda para a comunicação a chance de criar e atualizar perceptos.

Um primeiro *plano ecológico* que distribuiria zonas qualitativas a partir de elementos que envolveriam *preferendums* intensivos, motivos vibratórios. Estaríamos distantes ainda de uma paisagem tranquila: tudo se passa como padecêssemos numa ecologia *menor*, que não se resolve em corpos formados, preenchida apenas por aqueles germes que Deleuze nomeou *sujeitos larvares*. A comunicação deve encontrar aqui a sua condição afetiva e sua musicalidade.

Cabe adiante considerar como pode a comunicação ir e vir por entre os planos, comunicação que veremos assegurada pelo pré-individual, pela distância abismal em que os signos mergulham todos copresentes, para que os construtos se interpenetrem e os planos defasem divergentes outra vez.

4 O INCONSCIENTE TRANSDUTIVO E AS TRÊS MODULAÇÕES

Pode-se falar numa *linguagem* maquínica? Teríamos, nesse caso, de nos reportar ao que Simondon chamou de *pensamento transdutivo*. Este capítulo apresenta e desenvolve as implicações lógicas desse pensamento, que apresentará a transdução como objeto primeiro da comunicação. Começamos questionando a produtividade e os limites do pensamento transdutivo, que entendemos responder à emergência de singularidades dispersivas como problema esquivo aos métodos dedutivo, indutivo e dialético.

Devemos lembrar da transdução como motor primeiro de um processo inventivo envolvendo também a modulação, de sentido *inverso* e *complementar*. Argumentamos que é desse segundo ponto de vista que Simondon chega a fazer da quase-semelhança um critério para a comunicação consequente, o que sentíamos como uma visada retrospectiva sobre o fenômeno comunicativo. E quanto às diferenças que a forma enciclopédica não suporta assimilar? O pensamento transdutivo trata precisamente de crises suscitadas por encontros epistemológicos, e o problema do excedente nos leva a considerar as saturações críticas que prefiguram uma mudança de estrutura. O capítulo termina investigando o que seria uma sintomatologia da comunicação informada por Simondon. Sugerem-se ali ao menos três margens produtivas para a demodulação do fenômeno comunicativo e as conexões de um nível a outro: margens de arritmia, de apercepção e de assignificância.

4.1 Dispersão sem coleta

William Stern (2018) relata o caso de uma criança que folhava gravuras de animais quando acionou sua mãe para saber se um tal pássaro punha ovos. A mãe antecipou logo que todos os pássaros põem ovos, mas a criança apontou para o pássaro ao lado e perguntou se este outro punha ovos. A mãe insistiu que os pássaros *todos* põem ovos. Todavia deslembada de uma verdade assim genérica, a criança teimava indagar um a um, avançando de particular em particular, num processo mental que Stern nomeou *transdução*.

Não chama nossa atenção também a recaída na função indicativa? A criança vai de dêitico em dêitico, e uma linguagem transdutiva andarão dizendo *e este, e aqui outro, e mais isto...* Não vemos como um termo último totalizaria essa dissipação que não se coleciona precisamente enquanto não consente em subordinar coisas desiguais a uma regra, aliás, bastante suspeita, quando menos se o dêitico refere sinais em si mesmos assignificantes, e não organismos funcionais.

No seu estudo sobre a psicologia da primeira infância, publicado em 1924, Stern (2018) constata que crianças menores costumam a arranjar traços diferentes sob um juízo comum (raciocínio indutivo) e passam longe de fixar uma premissa maior donde derivar conclusões necessárias sobre casos particulares (raciocínio dedutivo). Em vez de desabar numa instantaneidade sem tessitura possível, o pensamento veria campo livre para a associação analógica: uma criança roga ao cozinheiro que pare de arrancar penas, pois periga a galinha passar frio sem camiseta, a se sustentar a analogia transoperatória, observada também no pensamento indígena, entre as roupas humanas e as penas da ave. Outra criança, aferindo que a sua locomotiva de brinquedo não possui portas nem janelas, questiona como um bloco maciço chegaria a hospedar passageiros, em prenúncio de uma analogia crítica: encoberto pela semelhança formal, um hiato operacional tensiona as condições de comparar diferentes.

Ainda em 1924, Jean Piaget publica trabalho situando a transdução num estágio pré-causal do desenvolvimento do raciocínio, quando a lógica engatinharia erráticamente, tendo por defeito maior a irreversibilidade. Reversível é somar e subtrair, multiplicar e dividir, operações simétricas em vaivém mutuamente compensatório. O raciocínio transdutivo, no entanto, alteraria sem volta, sem contra-operação que equilibrasse a sua passagem, deixando a criança refém do incidente particular, do inconsciente e das contradições, pois suas inferências não se aplicam fora do contexto muito localizado em que despontam. Deveria a criança superar esse jeito de pensar, se “a essência do pensamento é a tentativa de tornar reversível a própria realidade”⁹⁸ (PIAGET, 2012, p. 189, trad. nossa). A transdução aparece aí como operação ilógica, etapa primeira da vida no rumo do raciocínio válido.

Naquela década de 1920, a engenharia da comunicação definia a seu modo a transdução, pois empregava o transdutor por dispositivo que converte energia de uma natureza em energia de outra natureza. Descrita em termos de conversão energética, a transdução explica uma grande variedade de fenômenos. O fluxo luminoso se reparte em variações de cor, um campo sonoro distribui movimentos, uma vagueza meteorológica enceta associações que afetam a gente: “Vento que dá na vela; vela que leva o barco; barco que leva a gente; gente que leva o peixe; peixe que dá dinheiro” (CAYMMI, 1957).

Essa pré-consciência descerá ao nível da propagação viral, e a genética dos anos 1950 chama de transdutiva a maquinação do vírus enquanto dispersa informação genética

⁹⁸ No original: “*The essence of thought is the attempt to make reality itself reversible.*”

estrangeira numa célula hospedeira. Ao final dos 1970, a física põe a comunicação a explicar fenômenos moleculares e meteorológicos, e as estruturas dissipativas de Ilya Prigogine anunciam uma virada epistemológica que problematiza o sentido do tempo: para arrazoar a sucessão diacrônica, devemos considerar transformações irreversíveis no intervalo entre caos e ordem periódica.

Como fica o pensamento sem transdução? Ao contrário do que previa Piaget, não vai o pensamento transdutivo espreado-se, deixando em toda parte rastros inesgotáveis de comunicação?

É possível que a novelística do século passado tenha tornado sensível uma linguagem transdutiva. Numa escrita que investiga os sobressaltos do sujeito ávido por simetria geométrica e equação totalizante, Witold Gombrowicz narra terríveis encontros enquanto percorre paisagens sempre mais estranhas. Os menores movimentos, rumores e texturas enervam-no como portando enigmas perfeitamente insuportáveis:

Eu esperava tudo, menos uma chaleira. É preciso compreender o significado da expressão “a gota d’água”. Quando demais é demasiado. Existe uma dose de realidade, cujo excesso ultrapassa os limites do suportável. Depois de tantos objetos que eu já nem saberia enumerar: agulhas, sapos, pardal, graveto, varal, pena, casca, cartolina, etc. etc., chaminé, rolha, risco, calha, mão, bolinhas, etc. etc., torrões, malha, arame, cama, seixos, palito, galinha, verrugas, baças, ilhas, agulha e assim por diante, por diante e por diante, *ad nauseum*... agora me aparece uma chaleira, como que saída de uma caixa de surpresas, gratuitamente, sem nenhuma ligação com o resto, como o luxo da desordem, o esplendor do caos. Basta. Fiquei engasgado. Não consigo engolir isso. Desisto. Acabou. Voltar. Voltar para casa. (GOMBROWICZ, 2007, p. 73)

Witold esbarra em ciscos, contabiliza paralelismos, isola e correlaciona regiões anatômicas, descobre em rima as curvas de um lábio, de um cotovelo, de uma flexão de sobrançelha, sob um desconcerto de verborragias que concorrem à mesa da família atormentada que o hospeda. Witold desconfia de uma ordem cósmica, de um equilíbrio ao menos possível, e não lhe ocorre apaziguar tensões ajuntando as diferenças sob uma categoria genérica. As partículas sígnicas guardam para essa personagem um abalo sísmico perpetuamente renovado. Witold tenta montar hipóteses, redes de ressonância analógica. Nem ainda uma hipótese o satisfaz, novo encontro o inquieta, suscitando um movimento que arrasta as conexões que se iam colecionando e que se veem novamente em crise. Rimos dessa personagem incapaz de abreviar e que, ainda assim, persegue um princípio capaz de reger o pulular sempre mais dissonante dos signos: mantém-se tensionada, habitante da iminência metaestável em que uma ideia está ainda por vir, em que o universo está ainda por se constelar.

A transdução nomeia, até aqui, tanto o raciocínio ilógico, pré-consciente, quanto a conversibilidade energética, conceito de uma energia que diverge de si. Os casos relatados por Stern também fizeram crer que a transdução, se não carente de contexto, adentrava sem cessar um contexto novo, o que a língua exprimia passando de dêitico em dêitico – e este, e este *outro...* –, e já nos perguntamos se os encadeamentos sucessivos não supõem um campo transdutivo, um campo de coexistência na variação. Uma justaposição de partes discretas não bastaria para uma partilha do tempo, para uma distribuição de qualidades aqui e ali, para um teatro que assume e atualiza o desnível entre passado e porvir. Não deve a transdução passar da gagueira para um plano de variação simultânea?

Para que a dimensão de presença exista, é preciso não apenas que vários indivíduos estejam reunidos: também é preciso que essa reunião esteja inscrita na dimensionalidade própria deles, e que neles o presente e o porvir sejam correlativos das dimensões de outros seres pelo intermédio dessa unidade do presente; o presente é aquilo em que há significação, aquilo pelo qual se cria certa ressonância do passado ao porvir e do porvir ao passado: a troca de informação de um ser a outro passa pelo presente; cada ser devém recíproco relativamente a si mesmo na medida em que ele devém recíproco relativamente aos outros. (ILFI, p. 327)

Como pôde Simondon “derivar consequências reflexivas” (ILFI, p. 126) de um alastramento indefinido, de uma reiteração deslembada?

4.2 Síntese divergente: dispersão-compreensão

Em 1962, Simondon define a transdução como uma propagação que se perpetua alimentando-se de sua própria atividade:

Com efeito, a amplificação transdutiva é essencialmente positiva: não supõe isolamento nem limite; é o modelo da operação positiva, que se alimenta de si mesma e se propaga mediante o resultado instantâneo de seu próprio exercício: afirma-se enquanto causa perpetuamente sua capacidade de avançar; é autoposição, não é autolimitada.⁹⁹ (API, p. 159, trad. nossa)

Para uma atividade assim perpetuada, requer-se apenas um meio material rico em potenciais por atualizar, o que Simondon por vezes chama de “receptor”. Já vemos que o receptor não designa um sujeito formado, e os contornos figurais vazam a esse nível, que encontra apenas meios afetando e alastrando-se noutros meios. A atividade construtiva

⁹⁹ No original: “*En efecto, la amplificación transductiva es esencialmente positiva; no supone aislamiento ni límite; es el modelo de la operación positiva, que se alimenta de sí misma y se propaga mediante el resultado instantáneo de su propio ejercicio: se afirma puesto que causa perpetuamente su capacidad de avanzar; es autoposición, y no es autolimitada.*”

crece sem pedir nada a uma ordem superior que a governe. Na sua imagem preferida da transdução, Simondon fala do germe cristalino que expande recrutando potenciais de um meio supersaturado: cada camada estruturada rascunha a camada próxima, e esta a próxima, de jeito que um motivo microscópico se estire sem fim. Capturando os potenciais da água em que imergiu, o germe estrutural tece uma rítmica acentrada: “o limite do cristal está virtualmente em cada ponto, e ele pode, realmente, aparecer em cada qual por uma clivagem. As palavras interioridade e exterioridade não podem, com seu sentido habitual, ser aplicadas a essa realidade que é o cristal” (ILFI, p. 130).

Em vez de reduzir-se a comunicação à física, implica-se o mineral num plano comunicacional, numa teoria da relação¹⁰⁰ avessa tanto ao relativismo quanto à hierarquia por gêneros e espécies: sem a coerência de uma transdutividade absoluta, com efeito, “a noção de gênero reapareceria, com toda a latente obscuridade que ela traz consigo. Uma noção não pode ser forjada para dar conta de um fenômeno relativo” (ILFI, p. 153).

A transdutividade absoluta expressa confiança na comunicação entre perspectivas incompatíveis, confiança que Simondon atrela, porém, à necessidade de “*pluralizar a lógica*” (ILFI, p. 34, grifo no original), valendo à transdução medir distâncias com a dedução, a indução e a dialética. Antes que os enunciados da lógica designem indivíduos feitos, quem sabe uma “intuição” (ILFI, p. 31) alcance o ser antes de toda lógica ou, se preferirmos, alcance uma lógica que já não pressuponha o referente estável, o ser idêntico a si.¹⁰¹

Tomados isoladamente, os métodos dedutivo e indutivo reforçariam uma ontologia identitária, abordando problemas cada qual a partir de um extremo: a dedução apela a uma premissa maior que resolve *top-down* os problemas dos domínios aos quais se aplica; a indução elimina o singular, desperdiça informação, retém somente o que acha comum a uma coleção de particulares, sem considerar, aliás, com que direito pôde assemelhar diferenças. A transdução não é dedutiva (exprime potenciais envolvidos num meio problemático) nem indutiva (sem perda ou degradação, faz da singularidade a

¹⁰⁰ “Como essa epistemologia da relação só pode ser exposta ao se supor definido o ser individual, era-nos impossível indicá-la antes dela ser utilizada; é por essa razão que começamos o estudo por um paradigma emprestado da física: é a seguir, somente, que *derivamos* consequências reflexivas a partir desse ponto de partida. Este método pode parecer bem primitivo: ele é, com efeito, semelhante ao dos ‘fisiólogos’ iônicos; mas ele se apresenta, aqui, como postulado, pois visa fundar uma epistemologia que seria anterior a toda lógica” (ILFI, p. 126).

¹⁰¹ Veja-se como a teoria dos autômatos consente com a ontologia do ser idêntico a si mesmo, segundo expressa, de Frege a Chomsky, na lógica de predicados.

encetante da comunicação entre séries díspares). Diego Viana (2018, p. 33) destaca o caráter ternário desse pensamento:

a dedução é um processo que toma como ponto de partida a possibilidade de decompor um objeto em partes discretas, enquanto a indução acrescenta elementos a cadeias argumentativas sem, com isso, provocar modificações estruturais no próprio objeto. Uma vez, porém, que o pensamento se movimenta de um modo tal que as relações e as formas estão em plano semelhante, o caráter ternário dos valores de verdade é posto, dado que as identidades são efeito da própria relação e o valor de verdade de cada termo e da própria relação estão intrinsecamente vinculados.

Longe de dispensar induções e deduções, o pensamento transdutivo quer *acoplar* descobertas indutivas e dedutivas que competem como mutuamente excludentes. Simondon mostra que, no século 19, o espectro visível e as ondas de rádio entabulam comunicação após considerável esforço dedutivo de Maxwell, que acopla “transdutivamente” a série luminosa a um *continuum* eletromagnético: desde então, as ondas permanecem desiguais na frequência, mas pela frequência constroem vizinhança ordenada; nem idênticos nem separáveis, o visível e o invisível comunicam a ponto de haver mesmo, entre eles, uma zona de indiscernibilidade.

A luz agora ondula sem prescindir de corporeidade. O que viabiliza o acoplamento tensivo entre onda e partícula – aquela noção obtida por dedução, esta por indução – não é uma síntese lógica, mas um *encontro epistemológico* (comunicação transdutiva) com que a luz implica uma assimetria e adquire um novo sentido. Definindo a *singularidade de uma onda*, o indivíduo físico se diz a um tempo contínuo e descontínuo, perfeitamente liso e indefinidamente partilhável. Onda e partícula são extremas entre as quais a luz se individua, cada variação de intensidade exprimindo uma atualização na compreensão: “A extensão e a compreensão igualmente se recobrem, pois o enunciado dos limites da extensão emprega os caracteres mesmos da definição por compreensão” (ILFI, p. 148).

O pensamento transdutivo recomenda que os domínios do conhecimento virem *pistas* ou *bandas* repartindo e atualizando o contínuo. As classificações por gênero e espécie dão lugar a um construtivismo topológico: não é que luz visível e radiofrequência designem espécies do gênero das ondas eletromagnéticas – é que o *continuum* das ondas não cessa de partilhar-se em raios-X, ultravioletas, infravermelhos: “O conhecimento da unidade e da diversidade desse fenômeno tão largamente alastrado numa escala numérica é um dos mais belos sucessos desse método transdutivo, que é o fundamento do progresso da física” (ILFI, p. 152).

Certamente que, em si mesmo, um espaço intensivo não possui qualidades ou limites, donde a sua atualização precise ainda ser *sentida*:

é somente em razão de usos vitais ou técnicos que descontinuidades, limites de pseudoespécies, podem ser introduzidas; pode-se falar do vermelho e do violeta, pode-se até mesmo falar de luz visível; mas é porque foi então introduzida a consideração de um ser vivo que percebe[.] (ILFI, p. 163)

Individuar implica, nesse sentido, cortar em perspectiva uma certa região do contínuo, e a série transdutiva então lembra a mônada de Leibniz, que ilumina uma pequena zona do universo nela contido por inteiro. A mão divina assegura em Leibniz a convergência das perspectivas num mundo compossível consigo mesmo, mas experimentamos, com Simondon, um acavalamento de perspectivas incompatíveis. Cada uma dessas perspectivas implica uma série transdutiva enquanto polarizada e qualificada; contraindo-se uma série até seu centro culminante, obtém-se um *preferendum* intensivo:

A ordem transdutiva é aquela segundo a qual um *escalonamento qualitativo* ou *intensivo* se alastra de uma parte à outra a partir de um centro onde culmina o ser qualitativo ou intensivo [...]; [assim,] o verde-amarelo, para a espécie humana, é o centro a partir do qual a qualidade cromática se desdobra para o vermelho e para o violeta[.] (ILFI, p. 474, grifos no original)

O contínuo puro daria quem sabe a ideia nietzscheana de um meio-dia extemporaneamente resplandecido. Mas a luz se partilha em tal e qual sentido, e é mesmo essa incompatibilidade interna que nos pede “pluralizar a lógica” em proveito de uma continuidade tensiva. Cada substantivo se diz de um plano de exterioridade, cada parte exprime uma comunicação pré-particular:

se a operação permanecesse distinta da estrutura, que seria seu suporte imodificável, o substancialismo da partícula poderia tentar dar conta das trocas de energia por uma modificação do nexu mútuo das partículas, deixando imodificado os caracteres próprios de cada partícula. Porém, como toda modificação da *relação* de uma partícula às outras é também uma modificação de seus caracteres internos, não existe *interioridade substancial* da partícula. (ILFI, pp. 181-182, grifos no original)

Resulta que o pensamento transdutivo requer uma materialidade pré-física, transversal às diferentes pistas do conhecimento: “Por transdução, entendemos uma operação – física, biológica, mental, social – pela qual uma atividade se propaga de próximo em próximo no interior de um domínio” (ILFI, p. 29). A atividade transdutiva tece a contemporaneidade comunicacional entre variações intensivas e variações mentais, viabilizando um conhecimento por *apreensão maquínica*, segundo uma linguagem operatória mais profunda que o isomorfismo, anterior à hora tranquila em que já podemos reconhecer e comparar:

não podemos, no sentido habitual do termo, *conhecer a individuação*; podemos somente individuar, individuar-nos e individuar em nós; portanto, essa apreensão, à margem do conhecimento propriamente dito, é uma analogia entre duas operações, o que é um certo modo de comunicação. (ILFI, p. 35, grifo no original)

Quando distingue os pensamentos transdutivo e dialético, Simondon diz que a filosofia helena não dispunha da noção de metaestabilidade, que teria permitido afirmar um devir em suspenso. Platão precisa escolher entre gênese estática e degradação, entre o modelo e a cópia, restando um devir “concebido como movimento, e o movimento, como imperfeição” (ILFI, p. 124). Mas o movimento não vira impureza sem estar já submetido a um eixo cronológico homogêneo que só se altera por contradição e que, portanto, só resolve a contradição “transmontando-a” numa síntese logicamente superior às opiniões opostas. A síntese devém, assim, a tese de uma tríade mais elevada.

Simondon enxerga na ideia de metaestabilidade a chance de evitar essa elevação de planos sucessivos. A metaestabilidade pré-individual encontra, anterior à oposição, um afrontamento movente de afetos: “a afetividade é a única função capaz, graças a seu aspecto relacional, de dar um sentido à negatividade” (ILFI, p. 237). A disparidade está na origem, como sobreposição de movimentos. Gênese e movimento não se opõem do ponto de vista de uma gênese divergente perpetuada, que substitui a síntese dialética por uma “relação sintética complementar”, uma ida-e-vinda entre partes comunicantes. É em virtude desse acoplamento que a dispersão afetiva se faz *durável*, partilhável numa ecologia qualitativa afinal polarizada em prazeres e dores, em quentes e frios.

A partilha supõe uma agitação envolvida noutra tempo, um murmúrio pré-individual, e o que Simondon formula em 1958 como “pensamento transdutivo” envolve uma teoria da relação que, irreduzível ao alastramento reiterativo, suscita confusões na apreciação de sua tese. Falta considerar, concomitante à transdução, o movimento sintético que a recolhe a uma espessura de tempo e que a faz *durável*. Uma “relação sintética complementar” deve descrever dois movimentos concomitantes da comunicação, dentre os quais apenas o primeiro é transdutivo ou expansivo.

4.3 Modulação: relevos de subtração intensiva

O essencial na transdução é reportar o fenômeno comunicado a devires que percorrem e preenchem todo um campo, desde uma microestrutura até uma macroestrutura. A transdução mostra *motifs* moleculares se espalhando num meio receptor

que então transita da saturação de potenciais para uma atividade perpetuada. O impulso não é apenas construtor de estrutura, e o incêndio florestal é também transdutivo, iterabilidade indefinida da capacidade de *queimar*. Também a inquietude de um grupo social estará combustível, à espera de amplificar um incidente estruturante, donde Simondon chama de transdutiva a fecundidade do boato. É supercondutora, é superfluida a transdução.

Ora, a comunicação comporta, desde uma ecologia primeira, linhas implícitas que definem um cuidado, uma seletividade, um *preferendum*. Como uma operação comunicante se singulariza, para mais que determinar a gênese contemporânea de sujeito e objeto? A atualização desta coisa aqui, e não daquela, a visita desta tensão tão peculiar – esses cortes de fluxo não serão degradações, acidentes, arbitrariedades.

No Colóquio de Royaumont, de 1962, Simondon apresenta três modalidades de amplificação do incidente sinalético, a amplificação transdutiva postulando-se como recrutamento primeiro dos potenciais de um meio receptor. Ocorre que a suspensão metaestável não prolonga qualquer coisa a qualquer hora, comportando uma determinação implícita e mesmo um *timing* oportuno – o que suscita perguntar como, quando, em que casos uma diferença de intensidade se exprime, sob que condições a comunicação se reterritorializa em qualidades sensíveis. É que, num sentido “complementar e inverso” ao da transdução, uma macroestrutura coletiva toca a *modular*, a regularizar, a “governar o devir de uma população perpetuamente nova de elementos microfísicos determinados muito perto da origem de seu percurso livre”¹⁰² (API, p. 171, trad. nossa).

Os micropovoamentos transdutivos negociam com um corte maquínico, um dispositivo do tipo relé, uma porta. É sem despendar muito trabalho que esse dispositivo questiona os impulsos associativos para o porvir. Toques sutis podem dosificar fluxos muito intensos, e Simondon cita exemplos que vão do leme do navio até a folha de papel que, introduzida na máquina fotocopadora, libera a corrente que aciona uma lâmpada de considerável consumo energético.

Ao alastramento transdutivo corresponde, tão sutil quanto se queira, uma operação *subtrativa*, mas não confundiremos a modulação com uma codificação binária. A previsibilidade relativa do fenômeno comunicativo se ancora numa polarização plástica

¹⁰² No original: “*la modulation s'exerce selon la voie complémentaire et inverse: des structures macrophysiques portées par une énergie faible gouvernent le devenir d'une population perpétuellement nouvelle d'éléments microphysiques déterminés très près de l'origine de leur parcours libre*”.

que, mais eficazmente que um código comunitário explícito, previne-se contra os efeitos de flutuações aleatórias. Para dialogar com a distinção bergsonista entre sociedades fechadas e abertas, Simondon distingue sociedades em variação contínua, viabilizadoras de uma linguagem analógica, e comunidades consensuais, em que a linguagem se codifica de maneira bivalente:

Uma sociedade cujo sentido se perde porque sua ação é impossível devém comunidade e, conseqüentemente, se fecha, elabora estereótipos; uma sociedade é uma comunidade em expansão, enquanto uma comunidade é uma sociedade que deveio estática; as comunidades utilizam um pensamento que procede por inclusões e exclusões, gêneros e espécies; uma sociedade utiliza um pensamento analógico, no verdadeiro sentido do termo, e não conhece apenas dois valores, mas uma infinidade contínua de graus de valores[.] (NC, pp. 516-517)

Pode o modulador jogar com valores de tudo ou nada, como regendo um espetáculo de *chiaroscuro*, mas ele é também capaz de pilotar um teatro matizado enquanto escolhe entre “uma infinidade de valores compreendidos entre um máximo e um mínimo, entre a saturação e o corte”¹⁰³ (API, p. 165). Diferentemente de um molde, o modulador anda em contínua subtração valorativa, o que supõe uma reciclagem incessante: “Moldar é modular de maneira definitiva; modular é moldar de maneira contínua e perpetuamente variável” (ILFI, p. 52).

Enquanto dá passagem para a atualização de uma partilha qualitativa, o modulador determina uma preferência por tais valores, por tais zonas do contínuo, trabalho que supõe uma invasão da ação pela lembrança: “Esta estrutura é um controle do regime atual de ação da energia potencial sobre uma carga em função de seu passado”¹⁰⁴(API, p. 169). Fica o modulador tematizado não apenas pelo dispositivo tecnológico, como também pelo retorno ao ancestral, embora Simondon não o reduza nem ao ritual, nem ao programa autorregulatório.

Pode o *feedback*, ainda assim, traduzir a plasticidade desse esquema cujos critérios se reconfiguram a cada efetuação. Entre os interditos disciplinares e os *loops* do capitalismo algorítmico, o ordenamento social passa por uma mutação epistêmica, as hierarquias por gênero-espécie substituindo-se por técnicas neguentrópicas. Deleuze (1990, p. 220, grifos no original) diagnostica essa mutação global com que os dispositivos

¹⁰³ No original: “il gouverne, contrôle le régime du changement d'état de l'énergie potentielle, à chaque instant, soit par choix entre deux valeurs (tout ou rien, plein régime ou régime nul, fermeture ou ouverture du circuit réunissant la source d'énergie et la charge), soit par choix entre une infinité de valeurs comprises entre un maximum et un minimum, entre la saturation et la coupure.”

¹⁰⁴ No original: “Cette structure est un contrôle du régime actuel de l'action de l'énergie potentielle sur une charge en fonction de son passé”.

encarcerantes dão lugar, ao longo do século 20, à modulação em espaço aberto: “Os confinamentos são *moldes*, distintas moldagens, mas os controles são uma *modulação*, como uma moldagem autodeformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro”.

Intensamente implicado nessa transição de regimes, Simondon leva a modulação até uma história das ideias, e a filosofia a cada tempo não terá deixado de pensar as técnicas sociais de subtração intensiva. No antigo teatro de sombras, os fluxos de luz, aspirantes à tela receptora, colidiam em figuras moduladoras dispostas a meio do caminho. Ao sugerir que a cópia sensível degrada o modelo ideal, Platão daria testemunho de técnicas de modulação ainda grosseiras: “essa degradação é histórica e não essencial; no tempo de Platão, as técnicas empregadas para modular e amplificar implicavam uma enorme perda de informação”¹⁰⁵ (PM, p. 194).

Permitindo ordenar as mutações sociais numa sucessão de esquemas perceptivos autodeformantes, cabe perguntar se a modulação não diz respeito precisamente à passagem de um tempo de instantaneidade para um tempo cronológico, memorial. E seria nesse mesmo passo que a antiga comparação do *socius* ao organismo assumiria um novo sentido, pois não é mais a sociedade que se assemelha ao orgânico, e sim a seletividade da membrana viva que revela uma sobreposição de camadas moduladoras, todo um maquinismo coletivo aqui e ali encarnado, aqui e ali incorporado.

Dois movimentos concomitantes da comunicação: atividade elementar expansiva e envolvimento de singularidades em meios interiores. A atividade correria instantaneamente, sem leito nem foz, de um polo catódico a um polo anódico, de uma agitação quente a uma frieza atratora – mas essa *ida* entre desnivelados supõe já uma *vinda* que compreenda o desnível em si, que prepare a consistência inventiva da comunicação.

Está claro que um meio antigo, ou reativo, compreende os efeitos de forças ativas sempre novas – do ponto de vista da invenção, porém, diremos que os heterogêneos são contemporâneos. O desnível não é uma desnatureza. A convergência representacional no conceito, ou no hábito, supõe um esquema que torne sensível a comunicação entre intensidades desniveladas. Desse ponto de vista sintético, a origem não diz respeito a um passado estático: cada ato comunicativo permanece em devir enquanto retoma a individuação primeira, ou seja, enquanto o passado inteiro defasando-se se atualiza,

¹⁰⁵ No original: “*cette dégradation est historique et non essentielle; au temps de Platon, les techniques employées pour moduler et amplifier impliquent une énorme perte d'information*”.

enquanto o arquivo permanece aberto a jogo. Paolo Virno (2005, p. 107, trad. nossa) observou as implicações políticas dessa ideia: “O ato inaugural não se afunda em um ‘outro momento’ já arquivado, senão permanece sempre em primeiro plano, concomitante a todas as articulações concretas da práxis social e da política. A pré-história penetra em cada momento histórico singular”.¹⁰⁶

Pode-se dizer que a modulação interpreta, traduz, compreende o impulso expansivo – noutro sentido, porém, é a própria vertente ativa que se satura, que vai ao limite de si, que traça um plano de diferenciação. Uma comunidade de dêiticos entrando em suspensão catafórica, de elementos assignificantes entrando em prefiguração – pode a comunicação fazer da subtração intensiva uma arte, e já não um juízo da memória?

4.4 Da saturação ao teatro despossuído

O fenômeno sígnico remonta a um hábito seletor, e a produção de sentido acha-se condicionada rente à origem de seu percurso livre:

para que os sinais ganhem um sentido num sistema, é preciso que não aportem algo de inteiramente novo; um conjunto de sinais só é significativo sobre um fundo que quase coincida com ele; se os sinais recobrem exatamente a realidade local, não são mais informação, mas apenas iteração exterior de uma realidade interior; se diferem dessa realidade em demasia, não são mais apreendidos como tendo um sentido, não são mais significativos, não sendo integráveis. Os sinais devem encontrar, para serem recebidos, *formas prévias* relativamente às quais eles são *significativos*; a significação é relacional. (ILFI, p. 333)

Deve a variação intensiva discrepar do esquema seletor, suscitando a crise que o deforma, mas a discrepância excessiva sobrevoa um limiar de assimilação e passa por nula. Comunicar é diferir – mas uma expectativa de quase-semelhança forja a ideia de uma diferença “inteiramente nova”, que passaria sem fazer diferença.¹⁰⁷ Reclamando limiares de assimilação, o modulador se assume assombrado por populações inassimiláveis.

O receptor adulto e formado alega um critério de quase-semelhança, aquém ou além do qual uma diferença não faria diferença, e valeria perguntar se a diferença vira, nessas condições, tão somente uma questão de grau. Desconfiar de valores excessivos, inassimiláveis – não é isso o que alimenta a crítica austera que Simondon dirige à obra de arte nas últimas páginas de sua tese principal? À invenção não convém mesmo se colocar

¹⁰⁶ Para o trecho original, ver acima a nota 43.

¹⁰⁷ Exigência similar encontra-se também em Edgar Morin (1977, p. 320, grifos no original): “a redundância indica-nos que *o novo só pode inscrever-se no já conhecido e no já organizado*; senão o novo não chega a ser novo e regressa à desordem”.

em linha com o inassimilável, para que a produção de sentido afinal se distinga de um organismo homeostático, de uma função teleológica, de um dever de integração, de uma reforma de interiores? Sentimos que essas questões são importantes para a chegada a um maquinismo da comunicação.

Simondon aprecia a biossemiótica de Jakob von Uexküll (2010) por compor um mundo perceptivo (*Merkwelt*) não com objetos, mas com sinais ou marcas. O sinal logo se resolve como índice de objeto, mas o objeto remete a problemáticas vitais segundo as quais o ser vivo percebe aliados e rivais, presas e predadores: reconhecer e identificar dependem de esquemas imagéticos que modulam o mundo perceptivo. Como a percepção ressoa num regime de ação, o *Merkwelt* configura um mundo de valores instrumentais/funcionais (*Wirkwelt*), sendo a esse sistema *Merkwelt-Wirkwelt* que von Uexküll (2010) consagra afinal a noção de *Umwelt*, que define o vivente como ambiência de percepções-funções.

Agora bem, esse autor descreve uma natureza musical, e a comunicação entre vivente e ambiente tendem a envolver problemas de estilística. Pode-se dizer que a teia captura a mosca desde que a aranha compreende uma ideia de mosca, isto é, resolve motivos de mosca. Os sistemas vivos estarão repletos de duetos desse tipo. O mar, segundo von Uexküll (2010, p. 174, trad. nossa)¹⁰⁸, faz o fluxo orquestral onde os bichos desatam figuras melódicas: “a regra de sentido que conecta ponto [o mar] e contraponto [um polvo] é aqui provida pelo nadar”. Essa “regra de sentido” sugere um ato mutuamente conversivo: no ato de *ver*, o olho devém solar, e o sol devém ótico. Longe de excetuar-se a tais duetos vitais, a técnica ilumina um âmbito privilegiado de estudo, e von Uexküll repara bem que, ao sentar-se, o corpo faz contraponto aos contornos da cadeira, cujos pés compõem com o chão.

Deleuze e Guattari (1997, p. 125) prolongam essa tese para mostrar que, em vez de subordinar diferentes meios materiais a um sistema geral de semelhanças, ela alcança uma musicalidade inerente às comunicações transdutivas:

Cada meio é codificado, definindo-se um código pela repetição periódica; mas cada código é um estado perpétuo de transcodificação ou de transdução. [...] A transcodificação ou transdução é a maneira pela qual um meio serve de base para um outro ou, ao contrário, se estabelece sobre um outro, se dissipa ou se constitui no outro. [...] [Os meios são] essencialmente comunicantes. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 125)

¹⁰⁸ No original: “*The meaning rule that connects point and counterpoint with each other here is provided by swimming.*”

A transdução define o código por uma rítmica dissipada ou contraída em comunicação. Em estado perpétuo de transdução, o código não instaura repetição periódica sem que a repetição entre em variação transcodificante.

Simondon e von Uexküll comparecem decisivamente nas páginas onde Deleuze e Guattari (1997) apresentam o ritornelo como um acontecimento expressivo que assegura território sobre o caos ruidoso e, no mesmo lance, abre o território a uma desterritorialização cósmica. O vivente vira animal de território à medida que seu meio de exterioridade se converte em zona de domínio, enquanto o meio de interioridade se converte em domicílio ou abrigo. Mas, em tais conversões territorializantes, o decisivo é que a transdução salta aquém das funções orgânicas para se descobrir *expressiva*. O animal de território se define, assim, como aquele transdutor para o qual *as qualidades expressivas precedem as funções vitais*. Longe de fundar o território, a propriedade será o resíduo de um ato artístico que converte os interiores em domicílio, numa descoberta não mais musical do que arquitetônica, se nela o ritmo vira refrão, e o refrão, uma casa.

Livre de trabalhar para a replicação do código de espécie, a seleção de traços materiais começa a indiciar a assinatura de domínios, e logo motivos, contrapontos, estilos. As forças do meio exterior desdobram-se com um singular ganho de liberdade *ao lado* do organismo, já que o território se fez *à margem* ou *defasado* relativamente ao código. É em rastro descodificante que o animal de território trai a função orgânica e decola afora de si, catando matérias de expressão como *operadores* ou *conversores* de agenciamento: trazendo um galhinho no bico, o pássaro canoro converte o agenciamento de território em agenciamento de galanteio.

Importante não é tanto que o animal de território tenha aprendido a descodificar, pois já a transdução viral percorria as margens de descodificação do código genético; o importante é que a transdução, à medida que satura qualidades materiais, vai dispensando a hierarquia hilemórfica: “Não se trata mais de impor uma forma a uma matéria, mas de elaborar um material cada vez mais rico, cada vez mais consistente, apto a partir daí a captar forças cada vez mais intensas” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 149). Essa captação de intensidades é que definiria o caráter *maquínico* de uma composição, seus materiais aí surpreendidos como populações moleculares investidas de um ímpeto cósmico.

Não era isso o que indicava Simondon sobre a individuação da membrana viva, que começava a desdobrar um regime expressivo numa face interna que mantinha continuidade topológica com os materiais do meio exterior? O organismo aguardava uma

desadaptação que abrisse seus devires afetivos ao transindividual.¹⁰⁹ Entre o automatismo e a invenção, não é o organismo que se desprende ao corpo, mas o corpo que vai, segundo a fórmula de Artaud, desprendendo-se ao organismo.

A tese complementar sobre os objetos técnicos guarda toda uma analítica das comunicações sobre um corpo liso: uma consistência singular ali se reparte entre a ferramenta técnica, em sua face figural objetiva, e um fundo de forças cósmicas, em sua face complementar subjetiva. O primeiro sujeito nasce como divindade, enquanto o primeiro objeto inaugura a função técnica do móvel desprendido, reproduzível, extraído a um fundo de qualidades: “O pensamento técnico retém apenas o esquematismo das estruturas, daquilo que faz a eficácia da ação sobre os pontos singulares” (MEOT, p. 169).

O hiato aberto entre técnica e sacralidade se complexifica: numa nova fase, o problema consistirá em descobrir compatibilidade comunicacional entre um pensamento científico e um pensamento ético. Fase a fase, as faces divergentes vão nuançando novos acoplamentos entre um efeito figural e um efeito de fundo: prática e teoria, nominalismo e realismo, diacronia e sincronia. É assim que Simondon arrazoa um processo de evolução divergente. O que importa aqui, em qualquer caso, é atentar para a zona comunicacional, obscurecida pelos esquemas dualistas e qualificada por Simondon como uma transversal *estética*.

A técnica fragmenta o universal em funções profanas; a sacralidade assujeita as diferenças a um fundo cósmico – já o pensamento estético capta, em cada parte, o “*ponto singular de uma infinidade aberta de relações*” (NC, p. 512, grifos no original). É desde zonas supersaturadas, em que objeto e sujeito acham-se perigosamente embaralhados, que a comunicação prefigura conexões entre incompatíveis. Na nota complementar sobre as consequências da noção de individuação, Simondon escreve que o conceito de *valor* representa a complementaridade ilimitada entre os seres, entre cujas expressões estaria o eterno retorno, “que Nietzsche reencontrou como um mito essencial nos Pré-socráticos e que ele integrou ao seu panteísmo” (NC, p. 508). Aversa à propriedade e fazendo fluir o jogo comunicacional, a arte instituiria a transdutividade que eterniza o desnível essencial, a diferença constitutiva da comunicação:

¹⁰⁹ Para a relação entre desadaptação e desautomatização: “como um coeficiente formal superior que condiciona o valor funcional de um indivíduo na comunidade, a *estabilidade afetiva* devém o critério fundamental que permite a permanente integração do indivíduo ao grupo. Essa garantia de continuidade é também uma garantia de automatismo social. Essa estabilidade é o correlativo da capacidade de adaptação a uma comunidade. Ora, essas qualidades de adaptação direta por assimilação e de estabilidade emocional definem o autômato perfeito.” (NC, p. 531, grifos no original)

não é a estabilidade de um modo que comunica com a estabilidade de um outro, mas a excelência com a excelência, a intenção estética com a intenção estética. Poderíamos dizer, retomando a palavra *transdutividade*, que a arte estabelece a transdutividade dos diferentes modos uns relativamente aos outros[.] (MEOT, p. 199, grifo no original, trad. nossa)

Num raro atrevimento hipotético, Simondon sugere que o pensamento estético é aquele que, após a partilha polifásica do contínuo, permanece rente a uma primeiridade “mágica”, feita inteiramente de limiares, cumes, pontos excepcionais: “Esses lugares e esses momentos detêm, concentram e exprimem as forças contidas no fundo de realidade que os suporta” (MEOT, p. 164, trad. nossa). Entre as vantagens de uma *tecnoestética* talvez esteja o destaque ao caráter localizado e datado do ato criativo¹¹⁰: não menos que ao esquema de execução previsto em partitura, a *tecnoestética* chama atenção para as vibrações que acoplam a instrumentista ao instrumento, para as máquinas posturais, para a hecceidade espaçotemporal do que faz efeito.

Seria o caso de aproximar a comunicação desses teatros do tempo. No cinema de Danièle Huillet e Jean-Marie Straub, assistimos a uma concomitância instantânea de vozes (Sófocles virando Hölderlin virando Brecht...) e um estudo paciente de singularizações posturais, tonais, microexpressivas, geográficas e temporais. É em tal ponto da Sicília, em tal tarde de 1992, que Antígona agora percorre uma fresta de singularização de afetos, os movimentos da atriz já não se dirigindo a anteparos vigentes: a vista busca a terra deserta em extracampo, e a voz se ata aos ventos de um tempo esquecido, subido das pedras para irromper outra vez neste céu. Cinema de encontrar, selecionar e concretizar toda uma atmosfera de afetos em deserção: “tensão, relaxamento, suspiros, olhares, movimento, movimentos de vento, mudanças na luz, borboletas, pássaros chiando, corvos grasnando, rajadas de vento... perto ou longe”¹¹¹ (HUILLET; STRAUB, 2016, p. 201, trad. nossa).

Esses teatros envolvem atos que escolheriam morrer antes de calarem sua diferença sob uma comunidade consensual. Ora, dar-se a uma resistência irreconciliável não é o que Simondon censura no esteticismo?¹¹² Mas não seriam esses os atos que

¹¹⁰ Essa resistência à absorção por uma ordem geral ajudaria a explicar, segundo Ludovic Duhem (2009), o ofuscamento da técnica pelas estéticas de Kant, Hegel e Heidegger.

¹¹¹ No original: “*tension, relaxation, sighs, gazes, movement, movements of the wind, changes in the light, butterflies, birds chipping, crows cawing, gusts of wind... near or far*”.

¹¹² Seria recusando uma comunicação idólatra que Simondon desconfia da obra artística “fechada”? A crítica à autossuficiência esteticista sugere que a arte de vanguarda se impõe sobre o outro, imperativa, avessa ao diálogo. Mas essa sugestão não previne contra palavras de ordem em fixar as condições do comunicável, sem circunscrever a comunicação a uma dada ordem formal. Em falta da minuciosa exposição

persistem como problemas, que dão resposta digna ao problema? Não seriam esses os teatros capazes de pensar um cristal de tempo em divergência?

Resta ver, pois, que a comunicação não apenas suscita mudança gradativa, implicando zonas de saturação que prefiguram a construção de um teatro tensivo: “os atos de invenção organizadora têm, de uma só vez, a fecundidade dos processos associativos e a capacidade formalizante da modulação”¹¹³ (API, p. 174). A comunicação não configura máquinas que se adaptam por determinismo convergente, como a cada vez diminuísse a discrepância entre um resultado que se obtém e uma forma que se quer. A invenção requer um meio saturado de “informações não integradas”:

sucessivos saltos bruscos, que podem ser nomeados *conversões*, marcam os momentos em que, tendo a quantidade de informações não integradas devendo muito grande, o ser unifica-se mudando de estrutura interna para adotar uma nova estrutura que integra a informação acumulada[.] (NC, p. 529)

A diferença “inteiramente nova” da variação imperceptível procede a saturar um meio material até a iminência de uma conversão brusca. Interessaria, nesse sentido, uma genealogia comunicacional que observasse revezamentos de dominância entre os moduladores subtrativos e a atividade transdutiva, a exemplo de como Simondon lê a invenção anticolonial: “a chegada à independência dos povos colonizados apresenta essa passagem da modulação à transdução” (API, p. 175). A produtividade dessas teses para as sintomatologias do capitalismo, empreendida explicitamente por continuadores de Simondon, acha-se nele esparsamente anunciada. Sob essa visada notavelmente comunicacional acerca dos problemas de economia política, o ato anticolonial faz linha com saturações intensivas que prefiguram a invenção.

4.5 Fluxo, corte, recorte: o método da demodulação

Deve um corte semiótico, segundo Daniel Bougnoux (1999), sobrevoar o curto-circuito afetivo das marcas e manifestações indiciais, voltando a face para cima, em direção às simulações icônicas e simbólicas que liberam a comunicação da ordem do referente: uma crítica da comunicação deveria, assim, opor ao enunciado a enunciação, ao conteúdo a relação, ao território o mapa, às informações corporais as comunicações simbólicas.

que Simondon costuma dedicar ao experimento científico, pode-se cogitar que, ao invés de dar sintomas de complacência, alguma diferença “esteticista” tenha resistido a integrar-se ao enciclopedismo.

¹¹³ No original: “Enfin, les actes d'invention organisatrice ont à la fois la fécondité des processus associatifs et la capacité formalisante de la modulation.”

Mas um importante problema comunicacional estará em tensionar um referente denotado (este, ali, agora) até o ponto em que, mais que promovido de conteúdo a continente, ele mergulha como singularidade num teatro maquínico, inseparável ali de um perspectivismo. Num tal teatro, os dêiticos mergulhariam em processo catafórico ou, se preferirmos, catastrófico: em intensidade, o espaço despenca e, ao mesmo tempo, fica em toda parte dotado de tato. Só o que temos aí são encontros, diferenças, prefigurações, e não ainda dinamismos finalizados, não ainda construtos formados. O curto-circuito afetivo, a ideia mínima de *linha*, supõe já uma resistência produtiva, um desnível sem o qual as construções complexas não teriam qualidade ou persistência.

Algum método que convenha a esse maquinismo da comunicação, que leve a modulação a uma arte de saturar o comunicado, de amplificar modos de existência, de criar persistência para sensações vagas?

A esse propósito, acompanharemos a distinção simondoniana entre os saberes estruturais, que distribuem um conhecimento particular, e um saber operacional, que se daria a explicar alterações de estrutura. Essa arte intervalar das operações fica nomeada *alagmática*, “vertente operatória da teoria científica” (ALG, p. 562).

A alagmática não se confina num domínio objetivo, sendo-lhe inevitável assinalar acoplamentos entre domínios diferentes: “Obteríamos assim a alagmática físico-química, a alagmática psicofisiológica, a alagmática mecânico-termodinâmica” (ALG, p. 559). Simondon previne-se, porém, para que classificações não constriam como princípios de pesquisa, pois queremos descobrir dinamismos caso a caso, isto é, por seus caracteres internos. Noutras palavras, será pertinente uma diferença que defina os termos comunicantes, em vez de deixar-se definir por eles.

Também por isso um dinamismo não se entrega a olhos vistos – temos de extraí-lo à estrutura por ele determinada. Uma ciência das operações, com efeito, custa bastante a surgir, pois descobre a sua necessidade somente quando os saberes estruturais *sentem de dentro os seus próprios limites*, ou seja, quando os movimentos implicados na estrutura saturam os termos que a estabilizavam. Nesse ponto metaestável, a estrutura está a ponto de mudar – e o que faz a alagmática é percorrer entre as estruturas essa zona de iminência, zona intensiva em que os construtos se recobrem e se afetam sem solução, sem síntese compatibilizante.

Para alcançar esse teatro de iminências, Simondon propõe reabilitar um método analógico, desde que observada uma ontologia que pensa os seres *pelo que fazem*, em vez de classificá-los como partícipes de uma estruturalidade comum:

O método analógico é válido se ele incide sobre um mundo onde os seres são definidos por suas operações e não por suas estruturas, por aquilo que fazem e não pelo que são: se um ser é o que ele faz, se ele não é independente do que ele *faz*, o método analógico pode ser aplicado sem reservas. (ALG, p. 567, grifo no original)

A alagmática não estanca em barreiras de gênero e espécie: se as diferenças comunicam em qualquer sentido relevante, não é por qualquer semelhança de base, mas em virtude de atratores operacionais ou maquínicos. A operação de vestir, dentre outros efeitos teatrais, não prolonga diferenciais intensivos de quente e frio? Quando enxerga afinidade entre as roupas e as penas, a criança não aciona um pensamento maquínico?

A transdução alegava amplificar germes ou “microestruturas”, mas a alagmática chama atenção para o verbo: não é tanto uma microestrutura de faísca que se alastra em incêndio – é a efetuação indefinida do *queimar* que se amplifica de um meio a outro, do micro ao macro. A transdutividade é o que permite à comunicação maquínica passar das ecologias menores até uma maioria simbólica – pode-se distinguir uma máquina platônica, por exemplo, por fixar em altitude certa maneira de separar e selecionar participantes mais ou menos decaídos.

O decisivo está menos na forma verbal do que no tempo sem-fim, na partilha contínua de qualidades que o tempo do infinitivo expressa. Enquanto extensividade infinitiva de uma operação, a transdução faz do pragmatismo alagmático uma epistemologia criativa: “Esse andamento consiste em *seguir o ser em sua gênese*, cumprir a gênese do pensamento ao mesmo tempo que se cumpre a gênese do objeto” (ILFI, p. 31, grifos no original). Vimos que esse andamento transdutivo devinha *maquínico* ao substituir a imposição da forma pela captação de forças cada vez mais intensas. Aponta a alagmática nesse sentido?

A noção de máquina de praxe refere os conjuntos de objetos técnicos viabilizados ao longo do século 19, numa fase da concretização tecnológica que falseia a centralidade do homem como sujeito da *praxis*. A tecnofobia acha aí ocasião para alimentar e alastrar sua ansiedade, renovando a acusação de que os fármacos e as próteses sequestram e atrofiam a gente.¹¹⁴ Mas a denúncia do suplemento técnico ajuda a encobrir aquilo mesmo que a servidão maquínica torna explícito, isto é, a captura das forças produtivas por um regramento comunitário, por uma sociologia implícita que idealiza um motor sem revolta,

¹¹⁴ Para o platonismo do ódio ao fármaco, consultamos Derrida (2005).

sem catástrofe, sem devir: “o homem só está submetido à máquina quando a própria máquina já está submetida pela comunidade” (NC, p. 544).

Para um segundo ponto de vista, afinal, o maquinismo resiste à palavra de ordem e inaugura a filosofia como entrada em comunicação com forças incomuns: “a primeira aparição de um pensamento individual e de uma reflexão desinteressada é, de fato, a dos técnicos, isto é, de homens que souberam se desprender da comunidade por um diálogo direto com o mundo” (NC, p. 519). Exibindo por personagens a adivinha, a profeta, a médica atenta sinais que inquietam o povo, essa primeira técnica parece desdobrar, com efeito, afinidades semiológicas. O sintomatólogo trilha desde cedo uma rota excêntrica: quando Tales lê os movimentos celestes e prediz um eclipse solar, ritmos astrais passam a compor uma circunvizinhança que tensiona as mitologias domésticas. Para esse segundo ponto de vista, a máquina significa, bem antes que uma função alienante, uma afinidade dialógica entre mundos distantes.

Devemos insistir no caráter ativo de um saber operacional. É da vida modular flutuações potencialmente destrutivas, e vimos que a modulação cortava os fluxos submetendo-os a uma aplicação contínua de estrutura; uma forma-sinal governava as forças, e a modulação selecionava preparando uma síntese, uma compatibilidade sincrética – daí que a experiência perceba realidades mistas, *atos* que integram estrutura e operação.

Posso traçar duas retas e contemplar seu paralelismo, estrutura de um ato que comporta também a operação de traçar. Como divisar, em ato, essas duas vertentes nele divergentes? O fluxo e o corte não esperam um recorte, terceiro momento para uma máquina comunicante? Será recortando o signo que captaremos na forma as forças, na geometria a intensidade, e já não surpreende que Simondon chame *demodulação* um tal recorte, que resiste não à prática, mas sim às formas finalizadas que sobredeterminam a prática:

o geômetra também poderia prestar atenção ao aspecto de operação do seu ato, isto é, ao gesto pelo qual ele traça, *sem se preocupar com aquilo que ele está traçando*. O gesto de traçar possui seu esquematismo próprio. [...] aquele gesto procede, com efeito, de uma volição que é ela mesma um certo gesto mental[.] (ALG, p. 560, grifo nosso)

A sistemática analisável do gesto é espacial, mas o esquema operacional do traçar diz respeito ao tempo, sendo ainda preciso que um teatro tensivo, supersaturado, apreenda em si a reversibilidade dos dois extremos. Assim procede a modulação quando, ordenando o tempo segundo um construto morfológico, passa do estado de distinção das

tendências para o de comunidade sincrética; já a demodulação faz o inverso quando recorta o comum entre topologia (ela própria repartida em meios interiores e meios exteriores) e esquematismo temporal. Também chamada *detecção*, a demodulação capta as estruturas moduladoras “no estado de sinal puro” (ALG, p. 571), isto é, abstraídas dos compostos nos quais se encarnam, e reencontra os movimentos que prefiguram o gesto e que implicam puras intensidades num *esquema*, numa *ideia de traçar*.

Se cabe dizer que a modulação descreve um corte, para a captação dos devires num sintetizador, a demodulação corre em recorte, para traçar os limiares de afasia do modulador, para mapear as margens intensivas do signo. Chegar em cada caso a um campo de copresença intensiva não seria à toa, não seria por nada – seria fazer linha com diferenciais livres, com um nível produtivo da comunicação. É que um esquema, em vez de designar um modelo imitável, atualiza um nexos transoperatório que difere de si enquanto passa de um meio a outro, de um tempo a outro: “A transferência de operação é validada por uma identidade de nexos operatórios reais” (ALG, p. 564). A atriz não imita – ela efetivamente encarna Antígona, desatando em ato intensidades vindas de outro lugar e de outro tempo.

Numa tradução simondoniana, o fenômeno comunicativo atualiza reversibilidades transoperatórias, intensivas. Se voltamos aos três níveis da comunicação expostos no curso dos anos 1970, podemos ver que cada fase – a sensação, a percepção, a invenção – possui seus esquematismos e lógicas. Seria possível distinguir três fases de modulação, com seus elementos, sua partilha semiótica, sua escala, seus planos?

A comunicação então se ancoraria profundamente numa modulação ecológica, de partilha qualitativa e escala molecular, para um plano de preferências; uma modulação etológica distribuiria índices territoriais numa escala paisagística, para um plano de composição; e uma modulação psicossocial configuraria uma partilha simbólica de escala coletiva, para um plano de concepção. Em cada um desses níveis caberia à demodulação alcançar uma zona de diferenciais livres para determinar as linhas de força que prefiguram a amplificação de um gesto. O surgimento de novos modos de existência – novos modos de sentir, de perceber, de agir – envolveria a saturação dos limiares afásicos que definem, de fase a fase, margens de arritmia, de apercepção, de assignificância. Dedicaremos um pós-escrito para aproximar a proposta simondoniana de movimentos criadores que, atraídos para as zonas obscuras do comunicável, saturaram as margens afásicas da linguagem e liberaram populações de traços assignificantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos discernir três níveis para uma máquina comunicante: em sua materialidade pré-individual, ela seria vaga superpovoada de movimentos em potencial; em sua dureza fática, ela envolveria encontros entre movimentos incompatíveis; para a concretude continuada dos encontros, ela distenderia um efeito luminoso que responde pelo que Simondon chama de símbolo.

O primeiro momento seria aquele de uma materialidade molecular, saturada de potenciais ainda por comunicar e admitindo distender uma *ecologia estética*, partilha primeira daquilo que o filósofo chama sem hesitar de “unidade mágica”, espaço de dinamismos rítmicos e de devires afetivos, em que a comunicação não faz caso de cercar domínios, formas, limites. Num segundo momento, percebendo problemas etológicos ou existenciais, um meio interior, feito território, configura um meio objetivo como paisagem entrecortada por mundos possíveis. Para que a comunicação se conceba e dê conta de sua própria diferença, um terceiro momento recorta um coletivo de significações, traçando horizonte entre saberes disparatados, no que constituiria o sentido do enciclopedismo.

Quando deparamos com anseios alertando para a inviabilidade de qualquer porvir, súbito noutra tempo ouvimos Peirce dizer, da dúvida cartesiana: “Não pretendamos duvidar em filosofia do que não duvidamos em nossos corações” (CP, 5.265, trad. nossa). Quem sabe a sugestão polêmica do fim dos tempos, como de um fim da história, tenha a idade, o interesse e a rentabilidade das pregações que julgam a vida. É da comunicação acionar algum futuro, nem que seja para dar-se o gosto e o direito de ajuizar o presente. Em que termos, então, uma comunicação simondoniana quer o porvir?

Em meio a uma filosofia tradutora dos alastramentos virais, uma e outra vez quisemos da comunicação o desdobramento de uma atmosfera respirável, ainda que arriscássemos uma tradução exagerada do que Simondon tratava por “teatro da individuação”. Mas era mesmo nesse ponto, em que um filósofo de resto tão circunspecto concebia uma força dramática impessoal, que a comunicação mais intensamente vislumbrava o seu horizonte ou o seu plano.

Não era por perda de concretude que essa filosofia se abria em teatro, mas em nome e por força da vida concreta. A crítica simondoniana ao hilemorfismo nos faz pensar que um regime comunicacional dualista terá grandes dificuldades em explicar como respira. Se é assim, pode ser que o alerta para a fragilidade do porvir nos acorde para a

importância vital de cuidar das lógicas que organizam a comunicação. Não é metaforicamente que a atmosfera, e com ela o porvir, devem uma questão comunicacional. Observaremos que Laymert Garcia dos Santos (2012) extrai da tecnoestética simondoniana notas para uma comunicação que “melhor autoriza uma aproximação positiva” entre o pensamento indígena e o pensamento ocidental, e a expectativa de uma queda do céu, tal como adverte Davi Kopenawa (2015), tratará não menos que das condições de coexistir – condições que convêm à comunicação traduzir nos seus termos, se é também dela afirmar e querer o porvir.

Pensamos que a filosofia de Simondon traz contribuições nesse sentido, ainda que nossa exposição ainda afete pressa. Sentimos que a tarefa exigia descrever uma coerência de relâmpago, e havia nisso um risco pelo menos duplo, fosse o risco de sujeitar a tensão a um equilíbrio rígido, fosse o risco de abandonar a coerência formal a um agregado confuso de paixões. Estando em hora de concluir, resta talvez sobrevoar os movimentos da tese, deixando daqui em diante o que nos pareça mais decisivo.

A comunicação asseguraria a passagem do pré-individual ao individuado, como de uma dispersão abstrata até uma concretude tecnogeográfica. Não constitui novidade constatar que toda realidade é mista ou composta – a contribuição simondoniana passa pela maneira como ela propõe cindir o misto para análise, como discernindo uma materialidade vaga, um esquema comunicacional modulador, um efeito teatral concreto. Donde a “demodulação” como método de análise. Mas também se discerniam *níveis* ou *modalidades* da individuação conforme a velocidade com que a tensão pré-individual assumia o espaço: a tensão que se resolvesse num só instante, por exemplo, deixava por resíduo um indivíduo físico. Era “demodulando” esse instante tão veloz, como dilatando-o por dentro, que se descobriam regimes de percepção e de expressão que conferiam contorno aos organismos e aos territórios. Numa máxima dilatação do intervalo comunicacional, uma modulação psicossocial descobria a fronteira entre uma regulação afetiva e uma vagueza caótica de movimentos por comunicar. Um comunicar assim extrairia ao concreto comunicado uma atmosfera tensiva, e a modulação em seu nível mais distendido se revelaria simbólica.

O plano simbólico consistiria de pelo menos duas séries heterogêneas, como uma série afetiva e uma série perceptiva. Do curso de Simondon sobre a comunicação, depreendia-se que a modulação afetiva se ancorava em regras rítmicas, enquanto a modulação perceptiva se ancorava em regras indiciais. Como Simondon afirmasse um plano em desdobramento por defasagem de si, sugerimos que conviria a um mapeamento

demodulador percorrer as margens de afasia de uma estrutura simbólica. Considerados os três níveis – afetivo-estético, perceptivo-etológico, pragmático-simbólico –, cogitamos um mapeamento que, como desnaturalizando os efeitos de uma máquina comunicacional, saturaria as suas margens de arritmia, de apercepção e de assignificância.

A última etapa da tese envolveu experimentar a capacidade tradutória da abordagem simondoniana junto a processos artísticos de saturação das modulações significantes, que entendíamos voltadas para uma comunidade por vir, como para o tempo infinito do comunicar. Tomamos de exemplo a linguística de Louis Hjelmslev, cuja “álgebra exaustiva” liberava uma multidão de figuras assignificantes, e o concretismo brasileiro, que afirmava a anarquia das associações icônicas. Chegamos com Roman Jakobson à uma compreensão do limiar transdutivo como aquele de uma contiguidade crítica, alusiva a um tempo nem de diacronia, nem de sincronia, mas de acronia. Consultamos os trabalhos de Henri Michaux como expressivos de uma consistência própria ao traço singular e a uma comunidade ainda por vir.

6 PÓS-ESCRITO: DAS MARGENS DE ASSIGNIFICÂNCIA À COMUNIDADE POR VIR

Em que sentido a saturação transdutiva encaminha o ato de criação? Quisemos testar a abordagem simondoniana contra alguns dos experimentos teóricos e poéticos que saturaram semióticas significantes ao longo do século 20. Consideramos a linguística de Louis Hjelmslev, cuja “álgebra exaustiva” libera uma multidão de figuras assignificantes, e o concretismo brasileiro, que afirma a força anárquica das associações icônicas. Em diálogo com a leitura comunicacional que Roman Jakobson sugere para os distúrbios de afasia, indagamos a relação da transdução com os eixos metafórico e metonímico, chegando à hipótese de que a linha transdutiva seja aquela de uma contiguidade crítica. Para uma pesquisa poética das margens de assignificância até o limiar do “incomunicável”, consultamos finalmente os trabalhos de Henri Michaux.

Embora ache intercessores na biossemiótica, nomeie significativo o futuro que altera o presente, articule o símbolo à imaginação e sugira uma educação diagramática, Simondon raramente questiona a ordem discursiva. O signo toca Simondon como problema antes comunicacional que linguístico, dizendo respeito à integração dimensional de uma disparidade sinalética: duas imagens bidimensionais integram-se em profundidade na visão estereoscópica.¹¹⁵ Nem ainda fala, o animal já modula sinais em perspectivas que recortam tal afeto de cor, de odor, de som. À busca chomskyana por uma estrutura comum das línguas, Simondon opõe a atenção a como diferentes perspectivas configuram o mundo: quando considera o som significativo, lembra de uma maquinaria perceptiva capaz de suprimir ecos e afinar-se para uma escuta decomponível, analisável. Esse perspectivismo, em vez de confinar a linguagem a limiares de espécie, quer implicá-la em um plano de comunicação.

6.1 Multidão de traços foge ao composto significante

Objeto da comunicação simondoniana seriam as conversões transdutivas entre os níveis de um plano que assiste a organizações, mas também a movimentos críticos de

¹¹⁵ “[A] produção de sentido é apenas o modo como o sujeito prolonga, no nível da individuação coletiva, um processo de troca informativa que já estava presente no nível biológico e, ainda antes, na própria matéria” (BARDIN, 2015, p. 85, trad. nossa).

supersaturação. Uma vez persiga tais movimentos, um método de demodulação extrairia aos blocos sincréticos os seus esquemas de funcionamento.

Encontramos afinidade entre esse método e os processos de saturação material do regime significativa que marcaram o século 20, a exemplo da vasta experiência que o Brasil reúne desde a contribuição concretista para um pensamento transcriativo. Décio Pignatari (2010) desmonta a ordem do símbolo em favor de potenciais icônicos. Em *Semiótica e literatura*, ele conta como algum “rabisco sem intenção alfabética” incomodou a crítica machadiana ao lançamento das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, obra cuja pecha de “disforme” o semioticista vincula ao emprego do ideograma como procedimento icônico. Machado ali joga com a caligrafia e distribui sinais não-alfabéticos, dispersando acentos de humor que aludem a Laurence Sterne, escritor irlandês que, ainda meados do século 18, intercalava a narrativa com ilustrações sismográficas parodiando as variações intensivas da prosa literária.

No que concerne à poesia do século 20, atribui-se a Mallarmé o despertar para as margens pré-significantes do traço, que assistiriam, na leitura de Décio, a uma luta de classes entre devires oriental-icônicos e capturas ocidental-simbólicas. Um tal confronto geossemiótico traduziria as disputas entre o inconsciente e o consciente, o corpo e o espírito, a espontaneidade e a hierarquia: “A arte, ou melhor, o ícone, é aquele riso rabelaisiano da praça pública que desierarquiza todas as formas, atraindo-as para os baixos corporais da linguagem” (PIGNATARI, 2010, p. 191). O concretismo brasileiro vai ao ícone como à *physis* anárquica donde o símbolo toma as suas forças produtivas. Décio e os irmãos Campos tiram uma porção de consequências teóricas originais das páginas de Mallarmé, Maiakovski, e. e. cummings, experimentadores que afrontavam a unidade significativa com a distribuição superficial de um jogo de manchas tipográficas e espaços vazios. A nível de composição, a poesia se inclinava a multiplicar analogias entre expressão e conteúdo: assim que, por uma regra de semelhança gestaltiana, a palavra OlhO arregala os olhos.

Tanto mais por sua distinção tipográfica e fonemática, é provável que os traços se vejam capturados pelo que Hjelmslev (1975) chama de função semiótica, delimitação de uma unidade significativa pela pressuposição recíproca entre um plano de expressão e um plano de conteúdo: “é em virtude da função semiótica, e apenas em virtude dela, que existem esses seus dois fúntivos que se pode agora designar com precisão como sendo a forma do conteúdo e a forma da expressão” (HJELMSLEV, 1975, p. 61). Enquanto os jogos de analogia expunham uma tensão interna à operação significativa, a álgebra

exaustiva descobria uma multidão de elementos que ali trabalhavam sob uma finalidade pressuposta:

As línguas não poderiam ser descritas como simples sistemas de signos. A finalidade que lhes atribuímos por suposição faz delas, antes de mais nada, sistemas de signos; mas, conforme sua estrutura interna, elas são sobretudo algo de diferente: sistemas de figuras que podem servir para formar signos. (HJELMSLEV, 1975, p. 52)

Essas figuras elementares, que Hjelmslev também chama de não-signos, ou partes de signos, são as singularidades que a álgebra significante captura. Terá sido preciso um método dito exaustivo, uma supersaturação da finalidade em Hjelmslev, para que a função semiótica se visse sujeitando a copresença sinalética a uma necessidade *post-facto*. Aqui, como em Simondon, a saturação da hierarquia aristotélica terá rompido numa ecologia de traços moleculares, e Hjelmslev já descobre forças que despossuídas, ociosos atos atmosféricos que respiram à margem de uma função sistêmica.

Foi com Roman Jakobson (2001) que a comunicação distinguiu um eixo metafórico de similaridades, responsivo a problemas de seleção e substituição, e um eixo metonímico de contiguidades, responsivo a problemas de combinação e hierarquia contextual. Confiando ao eixo metafórico a anarquia poética e a produtividade icônico-analógica, o concretismo está entusiasta do trocadilho (paronomásia) e da homofonia. Com efeito, Jakobson (2001, p. 152) deixa concluir que a unidade significante se assenta numa homofonia aplicada: “a pertinência do nexosom-significado é um simples corolário da superposição da similaridade sobre a contigüidade”. A iconicidade testemunharia, pois, tanto por uma força anárquica quanto pelas condições de funcionamento da lógica prosaica do significado. Se semelhança reassenta as diferenças num mundo perfeitamente traduzível, quem sabe a crítica de Simondon ao “esteticismo” surrealista se compreenda à luz da afinidade que Jakobson percebe entre o surrealismo e a metáfora. Em que a transdutividade absoluta, reclamada por Simondon, difere de uma semelhança analógica geral? Deve-se confiar a transdução, que procede “de próximo em próximo”, ao eixo metonímico dos deslocamentos, dos encadeamentos e contiguidades?

6.2 Crise de contiguidade e o tempo no infinitivo

O interesse da metonímia não se esgota na linearidade diacrônica. Jakobson (2001, p. 57) lembra de escritas metonímicas que “esmagam o leitor” sob uma multiplicidade de pormenores; em pintura, detecta a metonímia na arte cubista, que “transforma o objeto numa série de sinédoques”; chama metonímicas as montagens cinematográficas em

Griffith; em matéria de encantamentos, cita trabalho clássico de James Frazer distinguindo a simpatia imitativa, fundada em regras de similaridade, e a magia por contágio, que opera por associações de contiguidade.

Para uma comunicação pensada desde potências pré-individuais, é notável que as notas de Jakobson constem de um estudo sobre as afasias, ali distribuídas, ao gosto do linguista, entre distúrbios de similaridade e distúrbios de contiguidade. No distúrbio de similaridade, a comunicação, incapaz de metáfora, decai numa literalidade alheia ao “caráter metafísico” das palavras. Restando porém intacta a capacidade metonímica, o eixo substitutivo acha jeito de recorrer a vizinhanças contextuais para trocar, por exemplo, “fumaça” por “cachimbo”, “comer” por “torradeira”.

Mais violentos seriam os distúrbios de contiguidade, que atestam deficiência quanto à contextura: a comunicação então descamba em agramatismo, perde-se das regras sintáticas, amontoa palavras anarquicamente: “os vínculos de coordenação e subordinação gramatical, quer de concordância, quer de regências dissolvem-se” (JAKOBSON, 2001, p. 50). Enquanto desmorona a hierarquia sintática, desaparecem as conjunções, as preposições, os pronomes, a regência e a concordância; as flexões verbais tendem ao infinitivo, e o falante logo estanca num estilo telegráfico cujo agravamento o reduz a uma frase, uma palavra, um fonema: “o paciente recai nas fases iniciais do desenvolvimento lingüístico da criança ou mesmo no estágio pré-lingüístico – é então a afasia universal, a perda total do poder de utilizar ou de apreender a fala” (JAKOBSON, 2001, p. 53).

O estudo de Jakobson sugere que a contextura metonímica compensa parcialmente a perda das comparações por semelhança; mas, uma vez comprometida a contiguidade, as semelhanças desabam junto, restando uma linha estreita entre o verbo no infinitivo e a emissão repetitiva de traços assignificantes. Não sentimos que esse resíduo dê indício da “autossimilaridade” generalizada da topologia fractal. A comunicação involui não até a autossimilaridade, mas até o autoposicionamento de singularidades. Um fonema agramatical não mais conserva a individualidade distintiva de fonema – individua acontecimento intensivo em um nível de realidade pré-formal. Ainda antes de integradas a uma rede de semelhanças, as singularidades sensíveis preenchem um plano de repetição sem semelhança. O comunicar, infinitivo afásico, não pertence nem à contemplação sincrônica nem à ação diacrônica, desde que, subtraído à contextura espaçotemporal, move-se à margem das coisas, no liame laminar que separa o ruído assignificante e o sentido, o caos e a coerência. Segundo essa hipótese, um comunicar infinitivo percorre a

distância afásica entre as formas. Se adotamos os termos de Jakobson, vemos que esse liame transdutivo converte o encontro fático em máquina poética.

A função fática, como se sabe, diz respeito ao “canal”, isto é, aos meios materiais comunicantes. Dentre as funções comunicativas identificadas por Jakobson (2001), a função fática seria a primeira que as crianças aprendem e a única que o homem partilha com os animais. Predomine a função fática, a comunicação diz o pendor para o contato, para um chamado que aciona as capacidades expressivas do meio, que sonda e se assegura de uma responsividade. Não é verdade que a comunicação seja um caminho só de ida, ainda que, em sua fase fática, ela se experimente como um bilhete engarrafado lançado ao mar. Num tal bilhete, sem saber a que se destina, a comunicação envolve a espera vaga de ser hospedada e repercutida, vez que conquiste, no meio que a hospede, o direito de ter comunicado. A emissão fática implica outrem como o horizonte que lhe confere sentido, a espera indefinida de um infinitivo composto.

Como responder a Paolo Virno (2005), que volta Simondon *contra* uma abordagem comunicativa dos problemas de linguagem? O filósofo italiano aponta com razão que, aquém de toda função semântica, a emissão sonora atualiza a capacidade corporal de emitir sons. Mas seria dispensando a comunicação que a linguagem acionaria os sons para emergir, como em suas manifestações mais puras, no rito sacrificial, na ecolalia, na fabulação: “As opiniões expressadas às vezes alardeiam abertamente sua própria volatilidade e sua falta de fundamento; antes que textos dotados de peso específico, são *pretextos* cujo único fim é chamar atenção sobre o ato de proferir” (VIRNO, 2005, p. 65, grifo no original). Não carece julgar o mérito dessa finalidade pretextual para entreouvir o seu desejo comunicacional: um texto que espere chamar atenção é um texto que supõe um meio receptor. Ocorre que, na simulação individuante de Virno, nomeada “performativo absoluto”, as potências do corpo genérico concorrem para o sujeito solitário que diz “eu falo”. Virno reconhece que o performativo absoluto está em risco de redundância, e sua tese parece, com efeito, acenar para uma clínica do sujeito que, tendo tocado a zona de indiscernibilidade entre eu e outrem, ergue um regime de identificação para prevenir que multipliquem os duplos, os espelhos, os bonecos de vudu.

Na zona das multiplicações maquínicas, o infinitivo impessoal do “falar” varre o sujeito falante. É durante essa espera infinitiva que os efeitos da comunicação se preparam em seus diferentes níveis, definidos pela velocidade com que vertem um problema em solução. Vimos que o interesse do plano enciclopédico estava em contrapor, ao

fechamento estereotipado e hierarquizado das corporações, a expectativa por uma composição horizontal dos saberes. Em seu plano conceutivo de espera, a comunicação desconhece limite entre o dentro e o fora, suspende também o liame entre o passado e o futuro. O coletivo enciclopédico aparece, nesse sentido, relacionado à capacidade de espera, de suspensão, de fuga à própria resposta. Não será primeiramente artístico esse plano, se o ato de arte, em vez de fechar-se à comunicação, faz o afeto durar?

6.3 Henri Michaux e a comunidade por vir

Deve-se a Leroi-Gourhan (1964, p. 270, trad. nossa) a constatação paleoantropológica de que as técnicas de inscrição começam antes na modulação frequencial do que na representação figurativa: “os mais antigos grafismos conhecidos são expressão nua de valores rítmicos”.¹¹⁶ De acordo com o andamento histórico descrito pelo autor, foi o tardio aparecimento do alfabeto que permitiu articular as emissões vocais ao rosto expressivo, acoplamento que, até ali, coordenava-se musicalmente na tentativa de ordenar o tempo: respondendo “à ritmicidade caótica do mundo natural”, o traço começava “pictoideográfico” (LEROI-GOURHAN, 1987, p. 124). Admitida a tese de Leroi-Gourhan, a repetição mediada pelo traço terá instaurado uma composição possível: em vez de extraviar numa desordem incomunicável, o traço arrancava ao caos uma coerência comunicacional.

Com frequência se observou o primitivismo do rabisco infantil, gesto expressivo do ser sem fala. Derrida (2005) assina o conceito de traço e o desdobra para ver Sócrates recomendando uma filosofia que ensinaria as crianças a falar, na falação um “contraveneno” ante uma escritura – ou *pharmakon* – repreendida por parasita, bastarda, órfã:

Esse significante escasso, esse discurso sem grande responsável é como todos os espectros: errante. Ele vaga (*kulindeitai*) aqui e ali como alguém que não sabe aonde vai, tendo perdido a via reta, a boa direção, a regra de retidão, a norma; mas, também, como alguém que perdeu seus direitos, como um forada-lei, um desviado, um mau rapaz, um vagabundo ou um aventureiro. Correndo as ruas, ele não sabe nem mesmo quem ele é, qual é sua identidade, se é que tem uma, e um nome, aquele de seu pai. Ele repete a mesma coisa quando é interrogado em todos os cantos de rua, mas não sabe mais repetir sua origem. Não saber de onde se vem e para onde se vai, para um discurso sem responsável, é não saber falar, é o estado de infância. (DERRIDA, 2005, p. 96)

¹¹⁶ No original: “*les plus vieux graphismes connus soient l’expression nue de valeurs rythmiques*”.

Zaratustra chega a relacionar o gesto de rabiscar à loucura: “Minha mão – é a mão de um louco: e aí todas as mesas e paredes têm espaço para o louco fazer esboços, para o louco rabiscar!” (NIETZSCHE, 2012, p. 189). Segundo Julia Kristeva (1968), a gestualidade se evade à razão logocêntrica, fundada no primado do discurso verbal e na fixação do sentido. O gesto singular se opõe precisamente à comunicação, entendida por Kristeva pelos regimes de troca que encobrem a produtividade da linguagem. A singularidade do gesto tende a uma produtividade sem produção, a uma preparação impessoal estranha ao indivíduo:

O gesto é o próprio exemplo de uma produção incessante de morte. No seu campo, o indivíduo não pode se constituir – o gesto é um modo *impessoal*, já que é um modo de produtividade sem produção. [...] ele é uma possibilidade constante de aberração, de incoerência, de arrancamento, e logo de criação de outros textos semióticos. Daí que um estudo da gestualidade como produção seja uma preparação para o estudo de todas as práticas subversivas e “desviatórias” em uma dada sociedade.¹¹⁷ (KRISTEVA, 1968, p. 54, trad. nossa, grifo no original)

Considerando o gesto de traçar, Roland Barthes (1971) estima que a “escrita ilegível” da poetisa argentina Mirtha Dermisache tenha margeado a “essência da linguagem”.¹¹⁸ Em ensaio sobre os blocos de riscos de Cy Twombly, Barthes (1990) ajunta, à linha tanatológica destacada por Kristeva, um contemporâneo aspecto germinal do gesto *suplementar*, esboço ocioso, resto subtraído à identidade que a modulação significante quisera impor:

ao mostrar seu nascimento (o que foi, outrora, o sentido do *esboço*), as formas (pelo menos as de TW) já não cantam as maravilhas da criação, nem as mornas esterilidades da repetição; dir-se-ia que lhes cabe unir, em um único estado, aquilo que aparece e aquilo que desaparece; [...] nem Eros, nem Tanato, mas Vida-Morte, com um único gesto, um único pensamento. [A arte de TW] une, com um traço inimitável, a inscrição e o apagar, a infância e a cultura, a deriva e a invenção. (BARTHES, 1990, p. 150, grifo no original)

Cy Twombly leva à tela resquícios de apagamento, destaçamentos ainda vivos, possibilidades tão sumidas quanto resistentes ao sumir. O gesto deixa garranchos inquietos, tendo sido capaz de limpar as finalidades da tela até mostrar tão somente “a soma indeterminada e inesgotável das razões, das pulsões, das preguiças que envolvem o

¹¹⁷ No original: “Le geste est l'exemple même d'une production incessante de mort. Dans son champ l'individu ne peut pas se constituer — le geste est un mode impersonnel puisqu'un mode de productivité sans production. [...] il est une possibilité constante d'aberration, d'incohérence, d'arrachement, donc de création d'autres textes sémiotiques. De là qu'une étude de la gestualité comme production soit une préparation pour l'étude de toutes les pratiques subversives et « déviatoires » dans une société donnée.”

¹¹⁸ Michaux e Dermisache têm sido listados entre os vanguardistas da “escrita assêmica” (*asemic writing*), que Michael Jacobson (2013) faz remontar a Zhang Xu, calígrafo e poeta chinês do século VIII.

ato em uma *atmosfera*” (BARTHES, 1990, p. 146, grifo no original). A tela implica a ociosidade atmosférica de um ato, e os traços nela então respiram. Se o rabisco ocioso sugere atmosfera, é precisamente fugindo à distinção da unidade significativa, às formas que garantiriam ao ato um sentido provável.¹¹⁹

Entre 1956 e 1959, Henri Michaux (1899-1984) publica três livros estudando os efeitos da mesalina sobre a mão que rabisca.¹²⁰ Os experimentos se realizavam no âmbito de uma investigação poética voltada a expressar os micromovimentos que preparam um gesto sem ainda desaguarem no gesto propriamente dito. São páginas enchidas de uma agitação convulsa de traços relâmpagos, sismográficos, vagueando na margem entre a escrita alfabética e a figuração. Tendo captado forças orientais e vegetais, Michaux satura a caligrafia significativa e libera uma usina de grafos analfabetos abrindo rasura incansável antes de arranjam-se na forma reconhecível da letra, do corpo, do rosto: “As letras terminavam em fumaça ou desapareciam em ziguezagues”¹²¹ (MICHAUX, 2002, p. 6, trad. nossa).

Nos anos 1920, Michaux havia deixado às costas a arte surrealista para embarcar em navios que ancoravam na América do Sul. Sua poesia já se inclina para a ressonância mimética, a onomatopeia, a encantação anafórica, e cedo sua mão aceita alfabetizar-se, desgrenhar-se no desejo de “representar o gesto, partindo do interior, o desencadeamento, o rasgo, a irrupção colérica dessa intensa, súbita, ardente concentração da qual vai se originar o ato, não o ato chegado à destinação”¹²² (MICHAUX, 1979, p. 963).

Enquanto a pesquisa das gagueiras sonoras explode em etnografias imaginárias de povos como os émanglons, os aravis, os ouglabs, os halalas e os meidomems, a pesquisa gráfica vai revelando populações de pequenas monstruosidades, e por vezes os sismografos de Michaux evocam a anatomia humana contorcida, em bailes posturais dispersos na brancura da página, a vias de sugerirem tortuosos ideogramas.

Fez mão para traços desvairados após beber, nos anos 1950, das frequências da mesalina, e a questão comunicacional que podemos lançar a esses experimentos talvez

¹¹⁹ “*Las figuras de expresión son aprisionadas en unidades estadísticas que se llaman fonemas, unidades que entran en relaciones de distinción las unas con las otras, es decir distintivas y aún no significativas*” (DELEUZE, 2005, p. 204).

¹²⁰ Sobre o “retorno” de Michaux ao infantil e ao primitivo, consultamos Nina Parish (2007, pp. 195-204).

¹²¹ No original: “*The letters ended in smoke or disappeared in zigzags. The next ones, similarly interrupted, continued their uneasy recitation, birds in the midst of the drama, their wings cut in flight by invisible scissors.*”

¹²² No original: “*J’aurais voulu dans un homme représenter le geste, partant de l’intérieur, le déclenchement, l’arrachement, l’irruption coléreuse de cette intense, subite, ardente concentration d’où va partir le coup, plutôt que le coup arrivé à destination.*”

possa indagar quais forças expressivas se liberam quando a mão desadaptada conecta dois meios díspares, como aquele das partículas de carvão e aquele das fibras do papel. Destacamos, a propósito, algumas das lembranças de Michaux sobre a mescalina: relata, de saída, hipóteses de ação que se apresentam e somem em incrível velocidade e sem qualquer precedência umas sobre as outras¹²³; vira uma pedra que se fratura e se refaz incessantemente: “Neste fluxo minha vida avança. Fraturada em mil fraturas, através desse riacho. Adquiri prolongamento contínuo no tempo” (MICHAUX, 2002, p. 13); a hipótese de uma girafa prolifera a perder de vista girafas agigantadas, num diagrama movente mil vezes repetido antes que surja uma nova hipótese; nenhum pensamento se repete menos de cem vezes neste plano de germinação e multiplicação, e a mais banal inteligência repetitiva cobre o terreno, como individuação e desindividuação corresse uma mesma linha, numa dissolução em si mesma consistente; Michaux assume a perspectiva de uma linha desprovida de panorama ou paisagem, conhecendo o sair de si como única e implacável recorrência: concebe o acontecimento de sair.

Michaux (1998) diz jamais ter lido o que fosse nos testes psiquiátricos de Rorschach, que lhe caíam como tarefas odiosas. Seus rabiscos analfabetos divisam, em relação às descobertas tipográficas dos concretos, a possibilidade de outras descobertas atinentes às figuras de expressão, no que Michaux parte a demodular a captura caligráfica da mão; chega a escrita até um microtonalismo assignificante que escapa do equilíbrio formal denunciado uma geração antes por Paul Klee (1964, p. 60): “Deve-se conceber [a forma] como gênese, como movimento. O seu ser é o devir, e a forma como aparência não é senão uma aparição maligna, um fantasma perigoso”.

O poeta mexicano Octavio Paz (2002), quando apresenta os relatos da mescalina, entende que o experimento se relaciona com a comunicação, mas no sentido de impossibilitá-la, já que multiplica traços trêmulos sem significado; os traços dariam notícia da fusão entre sujeito e objeto, dentro e fora, inteligível e sensível, fusão na qual colapsariam as condições de comunicar: “Todos os seus esforços foram direcionados a atingir aquela zona, por definição indescritível e incomunicável, em que os significados desaparecem”¹²⁴ (PAZ, 2002, p. viii).

¹²³ “Define-se o caos menos por sua desordem que pela velocidade infinita com a qual se dissipa toda forma que nele se esboça” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 153).

¹²⁴ No original: “*All his efforts have been directed at reaching that zone, by definition indescrivable and incommunicable, in which meanings disappear.*”

Desde a zona em que os significados desaparecem, Michaux, no entanto, comunica. Não pensamos que Michaux tenha descoberto meramente a confusão indiferente entre sujeito e objeto, dentro e fora. As distinções do regime significante desaparecem dando lugar não a uma equalização homogênea, mas a um plano para a individuação de tribos moleculares. Buscando o gesto menos a destinação, Michaux tenta exprimir a copresença das forças em composição assignificante, plano povoado por potenciais de forma. A composição não é meramente possível, e Michaux concretiza blocos de riscos que persistem à dissipação. Evadindo-se à distinção entre significante e significado, inventa uma consistência própria à evasão, aos traços livres que vagueiam no infinitivo do traçar.

Esses traços eram intensidades percorrendo o plano em ato de germinar-repetir-esquecer, fossem limites moventes, elementos transdutivos na fronteira ali estreita entre o potencial e o atual, alcançando, numa velocidade própria à comunicação, a consistência do traço expressivo, traço excedente que é germe singular de pensamento.

A comunicação não chega aí para ceder a alucinações ou delírios. É ato sóbrio de linguagem, cujos componentes mínimos estipulam-se: dois meios díspares (terra e graveto, tela e pincel, papel e lápis) e uma mão ociosa que passe entre eles, conectando-os. No caso de Michaux, a mão se desadapta para captar afetos, e o traço vai rompendo a articulação significante entre grafismo e fonação para encenar uma disjunção, para fabular uma multidão molecular subjacente à unidade significante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, C. D. de. **Antologia Poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ARISTÓTELES. **Física I-II**. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- ARTAUD, A. **Anthology**. San Francisco: City Light Books, 1965.
- ATAMER, E. Dissipative individuation. In: **Parrhesia**, n. 12, 2011, pp. 57-70. Disponível em: http://parrhesiajournal.org/parrhesia12/parrhesia12_atamer.pdf.
- BACHELARD, G. O novo espírito científico. In: BACHELARD, G. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1978, pp. 91-179.
- BARDIN, A **Epistemology and Political Philosophy in Gilbert Simondon: Individuation, Technics, Social Systems**. Dordrecht: Springer, 2015.
- BARROS, G. A. **Da individuação em Simondon ao inventar-se pela educação infantil**. Dissertação (Mestrado em Educação). São Carlos: Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 2015.
- BARTHÉLÉMY, J-H. **Penser l'individuation: Simondon et la philosophie de la nature**. Paris: L'Harmattan, 2005.
- BARTHÉLÉMY, J-H. Glossaire Simondon: les 50 grandes entrées dans l'oeuvre. **Cahiers Simondon**, n. 5. Paris: L'Harmattan, 2013.
- BARTHES, R. **O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BARTHES, R. **Mirtha Dermisache: Writings, drawings, editions... readings**. Carta a Mirtha Dermisache, 28 de março, 1971. Disponível: <http://www.henriquefaria-ba.com/uploads/Carta%20Barthes%20-%20Dermisache%20ING.pdf>. Acesso: 11 de agosto de 2019.
- BATESON, G. **Steps to an ecology of mind: collected essays in anthropology, psychiatry, evolution and epistemology**. San Francisco: Chandler Pub. Co., 1972.
- BATESON, G.; JACKSON, D.; HALEY, J.; WEAKLAND, J. Toward a theory of schizophrenia. In: **Behavioral Science**, 1956, 1, 251-264. Disponível em: <https://solutions-centre.org/pdf/TOWARD-A-THEORY-OF-SCHIZOPHRENIA-2.pdf>. Acesso: 24 de julho de 2019.
- BERGSON, H. **O riso: ensaio sobre a significação do cômico**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.
- BONTEMS, V. Por que Simondon? A trajetória e a obra de Gilbert Simondon. In: **Revista EcoPós**, 2017, v. 20, n. 1.
- BOUGNOUX, D. **Introdução às Ciências da Comunicação**. São Paulo: Edusc, 1999.

BOURDEAU, L. **L’histoire et les historiens**: essai critique sur l’histoire considérée comme Science positive. Paris: Félix Alcan, 1888.

CAYMMI, D. **Caymmi e o mar**. Rio de Janeiro: Odeon, 1957. 1 LP, 33 ½ rpm, microsulco, estéreo.

CHABOT, P. **La philosophie de Simondon**. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 2003.

CHARLES, H.; WEISS, P.; BURKS, A. (org.). **Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Cambridge, Massachussets: Harvard University Press, 1931-35 e 1958.

CHATEAU, J-Y. Présentation: Communication et Information dans l’oeuvre de Gilbert Simondon. SIMONDON, G. **Communication et information**: Cours et Conférences. Chatou: Les Éditions de La Transparence, 2010.

CHAUÍ, M. **Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CLASTRES, P. **A sociedade contra o Estado**: investigações de antropologia política. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

COMBES, M. **Simondon**: una filosofía de lo transindividual. Buenos Aires: Cactus, 2017.

DELEUZE, G. **Bergsonismo**. São Paulo: Editora 34, 1999.

DELEUZE, G. **A Ilha Deserta e outros textos**: textos e entrevistas (1953-1974). São Paulo: Editora Iluminuras, 2005a.

DELEUZE, G. **Derrames entre el capitalismo y la esquizofrenia**. Buenos Aires: Cactus, 2005b.

DELEUZE, G. **Cinema 2**: A imagem-tempo. São Paulo: Editora 34, 2018.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 4. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1992.

DERRIDA, J. **Edmund Husserl's Origin of Geometry**: An introduction. Lincoln: University of Nebraska Press, 1989.

DERRIDA, J. **A farmácia de Platão**. São Paulo: Iluminuras, 2005.

DOSSE, F. **História do estruturalismo**, v.1: o campo do signo. Campinas: Unicamp, 1993.

DOSSE, F. **Renascimento do Acontecimento**: um desafio para o historiador: entre Esfinge e Fênix. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

DUCROT, O. **El decir y lo dicho**. Barcelona: Paidós, 1984.

DUHEM, L. **Introduction à la techno-esthétique**: forme – image – machine. Séminaire de Montréal – UQAM, Montreal, 2009. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/322288630_Introduction_a_la techno-esthetique_Introduction_to techno-aesthetics. Acesso: 7 de abril de 2021.

FERRARA, L. D. **A comunicação que não vemos** [livro eletrônico]. São Paulo: Paulus, 2018.

FERRARA, L. D. Comunicação e semiótica em ressonâncias epistemológicas. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 37, pp. 89-100, set/dez, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/67634>. Acesso: 19 de setembro de 2020.

FLUSSER, V. **Comunicologia: reflexões sobre o futuro**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

GARCIA DOS SANTOS, L. **Simondon, Souriau, e a questão tecno-estética**. Palestra proferida em 2 de abril de 2012 no evento Informação, tecnicidade, individuação: a urgência do pensamento de Gilbert Simondon. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, IFCH – UNICAMP, 2012. Disponível em: <https://www.laymert.com.br/simondon-souriau-e-a-questao-tecno-estetica/>. Acesso: 19 de setembro de 2020.

GOMBROWICZ, W. **Cosmos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HEREDIA, J. M. Simondon y el problema de la analogía. In: **Ideas y Valores**, 68, nº 171, setembro 2019, pp. 209-230. Disponível em: <http://doi.org/10.15446/ideasyvalores.v68n171.65307>. Acesso: 11 de maio de 2020.

HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

HOBSBAWN, E. **A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOTTOIS, G. **Simondon et la philosophie de la “culture technique”**. Bruxelas: De Boeck-Wesmael, 1993.

HUI, Y. **The Question Concerning Technology in China: An Essay in Cosmotechnics**. Falmouth: Urbanomic, 2016.

HUILLET, D.; STRAUB, J-M. **Writings**. Nova York: Sequence Press, 2016.

HUSSERL, E. **Phenomenology and the Crisis of Philosophy: Philosophy as Rigorous Science and Philosophy and the Crisis of European Man**. Nova York: Harper & Row, 1965.

HUSSERL, E. The origin of geometry. In: DERRIDA, J. **Edmund Husserl's Origin of Geometry: An introduction**. Lincoln: University of Nebraska Press, 1989.

IBRI, I. **Kósmos Noetós: a arquitetura metafísica de Charles S. Peirce**. São Paulo: Perspectiva: Hólón, 1992.

JACOBSON, M. On asemic writing. In: **Asymptote Journal**, Julho, 2013. Disponível: <https://www.asymptotejournal.com/visual/michael-jacobson-on-asemic-writing/>. Acesso: 11 de agosto de 2019.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2001.

JARDIM, A. F. C. **Como sair da ilha da minha consciência**: Gilles Deleuze e uma crítica à subjetividade transcendental em Edmund Husserl. Tese (Doutorado em Filosofia). São Carlos: Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 2007.

JUNGK, I. V. G. **Por uma ontologia plana**: Harman, Simondon, Peirce. Tese (Doutorado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017.

KLEE, P. **Théorie de l'art moderne**. Genebra: Éditions Gonthier, 1964.

KOPENAWA, D; ALBERT, B. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRISTEVA, J. Le geste, pratique ou communication? In: **Langages**, 3^e année, n^o10, 1968. Pratiques et langages gestuels. pp. 48-64.

LATERCE, S. R. **Simondon e o humanismo técnico**. Tese (Doutorado em Filosofia). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

LEROI-GOURHAN, A. **Le geste et la parole**: technique et langage. Paris: Éditions Albin Michel, 1964.

LEROI-GOURHAN, A. **O gesto e a palavra 2**: memória e ritmos. Lisboa: Edições 70, 1987.

LOGAN, R. K. What is Information?: Why is it relativistic and what ts its relationship to Materiality, Meaning and Organization. In: **Information**, 2012, 3, pp. 68-91. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2078-2489/3/1/68>.

LOGAN, R. K. **The poetry of physics and the physics of poetry**. World Scientific Publishing: Singapura, 2010.

LONGO, A. **Pós-humanismo na máquina anímica**: visões explosivas do humano na animação japonesa. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

MARUYAMA, M. The Second Cybernetics: Deviation-Amplifying Mutual Causal Processes. In: **American Scientist**, vol. 51, n^o 2, junho 1963, pp. 164-179. Disponível: <https://www.jstor.org/stable/27838689>. Acesso: 18 de abril de 2020.

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

MICHALET, J.; ALLOA, E. Transductive ou intensive? Penser la différence entre Simondon et Deleuze. In: **La part de l'oeil**, 27/28, Formes et forces. Topologies de l'individuation, Deleuze/Simondon, 2013. pp. 203-215. Disponível em:

https://www.academia.edu/4239388/Transductive_ou_intensive_Penser_la_diff%C3%A9rence_entre_Simondon_et_Deleuze. Acesso: 18 de abril de 2020.

MICHAUX, H. **Miserable miracle**. Nova York: New York Review of Books, 2002.

MICHAUX, H. **Œuvres complètes, Vol. III**, ed. Paris: Gallimard, Collection Bibliothèque de la Pléiade, 2004.

MICHAUX, H. **Parenthèse**: suivi de, Faut-il vraiment une déclaration? Paris: L'Echoppe, 1998.

NEGRI, A. **Cinco lições sobre Império**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret, 2012.

NYQUIST, H. Certain factors affecting telegraph speed. In: **The Bell System Technical Journal**, vol. 3, abril 1924, pp. 324-346. Disponível: <https://ieeexplore.ieee.org/document/6773395>. Acesso: 17 de abril de 2020.

PARISH, N. **Henri Michaux**: Experimentation with signs. Amsterdam: Editions Rodopi, 2007.

PAZ, O. Introduction. In: MICHAUX, H. **Miserable miracle**. Nova York: New York Review of Books, 2002.

PIAGET, J. **Judgement and reasoning in the child**. Abingdon (UK):, Routledge, 2002.

PIGNATARI, D. **Semiótica e literatura**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.

PLATÃO. **Diálogos**: Fedro, cartas, o primeiro Alcebiades. Belém: Universidade Federal do Pará, 1975.

PORTELLA CASTRO, V. **O corpo como meio para metáfora**. Tese (Doutorado em Letras). Rio de Janeiro: Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

PRECIADO, P. **Testo Junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições, 2008.

PRIGOGINE, I.; STENGERS, I. **Order out of chaos**: man's new dialogue with nature. Nova York: Bantham Books, 1984.

RODRIGUES, A. D. **Estratégias da Comunicação**. Lisboa: Editora Presença, 1990.

RODRÍGUEZ, P. **Historia de la información**. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2012.

RODRÍGUEZ, P. La simondialisation en Amérique Latine. In: BONTEMS, V. (org.). **Gilbert Simondon ou l'invention du futur**: Colloque de Cerisy. Paris: Klincksieck, 2016a.

RODRÍGUEZ, P. L'information entre Simondon et Foucault, Deleuze et Simondon. In: BONTEMS, V. (org.). **Gilbert Simondon ou l'invention du futur**: Colloque de Cerisy. Paris: Klincksieck, 2016b.

- RUYER, R. **Néo-finalisme**. Paris: Presses Universitaires de France, 1952.
- SANTAELLA, L. **A teoria geral dos signos: semiose e autogeração**. São Paulo: Ed. Ática, 1995.
- SANTAMARIA, J. W. M. **La individuación y la técnica en la obra de Simondon**. Medelim: Fondo Editorial Universidad EAFIT, 2006.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SAUVAGNARGUES, A. **Deleuze: L'empirisme transcendantal**. Paris: Presses Universitaire de France, 2010.
- SHANNON, C. E. The Mathematical Theory of Communication. In: **The Bell System Technical Journal**, vol. 27, Julho-Outubro, 1958, pp. 379-423. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1002/j.1538-7305.1948.tb01338.x>. Acesso: 30 de junho de 2019.
- SILVA, R. A. **O trabalhador do futuro ou o futuro do humano**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Campinas: Unicamp, 2014.
- SIMONDON, G. **L'individuation à la lumière des notions de forme et d'information**. Grenoble: Éditions Jérôme Millon, 2013.
- SIMONDON, G. **A individuação à luz das noções de forma e de informação**. São Paulo: Editora 34, 2020.
- SIMONDON, G. **Du mode d'existence des objets techniques**. Paris: Aubier, 1989.
- SIMONDON, G. **Imaginación e Invención**. Buenos Aires: Cactus, 2013.
- SIMONDON, G. **Communication et information: Cours et Conférences**. Chatou: Les Éditions de La Transparence, 2010.
- SIMONDON, G. **Sobre la filosofía**. Buenos Aires: Cactus, 2018.
- SIMONDON, G. **Curso sobre la percepción**. Buenos Aires: Cactus, 2012.
- SIMONDON, G. Sur la techno-esthétique. In: **Papiers du College International de Philosophie**, n. 12, 1982. Disponível em: http://dephasage.ocular-witness.com/pdf/sur_la techno_esthetique_tv.pdf. Acesso: 8 de outubro de 2020.
- SPINOZA, B. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- STENGERS, I. Résister à Simondon? **Multitudes**, v. 18, n. 4, 2004, pp. 55-62. Disponível em: <https://doi.org/10.3917/mult.018.0055>. Acesso: 19 de setembro de 2020.
- STERN, W. **Psychology of early childhood: up to the sixth year of age**. Abingdon (UK): Routledge, 2018.
- STIEGLER, B. **Technics and Time, 1: The fault of Epimetheus**. Stanford: Stanford California, 1998.

- STIEGLER, B. **Uncontrollable Societies of Disaffected Individuals**: Disbelief and Discredit, Volume 2. Cambridge: Polity Press, 2013.
- STIEGLER, B. Chute et élévation. L'apolitique de Simondon. **Revue philosophique de la France et de l'étranger**, 3/2006 (Tome 131), 2006, pp. 325-341.
- UEXKÜLL, J. von. **A foray into the worlds of animals and humans**; with a theory of meaning. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.
- VIANA, D. **O esquema operatório da moeda**: corpo, imagem e transindividual. Tese (Doutorado em Ciências Humanas). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2018.
- VIANA, D. A afeto-emotividade em Simondon e o conceito de desejo. **Kriterion**, v. 60, n. 144, Belo Horizonte: setembro/dezembro, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0100-512x2019n14403dv>. Acesso: 19 de setembro de 2020.
- VILALTA, L. P. S. **A criação do devir**: ética e ontogênese na filosofia de Gilbert Simondon. Dissertação (Mestrado em Filosofia). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2017.
- VIRNO, P. **Cuando el verbo se hace carne**: lenguaje e naturaleza humana. Buenos Aires: Ediciones Tinta Limón, 2005.
- VOSS, D. Simondon on the notion of the problem: a genetic schema of individuation. In: **Angelaki**: Journal of the Theoretical Humanities, vol. 23, n. 2, Taylor & Francis Online, abril 2018. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/0969725X.2018.1451471>. Acesso: 28 de abril de 2020.
- WEAVER, W. Recent contributions to the mathematical theory of communication. In: SHANNON, C.E.; WEAVER, W. **The Mathematical theory of communication**. Urbana: The University of Illinois Press, 1964.
- WHITEHEAD, A. N.; RUSSELL, B. **Principia Mathematica**. Cambridge: Cambridge University Press, 1910.
- WIENER, N. **Cybernetics**: or Control and Communication in the Animal and the Machine. Cambridge (MA.): The MIT Press, 1965.
- WIENER, N. **The human use of human beings**: cybernetics and society. Londres: Free Association Books, 1989.
- WIENER, N. **I am a mathematician**: the later life of a prodigy. Cambridge (MA.): The MIT Press, 1964.

ANEXOS

Tabela 1 – Ocorrências da sequência “communi” em ILFI

Palavra	Página	Seção	Trecho
communication	26	Introduction	Il a existé chez les Anciens des équivalents intuitifs et normatifs de la notion de métastabilité ; mais comme la métastabilité suppose généralement à la fois la présence de deux ordres de grandeur et l'absence de communication interactive entre eux, ce concept doit beaucoup au développement des sciences.
communication (2x)	27	Introduction	Ni la forme ni la matière ne suffisent. Le véritable principe d'individuation est médiation, supposant généralement dualité originelle des ordres de grandeur et absence initiale de communication interactive entre eux, puis communication entre ordres de grandeur et stabilisation.
communication	27-28	Introduction	Aussi toute l'activité du vivant n'est-elle pas, comme celle de l'individu physique, concentrée à sa limite; il existe en lui un régime plus complet de <i>résonance interne</i> exigeant communication permanente, et maintenant une métastabilité qui est condition de vie.
communication	28	Introduction	Le vivant est à l'intérieur de lui-même un nœud de communication informative; il est <i>système dans un système</i> , comportant en lui-même médiation entre deux ordres de grandeur.
communication	28	Introduction	C'est par cette introduction que le vivant fait œuvre informationnelle, devenant lui-même un nœud de communication interactive entre un ordre de réalité supérieur à sa dimension et un ordre inférieur à elle, qu'il organise.
communiquer	28	Introduction	Cette médiation intérieure peut intervenir comme relais par rapport à la médiation externe que l'individu vivant réalise, ce qui permet au vivant de faire communiquer un ordre de grandeur cosmique (par exemple l'énergie lumineuse solaire) et un ordre de grandeur infra-moléculaire.
intercommunication	30	Introduction	Particulièrement, la relation au milieu ne saurait être envisagée, avant et pendant l'individuation, comme relation à un milieu unique et homogène: le milieu est lui-même <i>système</i> , groupement synthétique de deux ou plusieurs échelons de réalité, sans intercommunication avant l'individuation.
communication	30	Introduction	Un concept n'est ni <i>a priori</i> ni <i>a posteriori</i> mais <i>a praesenti</i> , car il est une communication informative et interactive entre ce qui est plus grand que l'individu et ce qui est plus petit que lui.
communication	31	Introduction	Le psychisme est fait d'individuations successives permettant à l'être de résoudre les états problématiques correspondant à la

			permanente mise en communication du plus grand et du plus petit que lui.
communication	32	Introduction	Particulièrement, la pluralité des ordres de grandeur, l'absence primordiale de communication interactive entre ces ordres fait partie d'une telle saisie de l'être.
communication	33	Introduction	Il exprime au contraire l'hétérogénéité primordiale de deux échelles de réalité. l'une plus grande que l'individu - le système de totalité métastable l'autre plus petite que lui, comme une matière. Entre ces deux ordres de grandeur primordiaux se développe l'individu par un processus de communication amplifiante dont la transduction est le mode le plus primitif, existant déjà dans l'individuation physique.
communication	33	Introduction	La résonance interne est le mode le plus primitif de la communication entre des réalités d'ordres différents; elle contient un double processus d'amplification et de condensation.
communiquer	34	Introduction	Elle n'est pas non plus comparable à l' <i>induction</i> , car l'induction conserve bien les caractères des termes de réalité compris dans le domaine étudié, tirant les structures de l'analyse de ces termes eux-mêmes, mais elle ne conserve que ce qu'il y a de positif, c'est-à-dire <i>ce qu'il y a de commun</i> à tous les termes, éliminant ce qu'ils ont de singulier; la transduction est, au contraire, une découverte de dimensions dont le système fait communiquer celles de chacun des termes, et telles que la réalité complète de chacun des termes du domaine puisse venir s'ordonner sans perte, sans réduction, dans les structures nouvelles découvertes;
communication	34-35	Introduction	Cette opération est parallèle à celle de l'individuation vitale: un végétal institue une médiation entre un ordre cosmique et un ordre infra-moléculaire, classant et répartissant les espèces chimiques contenues dans le sol et dans l'atmosphère au moyen de l'énergie lumineuse reçue dans la photosynthèse. Il est un nœud interélémentaire, et il se développe comme résonance interne de ce système préindividuel fait de deux couches de réalité primitivement sans communication .
communication	35	Introduction	La forme apparaît ainsi comme la communication active, la résonance interne qui opère l'individuation: elle apparaît avec l'individu.
communication	36	Introduction	nous ne pouvons, au sens habituel du terme, <i>connaître l'individuation</i> ; nous pouvons seulement individuer, nous individuer, et individuer en nous; cette saisie est donc, en marge de la connaissance proprement dite, une analogie entre deux opérations, ce qui est un certain mode de communication .

			L'individuation du réel extérieur au sujet est saisie par le sujet grâce à l'individuation analogique de la connaissance dans le sujet; mais c'est par l'individuation de la connaissance et non par la connaissance seule que l'individuation des êtres non sujets est saisie.
communication	40	L'individuation physique / Forme et matière / I. - FONDEMENTS DU SCHÈME HYLÉMORPHIQUE. TECHNOLOGIE DE LA PRISE DE FORME / 1. Les conditions de l'individuation	Si on part des deux bouts de la chaîne technologique, le parallélépipède et l'argile dans la carrière, on éprouve l'impression de réaliser, dans l'opération technique, une rencontre entre deux réalités de domaines hétérogènes, et d'instituer une médiation, par communication , entre un ordre interélémentaire, macrophysique, plus grand que l'individu, et un ordre intra-élémentaire, microphysique, plus petit que l'individu.
communication (2x)	41		L'argile préparée est celle en laquelle chaque molécule sera effectivement mise en communication , quelle que soit sa place par rapport aux parois du moule, avec l'ensemble des poussées exercées par ces parois. Chaque molécule intervient au niveau du futur individu, et entre ainsi en communication interactive avec l'ordre de grandeur supérieur à l'individu.
communication (2x)	42		Cette énergie exprime l'état macroscopique du système contenant le futur individu; elle est d'origine interélémentaire; or, elle entre en communication interactive avec chaque molécule de la matière, et c'est de cette communication que sort la forme, contemporaine de l'individu.
communication	43		Ainsi l'individu se constitue par cet acte de communication , au sein d'une société de particules en interaction réciproque, entre toutes les molécules et l'action de moulage.
communication	44		c'est en cette interaction des deux ordres de grandeur, au niveau de l'individu, comme rencontre de forces, que consiste la communication entre ordres de grandeur, sous l'égide d'une singularité, principe de forme, amorce d'individuation. La singularité médiatrice est ici le moule;
comunique	45		On ne peut pas dire que le moule donne forme; c'est la terre qui prend forme selon le moule, parce qu'elle communique avec l'ouvrier. La <i>positivité</i> de cette prise de forme appartient à la terre et à l'ouvrier; elle est cette résonance interne, le travail de cette résonance interne.
communication	45		la résonance est échange d'énergie et de mouvements dans une enceinte déterminée, communication entre une matière microphysique et une énergie macrophysique à partir d'une singularité de dimension moyenne, topologiquement définie.

communiqué	48		On pourrait dire que le principe d'individuation est <i>l'opération allagmatique commune de la matière et de la forme à travers l'actualisation de l'énergie potentielle</i> . Cette énergie est énergie d'un système; elle peut produire des effets en tous les points du système de manière égale, elle est disponible et se communiqué . Cette opération s'appuie sur la singularité ou les singularités du <i>hic et nunc</i> concret; elle les enveloppe et les amplifie.
communication (3x)	51	/ 3. Limites du schème hylémorphique	Les vicissitudes du schéma hylémorphique proviennent du fait qu'il n'est ni directement technologique ni directement vital: il est de l'opération technologique et de la réalité vitale médiatisées par le social, c'est-à-dire par les conditions déjà données - dans la communication interindividuelle - d'une réception efficace d'information, en l'espèce l'ordre de fabrication. Cette communication entre deux réalités sociales, cette opération de réception qui est la condition de l'opération technique, masque ce qui, au sein de l'opération technique, permet aux termes extrêmes - forme et matière - d'entrer en communication interactive: l'information, la singularité du « <i>hic et nunc</i> » de <i>l'opération</i> , événement pur à la dimension de l'individu en train d'apparaître.
communication	61	/ III. LES DEUX ASPECTS DE L'INDIVIDUATION / 1. Réalité et relativité du fondement de l'individuation	C'est pendant que le système est en état d'équilibre métastable qu'il est modulable par les singularités, et qu'il est le théâtre de processus d'amplification, de sommation, de communication .
communiquent	62		La troisième réalité que nous nommons milieu, ou système énergétique constituant, ne doit pas être conçue comme un terme nouveau qui s'ajouterait à la forme et à la matière: c'est l'activité même de la relation, la réalité de la relation entre deux ordres qui communiquent à travers une singularité.
communication	62		Le schéma hylémorphique n'est pas seulement inadéquat pour la connaissance du principe d'individuation; il conduit de plus à une représentation de la réalité individuelle qui n'est pas juste: il fait de l'individu le terme possible d'une relation, alors que l'individu est, au contraire, théâtre et agent d'une relation; il ne peut être terme qu'accessoirement parce qu'il est théâtre ou agent, essentiellement, d'une communication interactive.
communication	63	/ 2. Le fondement énergétique de l'individuation: individu et milieu	Ce qui manque au schéma hylémorphique est l'indication de la condition de communication et d'équilibre métastable, c'est-à-dire de la condition de résonance interne dans un milieu déterminé, que l'on

			peut désigner par le terme physique de système.
communication	66		L'excitité vraie est une excitité fonctionnelle, et la finalité trouve son origine dans ce soubassement d'excitité qu'elle traduit en fonctionnement orienté, en médiation amplifiante entre ordres de grandeur primitivement sans communication .
communication (2x)	82	/ Forme et énergie / II. INDIVIDUATION ET ÉTATS DE SYSTÈME / 1. Individuation et formes allotropiques cristallines; être et relation	Une situation hylémorphique est une situation en laquelle il n'y a que forme et matière, donc deux niveaux de réalité sans communication . L'institution de cette communication entre niveaux - avec transformations énergétiques - est l'amorce de l'individuation; elle suppose l'apparition d'une singularité, que l'on peut nommer information, soit venant du dehors, soit sous-jacente.
communication	97	/ 3. Conséquences épistémologiques: réalité de la relation et notion de substance	La singularité polarisante amorce dans le milieu amorphe une structuration cumulative franchissant les ordres de grandeur primitivement séparés: la singularité, ou information, est ce en quoi il y a communication entre ordres de grandeur; amorce de l'individu, elle se conserve en lui.
communication	106	Forme et substance / I. CONTINU ET DISCONTINU / 3. La méthode analogique	Il y a en effet des cas où on ne peut considérer le phénomène comme instantané; il faut donc dans ce cas que l'énergie lumineuse ait été mise préalablement en réserve; d'autre part, cette énergie suppose une communication entre tous les électrons libres, car on peut difficilement concevoir que l'énergie a été apportée par un photon qui aurait mis pour agir sur l'électron un temps plus long que la vitesse de la lumière ne permet de le calculer.
communication	114	/ II. PARTICULE ET ÉNERGIE / 2. Le processus déductif	Avant la communication du grand mémoire de Maxwell sur la théorie électromagnétique, quatre lois résumaient toutes les découvertes antérieures relatives à l'électricité «statique», «dynamique», et au magnétisme, ainsi qu'à la relation entre les courants et les champs.
télécommunications	117		La détermination des longueurs d'onde de la télévision est le résultat d'une expulsion hors du domaine déjà occupé par la radiodiffusion et les télécommunications d'une nouvelle technique très encombrante à cause de largeur de bande nécessitée par la richesse de la quantité d'information à transmettre par unité de temps.
communiquer	126	/ III. L'INDIVIDU NON SUBSTANTIEL - INFORMATION ET COMPATIBILITÉ / 1. Conception relativiste et notion d'individuation physique	dans un tube de quelques dizaines de centimètres de long et avec l'énergie que l'on peut recueillir aux bornes du secondaire d'une bobine de Ruhmkorff, il est possible de leur communiquer une vitesse supérieure à celle des corps célestes les plus rapides: il y a ici rencontre de grandeurs qui, dans l'habituel classement des

			phénomènes, n'étaient pas de la même <i>espèce</i> .
communiquer	129		Il existe par conséquent actuellement une limite empirique à l'application du principe de la relativité à l'électron; il est difficile de concevoir que cette limite puisse être supprimée, car on ne peut communiquer une énergie infinie à un électron.
communication	138	/ 2. La théorie quantique: notion d'opération physique élémentaire intégrant les aspects complémentaires de continu et de discontinu	« Il y avait là 'un mélange de l'individuel et de la statistique qui m'intriguait et qu'il me paraissait urgent d'éclaircir », dit Louis de Broglie dans la même communication .
communication	150	/ 4. Topologie, chronologie et ordre de grandeur de l'individuation physique	En ce cas, la communication entre ordres de grandeur (ici chaque noyau et la population totale des noyaux) est insuffisante.
communication	150-151		On peut dire par conséquent que le degré d'individuation d'un ensemble dépend de la corrélation entre chronologie et topologie du système; ce degré d'individuation peut se nommer aussi niveau de communication interactive, puisqu'il définit le degré de résonance interne de l'ensemble.
communication	151		L'information, entendue comme arrivée d'une singularité créant une communication entre ordres de réalité, est ce que nous pouvons le plus facilement penser, au moins dans quelques cas particuliers comme la réaction en chaîne, libre ou limitée.
communication	151		il ne semble pas qu'il faille opposer une matière vivante et une matière non vivante, mais plutôt une individuation primaire en systèmes inertes et une individuation secondaire en systèmes vivants, précisément selon les différentes modalités des régimes de communication au cours de ces individuations; il y aurait alors, entre l'inerte et le vivant, une différence quantique de capacité de réception d'information plutôt qu'une différence substantielle:
communication	152		l'individuation vitale ne vient pas <i>après</i> l'individuation physico-chimique, mais pendant cette individuation, avant son achèvement, en la suspendant au moment où elle n'a pas atteint son équilibre stable, et en la rendant capable de s'étendre et de se propager avant l'itération de la structure parfaite capable seulement de se répéter, ce qui conserverait dans l'individu vivant quelque chose de la tension préindividuelle, de la communication active, sous forme de résonance interne, entre les ordres extrêmes de grandeur.

communication	162	L'individuation des êtres vivants / Information et ontogénèse: l'individuation vitale / 1. PRINCIPES POUR UNE ÉTUDE DE L'INDIVIDUATION DU VIVANT / 1. Individuation vitale et information; les niveaux d'organisation; activité vitale et activité psychique	Dès le plaisir et la douleur, saisis dans leur caractère concrètement organique, la relation se manifeste comme fermeture de l'arc réflexe, qui est toujours qualifiée et orientée ; plus haut, dans la qualité sensible, une semblable polarité, intégrée sous forme de constellation globale et particulièrement dense, caractérise la personnalité acquise et permet de la reconnaître. Quand un sujet veut exprimer ses états internes, c'est à cette relation qu'il a recours, par l'intermédiaire de l'affectivité, principe de l'art et de toute communication .
communication	168	/ II. FORME SPÉCIFIQUE ET SUBSTANCE VIVANTE / 1. Insuffisance de la notion de forme spécifique; notion d'individu pur; caractère non univoque de la notion d'individu	La plupart des Cœlentérés sont aptes à bourgeonner et à former des colonies; les individus formés par bourgeonnement sont nommés les blastozoïtes, et peuvent rester en communication avec l'être initial nommé oozoïte parce qu'il est né d'un œuf; les Coraux, les Hydroïdes, les Gorgones forment des colonies très nombreuses.
communication	194	/ III. INFORMATION ET INDIVIDUATION VITALE / 1. Individuation et régimes d'information	pour que l'information puisse passer d'un individu à l'autre, il faudrait que les signaux d'information centripètes ayant déclenché des signaux d'information centrifuges chez un individu soient reçus comme centrifuges par les autres individus; or, toute information qui émane d'un individu est reçue comme centripète par un autre individu, qui lui répond par sa réaction centrifuge propre; pour que l'interaction devienne communication , il faudrait que l'un des individus gouverne les autres, c'est-à-dire que les autres perdent leur autonomie, et que les signaux d'information centrifuges émanés d'un individu restent centrifuges chez ceux qui les reçoivent; cette organisation, qui implique qu'un individu devienne chef, ne paraît pas exister dans les colonies.
communiquent	195		Par contre, c'est à la colonie qu'appartient l'individualité des réactions lentes; les hydranthes communiquent entre eux par le système de canaux creusés dans le cœnosarque, canaux qui débouchent directement dans les diverses cavités gastriques et, par là, établissent entre les hydranthes une dépendance fonctionnelle évidente
communication	204	/ IV. INFORMATION ET ONTOGÉNÈSE / 1. Notion d'une problématique ontogénétique	L'homéostasie de l'équilibre métastable est le principe de cohésion qui lie par une activité de communication ces domaines entre lesquels existe une disparation.

communiquer	215	3. Limites de l'individuation du vivant. Caractère central de l'être. Nature du collectif	L'indéterminé natif de l'être est peu à peu remplacé par de l'indéterminé passé, sans tension, pure charge inerte; l'être va de la pluralité des potentiels initiaux à l'unité indistincte et homogène de la dissolution finale à travers les structurations successives d'équilibres métastables : les structures et les fonctions individuées font communiquer les deux indéterminés entre lesquels la vie s'insère.
communication	217-218		Le collectif n'est pas une substance ou une forme antérieure aux êtres individués et qui les contraindrait, pénétrerait en eux ou les conditionnerait: le collectif est la communication qui englobe et résout les disparités individuelles sous forme d'une présence qui est synergie des actions, coïncidence des avènements et des passés sous forme de résonance interne du collectif.
comunique + communiquent	218		Il faut que l'être puisse faire appel en lui et hors de lui à une réalité non encore individualisée : cette réalité, c'est ce qu'il contient d'information relative à un réel préindividuel : c'est cette charge qui est le principe du transindividuel ; elle communique directement avec les autres réalités préindividuelles contenues dans les autres individus, comme les mailles d'un réseau communiquent les unes avec les autres en se dépassant chacune dans la maille suivante.
communiquer	229	L'individuation psychique / I. L'INDIVIDUATION DES UNITÉS PERCEPTIVES ET LA SIGNIFICATION / 1. Ségrégation des unités perceptives; théorie génétique et théorie de la saisie holistique; le déterminisme de la bonne forme	Le problème de la ségrégation des unités n'est résolu ni par l'associationnisme ni par la psychologie de la Forme, car la première théorie n'explique pas pourquoi l'objet individualisé possède une cohérence interne, un lien substantiel qui lui donne une véritable intériorité qui ne peut être considéré comme le résultat de l'association. L'habitude, qui est alors invoquée pour garantir la cohérence et l'unité de la perception est en fait un dynamisme qui ne peut communiquer à la perception que ce qu'il possède lui-même, à savoir cette unité et cette continuité temporelles qui s'inscrivent dans l'objet sous forme d'unité et de continuité statiques du perceptum.
communication (7x)	243-244	/ II. INDIVIDUATION ET AFFECTIVITÉ / 3. L'affectivité dans la communication et l'expression	Enfin, cette théorie du rôle individuant joué par les fonctions affectivo-émotives pourrait servir de base à une doctrine de la communication et de l'expression. Ce sont les instances affectivo-émotives qui font la base de la communication intersubjective; la réalité que l'on nomme communication des consciences pourrait se nommer plus justement communication des subconsciences. Une telle communication s'établit par l'intermédiaire de la participation; ni la communauté d'action ni l'identité des contenus de conscience ne

			suffisent à établir la communication intersubjective. Cela explique qu'une semblable communication puisse s'établir entre des individus très dissemblables, comme un homme et un animal, et que des sympathies ou des antipathies très vives puissent naître entre des êtres très différents; or, les êtres existent bien ici en tant qu'individus et non pas seulement en tant que réalités spécifiques: tel animal peut être en relation de sympathie avec tel autre, et non avec tous ceux qui sont de la même espèce.
communication	244		Sans doute, un tel aperçu ne permet pas de définir entièrement quel contenu peut être transmis dans la communication interindividuelle.
communication (5x)	259	/ III. PROBLÉMATIQUE DE L'ONTOGÉNÈSE ET INDIVIDUATION PSYCHIQUE / 1. La signification comme critère d'individuation	La relation interindividuelle n'est pas toujours interpersonnelle. Il est très insuffisant de faire appel à une communication des consciences pour définir la relation interpersonnelle. [...] la relation interpersonnelle ne prend qu'une certaine zone de chacune des personnalités; mais la cohérence particulière de chacune des personnalités fait croire que la communauté existe pour tout l'ensemble des deux personnalités; les deux personnalités ont une partie commune à titre véritable, mais aussi une partie non-commune: les deux parties non-communes sont rattachées par la partie commune; il s'agit d'identité partielle et de rattachement par cette identité plutôt que de communication . Les consciences ne suffiraient pas à assurer une communication ; il faut une communication des conditions des consciences pour que la communication des consciences existe.
communication	272	/ 5. Problématique de la réflexivité dans l'individuation	La communication directe du monde et du moi n'est pas encore psychologique; pour que la réalité psychologique apparaisse, il faut que la liaison implicite du monde et du moi soit rompue, et alors seulement reconstruite à travers cet acte complexe de deux médiations qui se supposent l'une l'autre et se mettent mutuellement en question dans la conscience réflexive de soi.
communication	275		L'excellence de l'action, l'excellence de la pensée, et l'excellence de l'affectivité, ne sont d'ailleurs pas exclusives l'une par rapport à l'autre; Socrate est un sage, mais sa mort est un témoignage héroïque de pureté affective. Socrate est un sage, mais sa mort est un témoignage héroïque de pureté affective. Les martyrs sont des saints devenus des héros. Toute voie de transindividualité initie aux autres voies. D'ailleurs, il y a en elles quelque chose de commun, qui marque précisément la

			catégorie du transindividuel et la manifeste sans toutefois suffire à la définir: un certain sens de l'inhibition, qui est comme une révélation négative mettant l'individu en communication avec un ordre de réalité supérieur à celui de la vie courante.
communication	291	Les fondements du transindividuel et l'individuation collective / I. L'INDIVIDUEL ET LE SOCIAL, L'INDIVIDUATION DE GROUPE / 5. Notion d'individu de groupe	Mais ces phénomènes sont les mêmes que dans les groupes plus vastes, et mettent en jeu les mêmes rapports dynamiques et structuraux; seuls les types de médiation entre individus sont plus complexes, utilisant des modes de transmission et d'action qui impliquent un délai et dispensent de la présence réelle; mais ce développement des réseaux de communication et d'autorité ne donne pas une essence à part aux phénomènes macrosociaux en tant que sociaux, dans leur rapport à ce que l'on convient de nommer l'être individuel. Le rapport de l'individu au groupe est toujours le même en son fondement: il repose sur l'individuation simultanée des êtres individuels et du groupe; il est présence.
communiquer	294	/ 6. Rôle de la croyance dans l'individu de groupe	Le transindividuel ne localise pas les individus: il les fait coïncider; il fait communiquer les individus par les significations: ce sont les relations d'information qui sont primordiales, non les relations de solidarité, de différenciation fonctionnelle. Cette coïncidence des personnalités n'est pas réductrice, car elle n'est pas fondée sur l'amputation des différences individuelles,
communication	295		Porteur de réalité pré-individuelle, l'homme rencontre en autrui une autre charge de cette réalité; le surgissement de structures et de fonctions qui peut se produire à ce moment n'est pas interindividuel, car il apporte une nouvelle individuation qui se superpose à l'ancienne et la déborde, rattachant plusieurs individus en un groupe qui prend naissance. On pourrait dire en ce sens que la spiritualité est marginale par rapport à l'individu plutôt que centrale, et qu'elle n'institue pas une communication des consciences, mais une synergie et commune structuration des êtres.
communiquer	299	/ II. LE COLLECTIF COMME CONDITION DE SIGNIFICATION / 1. Subjectivité et signification; caractère transindividuel de la signification	La sexualité est à égale distance entre l'ἄπειρον de la nature préindividuelle et l'individualité limitée, déterminée; elle réalise l'inhérence à l'individualité limitée, individuée, d'une relation à l'illimité; c'est pourquoi elle peut être parcourue dans les deux sens, vers l'individualité et vers la nature; elle fait communiquer individualité et nature.
communication	300-301		Ontologiquement, tout vrai choix est réciproque et suppose une opération d'individuation plus profonde qu'une

			communication des consciences ou une relation intersubjective. Le choix est opération collective, fondation de groupe, activité transindividuelle.
communique	305	/ 4. La zone opérationnelle centrale du transindividuel ; théorie de l'émotion	En fait, le critère d'adaptation-désadaptation est insuffisant pour rendre compte de l'émotion parce qu'il la prend après coup, dans ses conséquences, ou de manière marginale, dans les réactions d'adaptation de l'individu à l'émotion; l'individu communique avec l'émotion et s'adapte par rapport à elle, non pour lutter contre elle, comme on le dit en général, mais afin d'exister avec l'émotion;
communication	307	Conclusion	Concevoir l'individuation comme <i>opération</i> , et comme opération de communication , donc comme opération première, c'est accepter un certain nombre de postulats ontologiques; c'est aussi découvrir le fondement d'une normativité, car l'individu n'est pas la seule réalité, l'unique modèle de l'être, mais seulement une phase. Cependant, il est plus qu'une partie d'un tout, puisqu'il est le germe d'une totalité.
communication	308		Une telle doctrine suppose qu'il n'y a de communication qu'à l'intérieur d'une réalité individuée, et que l'information est un des aspects de la réciprocité de l'être individué par rapport à lui-même. La relation de l'être par rapport à lui-même est infiniment plus riche que l'identité;
communication	314		Ce centre consistant de l'être est celui de la communication entre ordres de grandeur - molaire et moléculaire, interélémentaire et intra-élémentaire; à partir de ce centre, une individuation rapide et itérative donne une réalité physique; une individuation ralentie, progressivement organisée, donne du vivant.
communication	315		Elle suppose, par ailleurs, absence de communication entre plusieurs ordres de grandeur; l'individuation intervient comme médiation amplifiante à travers un devenir.
communication	319		Dans la même mesure, l'individu, issu d'une communication entre ordres de grandeurs primitivement isolés, emporte le message de leur dualité, puis reproduit l'ensemble par amplification. L'information conserve le préindividuel dans l'individu.
communication	320		La notion de communication comme identique à la résonance interne d'un système en voie d'individuation peut, au contraire, s'efforcer de saisir l'être dans son devenir sans accorder un privilège à l'essence immobile de l'être ou au devenir en tant que devenir;
communication	320		C'est la condition de communication , qui se trouve une première fois au moment de l'individuation, et une seconde fois quand l'individu s'amplifie en collectif.

communication	323		La morale n'est ni dans les normes ni dans les valeurs, mais dans leur communication , saisie <i>en son centre réel</i> . Normes et valeurs sont des termes extrêmes de la dynamique de l'être, termes qui ne consistent pas en eux-mêmes et ne se soutiennent pas dans l'être par eux-mêmes.
communication	325		L'éthique exprime le sens de l'individuation perpétuée, la stabilité du devenir qui est celui de l'être comme préindividué, s'individuant, et tendant vers le continu qui reconstruit sous une forme de communication organisée une réalité aussi vaste que le système préindividué. À travers l'individu, transfert amplificateur issu de la Nature, les sociétés deviennent un Monde.
communiquer	334	NOTE COMPLÉMENTAIRE SUR LES CONSÉQUENCES DE LA NOTION D'INDIVIDUATION / Valeurs et recherche d'objectivité / 3. Problématique et recherche de compatibilité	Le tragique du choix n'est plus fondamental si le choix n'est plus ce qui fait communiquer une cité et un individu indépendants comme des substances.
communication	335	/ 4. Conscience morale et individuation éthique	En fait, il est impossible de dissocier la véritable conscience morale de l'action; la conscience est la réactivité du sujet par rapport à lui-même, qui lui permet d'exister comme individu, en étant à lui-même la norme de son action; le sujet agit en se contrôlant, c'est-à-dire en se mettant dans la communication la plus parfaite possible avec lui-même; la conscience est ce retour de causalité du sujet sur lui-même, quand une action optative est sur le point de résoudre un problème.
communication	339	/ Individuation et invention / 1. Le technicien comme individu pur	Le devin lit dans les entrailles des victimes le sort caché de la communauté; le prêtre est en communication avec la volonté des Dieux et peut modifier leurs décisions ou tout au moins connaître leurs arrêts et les révéler.
communication (2x)	340	/ 2. L'opération technique comme condition d'individuation. Invention et autonomie; communauté et relation transindividuelle technique	L'être technique est participable ; comme sa nature ne réside pas seulement dans son actualité, mais aussi dans l'information qu'il fixe et qui le constitue, il peut être reproduit sans perdre cette information; il est donc d'une fécondité inépuisable en tant qu'être d'information; il est ouvert à tout geste humain pour l'utiliser ou le recréer, et s'insère dans un élan de communication universelle. [...]la communication de la pensée technique est empreinte du caractère d'universalité jusque dans ses formes les plus frustes ou les plus élémentaires.

communiquer + communiquent	342		La relation immédiate entre des individus définit une existence sociale au sens propre du terme, tandis que la relation communautaire ne fait pas communiquer les individus directement les uns avec les autres, mais constitue une totalité par l'intermédiaire de laquelle ils communiquent indirectement et sans conscience précise de leur individualité.
communiquer	342		On pourrait objecter que la création technique est chose rare, et que dans ces conditions la conduite individuelle ne peut être que très exceptionnelle; cependant, il ya une irradiation des valeurs autour d'une conduite, et une conduite n'est pas isolée dans la somme des actions de l'individu, pas plus qu'un individu n'est isolé dans le milieu social où il existe; il est de la nature même de l'individu de communiquer , de faire rayonner autour de lui l'information qui propage ce qu'il crée; c'est cela qui est rendu possible par l'invention technique, qui est illimitée dans l'espace et dans le temps;
communication	342		Ainsi, l'invention d'un moyen rapide de communication n'est pas anéantie par la découverte d'un moyen plus rapide;
communication	343		Les origines religieuses et magiques de l'objet d'art auraient suffi à indiquer sa valeur; mais on doit noter que l'objet d'art s'est dégagé de ses origines, et est devenu instrument pur de communication , moyen libre d'expression, même au temps où le poète était encore <i>vates</i> .
communication	348	/ 4. L'attitude individuante dans la relation de l'homme à l'être technique inventé	une civilisation qui adapte ses moyens de communication à une transmission automatique des messages est conduite à remplacer l'expression directe et particulière des sentiments dans les circonstances communautaires déjà soumises à des usages par des formules plus parfaitement stéréotypées, inscrites en petit nombre sur un bordereau au bureau de départ, et imprimées sur des formules toutes faites au bureau d'arrivée;
communication	351	/ 5. Caractère allagmatique de l'objet technique individué	Si l'essence véritable de la machine est d'instituer cette communication , c'est en termes d'information qu'il faut définir une machine afin de pouvoir l'analyser, et non selon son utilisation pratique; en effet, des types de machines identiques peuvent être employés dans des industries et pour des fins pratiques extrêmement différentes;

Tabela 2 – Inventário de teses e dissertações brasileiras que mencionam Simondon (1997-2018)

Título	Autor	Área	Tipo de trabalho	Data defesa	Inst.	Orientação
O Social e a Metafísica: Tarde e Simondon	VEIGA, ADAMO BOUCAS ESCOSSIA DA	Filosofia	Diss.	2016	PUC-RJ	RODRIGO GUIMARAES NUNES
A criação do devir: ética e ontogênese na filosofia de Gilbert Simondon	VILALTA, LUCAS PAOLO SANCHES	Filosofia	Diss.	2017	USP	SILVANA DE SOUZA RAMOS
Simondon e o humanismo técnico	LATERCE, SÁVIO RAMOS	Filosofia	Tese	2009	UFRJ	AQUILES CÔRTEZ GUIMARÃES
Por uma ontologia plana: Harman, Simondon, Peirce	JUNGK, ISABEL VICTORIA G.	Tecnologias da Inteligência e Design Digital	Tese	2017	PUC-SP	MARIA LUCIA SANTAELLA BRAGA
Da individuação em Simondon ao inventar-se pela educação infantil	BARROS, GUSTAVO DE ALMEIDA	Educação	Diss.	2015	UFSCar	ANETE ABRAMOWICZ
Formas contemporâneas de relação entre capital e tecnicidade: estudo sobre a gênese de microprocessadores de licença proprietária e livre	AMANCIO, STEFANO SCHIAVETTO	Sociologia	Diss.	2014	Unicamp	PEDRO PEIXOTO FERREIRA
Individuação e inocência: composições com Simondon e Whitehead	RIBEIRO, FERNANDO MAIA FREIRE	Filosofia	Tese	2013	UERJ	DIRCE ELEONORA NIGRO SOLIS
As categorias filosóficas de Gilbert Simondon e	FARIA, JOSE NETO DE	Design	Tese	2017	Universidade Anhembi Morumbi	MIRTES CRISTINA MARINS DE OLIVEIRA

suas relações com o objeto técnico do campo de saber do design						
Diferença, paradoxo e univocidade na filosofia de Deleuze	RICKLI, TIAGO	Filosofia	Diss.	2015	UFPR	PAULO VIEIRA NETO
Música e técnica: reflexão conceitual, mecânica e criação musical	JOSE HENRIQUE PADOVANI VELLOSO	Música	Tese	2013	Unicamp	SILVIO FERRAZ MELLO FILHO
Tecnologia social: fundamentações, desafios, urgência e legitimidade	CRUZ, CRISTIANO CORDEIRO	Filosofia	Tese	2017	USP	PABLO RUBEN MARICONDA
Experiência do lazer: um toque da Alma no Processo de Individuação	MATTOS, SOLANGE MISSAGIA DE	Estudos do Lazer	Tese	2018	UFMG	JOSE ALFREDO OLIVEIRA DEBORTOLI
A filosofia da técnica em Gilbert Simondon: analogia, alagmática e cibernética	SCHROEDER, CARLOS AUGUSTO PIRES	Filosofia	Diss.	2017	UEL	MARCOS ALEXANDRE GOMES NALLI
A teoria da individuação de Gilbert Simondon: os modos físico e biológico de individuação	CABRAL, CAIO CESAR	Filosofia	Tese	2017	USP	MAURICIO DE CARVALHO RAMOS
O trabalhador do futuro ou o futuro do humano	SILVA, RAFAEL ALVES DA	Ciências Sociais	Tese	2014	Unicamp	LAYMERT GARCIA DOS SANTOS
As Fronteiras da Subjetividade: uma introdução ao campo das singularidades em Deleuze a	SILVA, CRISTIANA PIZARRO DA	Filosofia	Diss.	2001	PUC-RJ	PAULO CESAR DUQUE ESTRADA

partir da análise da dimensão pré-individual dos indivíduos em Simondon						
Como sair da ilha da minha consciência: Gilles Deleuze e uma crítica à subjetividade transcendental em Edmund Husserl	JARDIM, ALEX FABIANO CORREIA	Filosofia	Tese	2007	UFSCar	BENTO PRADO DE ALMEIDA; SILENE TORRES MARQUES
Entre sinos e drive-thrus no reino de Deus: tramas tecnoestéticas e atmosferas sensoriais	CHAGAS, ANDREA BASILIO DA SILVA	Estudos da Cultura Contemporânea	Diss.	2013	UFMT	DOLORES CRISTINA GOMES GALINDO
Fonte: corpo, água e luz	PERES, CAROLINA	Artes	Diss.	2015	Univ. Est. Paulista Júlio de Mesquita Filho	MILTON TERUMITSU SOGABE
Dramatização e multiplicidade em Gilles Deleuze	DAMASCENO, VERÔNICA MIRANDA	Filosofia	Tese	2008	UERJ	IVAIR COELHO LISBOA
Devir-câmera: A relação dos estudantes com os equipamentos de produção de imagens em movimento	DIAS, LUCIANO DE MELO	Educação, Cultura e Comunicação	Diss.	2013	UERJ	ALITA VILLAS DE SA REGO
Virtualizando Coletivos: Tecnologias e pesquisa-intervenção	TAKINADO, GRACE VALI FREITAG	Psicologia Social e Institucional	Diss.	2010	UFRGS	CLECI MARASCHIN
A condição espacial dos esquemas ultrapassados: construções artísticas em torno das relações entre técnica, espaço,	OLIVEIRA, LUISA VIDAL DE	Artes Visuais	Diss.	2014	UFRJ	MESSIAS TADEU CAPISTRANO DOS SANTOS

gesto e concretização						
Outras formas de olhar: construção de imagens a partir da apreciação de filmes com audiodescrição	DUARTE, FABIANE URQUHART	Tecnologias Educacionais em Rede	Diss.	2016	UFSM	ANDREIA MACHADO OLIVEIRA
Processos microtemporais de criação sonora, percepção e modulação da forma: uma abordagem analítica e composicional	ROSSETTI, DANILO AUGUSTO DE ALBUQUERQUE	Música	Tese	2016	Unicamp	SILVIO FERRAZ MELLO FILHO
A estética do erro digital	FERNANDES, JOSÉ CARLOS SILVESTRE	Tecnologias da Inteligência e Design Digital	Diss.	2010	PUC-SP	NELSON BRISSAC PEIXOTO
O esquema operatório da moeda: corpo, imagem e transindividual	OLIVEIRA, DIEGO SOARES VIANA DE	Humanidades, Direitos e outras Legitimidades	Tese	2018	USP	GILSON SCHWARTZ
Os Múltiplos que nos Constituem: o afeto na constituição dos processos emotivos e cognitivos	ROCHA, JERUSA MACHADO	Psicologia	Tese	2007	UFRJ	VIRGÍNIA KASTRUP
Um olhar sobre o invisível: o duplo cognição e criação no território escola	OLIVEIRA, ANDREIA MACHADO	Psicologia Social e Institucional	Diss.	2006	UFRGS	TANIA MARA GALLI FONSECA
Ficções e suas incursões entre a vida e a arte: uma produção em arte e tecnologia	BITENCOURT, CINTIA MEDIANEIRA	Artes Visuais	Diss.	2017	UFSM	REINILDA DE FATIMA BERGUENMAYER MINUZZI
O Coletivo como plano de co-engendramento	MELO, LILIANA DA ESCOSSIA	Psicologia	Tese	2004	UFRJ	VIRGÍNIA KASTRUP

do indivíduo e da sociedade						
Sobre usos outros de objetos técnicos: diálogos com a tecnicidade na criação de heterotopias	DIAS, DIANA DE OLIVEIRA	Artes Visuais	Diss.	2017	UFRJ	CARLOS AUGUSTO MOREIRA DA NOBREGA
O tempo da técnica: a crise da experiência temporal na modernidade técnica	GENARO, EDNEI DE	Sociologia Política	Diss.	2010	UFSC	CARLOS EDUARDO SELL
Cartografia do saber/fazer das marisqueiras: leituras outras das tecnologias, técnicas artesanais como potência	SANDOVAL, ANA CLAUDIA ROZO	Difusão do Conhecimento	Tese	2015	UFBA	TERESINHA FROES BURNHAM
Oceano [in]vestido - tessituras da distância (inventário de artista)	FACANHA, ANA CRISTINA MENDES	Artes	Diss.	2015	UFC	WALMERI KELLEN RIBEIRO
Ensinar e aprender música: o bandão no caso escola portátil de música	GREIF, ELZA LANCMAN	Música	Tese	2007	UFRJ	SANTOS, REGINE MARCIA SIMÃO
De Ars Sublime Infinitis Mínimo: sobre o sublime nanotecnológico	LEMOS, RENATA TAVARES DA SILVA	Comunicação e Semiótica	Tese	2012	PUC-SP	MARIA LUCIA SANTAELLA BRAGA
Corpos Associados: Interatividade e Tecnicidade nas Paisagens da Arte	OLIVEIRA, ANDRÉIA MACHADO	Informática na educação	Tese	2010	UFRGS	TANIA MARA GALLI FONSECA
O impensável na clínica	ARAGON, LUIS EDUARDO PONCIANO	Psicologia clínica	Tese	2005	PUC-SP	SUELY BELINHA ROLNIK

(IM)prováveis: processos híbridos envolvendo o desenho técnico e a gravura na construção da metáfora do homem-máquina	RAMA, JANDER LUIZ	Artes visuais	Diss.	2013	UFRGS	MARISTELA SALVATORI
A estética da diferença na vida de professor	SOUZA, ANTONIO VITAL MENEZES DE	Educação	Tese	2005	UFBA	SÉRGIO COELHO BORGES FARIAS
As mídias do balé Marília de Dirceu e a imunização da comunidade	COSTA, LEILA ORTIZ TAVARES	Comunicação e Semiótica	Tese	2015	PUC-SP	HELENA TANIA KATZ
A vida, a morte e aquilo que sobra: os espaços residuais como elementos de uma ecologia comunicacional dos lugares da cidade	BALBI, THIAGO MACHADO	Comunicação e Semiótica	Tese	2017	PUC-SP	LUCRECIA D'ALESSIO FERRARA
A reticulação da banda larga móvel: definindo padrões, informando a rede	VICENTIN, DIEGO JAIR	Sociologia	Tese	2016	Unicamp	LAYMERT GARCIA DOS SANTOS
Modo operativo AND (MO AND): o incomum em comum	NETO, FRANCISCO DE ASSIS GASPAS	Teatro	Tese	2016	UFSC	FATIMA COSTA DE LIMA
Apoio institucional: dispositivo na produção de usuária cuidadora	RODRIGUES, AUREA MARIA PIRES	Psicologia	Diss.	2014	UFS	LILIANA DA ESCOSSIA MELO
Isto não é uma criança! Teorias e métodos para o estudo de bebês nas distintas	TEBET, GABRIELA GUARNIERI DE CAMPOS	Educação	Tese	2013	UFSCar	ANETE ABRAMOWICZ

abordagens da sociologia da infância de língua inglesa						
Espaços de autoria e legitimação dos estudantes no processo de aprendizagem	GONCALVES, KEZIA VIANA	Ambiente, tecnologia e sociedade	Diss.	2013	Univ. Fed. Rural do Semi-árido	KARLA ROSANE DO AMARAL DEMOLY
Desnaturando Desmundos: A Imagem e a Tecnologia para além do exílio humano	LUIS ARTUR COSTA	Informática na educação	Tese	2012	UFRGS	TANIA MARA GALLI FONSECA
Em busca do fora: Política Nacional de Atenção Integral à Saúde das Pessoas Privadas de Liberdade no Sistema Prisional (PNAISP)	FREITAS, CRISTIANO RODRIGUES DE	Psicologia	Tese	2017	UFF	SILVIA HELENA TEDESCO
Os sistemas informatizados: uma cartografia do processo de introdução dos recursos informatizados na escola	MENDONÇA, JORGE RODRIGUES DE	Educação	Diss.	1997	PUC-SP	JOSE ARMANDO VALENTE
A estética da professoralidade e - um estudo interdisciplinar sobre a subjetividade do professor	PEREIRA, MARCOS VILLELA	Educação	Tese	1997	PUC-SP	IVANI CATARINA ARANTES FAZENDA
Gestão de Unidades de Conservação Ambiental: perspectivas pragmáticas e organizacionais	REZENDE, GUSTAVO MATARAZZO	Administração	Tese	2017	UFSC	MAURICIO ROQUE SERVA DE OLIVEIRA
Wearable Technologies: comunicação e consumo no	MASTROCOLA, VICENTE MARTIN	Comunicação e Práticas de Consumo	Tese	2017	ESPM	GISELA GRANGEIRO DA SILVA CASTRO

contexto de possíveis reconfigurações humano-tecnológicas						
A angústia do adoecer: microfendas para o conhecimento de si e possibilidades de reconfigurações na vida	BATISTA, JANIR COUTINHO	Saúde Coletiva	Diss.	2013	Unicamp	NELSON FILICE DE BARROS
Modulação / Montagem: ensaio sobre Biopolítica e Experiência Estética	BRASIL, ANDRE GUIMARAES	Comunicação	Tese	2008	UFRJ	IVANA BENTES OLIVEIRA
Usos e sentidos de tecnologias digitais de informação e comunicação em contextos de ensino-aprendizagem no Design	NECYK, BARBARA JANE	Design	Tese	2013	PUC-RJ	JACKELINE LIMA FARBIARZ
Objetos Técnicos e Produção de Subjetividade na Educação	FRÓES, JORGE RODRIGUES DE MENDONÇA	Psicologia	Tese	2006	UFRJ	VIRGÍNIA KASTRUP
¿O que é a Literatura?	BRAGA, MARCELO GOÑI	Educação	Diss.	2003	UFPEl	MARCOS VILLELA PEREIRA
Formação em Psicologia: cartografando linhas moleculares	PALMA, NEDELKA INES SOLIS	Psicologia	Diss.	2013	UFS	LILIANA DA ESCOSSIA MELO
Pós-humanismo na máquina anímica: visões explosivas do humano na animação japonesa	LONGO, ANGELA	Comunicação	Diss.	2017	UFRGS	NÍSIA MARTINS DO ROSÁRIO

Modo de cuidar do lixo eletroeletrônico: analisando mudanças na ação dos estudantes em oficinas ambientais na Escola de Ensino Médio Lauro Rebouças em Limoeiro do Norte-CE	CASTRO, MARIA DO SOCORRO SANTOS DE ASSIS	Ambiente, tecnologia e sociedade	Diss.	2017	Univ. Fed. Rural do Semi-Árido	KARLA ROSANE DO AMARAL DEMOLY
A Percepção em Experimentação : uma dimensão política da experiência com a arte	FERRAZ, GUSTAVO CRUZ	Psicologia	Tese	2010	UFRJ	VIRGÍNIA KASTRUP
O devir-menor de Alice: linhas de escrita, linhas de vida sobre a aprendizagem da linguagem na educação infantil	HOLZMEISTER, ANA PAULA PATROCINIO	Educação	Tese	2013	UFES	JANETE MAGALHAES CARVALHO
Vulnerabilidade e adolescência: uma análise da imersão dos jovens nas redes sociais	SIEDE, ROSANGELA DE OLIVEIRA	Educação	Diss.	2013	Univ. do Vale do Itajaí	LUIS FERNANDO MAXIMO
Cartografias de uma Experiência Comunitária	DOMINGUES, ADRIANA RODRIGUES	Psicologia social	Tese	2011	UERJ	HELIANA DE BARROS CONDE RODRIGUES
Imagens do hospício vazio: fotografia, pesquisa e intervenção	MAURENTE, VANESSA SOARES	Informática na educação	Tese	2010	UFRGS	CLECI MARASCHIN ; JOSEP MARIA BLANCH
A tecnologia no percurso de professores: a atenção a si em processo de produção do conhecimento-subjetividade	CHAGAS, MARIA DE FATIMA DE LIMA DAS	Ambiente, tecnologia e sociedade	Diss.	2013	Univ. Fed. Rural do Semi-Árido	KARLA ROSANE DO AMARAL DEMOLY

A invenção que levou a outros lugares (e das descobertas de um espaço de formação de professores	DALMASO, ALICE COPETTI	Educação	Diss.	2013	UFSM	DEISI SANGOI FREITAS
--	------------------------------	----------	-------	------	------	----------------------------